



UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE BIOLOGIA
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM DIVERSIDADE E INCLUSÃO

MARCUS VINICIUS FREITAS PINHEIRO

**LIVRO SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA NOS
RECURSOS DIDÁTICOS ENVOLVENDO A LIBRAS**

Dissertação de Mestrado submetida à Universidade Federal Fluminense visando à
obtenção do grau de Mestre em Diversidade e Inclusão

Orientador/a: Prof.^aDr.^a Ana Regina e Souza Campello



Niterói

2024

MARCUS VINICIUS FREITAS PINHEIRO

**LIVRO SOBRE A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA NOS RECURSOS
DIDÁTICOS ENVOLVENDO A LIBRAS**

Trabalho desenvolvido no Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão,
Universidade Federal Fluminense.

Dissertação de Mestrado submetida à
Universidade Federal Fluminense como
requisito parcial visando a obtenção do grau de
Mestre em Diversidade e Inclusão.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ana Regina e Souza Campello

Ficha catalográfica automática - SDC/BCV
Gerada com informações fornecidas pelo autor

P6541 Pinheiro, Marcus Vinicius Freitas
Livro sobre a Utilização das Novas Tecnologias como
ferramenta nos Recursos Didáticos Envolvendo a Libras /
Marcus Vinicius Freitas Pinheiro. - 2024.
161 f.

Orientador: Ana Regina e Souza Campello.
Dissertação (mestrado profissional)-Universidade Federal
Fluminense, Instituto de Biologia, Niterói, 2024.

1. Educação de Pessoas Surdas. 2. Língua de Sinais. 3.
Tecnologias. 4. Produção intelectual. I. Campello, Ana
Regina e Souza, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Biologia. III. Título.

CDD - XXX

Bibliotecário responsável: Debora do Nascimento - CRB7/6368

MARCUS VINICIUS FREITAS PINHEIRO

**LIVRO SOBREA UTILIZAÇÃO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA NOS RECURSOS
DIDÁTICOS ENVOLVENDO A LIBRAS**

Dissertação de Mestrado submetida à
Universidade Federal Fluminense como
requisito parcial visando à obtenção do grau
de Mestre em Diversidade e Inclusão

Banca Examinadora:

Dr.^a Ana Regina e Souza Campello (Orientadora e Presidente da Banca)
CMPDI/ Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES

Dr.^a Cristina Maria Carvalho Delou (Membro Titular Interno)
CMPDI/Universidade Federal Fluminense – UFF

Dr.^a Neuza Rejane Willie (Membro Titular Interno e Revisora)
CMPDI/Universidade Federal Fluminense – UFF

Dr.^a Cássia Geciauskas Sofiato (Membro Titular Externo)
Universidade de São Paulo – USP

Dr.^a Luciane Rangel Rodrigues (Membro Suplente Externo)
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – UFRRJ

Dr.^a Rosana Maria do Prado Luz Meirelles (Membro Suplente Interno)
CMPDI/ Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES

DEDICATÓRIA

Essa dissertação de mestrado profissional é dedicada a Deus e a todos os seres humanos que fizeram parte da minha trajetória de vida de forma direta ou indireta que me ajudaram a aprender e crescer como Surdo. É e foi um enorme prazer conhecer todos vocês em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Fazer essa dissertação de mestrado, proporcionou muitos desafios, tristezas, incertezas, alegrias e alguns percalços pelo caminho e tudo isso só foi possível com o apoio, a energia e a força de várias pessoas as quais agradeço aqui neste espaço.

Aos meus falecidos pais José (Zeca) e Wanda, que sempre acreditaram em mim, como Surdo e ser humano e foram meus maiores incentivadores, no que podemos dizer hoje, meus primeiros influenciadores.

À Aline Leal, minha esposa que me ajudou muito na construção deste trabalho com amor e partilha, sem contar com o apoio incondicional da nossa querida filha Alice, que mesmo querendo estar comigo respeitava meus momentos de estudo, e ela foi o meu maior estímulo para agir nesta empreitada, espero poder retribuir as horas de brincadeiras que não pude estar ao lado dela.

Aos meus irmãos, Márcia Helena, Mírian Paula e Marcelo Alexandre que também acompanham minha trajetória juntamente com a tia Vilma (Dinda) e seus filhos, Elizabeth, Kleber, Wagner e Keelder que junto com suas noras, esposas, filhos e filhas formam a minha numerosa família.

Ao meu querido primo e meio irmão, já falecido durante essa jornada, Weber que sempre me deu muitos ensinamentos e foi um grande incentivador. Jamais esquecerei de seus conselhos.

À minha orientadora Dr.^a Ana Regina e Souza Campello, pelos seus diálogos, ensinamentos, paciência e condução desta pesquisa. Suas contribuições foram muito relevantes para meu crescimento e aprendizado.

Às queridas Marileia Soares de Araújo Mozer, simplesmente Mary e Anne Emanuelle G. Ferreira por terem me ajudado na organização dos trabalhos desta pesquisa juntamente com as queridas Bruna Moreira de Pádua Machado e Vanessa Alves de Sousa Lesser por terem contribuído com as ilustrações tão necessárias na Pedagogia Visual.

Aos colegas do CMPDI da UFF, pela constante ajuda e troca de informações sobre os trabalhos e pesquisas, suas contribuições ajudaram em muito no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos Surdos: Antônio Campos Abreu, Joaquim Amado, Heveraldo Alves Ferreira, Rafaela Hoebel e Shirley Vilhalva, que no decorrer desta pesquisa me ajudaram com suas contribuições.

Às minhas coordenadoras Janeide Sena Gondim e Ana Paula Rodrigues Aguiar Maciel por me darem suporte logístico e me apoiarem compreendendo a necessidade de meu crescimento como profissional da Educação.

Aos amigos Surdos que já se foram e aqueles que estão presentes e de alguma forma direta ou indireta, contribuíram para o meu crescimento como Ser Surdo e a aquisição da minha identidade cultural, aqui deixo o meu reconhecimento e agradecimento a todos.

Aos meus professores e amigos não-surdos que estão vivos e que já se foram, porém de alguma forma deixaram marcas em minha história de vida, agradeço as contribuições de cada um.

A todos deixo a minha gratidão!

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS	x
LISTA DE FIGURAS	xiii
LISTA DE GRÁFICOS	xv
LISTA DE QUADROS E TABELAS	xvi
RESUMO	xvii
ABSTRACT	xviii
1. INTRODUÇÃO	19
1.1 Da Obscuridade à Mudança	19
1.2 A Escolha do Tema de Pesquisa	29
1.3 Conhecendo a Pedagogia, a Educação e a Didática.....	40
1.4 Pedagogia e Didática: entendendo o papel do educador frente as mudanças ...	47
1.5 Pedagogia: uma ciência da educação.....	52
1.6 Educação: do seu ponto de vista aos seus quatro pilares	56
1.7 Didática: sua origem e importância.....	59
1.8 A Prática da Didática na Docência.....	62
1.9 O Que Nos Leva a Usar as Novas Tecnologias?	69
1.10 Um Pequeno Panorama Histórico	70
1.11 As Novas Tecnologias no Aspecto Educacional	80
1.12 Ferramentas de Aprendizagem Digital.....	84
1.13 Educação de Pessoas Surdas: do Homem Primitivo até a Idade Moderna.....	88
1.14 Educação de Pessoas Surdas: A Idade Moderna.....	91
1.15 A Educação de Surdos no Brasil: de Huet até a Pedagogia Emendativa	93
1.16 A Educação de Surdos no Brasil: do Curso Normal aos movimentos sociais 102	
1.17 A Educação de Surdos no Brasil: Libras como disciplina curricular	112
2. OBJETIVOS	115
2.1 Objetivo Geral.....	115
2.2 Objetivos Específicos	115
3. MATERIAIS E MÉTODOS	116
3.1 Estratégias de Pesquisa Bibliográficas	116
3.2 Resultados	119
4. DISCUSSÃO	131
5. CONSIDERAÇÕES GERAIS	135
5.1 Conclusões	135

5.2 Perspectivas	138
6. REFERÊNCIAS.....	143
LISTA DE SITES.....	149
7. ANEXOS	151
8. APÊNDICE.....	162

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AACS(a)	Associação de Assistência à Criança Surda
AACS(b)	Associação Alvorada Congregadora de Surdos
APADA	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição
ASL	American SignLanguage
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BDTD	Biblioteca Digitalde Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCS	Casa de Cultura do Silêncio
CC	ClosedCaptions
CD	Compact Disc
Cefet	Centro Federal de Educação Tecnológica
CES	Centro Educacional de Surdos
CMPDI	Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão
CODA	ChildofDeafAdults
Covid-19	Coronavírus 19
CT	Comunicação Total
DI	Descrição Imagética
Dr.	Abreviatura de Doutor
Dr. ^a	Abreviatura de Doutora
DVD	Digital Versatile Disc
EAD	Educação à Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
etc	Abreviatura de “e outras coisas”
Ex.	Abreviatura de exemplo.
Faetec	Fundação de Apoio à Escola Técnica
FDSERJ	Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro

Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IA	Inteligência Artificial
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IMERO	Instituto Municipal de Educação de Rio das Ostras
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Inosel	Instituto Nossa Senhora de Lourdes
ITU	União Nacional de Telecomunicações
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSF	Lange desSignes Française
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização Não Governamental
PNE	Plano Nacional de Educação
P.O.	Professor Orientador
Prof.	Abreviatura de Professor
Prof. ^a	Abreviatura de Professora
Prolibras	Exame Nacional de Proficiência em Libras
PSS	Processo Seletivo Simplificado
PUC/RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
QR code	Quick ResponseCode
RPG	Role Playing Game
SciELO	Scientific Electronic Library Online
STEM	Science, Technology, Engineering and Mathematics
TDD	Telephone Device ofDeaf
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TILSP	Tradutor Intérprete de Língua de Sinais-Português
TV	Televisão

TV INES	Emissora de TV do INES
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense
UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Unesco	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
Unesa	Universidade Estácio de Sá
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância
Uni-Rio	Universidade do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
UVA	Universidade Veiga de Almeida
X	Geração X
Y	Geração Y
Z	Geração Z

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Pedagogos x Pedagogetes	p. 38
Figura 2	Rafaela Hoebel	p. 42
Figura 3	Educação e Mudança	p. 44
Figura 4	Processos de ensinagem	p.46
Figura 5	Professores x Professauros	p.48
Figura 6	Pedagogia como ciência da educação	p. 53
Figura 7	Definição de pedagogia	p. 54
Figura 8	Correntes pedagógicas na Educação de Pessoa Surdas	p.55
Figura 9	Pontos de vista da educação	p.57
Figura 10	Os quatro pilares da educação	p.58
Figura 11	Contexto atual da educação	p.60
Figura 12	Precursoras da Didática	p.61
Figura 13	Diferentes tipos de alunos	p. 65
Figura 14	Teorias de currículo	p.68
Figura 15	Mapa conceitual sobre os desafios para docentes	p.69
Figura 16	Mapa conceitual sobre atitudes de docentes	p.69
Figura 17	As quatro Revoluções Industriais	p.72
Figura 18	Os quatro princípios que ajudaram a modelar a quarta Revolução Industrial	p.73
Figura 19	Panorama histórico das Revoluções Industriais	p. 75
Figura 20	Geração Alfa	p. 78
Figura 21	Formas de comunicação e aprendizagem síncrona e assíncrona	p.85
Figura 22	Estratégias Pedagógicas com as Novas Tecnologias	p. 87
Figura 23	Homens primitivos se comunicando	p.91
Figura 24	Moisés falando com o povo Hebreu	p.91
Figura 25	Surdo endeusado no Egito	p.92
Figura 26	Abade L´Epée ensinando os Surdos	p.93

Figura 27	Programa de Ensino de Huet -1856	p.96
Figura 28	Edouard Huet escrevendo carta	p.97
Figura 29	Grade de Ensino de Huet no México	p.98
Figura 30	Programa de linguagem articulada	p.102
Figura 31	O repetidor	p.103
Figura 32	Primeiros instrutores de Língua de Sinais Brasileira nop. 108 INES	
Figura 33	Pedagogos Surdos no Rio de Janeiro	p. 110
Figura 34	Primeiros linguistas sobre estudo da Língua de Sinaisp. 111 Brasileira	
Figura 35	Myrna Salerno Monteiro	p. 112
Figura 36	Primeiras pesquisadoras Surdas no Brasil	p. 113
Figura 37	Primeiros professores da disciplina de Libras do INES	p. 115
Figura 38	Descrição	p. 127
Figura 39	Ano do plano	p. 128
Figura 40	Nome da disciplina	p. 129
Figura 41	Tipo de instituição	p. 130
Figura 42	Carga horária	p. 131
Figura 43	Período	p. 132
Figura 44	Modalidade de ensino	p. 133
Figura 45	Cursos envolvidos	p. 133
Figura 46	Processos de ensinagem da pesquisa	p. 134

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Ementa na plataforma Google Acadêmico	p. 123
Gráfico 2	Plano de aulas na plataforma Google Acadêmico	p. 124
Gráfico 3	Planejamento na Plataforma Google Acadêmico	p. 125

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	Principais características das gerações	p. 77
Quadro 2	Clusters e categorias das tecnologias da quarta Revolução Industrial	p.78
Quadro 3	Premissas básicas de navegação	p. 86
Quadro4	Quadro sinóptico do plano de ensino de 1934	p.103
Quadro5	Quadro sinóptico da classificação dos alunos de 1934	p.104
Quadro6	Estruturação do programa de ensino primário 1934	p.106
Tabela 1	Palavra-chave plataforma Google Acadêmico	p. 122
Tabela2	Palavra-chave plataforma Scielo	p. 122
Tabela3	Palavra-chave plataforma Capes	p. 123

RESUMO

A utilização das Novas Tecnologias como recursos didáticos envolvendo a Libras, é um livro que apresenta uma pesquisa que através de leituras sobre a Pedagogia Visual e a Língua Emergente, propõe a utilização da Língua Brasileira de Sinais – Libras como Idioma Pedagógico. A função desses recursos é verificar se nas salas de aula os professores realmente acompanham a evolução de seus educandos, se eles estão preparados para lidar com as novas tecnologias e o que devem fazer para melhorar isso. Considerando que eles ensinam no nível superior através da segunda língua (L2) preparando os futuros professores e profissionais para trabalhar na primeira língua (L1). A pesquisa faz um percurso abordando a Pedagogia, a Educação e a Didática incluindo os quatro pilares da educação, em seguida se aborda as Novas Tecnologias traçando um panorama histórico até chegar na Educação 4.0, apresentando ainda algumas ferramentas de aprendizagem digital que proporcionem uma didática adequada ao ensino. Foi realizado um levantamento de publicações bibliográficas através das plataformas *SciELO*, *Google Acadêmico*, *ResearchGate*, *Capes*, *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD*, com o objetivo de recolher matérias como o objetivo geral contara história dos Surdos através de uma narrativa Surda. Para tanto, o foco foi no ensino e aprendizado da Libras que possibilitou a produção do livro *Tudo isso contribuiu para a criação de um livro “LIBRAS & DIDÁTICA: A utilização das novas tecnologias como ferramenta nos recursos didáticos envolvendo a libras”* que visa auxiliar os professores no ensino da Libras enfatizando o uso dessa Língua como Idioma Pedagógico e reforçando a Pedagogia Visual. Conclui-se que os professores em grande parte, ainda não utilizam as Novas Tecnologias no ensino da Libras como L2 devendo, portanto, fazerem uma formação contínua com o intuito de garantir às novas gerações o aprendizado e o uso da didática através das Novas Tecnologias.

Palavras-Chave: Educação de Pessoas Surdas; Língua de Sinais; Tecnologias.

ABSTRACT

The use of New Technologies as teaching resources involving Libras, is a book that presents research that, through readings on Visual Pedagogy and Emerging Language, proposes the use of Brazilian Sign Language – Libras as a Pedagogical Language. The function of these resources is to verify whether teachers in the classroom really monitor the progress of their students, whether they are prepared to deal with new technologies and what they should do to improve this. Whereas they teach at tertiary level through the second language (L2) preparing future teachers and professionals to work in the first language (L1). The research follows a path covering Pedagogy, Education and Didactics, including the four pillars of education, then New Technologies, tracing a historical panorama until arriving at Education 4.0, also presenting some digital learning tools that provide adequate didactics. to teaching. A survey of bibliographic publications was carried out through the SciELO, Google Scholar, ResearchGate, Capes, Digital Library of Theses and Dissertations – BDTD platforms, with the aim of collecting materials with the general objective of telling the story of the Deaf through a Deaf narrative. To this end, the focus was on teaching and learning Libras, which enabled the production of the book. All of this contributed to the creation of a book “LIBRAS & DIDÁTICA: The use of new technologies as a tool in teaching resources involving Libras” which aims to help students teachers in teaching Libras, emphasizing the use of this language as a Pedagogical Language and reinforcing Visual Pedagogy. It is concluded that most teachers still do not use New Technologies in teaching Libras as an L2 and must, therefore, undergo continuous training in order to guarantee new generations the learning and use of teaching through New Technologies.

Keywords: Education of Deaf People; Sign language; Technologies.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Da Obscuridade à Mudança

Sou uma criança ensurdecida, nasci ouvinte, criado em Madureira, bairro localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, e aos sete anos em consequência de meningite vim a perder a audição total, tendo surdez bilateral profunda. Sou o segundo de 4 (quatro) irmãos somando mais 5 (cinco) primos que minha mãe ajudava a cuidar, somos 9 (nove) ao todo. Minha mãe é formada em Ciências Contábeis, mas parou de trabalhar devido a necessidade de cuidar de mim. Por ser filho de um artífice de artes gráficas, muito cedo já escrevia as palavras, mas não as entendia por completo. Quando perdi a audição, uma parte da memória se foi, eu não andava, não ficava em pé, não entendia as pessoas falando, só me comunicava através da escrita e de repente o mundo veio a ficar assim obscuro.

Meus pais, de origem humilde não sabiam nem por onde começar, algo que muitos pais de crianças surdas sentem no primeiro momento para eles é como se o mundo não tivesse chão. Por sorte procuraram me colocar numa escola onde pudessem atender às crianças surdas, visitaram várias unidades escolares existentes na época como a Associação de Assistência à Criança Surda – AACCS(a)¹ que ficava no bairro de Vila Isabel, Zona Norte do Rio de Janeiro, visitaram o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES² situado no bairro de Laranjeiras, Zona Sul da cidade e o Instituto Nossa Senhora de Lourdes – Inosel³, situado no bairro da Gávea, também na Zona Sul.

Destas três unidades, duas faziam parte da rede pública e a última da rede privada, eles optaram por me colocar no Inosel na época administrado pelo Diretor Professor Jorge Mário Barreto, que também lecionou no INES. Minha adaptação nesta unidade não foi fácil. Eu não entendia nada, não sabia falar, não sabia a Língua de Sinais⁴ só escrevia. Se as crianças tentassem se

¹ Escola da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, já extinta.

² Escola da Rede Pública Federal situada no Rio de Janeiro.

³ Escola Privada administrada pela Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário.

⁴ Nesta época a Língua de Sinais ainda não possuía um nome.

aproximar de mim eu reagia agredindo. Me sentia isolado e diferente de todos. Sinceramente tinha poucos amigos Surdos⁵.

Aos poucos fui me adaptando ao mundo dos Surdos, comecei a ter contato com alguns amigos Surdos, destes amigos Silvio Júnior, Edouard e Rodrigo eram os mais próximos minha memória auditiva aos poucos foi se recuperando, mas sinceramente, sempre odiei aparelhos auditivos, as famosas próteses. Três pessoas se aproximaram de mim foram as freiras Calvarianas⁶ Irmã Maria da Trindade, Irmã Maria Angélica de Genaro e a Professora e Fonoaudióloga Orquídea Bahia, sendo esta última que assim como o Professor Barreto, também trabalhou no INES ela começou a me trabalhar tanto na comunicação oral, quanto no aprendizado de sinais sem me forçar a usar aparelhos fonatórios⁷. Comecei então a adquirir a leitura labial, através da Comunicação Total e a própria Orquídea foi quem passou a me levar para ter contato com Surdos adultos.

Aos 12 (doze) anos já frequentava as Associações de Surdos começando a ser inserido na Comunidade Surda, com os trabalhos religiosos de minha família também passei a frequentar a Pastoral de Surdos, cresci tendo contato direto com Monsenhor Vicente de Paula Penido Burnier na Igreja Católica e ali fui aprendendo mais sinais através da Comunicação Total, metodologia muito difundida na época, é claro sob influência do ouvintismo acreditava que falar era melhor do que sinalizar. Na Pastoral dos Surdos, cheguei a ser Coordenador Estadual, conheci algumas pessoas que mais tarde viriam a ter destaque na Comunidade Surda como Gladis Perlin, Sônia Marta de Oliveira, Neiva de Aquino Albres, Cássia Geciauskas Sofiato e Shirley Vilhalva.

Da obscuridade a reviravolta em minha vida começou quando passei a ter contato com outros adultos Surdos, principalmente os que tiveram pouca oportunidade educacional, que nas Associações muitas vezes me pediam para

⁵ Uso aqui o S maiúsculo para definir a pessoa Surda que luta pela causa Surda conforme Woodward (1975) HONORA; FRIZANCO, 2009, p. 15).

⁶ Denominação dada às freiras da Congregação de Nossa Senhora do Calvário.

⁷ Tipos de aparelhos utilizados no atendimento fonoaudiológico.

escrever cartas, telegramas, ler notícias de jornais e traduzir para eles assim fui desenvolvendo os sinais e aprendendo a Língua de Sinais Brasileira - LSB⁸.

Tive contatos com adultos Surdos influentes, e alguns destes adultos Surdos que interagem diretamente comigo, fazem parte da história, e dos movimentos de luta dos Surdos no Brasil, como Alexandre Luiz Lopes Pinto, Ana Regina e Souza Campello, Antônio Campos de Abreu, Antônio Mário Sousa Duarte, Aylmar Antunes Bousquat, Carlos Alberto Góes, Fabiano Müller, Fernando Miranda Valverde, Iracema Müller, Lucia Severo da Costa, Luiz Geraldo Neto dos Reis, Moisés Gazalé, Narciso Paiva, Sérgio Marmora de Andrade, Myrna Salerno Monteiro, Monsenhor Vicente, Walcenir de Souza Lima além de muitos outros. Todos estes citados contribuíram, de alguma forma direta ou indiretamente, na construção da minha identidade cultural como Surdo. A maioria dos citados aqui fizeram parte da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis⁹.

Em 1986, os 15 (quinze) anos ingressei através de prova escrita, na Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá, hoje vinculada à Faetec¹⁰ acredito ser o primeiro Surdo do Rio de Janeiro a ingressar numa escola técnica profissionalizante me formei Técnico em Eletrônica, mas não segui carreira, pois naquela época era muito difícil termos acessibilidade ao mercado de trabalho.

Como me firmei na Associação Alvorada Congregadora dos Surdos – AACSB¹¹, a mais antiga em exercício no Brasil, ali passei a ser membro da Diretoria da entidade geralmente Secretário e depois Diretor Administrativo, da Alvorada foi um pulo para a Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro – FDSERJ, onde também exerci a função de Diretor Administrativo e de Patrimônio, que equivale a secretário. Por conta destas atividades realizadas nas instituições da Comunidade Surda, optei por querer cursar Pedagogia.

⁸ Antes de 2002 a Língua de Sinais no Brasil não tinha um nome e de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa, denominamos Língua de Sinais Brasileira.

⁹ Principal ONG que representa os Direitos dos Surdos no país.

¹⁰ Fundação de Apoio à Escola Técnica.

¹¹ Fundada em 16 de maio de 1953, no Rio de Janeiro.

Em 1994 ingressei através do Vestibular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, me tornando o segundo Surdo a passar no vestibular para uma universidade pública, atrás apenas da principal liderança Surda do Rio de Janeiro na época Ana Regina e Souza Campello. Passar no vestibular naquela época não era fácil, as provas eram divididas em fases, sendo a primeira fase responder questões de múltipla escolha de todas as disciplinas sendo que a área escolhida tinha um peso maior. Uma vez aprovado na primeira fase vinha a segunda fase em que as provas eram discursivas e as disciplinas específicas por área, além de é claro da prova de redação. Não podia zerar em nenhuma das provas de ambas as fases ou seria eliminado. Tudo isso sem reservas de vagas, sem cotas, sem intérpretes, o Surdo vivia um mundo todo de ouvintes.

Neste período começou meu ciclo de convites para palestras e eventos. Na UERJ tive aulas com alguns professores importantes no meio educacional, e conheci Paulo Freire que conversou pessoalmente com minha turma quando retornou do exílio. Além de Paulo Freire, tive contato com Patrice Canivez¹², Eulália Fernandes¹³, com o cartunista Ziraldo entre outras pessoas. Ajudei a difundir na UERJ o Programa Rompendo Barreiras, que era um movimento de luta pela acessibilidade da pessoa com deficiência, nessa época já lutava pela acessibilidade.

Em 1996, mesmo sem estar graduado ainda contribuí com minha primeira orientação de uma monografia da aluna: Maria Cristina Queiroz Maia (1996) da Universidade do Rio de Janeiro – Uni-Rio, que escreveu o seguinte tema: **“Deficiência Auditiva, uma história de vida”**, sendo agraciado por sua orientadora a Prof.^a Liana O`campo.

Embora tenha graduado em 1998, já em 1997 comecei a atuar, estagiei na Escola Normal Carmela Dutra situada em Madureira e no Colégio Estadual João Alfredo situado em Vila Isabel este estágio me proporcionou as primeiras experiências em sala de aula já que naquela época o estado estava carente de professores e os estagiários eram indicados para lecionar. Destes estágios saiu a minha habilitação para lecionar em Magistério de Matérias Pedagógicas. E

¹² Filósofo francês.

¹³ Linguista na área de Educação de Pessoas Surdas e professora da UERJ.

graças a estes trabalhos aprendi a importância da Didática e do planejamento da aula.

Acontece que na graduação precisava além da habilitação do Magistério em Matérias Pedagógicas, tinha que ter uma específica e então fui me especializar em Educação Especial, voltada para a Educação de Pessoas Surdas. Estagiei no INES, na turma onde estudava um estudante que veio a ser apresentador da TV INES¹⁴, Áulio Ribeiro da Nóbrega. E depois estagiei também no Inosel. Ao mesmo tempo que estagiava passei a ser convidado para ser professor Substituto da Prof.^a Ana Regina e Souza Campello no Centro Educacional Pilar Velazquez – CES¹⁵. Destas experiências veio a ideia da minha pesquisa monográfica intitulada: “**A Integração dos Surdos nas Escolas Públicas**”¹⁶, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Rosana Glat, fiz uma pesquisa considerada por muitos como uma Dissertação pois foi muito bem elaborada realizada no Colégio Estadual Alceu Amoroso Lima¹⁷, com alunos Surdos da 2^a e 3^a Séries do Ensino Médio (antigo Segundo Grau). Ali havia tradutores-intérpretes de Libras/Língua Portuguesa¹⁸, como a Wanda Lamarão e outros consegui fazer a coleta de dados e falei que ali não havia inclusão e sim integração pois os Surdos tinham que se adaptar ao meio.

No ano seguinte já formado passei a ser professor regente no Centro Educacional Pilar Velazquez dando aulas em classe de alfabetização e nas turmas de nível intermediário de Língua Portuguesa para Surdos, nesta unidade passei a conviver com outro Surdo importante nos movimentos sociais Nelson Pimenta de Castro, tendo ainda como monitores nas minhas salas os então adolescentes Fernanda de Araújo Machado e Bruno Hassib que futuramente viriam a se destacar na Educação de Pessoas Surdas. Neste período comecei a fazer o curso de Formação de Instrutores de Libras na Feneis e cursar a Pós-graduação em Administração e Planejamento da Educação também na UERJ, nesta mesma época passei pela primeira vez

¹⁴ Canal de TV do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

¹⁵ Escola fundada com o objetivo de atender apenas alunos Surdos em cuja unidade só se permitia a comunicação através da Libras (L1) e da Língua Portuguesa escrita (L2).

¹⁶ Monografia não publicada.

¹⁷ Escola Estadual que abriu suas portas para ministrar o Ensino Médio para Surdos no Rio de Janeiro.

¹⁸ Designação antiga dada aos intérpretes de Línguas de Sinais.

para o Mestrado da UERJ no processo seletivo de 1999, sendo desclassificado na entrevista. Dos estudos da pós-graduação produzi minha segunda pesquisa científica intitulada: **“O Planejamento da Educação dos Surdos”**¹⁹ sendo a pesquisa feita no Inosel ali descrevi inspirado no pensamento de Canivez (1991) que produziu o seguinte argumento:

A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra (CANIVEZ, 1991, p. 33).

Corroborando com isso, descrevo na pesquisa como deve ser uma escola para Surdos e o papel a ser desempenhado dentro de uma instituição de ensino voltada para o atendimento de pessoas Surdas, inclusive cito a importância do Círculo de Pais e Mestres onde falo da necessidade de a família estar junto.

Em 2001, ingressei através de Processo Seletivo Simplificado - PSS, juntamente com Heloíse Gripp Diniz e Ronise Conceição de Oliveira, no quadro de docentes do INES sendo junto com elas os primeiros professores de Língua Brasileira de Sinais – Libras como disciplina na grade curricular do INES. Tive contato direto com a Professora de História do INES, Solange Rocha que compartilhou com um grupo pequeno de profissionais Surdos do INES além dos três professores citados, os então Assistentes Educacionais em Libras do INES: Paulo André Martins Bulhões e Alex Curione de Barros. Como era o único formado em Pedagogia passei a ser o Professor Orientador – P.O., da disciplina de Libras e iniciamos a construção da grade curricular. Em 24 de abril de 2002, data de meu aniversário, coincidentemente a Libras veio a ser reconhecida como língua, na verdade, apesar de começar a ministrar palestras e viajar pelo país representando o INES e mostrando a importância da Libras, essa data nada teve a ver comigo somente a coincidência.

¹⁹ Monografia não publicada.

Já com a Libras reconhecida, em dezembro de 2002, fui convidado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ a ministrar uma aula para os Mestres e Doutores da instituição explicando a importância da Libras, a História dos Surdos e sua Educação.

Em 2003, ajudei na orientação, como colaborador e apoio ao desenvolvimento da pesquisa de campo, da Dissertação de Mestrado de Carlos Eduardo Klimick Pereira (2003), da PUC/RJ intitulada: **“A Construção de personagem & aquisição de linguagem: o desafio do RPG no INES”**.

Aquele mundo obscuro tinha então ficado para trás, a vida já estava clara e com o tempo fui me aperfeiçoando e no INES passei a produzir alguns materiais, como por exemplo o Relato de Experiência do ensino de Matemática para Surdos (PINHEIRO, 2001) desenvolvido no Centro Educacional Pilar Velazquez, e em seguida através da contação de histórias, emplaquei vários vídeos dramatizando através da Libras: O curupira (INES, 2004), A galinha dos ovos de ouro (INES, 2005), A galinha ruiva (INES, 2005) e O cão e o lobo (INES, 2005)²⁰.

Particpei do grupo de estudos do INES que preparou o documento que originou o Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005), neste trabalho fui o único a exigir carga horária para o ensino da Libras, mas fui voto vencido. Além deste trabalho, contribuí na correção da Descrição Manual dos Sinais para o Dicionário de digital de Libras, (MEC; INES 2005) junto com Myrna Salerno Monteiro e Patrícia Gazalé.

Produzi e supervisionei também alguns materiais como o CD interativo A Arca de Noé (INES, 2005), o CD Aprendendo e aprofundando a Libras (INES, 2005) erroneamente intitulado “Gramática da Libras” pelo INES, que em 2006 deu suporte para os estudos do Exame Nacional de Proficiência em Libras – Prolibras, Primeiros Sinais em Libras (2008) e A Ilha do Tesouro (2008) estes últimos produzidos pela editora Arara Azul. Em 2008 realizei meu último trabalho que só foi publicado em 2010 o Atlas Geográfico Interativo Bilíngue (INES, 2008).

²⁰ Disponíveis no canal do YouTube:
<https://www.youtube.com/channel/UCLrYnAdQHXY2YZavgWjaYyw>

Trabalhei em outras instituições voltadas para a Educação de Pessoas Surdas como a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição – APADA/Niterói dando aulas no ensino Supletivo para Surdos, Casa de Cultura do Silêncio – CCS, onde ministrava ensino de Língua Portuguesa para Surdos.

Em 2006 fui convidado a fazer parte da Coordenação da Equipe da Educação Inclusiva do município de Rio das Ostras, onde levei a Libras para ser implantada. Sendo então o primeiro professor de Libras no município lecionando no Instituto Municipal de Educação de Rio das Ostras – IMERO, uma escola de formação de professores do município.

Em 2007 fui aprovado para trabalhar na Prefeitura Municipal de Cabo Frio no cargo de Professor Inspetor Escolar, iniciei ali uma nova etapa de fiscalização da educação²¹. Em 2010, assumi o Cargo de Professor Supervisor de Ensino do município de Macaé e assim como Cabo Frio, a única diferença está no nome do cargo, expandi meus horizontes supervisionando e fazendo cumprir a legislação educacional brasileira, acompanhando os projetos políticos pedagógicos, dando suporte às equipes gestoras das unidades escolares, quando exercemos este suporte somos coordenadores da educação. Numa definição mais ampla parafraseando minha colega Patrícia Lima²² que costuma dizer que nós somos os “drones” da educação, pois temos que ficar de olho em todo processo educacional.

Em 2008, fui convidado a lecionar as disciplinas de Introdução ao estudo da Libras, Prática de Libras I, Prática de Libras II e Estágio Supervisionado de Libras, na primeira turma de Pós-graduação em *Lato-sensu* de Letras/Libras do Cefet²³ de Teresina, no Piauí, de onde saíram dois alunos que vieram a se tornar doutores na área: Anderson Almeida da Silva e Estélio da Silva Barbosa.

Em Macaé, concursado desde 2010 sou supervisor do Colégio Municipal do Sana²⁴, uma escola pública situada na Zona Rural de Macaé, esta escola é considerada a melhor unidade de ensino do município sendo sempre destaque

²¹Além da análise de dados educacionais e fazer cumprir a Legislação Educacional Brasileira verificamos o funcionamento das escolas públicas do município em todos os segmentos e privadas de Educação Infantil no município.

²² Professora Supervisora de Ensino do Município de Macaé e defensora dos Direitos dos Pedagogos no Estado do Rio de Janeiro.

²³ Centro Federal de Educação Tecnológica.

²⁴ Situada no Sana, 7º Distrito de Macaé.

e atualmente possui o terceiro maior IDEB²⁵ de todas as escolas públicas municipais do estado do Rio de Janeiro. Apesar desta colocação ela já figurou entre as melhores, nossos alunos atualmente possuem as seguintes médias: anos iniciais: 8.0²⁶, anos finais: 6.3 e Ensino Médio: 5.1. As crianças desta escola já viajaram para o exterior em competições na Holanda e Argentina, são sempre condecoradas nas Olimpíadas de Matemática das Escolas Públicas, aprovamos diversos alunos no ENEM²⁷, e ainda tivemos vários destaques e campeões de torneios de Robótica. Para quem pensa que só o Colégio do Sana administrado pelo diretor Sol Grey Tavares Ribeiro teve esse desempenho, outra escola na área rural situada no Frade, Escola Estadual Municipalizada Fantina de Mello²⁸, que desde 2017 está sob a Direção de Ruthe Helena Grativol, com média 7,9²⁹ para os anos iniciais consolidou o 4º lugar geral no IDEB, entre as escolas públicas municipais do estado do Rio de Janeiro, e foi a primeira vez que esta escola conseguiu um lugar de destaque onde eu desde 2017 também passei a supervisionar os trabalhos.

Para quem pensa que abandonei a educação de Surdos, digo que não, desde 2004 sou professor universitário de Libras e de Matérias Pedagógicas em universidades privadas, onde inclusive lecionei para o Diretor do Colégio Municipal do Sana. E foi com a minha experiência acumulada nestes trabalhos universitários que me trouxe a necessidade de realizar pesquisa. Ao contrário de muitos professores de Libras nas licenciaturas, eu cobrava de meus alunos o preparo de aulas para pessoas Surdas, que resultou numa gama de materiais riquíssimos de criatividade, acontece que as faculdades que eu lecionava não davam muita abertura para a publicação destes materiais por parte dos estudantes da graduação. O aprendizado específico dos sinais eu ministrava nas aulas de extensão universitária, este meu pensamento foi compartilhado no VIII Congresso Internacional do INES, XIV Seminário Nacional com o seguinte tema: **“A Libras nos cursos de graduação”**. Porém não sei o motivo do meu texto não sair publicado nos anais do seminário.

²⁵ Índice de Desenvolvimento na Educação Básica.

²⁶ Dados Referentes ao ano de 2019. Fonte: <https://novo.qedu.org.br/escola/33016488-colegio-municipal-do-sana>.

²⁷ Exame Nacional do Ensino Médio.

²⁸ Situada no Frade, 6º Distrito de Macaé.

²⁹ Dados referentes ao ano de 2019. Fonte: <https://novo.qedu.org.br/escola/33016380-eem-fantina-de-mello/>.

Em 2021, fui colaborador praticante da pesquisa da Tese de Doutorado da Professora Rachel Capucho Colacique (2021), intitulada: “**Visualidades Surdas na Cibercultura: aprendizagens em rede**”. Sendo este mais um trabalho envolvendo as novas tecnologias.

Acontece que não é de agora que tento o Mestrado, fui desclassificado novamente na entrevista da UERJ no processo 2003/2004. Sendo que desta vez o professor Francisco Nunes me convidou para ser aluno visitante. Na PUC/RJ em 2011 não consegui aprovação na prova escrita. Na mesma instituição em 2012, apresentei esta mesma proposta e fui desclassificado por ter citado meu sobrenome numa referência, o que acabou me identificando. Na UFRJ, em 2012 fui desclassificado, junto com mais duas pedagogas Surdas, sem saber o motivo numa prova de produção textual onde o tema era Libras como disciplina, nesta ocasião foram aprovados três ouvintes. Na Universidade de São Paulo – USP, fiquei por um ponto no Doutorado Direto na prova de Inglês em 2012 e 2013. E em todas o projeto era o mesmo: as novas tecnologias. Só agora que venho apresentar este trabalho junto à Universidade Federal Fluminense – UFF que espero que possa ser muito bem aproveitado para o futuro da Educação de Pessoas Surdas.

Como se pode notar nessa trajetória os trabalhos desenvolvidos tiveram sim enorme influência na necessidade de abrir as portas da Pedagogia Surda, mostrar para as pessoas que o Surdo pode e deve aprender para se tornar um sujeito ativo na sociedade, em busca de seus objetivos, já em 2003, afirmava o seguinte:

(...) pretendo ver os surdos num futuro próximo derrubando barreiras e superando obstáculos, seja na sua vida profissional ou no contexto social (PINHEIRO, 2003, p. 52).

Compartilhar meus conhecimentos e querer ver a Educação de Pessoas Surdas se desenvolvendo cada vez mais se tornou meu objetivo e nada mais

que demonstrar a importância do trabalho pedagógico unindo a didática com as novas tecnologias nos mais diferentes processos de ensinagem³⁰.

1.2 A Escolha do Tema de Pesquisa

Desde o início dos tempos os avanços tecnológicos existem, como a descoberta do fogo, a criação da roda entre outras descobertas o homem foi se desenvolvendo, o surgimento da eletricidade, a criação de novos inventos tudo isso ajudou em seu desenvolvimento. Na educação temos a descoberta da escrita, o giz, o lápis, o quadro entre tantas coisas. Estas criações são inovações de cada época. Hoje ela está cada vez mais avançada sendo que o assunto Tecnologia Educacional já é uma realidade em muitas instituições de ensino.

No panorama da Educação de Pessoas Surdas, temos como exemplo Stumpf (2010) uma pesquisadora Surda, que descreveu o percurso das Novas Tecnologias no início deste século, abordando a história do computador desde os primórdios anos 40 até as tecnologias existentes usadas nos dias de hoje. Perpassando mais de dez anos desta publicação o surgimento e avanço de novas tecnologias continua crescente.

Nesse sentido temos a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), que nos orienta sobre o uso das novas tecnologias, denominando-as de tecnologias digitais e isso se torna importante para manter os alunos engajados considerando que as novas gerações hoje vivem uma realidade cada vez mais conectada. Ota e Dias-Trindade (2021), reforçam isso ao lembrarem:

Conforme Cabral, Lima e Albert (2019), a BNCC foca o desenvolvimento de competências e habilidades para garantir que os alunos não somente obtenham conhecimento, como também mobilizem o aprendizado para agir em sociedade. Além disso, em relação às tecnologias digitais, a BNCC reconhece o desafio imposto pela sociedade contemporânea na educação, tendo em mente que a curadoria de informações

³⁰Termo cunhado por Léa das Graças Camargo Anastasiou em 1994, para se referir a uma prática social, crítica e complexa em educação entre professor e estudante, “englobando tanto a ação de ensinar quanto a de aprender” (ANASTASIOU; ALVES, 2003, p. 15).

depende do aluno. Neste ponto ressalta-se, previamente, a relação existente entre as competências digitais e a curadoria de conteúdo (...) (OTA; DIAS-TRINDADE, 2021, p. 83).

Assim percebe-se a necessidade da inserção deste estudo voltado também para a Educação de Pessoas Surdas e para o ensino da Libras conforme norteia as diretrizes deste documento agregado ainda à nova Política Nacional de Educação Digital (BRASIL, 2023) que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1994).

Agregado a isso, essa pesquisa pretende discutir, não de forma objetiva, a questão da utilização de diversos materiais como recursos para inclusão da Libras e ao mesmo tempo proporcionar aos demais profissionais Surdos e ouvintes, que queiram se inteirar na área, a elaboração de novas metodologias de ensino de Libras para que possa ajudar o desenvolvimento da construção da aprendizagem tanto do aluno Surdo quanto do ouvinte no ensino da Língua Brasileira de Sinais.

Partindo do decorrer da história da educação de surdos no Brasil, de acordo com a historiadora Solange Rocha (2019, p. 22), no período de 1856-1857, durante o Brasil Império, o imperador Dom Pedro II autorizou um professor Surdo francês para vir a ensinar as crianças Surdas de nosso país, com sua vinda foi criado o Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos³¹, sito à Rua dos Beneditinos, nº 8, hoje conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, que desde 1996 é o principal centro de referência nacional na área dasurdez³².

Edouard Adolpho Huet Merlo³³, o professor em questão deu início ao ensino da Língua de Sinais Brasileira fazendo despertar entre seus alunos a Língua Emergente (VILHALVA, 2009), transmitindo seus conhecimentos através da Pedagogia Visual (CAMPELLO, 2008), utilizando a LSB como idioma pedagógico (LELIS, 2001). Além deste aprendizado ele ministrava outras disciplinas e com isso em 1875 foi lançado por um ex-aluno do instituto

³¹ Primeiro nome oficial do INES (ROCHA, 2019, P. 22).

³² Portaria nº 943 de 13 de setembro de 1996 (INES, 1997, p. 30).

³³ Nome citado por Cruz-Aldrete, 2008.

um livro intitulado “Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos”³⁴, muitos afirmam ser esta a primeira pesquisa da Língua de Sinais Brasileira – LSB no Brasil, apesar de tudo, essa pesquisa trata-se de sinais franceses e não da LSB, por ser uma cópia do material de Pierre Pelissier.

Com o decorrer dos anos, a Educação de Pessoas Surdas passou por vários processos, inclusive diversas tendências filosóficas como o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo, sendo este último a tendência predominante deste período pós-moderno. Anterior a isso, as tecnologias utilizadas na Educação de Pessoas Surdas eram mais voltadas para a questão da audição e da oralização, enfatizando o aspecto clínico, não havendo, portanto, tecnologias que produzissem algo mais relativo ao aprendizado dos educandos Surdos.

Stumpf (2010) relata sobre o surgimento da primeira tecnologia utilizada pelos Surdos para se comunicar com pessoas distantes:

A primeira tecnologia utilizada pelos surdos para comunicar com pessoas distantes foi o telefone especial para surdos chamado TDD³⁵. Poucos chegaram a ter um no Brasil, pois os aparelhos eram importados e caros e possuir uma linha telefônica muitas vezes demandava anos de espera (STUMPF, 2010, p. 4).

Entre os anos 80 e 90 se popularizou no meio da Comunidade Surda o uso dos *paggers* também chamados de *bip* pelos Surdos que era um pequeno receptor de rádio portátil onde cada usuário tinha um código próprio. Além disso, diferente do TDD, ele era muito mais barato e acessível.

Ao mesmo tempo em que se utilizava os *paggers* os aparelhos de *fax* também caíram no gosto da Comunidade Surda deixando o TDD de lado pois este apesar de ser um aparelho bem antigo conhecido no meio da informática como o “avô do *smartphone*”, só se popularizou no Brasil em meados dos anos 80 e 90. Ele nada mais era do que uma simples copiadora, cujo significado de seu nome *fac-símile* significa “faz igual”. Bastava escrever e

³⁴ Publicação de Flausino José da Gama em 1875 (INES, 1997, p. 31).

³⁵ *Telephone Device of Deaf* sigla em inglês que significa Terminal Telefônico para Surdos, criado em 1965.

enviar. Mas para isso o Surdo precisa saber ler e escrever.

Durante este período, Stumpf (2010, p. 5) narra que os Surdos possuíam dificuldades para assistirem novelas e filmes televisivos por não poderem acompanhar devido à falta de acessibilidade, fato que ainda perdura até os dias de hoje apesar de já existir o dispositivo de decodificação de legendas³⁶, nem todos os programas e canais, em pleno século XXI permitem o acesso a este serviço.

Depois vieram os computadores junto com as impressoras, seguidos dos aparelhos de telefones celulares que ajudaram na evolução dos sujeitos Surdos em todos os aspectos: sociais, políticos, econômicos, educacionais e culturais. Tudo isso proporcionado através da comunicação bilíngue (escrita e sinais).

Dessa forma Stumpf (2010) faz um comentário emocionante sobre estes avanços:

Mais do que nunca, chegar a todos os surdos e proporcionar-lhes uma educação que os capacite a interagir com a leitura e a escrita é importante para que a escola cumpra seu papel de proporcionar condições de inclusão a todos os brasileiros. Hoje a inclusão digital é inovação e a utilização das TICs³⁷ na educação dos surdos é parte importante da construção de conhecimento nesta área (STUMPF, 2010, p. 5).

Percebemos ali as primeiras palavras associadas entre as tecnologias e a Educação de Surdos, numa narrativa Surda sendo então ali considerado um marco que proporcionou acentuar a necessidade do vínculo do ensino às novas tecnologias. Verificar como os professores de Libras que estão ensinando neste século a disciplina nos cursos superiores sejam eles de graduação ou de extensão acadêmica fazem uso das tecnologias em seus processos de ensinagem é o interesse desta pesquisa.

Em abril de 2002 a Comunidade Surda brasileira teve uma grande vitória que foi o reconhecimento da Libras como uma língua através da Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), esta Lei, obriga as escolas

³⁶ *Closed Captions*. – CC – Decodificador de legendas.

³⁷ Termo referido às Tecnologias da Informação.

de formação de magistério em seus dois níveis Médio e Superior, Pedagogia, os cursos de Licenciaturas e apenas os bacharéis de Fonoaudiologia o ensino da Libras como disciplina obrigatória. Embora acreditemos que Libras devesse ser ensinada obrigatoriamente nas demais áreas, isso não ocorre, sendo ministrada apenas de forma optativa.

Ainda em 2002, a Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC criou a primeira turma de Pedagogia na modalidade de Ensino à Distância – EAD proporcionando assim mais um avanço com o uso das novas tecnologias na educação de Surdos. Segundo relato de Antônio Campos Abreu³⁸, a UDESC formou um número considerável de professores Surdos em Pedagogia que se espalharam pelo país.

Em 2005, com a publicação do primeiro dicionário digital em Libras pelo Ministério da Educação - MEC, deu-se início às pesquisas sobre os avatares no Brasil e em 2012 surgiu a primeira versão deles e em 2018 na dissertação de Dias³⁹(DIAS, 2018), que fala sobre a usabilidade dos avatares no livro didático, ficou mais evidente os avanços tecnológicos com a Libras.

Ainda em 2005, através do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), a Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002) foi regulamentada passando a esclarecer melhor todos os artigos dela. Hoje temos ainda o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) e o novo Plano Nacional de Educação - PNE (BRASIL, 2014), que em sua meta 4 na estratégia 4.7, propõe a necessidade da Educação Bilíngue para Surdos.

Como mencionado anteriormente, após anos de lutas pelas Comunidades Surdas brasileiras, em 2002 tivemos a Língua Brasileira de Sinais – Libras, reconhecida como língua através da Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e posteriormente regulamentada pelo Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), com isto a língua e o seu aprendizado passaram a ser obrigatória na formação de magistério, nas licenciaturas e nos cursos de fonoaudiologia e facultativa nos demais cursos superiores, proporcionando assim o surgimento de forma definitiva da disciplina de Libras.

³⁸ Ex-Presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis.

³⁹ Avatar sinalizador de Libras aplicado em atividade de livro didático.

Apesar destes aspectos legais, ainda encontramos os professores com dúvidas que pensam utilizar a Libras como ferramenta de ensino e não como língua de instrução, propiciando um erro nesta conceituação. Por outro lado, há professores que utilizam a Libras como idioma pedagógico. Na verdade, a Libras é uma língua e não pode ser tratada como ferramenta na sua didática para o ensino e aprendizado dos alunos Surdos e ouvintes. Lelis (2001), enfatiza que devemos:

(...) trabalhar com a prática, social e profissional, como espaço de constituição dos saberes do professor, implica não perder de vista o universo cultural dos diferentes agentes sociais que fazem histórica e culturalmente a escola (LELIS, 2001, p. 54).

A partir do reconhecimento da Libras pudemos ver o uso das tecnologias crescerem na Educação de Pessoas Surdas, através dos diversos materiais produzidos, como os do Curso de Língua de Sinais Brasileira – LSB⁴⁰, os CDs e DVDs distribuídos pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos⁴¹, as provas do Exame Nacional de Proficiência em Libras – ProLibras⁴², as aulas de Ensino à Distância – EAD, das primeiras turmas de Letras/Libras⁴³, o Atlas Geográfico Interativo Bilíngue⁴⁴, o surgimento dos avatares⁴⁵, tradutores nos celulares, entre tantos outros recursos.

Como citado anteriormente, em 2006 a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, amparada pelo Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), realizou o primeiro Exame Nacional de Proficiência em Libras – ProLibras, foi a primeira vez que em todo país foi aplicada uma prova utilizando recurso audiovisual onde através de perguntas e alternativas em Libras os participantes tinham que responder as questões numa folha de respostas e posteriormente transferir para um cartão de respostas. Cada sala de aula continha um telão ou aparelho de televisão de tela plana, que antecederam as televisões *smartsonde* era projetado através de um aparelho de DVD os enunciados da prova. Os

⁴⁰Material produzido por Nelson Pimenta e Ronice Muller Quadros na LSB Vídeo em 2006.

⁴¹ Materiais digitais do INES, citados em SALLES, 2004, p. 50.

⁴² Edições 1 a 7 (2006 a 2015).

⁴³ Letras/Libras nos 9 polos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

⁴⁴ Material digital do INES 2008.

⁴⁵ ProDeaf e Hand Talk, aplicativos para celulares que traduzem frases em português para a Libras.

participantes por sua vez tinham que responder aos enunciados ao mesmo tempo após a apresentação de cada questão feita em Libras.

As tecnologias foram avançando e ainda em 2006 a UFSC criou a primeira turma de Licenciatura em Letras/Libras que veio a se graduar em 2010 e em 2008 a mesma UFSC expandiu para o Bacharel em Letras/Libras cuja primeira turma se formou em 2012. Ambas as turmas tinham as aulas na modalidade de EAD seguindo o mesmo caminho traçado pela UDESC. Reis (2015) em sua Tese de Doutorado, verificou a quantidade de professores Surdos atuantes no país perfazendo um traçado histórico (CAMPELLO et al., 2020, p. 64).

Ao mesmo tempo que os estudos e as formações avançavam pelo país, Campello (2008) acentuou a questão da Visualidade do Surdo trazendo para o meio da Educação de Pessoas Surdas o debate sobre o trabalho através da percepção visual, tirar a percepção visual da gramática e colocar ela no meio da Didática foi um grande passo para a criação da Pedagogia Surda. Vilhalva (2009) acrescentou a Língua de Sinais como Língua Emergente onde colocou a escola como centro do papel social e cultural do Surdo e local para a aquisição da linguagem e o uso e difusão dela. Estas duas concepções feitas por duas pedagogas Surdas ajudaram a difundir a necessidade de se trabalhar a Pedagogia Surda.

Ao reproduzir o contexto histórico temos que mostrar como foi a construção da sua didática e das tecnologias utilizadas em cada época. Notadamente, percebemos que Stumpf (2010) foi quem mais se engajou nesse trabalho ao descrever o percalço das novas tecnologias no início do século passado, abordando a história do computador desde os anos 40 até as tecnologias existentes no primeiro decênio deste século e como disse anteriormente perpassados mais de dez anos desta publicação o surgimento de novas tecnologias continua avançando.

Esta pesquisa vem a ser um estudo detalhado a respeito das diversas metodologias de ensinagem que podem proporcionar aos professores formas diferenciadas de melhorar e ajudar a difundir a Libras e ao mesmo tempo utilizá-la como ferramenta de ensino. Considerando que em pleno século XXI

muito se fala de novas gerações, de inclusão educacional, de novas tecnologias, reduzindo as escolas especiais e colocando os profissionais na sala de aula despreparados e/ou sem nenhuma orientação.

Num período pós-moderno onde temos que repensar nossos conceitos, refazer, reconstruir, replicar as tarefas de forma a transformá-las construtivas para a criança Surda, não é nada fácil, para isso, requer conhecimento. O professor em sala de aula tem que acompanhar as mudanças que acontecem na educação e na sociedade e estas mudanças têm uma velocidade impressionante devido às novas tecnologias que surgem e que são acompanhadas pelas gerações.

Essas novas gerações de crianças, sejam elas não surdas ou Surdas, estão cada vez mais antenadas e conectadas com as novas tecnologias e ao mesmo tempo, há também uma parcela populacional que não possui acesso à *internet* em suas casas sendo na margem de dois terços das crianças e adolescentes do mundo entre trêse 17 anos conforme relatório do União Internacional de Telecomunicações (ITU) e do Fundo das Nações Unidas para a infância – Unicef, divulgado em dezembro de 2020 (UNICEF, 2020), fazendo com que repensemos a forma de trabalhar com nossas crianças.

Sabendo das dificuldades de alguns estudantes para acompanhar as aulas através das novas tecnologias, o professor na sala de aula tem que saber estimular esta evolução das crianças transformando seu trabalho em sala de aula num ensino híbrido. Conforme Camargo e Daros (2021) pontuam em seu livro:

Com a democratização da internet, muito se tem falado sobre as transformações que ocorrerão no futuro. Diversas projeções foram feitas sobre a criação e a incorporação de novas tecnologias e recursos e, é claro, sobre a necessidade iminente da aplicação de novas práticas pedagógicas em salas de aula digitais (CAMARGO; DAROS, 2021. p. 7).

Com este pensamento surge entre nós aquelas dúvidas:

- O professor na sala de aula acompanha realmente esta evolução dos seus educandos?
- Será que ele está preparado para lidar com estas novas tecnologias?

- O que é preciso fazer para melhorar este trabalho do professor?

Estes questionamentos são as hipóteses que reforçam a ideia do produto da pesquisa que é um livro sobre o tema “**A utilização das Novas Tecnologias como ferramenta nos recursos didáticos envolvendo a Libras**”, para ajudar como os professores Surdos e ouvintes que ministram as aulas em nível superior, de Língua Brasileira de Sinais – Libras, a entender as mudanças das novas gerações de crianças Surdas e incorporarem seus trabalhos na sala de aula.

A escolha desse tema de pesquisa, surgiu através de conversas informais com alguns professores de Língua Brasileira de Sinais – Libras e de críticas a respeito da falta de criatividade por parte de alguns professores de Libras, Surdos e ouvintes, atuando em algumas instituições, somando-se a isso a má qualidade de alguns profissionais no ensino da Libras nas disciplinas de Nível Superior.

Essa má qualidade a qual me refiro é a utilização de recursos visuais de papel, figuras ou imagens fixas sem movimento para a visualidade do Surdo (CAMPELLO, 2008). Se queremos ensinar a Libras temos que trabalhar a sua fluência, sua percepção e seu domínio da língua de forma a demonstrar o quanto ela é importante para o educando Surdo.

Então, lembrando as aulas de pedagogia:

PEDAGOGOS X PEDAGOGETES

Certa vez o professor de Sociologia da Educação perguntou à turma se queríamos ser Pedagogos ou Pedagogoetes, mas ele escreveu estas duas frases no quadro da UERJ. A citação desta alcunha nos levou a uma reflexão:

Pedagogo, ensina, busca aprender e está sempre se aperfeiçoando, se esforçando para dar o melhor de si em benefício da educação, numa sociedade que está constantemente em mudança.

Pedagogete por sua vez é uma alcunha que refere aquele educador que se forma, porém se acomoda, gosta de se exibir, vestir bem, ter tudo bonito, mas não se esforça no trabalho, tem muitas pessoas assim na educação. (informação verbal).

Figura 1 – Pedagogos x Pedagogoetes⁴⁶Fonte: Elaborado pelo autor. Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

Então o que notamos hoje é o seguinte: há muitos pedagogos e pedagogoetes espalhados no meio educacional desde o surgimento do INES podemos notar que em duas ocasiões a instituição foi definida como asilo de surdos (BRASIL, 2007). Em outros lugares percebemos que há profissionais que sequer sabem como ensinar às crianças Surdas, são situações como esta que percebemos a diferença entre pedagogo e pedagogoete.

Nessa perspectiva, saber preparar uma aula, estabelecer uma didática, um plano de aula, um planejamento e a metodologia de ensino é fundamental e quando não se consegue devemos buscar novas alternativas de ensinagem utilizando a Libras como idioma pedagógico e colocando em prática os diferentes processos de ensinagem através da Visualidade Surda, assim vamos construindo a Pedagogia Surda buscando cada vez mais fincar as raízes desta cultura. Portanto, muitos autores que iremos utilizar nesta pesquisa são educadores Surdos.

Essas concepções me levaram ainda a embasar no pensamento de Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia” onde ele afirma o seguinte:

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de

⁴⁶ Fala do Professor Luiz Octávio Cardoso de Menezes na disciplina de Sociologia da Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, em 1995.

pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma das minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo. (FREIRE, 1999. p. 108).

Isso me levou a refletir sobre a Pedagogia, me remeteu à minha trajetória histórica, meus conhecimentos acumulados como educador, iniciando como professor do ensino fundamental do primeiro segmento, passando pela Educação Infantil, pela Educação de Jovens e Adultos - EJA, pelo Ensino Médio, até chegar ao Ensino Superior ministrando aulas de Libras, sempre fazendo uso da Libras como modalidade de ensino cujo reconhecimento na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN se deu apenas em 2021 através da Lei 14.191/2021 (BRASIL, 2021).

Durante estes anos que se passaram vimos surgir os estudos sobre as Gerações sendo que as últimas gerações Y, Z e Alfa⁴⁷ são completamente conectadas, vimos o avanço e o desenvolvimento das novas tecnologias, vimos a descoberta da teoria das inteligências múltiplas e acima de tudo, vimos os trabalhos com a Libras se expandir pelo país. Logo, a questão da escolha deste tema busca mostrar a importância de se acompanhar o avanço, o crescimento, a evolução e a utilização das novas tecnologias no ensino da Libras principalmente no Ensino Superior voltado para a formação de professores.

Somando-se a isso o advento da Educação 4.0,⁴⁸ impulsionado pela necessidade do Ensino Híbrido consequência da pandemia do Covid-19, que assolou o país em 2020, fazendo com que a Educação migrasse para o ensino *on-line*. Ao abordarmos o tema Educação 4.0 que é advinda da Quarta Revolução Industrial e da era digital, Führ (2018) afirma que neste contexto, apresenta um novo paradigma onde a informação encontra-se nas redes, nas

⁴⁷ Trata-se de uma classificação cronológica das gerações, que são determinadas a partir do comportamento das pessoas que nasceram no mesmo período, o assunto será abordado mais adiante.

⁴⁸ O termo está ligado à revolução tecnológica que inclui linguagem computacional, inteligência artificial, Internet das coisas (IoT) e contempla o *learning bydoing* que traduzindo para o português é aprender por meio da experimentação, projetos, vivências e mão na massa. (Ver o Link: Garofalo, 2018).

aldeias globais e encontra-se acessível a todos de forma horizontal e circular sem limite de tempo e espaço geográfico (FÜHR, 2018, p. 2).

1.3 Conhecendo a Pedagogia, a Educação e a Didática

Em suma, não buscamos demonstrar aqui neste capítulo como ser um bom professor e sim mostrar uma gama de referenciais de informações que proporcionem aos professores, concepções que possam oferecer a eles conhecimentos de Educação, Pedagogia e Didática para o preparo de suas aulas. Trazemos aqui uma seleção de autores como Libâneo (1992), Freire (1999), Antunes (2001), Saviani (2003), Delors (2003), Anastasiou e Alves (2003), Luckesi (2006), Farias (et. al., 2011), Guerra (2011), Camilo e Medeiros (2018) entre outros.

Foi-se o tempo de adaptações das aulas para a pessoa Surda, a partir do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como língua passando pelos experimentos anteriores onde destacamos diversos autores como personagens que ajudaram a delimitar um caminho para a Educação de Pessoas Surdas em nosso país.

Reforçando essa questão hoje se fala muito de inclusão de pessoas Surdas, mas quando vemos esse papel da inclusão, percebemos que o trabalho é feito pela concepção do ouvintismo⁴⁹ e não através do bilinguismo⁵⁰. Muitas instituições acreditam que basta a presença do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais-Português – TILSP, que está tudo resolvido para a inclusão do Surdo. Este é um erro primordial para se trabalhar com a Educação de Pessoas Surdas e este capítulo vai mostrar a importância de se conhecer a Didática para o ensino da Libras. Mal sabem elas que existem diferentes tipos TILSP conforme Souza (2015) traçou o perfil dos diferentes tipos de intérpretes (ver anexo 1).

⁴⁹ Conceito de que se entende o mundo a partir da percepção da pessoa ouvinte e do modo como ela encara as situações e os ambientes ao seu redor. Nessa lógica, o Surdo é o elemento que não se encaixa, estando fora do padrão socialmente aceito.

⁵⁰ Esse conceito determina que o Surdo se comunique primeiramente através da sua Língua natural (Língua de Sinais) e aprenda a sua Língua pátria através da comunicação escrita.

É preciso reconhecer a existênciadados diferentes tipos de TILSP e que devemos pensar em como dar a abertura para eles nas instituições de ensino, sendo necessário traçar o perfil do profissional que necessita e avaliar seus níveis de domínio e conhecimento linguístico, muitas vezes vemos processos seletivos contratando apenas por análise curricular deixando de verificar a fluência e o domínio da Libras havendo então riscos a garantir o fracasso escolar dos educandos Surdos.

Agora com a inclusão da modalidade bilíngue na LDBEN (BRASIL, 2021), torna-se obrigatória a avaliação destes profissionais a fim de garantir que o processo educacional seja de qualidade rompendo o abismo que existe entre a formação e a atuação.

A pandemia do Covid-19 (LIMA e REZENDE, 2020), trouxe para nós a reflexão de que a partir de agora teremos um novo normal, esta mesma pandemia também deixou claro a necessidade do enfoque bilíngue como modalidade de ensino de pessoas surdas. Trabalhar sua visualidade é essencial neste contexto e o ensino híbrido não surgiu agora, ele está presente há muitos anos na educação de uma forma geral e, mais ainda como disse, nesse novo normal, o professor terá que passar por mudanças e transformações tudo isso se dá apoiado em teorias, experiências na sua relação com a sociedade. Estas experiências são levadas para dentro da sala de aula dando uma concepção que já existe entre: escola, sociedade e conhecimento. A isto denominamos ato educativo.

Para isso, precisamos repensar a educação nesta nova era digital, onde usamos diversos meios de comunicação multimídia para estabelecer uma relação professor-aluno que proporcione o aprendizado, no entanto não podemos ficar dependentes da tecnologia pois a importância da cultura escrita é necessária. Quando falamos de cultura escrita, nos referimos à importância de oferecer à pessoa Surda seu letramento e aprendizado da sua segunda língua (L2). Porém esse aprendizado só será possível através da sua visualidade utilizando-se da comunicação feita através do idioma pedagógico.



Figura 2 –Rafaela Hoebel. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Ao abordarmos a questão da visualidade na pandemia, coube a Hoebel (2022) falar o seguinte sobre o tema:

A minha maior preocupação ao ministrar aulas, se voltava ao acesso à internet, sobretudo a sua qualidade e velocidade para a comunicação visual não fosse prejudicada que o aluno não conseguisse captar as informações pela dificuldade de enxergar minhas mãos. (HOEBEL, 2022, p.79).

Isso pressupõe que o professor também se preocupa com seus alunos além da sua prática didática e para isso ele tem que planejar as aulas, pesquisar, elaborar e construir. Ainda mais se sabendo que há a necessidade de se trabalhar o Idioma Pedagógico e fazer com que ele seja bem visualizado. A Língua de Sinais não é um mero “abc” e sim uma conjuntura de sinais em que podem ser sinais icônicos, que são de fácil representação ou sinais arbitrários de difícil representação. Dentro deste contexto de sinais há ainda a descrição imagética muito utilizada pelas crianças Surdas de forma natural e cujos professores em parte não conseguem sequer compreender.

“O professor não nasce feito, ele está sempre se fazendo” (FARIAS et al., 2011, p. 10) isso supõe que o próprio docente tem que saber se adequar à metodologia de cada unidade escolar onde atua, administrando seu tempo e cumprindo com suas obrigações ou cronogramas estabelecidos, além de ter a capacidade de atuar coletivamente, isto é, em grupo, saber improvisar, fazer inovações e construir novos percursos através dos diferentes processos de ensinagem. Ser professor no século XX é muito diferente de ser professor em

⁵¹**Rafaela Hoebel** – Graduada em Letras, Mestra em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional – UNINTER.

pleno século XXI, sendo esse possuidor de um papel social e cultural essencial para os seres humanos. Ademais, de um século para outro, muita coisa mudou e o surgimento das novas tecnologias tornou o trabalho do professor um desafio constante.

É a chegada de um momento totalmente diferente, um momento novo onde precisamos mudar a forma de ensinar, de dar aulas através de conteúdos feitos acolhendo as novas tecnologias. Passamos do período em que as aulas eram produzidas num livro, num quadro e numa folha de papel ou caderno para um período transformado com a incrementação das novas tecnologias o papel do professor muda.

Há um tempo, o professor Celso Antunes relatou o seguinte argumento no texto intitulado “Educação e Mudança”:

EDUCAÇÃO E MUDANÇA

Celso Antunes

(...) Tempos atrás a postura do professor diante de seus alunos era invariavelmente a do “proprietário do saber” e “inquisidor de memórias”. Para professores desses tempos, o ponto de interrogação representava apenas a arma com que a feria e feria seus alunos e sua escola expunha temas que eram essências de se guardar. Não mais se concebe cobrar respostas prontas e mais provocá-las, fazendo do ponto de interrogação sua arma e a alma de sua aula. Da mesma forma, o professor de anteontem era o mestre do texto e apenas nesta linguagem acreditava. Seus desafios eram textos, as provas cobravam textos o sucesso da aprendizagem era pelos textos (orais ou escritos) avaliados. Não mais se aceita restrições desse limite. O novo aluno possui estilo de aprendizagem múltiplo e, dessa forma, requer a palavra e o pensamento, a foto e mensagem, o texto e a ilustração e, assim, não prioriza esta e aquela inteligência, pois o uso de todas representa sua ferramenta de um novo aprender.

Essas mudanças não são difíceis de implantar e, menos ainda difícil de encontrá-las. Difícil é acreditar em coletiva vontade de se transformar e assim, verdadeiramente viver. É claro que se o professor se moderniza em sua aula, seu conteúdo, sua postura e suas linguagens fluirão como consequência inquestionável também mudança em sua avaliação.

Professor com esses requisitos e livres para aspirar esses pensamentos será sempre um professor admiravelmente moderno, mesmo em sala de aula aonde sequer a luz elétrica chegou.

Figura 3– Educação e Mudança. Fonte: Extraído de Celso Antunes, 2010.

Esse texto foi o pontapé para a inspiração na produção deste trabalho científico buscando demonstrar a importância da Pedagogia Surda e seu papel frente ao ensino da Libras. Considerando que a Educação de Pessoas Surdas é

uma área que a pessoa precisa vivenciar, conhecer, pesquisar, acompanhar, adaptar, entender, criar, contextualizar entre outras palavras. O profissional que atua nesta área tem que estar preparado para entrar num trabalho onde se vivenciam dois mundos: o mundo dos Surdos e o mundo dos ouvintes.

Neste contexto, percebemos a necessidade de se repensar a educação, através da mudança impondo a Pedagogia Bilíngue para Surdos, que objetiva trabalhar o ensino de duas línguas em momentos distintos para os alunos Surdos sendo a Libras a primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, geralmente na modalidade escrita como segunda língua (L2), proporcionando assim uma educação bilíngue. Fazemos aqui uma pontuação que devemos também nos preocupar com as crianças ouvintes, filhas de pais Surdos (CODAs⁵²), pois elas também necessitam desta Pedagogia Bilíngue já que apesar de serem ouvintes, elas convivem com esse idioma no seu cotidiano ao se relacionar com seus pais.

Ainda neste contexto a necessidade de compreender a Visualidade Surda, destacamos as concepções apontadas por Campello (2007) descritas por Digiampietri e Matos (2013):

Segundo Campello (2007), os termos “pedagogia visual” e “pedagogia surda” são antigos e equiparáveis. Remontam à criação do alfabeto manual e à percepção de que a pedagogia não poderia ser a mesma para todos os sujeitos, que ela deveria respeitar as especificidades das diversas comunidades atendidas pela escola. Quando se fala em “pedagogia visual”, portanto, segundo a autora, fala-se de uma **metodologia de ensino de surdos pautada nos recursos visuais, espaciais, e na língua de sinais**. Esta forma de colocar deve ter como centro **a língua sinalizada** (manifestação maior da comunidade surda); **é importante fazer do signo linguístico visual o seu grande aliado no processo ensino-aprendizagem** (CAMPELLO, 2007 apud DIGIAMPIETRI; MATOS, 2013, p. 46. grifo nosso)

Esta definição sobre a importância da Visualidade Surda, nos leva a embasar a ideia de que através do ensino utilizando-se das Línguas de Sinais, elas passam a ter o papel de Idioma Pedagógico neste processo, que de

⁵² CODA –Sigla em inglês para *Child of Deaf Adults*, que em tradução para o português significa Filho de Pais Surdos. Essa denominação representa todas as pessoas ouvintes que possuem pai ou mãe Surdos ou até ambos os pais Surdos.

acordo com Lelis (2001, p. 44), “são trabalhados de acordo com a formação e trabalho docente na perspectiva de responder aos desafios postos aos sistemas públicos de ensino”.

Reforçado pela fala de Saviani (1985) que afirma o seguinte sobre o trabalho docente na escola:

(...) o professor teria um papel chave na transmissão do **saber elaborado, sistematizado, erudito** de forma a garantir à população a possibilidade de expressar de maneira elaborada os conteúdos da cultura popular que correspondem a seus interesses (SAVIANI, 1985 apud LELIS, 2001, p. 45-46).

Observando essa visão percebemos que na Educação de Pessoas Surdas, o professor terá que ter desenvoltura para atuar na sala de aula sendo ele o principal responsável pela transmissão do conhecimento, do saber e colaborador da construção da identidade cultural dessa criança e nada melhor do que utilizar a Língua de Sinais como Idioma Pedagógico.

Esta questão da transmissão de conhecimento deve ser pautada numa abordagem bilíngue onde o professor tem a função de perceber o seu papel de educador e trabalhar as mais diversas formas de ensinagem que Anastasiou e Alves (2003) apresentam em seu livro: “**Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula**”. No livro citado são apresentados pelos autores, uma variedade de estratégias de ensinagem conforme podemos ver na nuvem de palavras da figura 4:



Figura 4 – Processos de ensinagem. Fonte: Adaptado de Anastasiou e Alves (2003).

Analisando a nuvem de palavras, demos destaque ao que é muito utilizado pelos professores de Educação de Surdos tendo como base referencial o Currículo traçado por Pinheiro, Diniz e Oliveira, em 2001, para o ensino da Libras na grade curricular do INES. Esses processos de ensinagem nos remete então a necessidade de se analisar a Didática do ensino para com os educandos, essa didática é definida de diversas formas conforme vemos na descrição abaixo:

Etimologicamente refere-se à parte da Pedagogia que cuida das questões relativas ao ensino. O termo é mais utilizado como o conjunto de atividades escolares que tem em vista a transmissão de conteúdo. Parte da Pedagogia voltada para o ensino e seus métodos. Direção e arte da aprendizagem. Tudo que diz respeito ou tem por fim o ensino. (ANTUNES, 2001 p.104).

Para que possa haver um aprofundamento disso devemos fazer uma observação sobre a Pedagogia, a Didática até se chegar ao processo de ensinagem frente às novas tecnologias passando pelas novas gerações, pelas múltiplas inteligências, tudo isso para apresentar um embasamento com vistas a entender o papel da Didática frente a Pedagogia Surda associado ao uso das novas tecnologias.

1.4 Pedagogia e Didática: entendendo o papel do educador frente as mudanças

Sendo a didática um ramo da pedagogia, Libâneo (1992), define bem o papel dela ao pontuar o seguinte:

A didática é o principal ramo de estudo da pedagogia. Ela investiga os processos e os fundamentos do ensino e trata os princípios gerais da prática em sala de aula, tais como: processo de ensino e de aprendizagem, avaliação, métodos, práticas de ensino, formulação de objetivos etc. (LIBÂNEO, 1992, p. 26).

Isto supõe que o educador em questão tem que estudar melhor e repensar as condições as formas para a execução da prática de ensino em sala de aula unindo as novas tecnologias que fazem parte da vida cotidiana trazendo assim a questão social fazendo um elo entre a sociologia da educação e a relação professor-aluno.

Entretanto, Reale (2015), um filósofo italiano publicou um livro onde ele demonstra a sua preocupação com o avanço das novas tecnologias frente a educação, ele comenta que os estudantes estão deixando de utilizar livros, cadernos e focados apenas no uso das tecnologias, tornado quase que de maneira uniforme dependentes da conectividade, e eles estão cada vez mais antenados. Ao mesmo tempo ele dá um alerta que estes estudantes poderão deixar de aprender uma gama de informações, principalmente as educacionais, sociais e culturais. Este alerta é importantíssimo pois o papel da Escola na era digital deve ser outro e nós educadores temos que repensar nossa forma de agir em nosso trabalho frente a estas mudanças.

Como ilustrado na Figura 5, Antunes (2013) vai mais longe ao indagar quem somos nós: Professores ou Professauros?

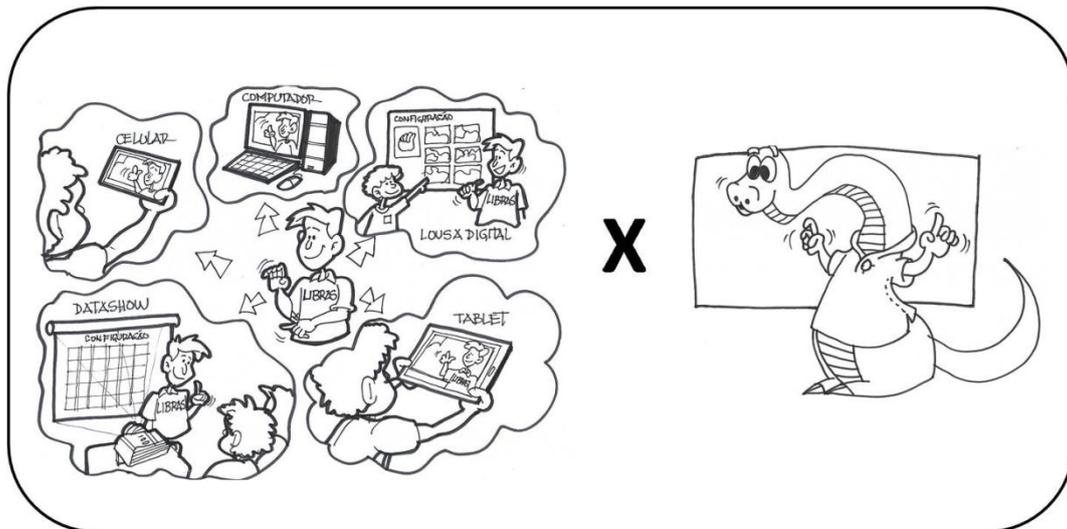


Figura 5 – Professores x Professauros. Fonte: Adaptado de Antunes (2013).
Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser

Vendo a ilustração acima, percebemos a diferença entre o Professor e o Professauro, enquanto a primeira busca se adequar, se aperfeiçoar, melhorando o seu trabalho de acordo com as necessidades e mudanças, fazendo a adequação de forma correta, o segundo se mantém acomodado como se fosse o dono de um saber que não evolui e ao mesmo tempo se torna tradicional, transmitindo suas aulas de forma monótona para os alunos. Então caberá a cada professor decidir se quer ser um Professor ou um Professauro.

Em pleno século XXI, vemos as informações chegando numa velocidade impressionante com muitas transformações devido ao uso das novas tecnologias que permeiam a vida dos seres humanos. A escola, como um todo não fica fora deste processo ela tem o papel de se adequar às mudanças que as tecnologias digitais de informação e de comunicação trazem para a sociedade e estar preparada para este meio que é uma sociedade da informação e da comunicação, onde o papel do professor passa a ser o de transformador, onde de acordo com Guerra, (2011) “transformar o conteúdo programático de uma disciplina em algo relevante para o aprendiz é um grande desafio para o professor” (GUERRA, 2011, p.18).

Ainda, de acordo com Libâneo (2002):

Os profissionais da educação precisam ter pleno domínio das bases teóricas, científicas e tecnológicas, e sua articulação com as exigências concretas do ensino, pois através desse

domínio que ele poderá estar revendo, analisando e aprimorando sua prática educativa (LIBÂNEO, 2002 p. 28).

Entretanto, não podemos esquecer algo que muitas vezes deixa o professor numa situação um tanto desconfortável que é a falta de recursos. Porém vale ressaltar que dentro da educação o mais importante não é a utilização de grandes recursos e sim a prática de atitudes comunicativas e afetivas que devem ser desenvolvidas de forma dinâmica e criativa com o objetivo de efetivar a transmissão do conhecimento para o educando.

Digiampietri e Matos, reforçam que:

De acordo com Lacerda et. al. (2011), a fim de promover a aprendizagem do aluno surdo, apresentar as disciplinas em Libras não é o suficiente, “é preciso explicar os conteúdos de sala de aula, utilizando toda a potencialidade visual que esta língua tem” (p. 104). Segundo as autoras, estamos falando daquilo que Campello (2007) classifica como semiótica imagética: “um novo campo que explora a visualidade a partir do qual podem ser investigados aspectos da cultura surda, da constituição da imagem visual presentes nos surdos, os chamados “olhares surdos”, que podem ser cultivados também como recursos didáticos (p. 104, grifo das autoras) DIGIAMPIETRI; MATOS, 2013, p. 46-47).

Antunes (2013) corrobora que ‘uma boa educação e, portanto, uma boa escola, um bom professor, uma boa aula ocorre sempre quando esse equilíbrio de manifesta” (ANTUNES, 2013, p. 44). Tal equilíbrio de refere à garantia das oportunidades aos alunos, dando a eles incentivo à criatividade e não impondo limites promovendo assim uma integração do educando com o seu aprendizado dentro daquilo que ele necessita.

A utilização do espaço escolar passa a ser de forma diferenciada, o papel da escola cresceu, ela se inovou e o professor também, antigamente era na base do papel que aprendíamos os conteúdos e os ensinamentos, depois vieram os recursos audiovisuais hoje estamos mais com recursos visuais tecnológicos e o professor tem que saber ser professor. Antunes (2013) pontua que “um verdadeiro mestre usa a sala de aula, mas sabe que seus alunos aprendem dentro e fora da mesma (...)” (ANTUNES, 2013, p. 23). Esse professor deve provocar seus alunos a pesquisar, a ter pensamento crítico a

despertar seu interesse e sua curiosidade e isso remete ao aprendizado. É aí que vemos a didática em ação.

A didática não pode e não deve ser pouco trabalhada e sim incentivada baseada na Teoria da Educação e nas diferentes Tendências Pedagógicas. Conhecer a didática utilizada pelos professores que ensinam a Libras é primordial e demasiadamente importante. Saber como eles planejam as aulas, verificar como eles elaboram pois de acordo com Luckesi (2006) “o ato de planejar é um ato decisório da maior importância e efetivado dentro de um projeto coletivo institucional” (LUCKESI, 2006, p. 147).

Planejar é antecipar certas ações para que se possa atingir os objetivos propostos no processo de ensino-aprendizagem, portanto o planejamento em si é um momento de reflexão sobre a ação pedagógica e da tomada de decisões sobre as estratégias que serão utilizadas e as formas de avaliação. Ele é fundamental para um bom funcionamento tanto da aula, quanto da escola e deve ser estruturado através do conjunto: planejamento da escola, plano de ensino e plano curricular. Quanto mais clareza houver no planejamento, maior será a liberdade e a autonomia no processo de ensino e aprendizagem.

Assim o trabalho do professor frente às novas tecnologias passa a ser um desafio a se superar conforme Souza (2011) apud Cambi (1999) e Camillo e Medeiros (2018):

Segundo Souza (2011) acredita que o papel do educador torna-se cada vez mais desafiador, no sentido de tentar inovar suas aulas, suas metodologias e mais além, buscando novas práticas, levando para o contexto escolar algo que provoque e desperte o educando para os estudos. (CAMBI, 1999, apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p.24)

A isso devemos repensar as novas teorias pedagógicas entre elas a Pedagogia Surda onde trabalhar a Visualidade Surda (CAMPELLO, 2008) é fundamental além do incentivo à aquisição da língua colocando a Libras como modalidade de ensino (BRASIL, 2021) a ser utilizada na escola. A isso denominamos idealismo o qual Cambi (1999) apud Camillo e Medeiros (2018) explicam “o idealismo se intera com suas novas teorias pedagógicas, capazes

de repensar de modo novo e radical a identidade e o papel cultural e político da pedagogia”(CAMBI, 1999, apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p.24)

Esse idealismo faz com que haja uma reflexão na pedagogia na forma de ensinar, sabemos que desde a segunda guerra mundial o desenvolvimento tecnológico vem crescendo de forma acelerada e as gerações humanas foram acompanhando essa evolução e hoje estamos num patamar onde trabalhar as novas gerações é um papel um tanto complexo conforme Souza (2011) apud Camillo e Medeiros (2018) afirmam:

É necessário um trabalho árduo e contínuo para que a preparação das novas gerações seja feita de maneira satisfatória, tornando o homem mais conhecedor de si e preparado o suficiente para lidar com a realidade. Ratificando, portanto, o que é exposto mais acima, **a escola deve tornar-se um mundo real e prático.** (SOUZA, 2011 apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p.23)

Uma sociedade transformadora é o ideal, mas de acordo com Saviani (2003) “em lugar de adaptar a natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la” (SAVIANI, 2003, p. 11). Isso supõe que os seres humanos buscam o melhor para si compartilhando com os outros seres humanos os saberes por ele adquiridos. Na educação temos este papel e não devemos guardar para nós, o saber, ele deve ser compartilhado para que todos tenham conhecimento. Essa forma de compartilhar leva a construção de uma nova sociedade garantindo assim a sua própria existência.

De acordo com Saviani (2003) “a escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade” (SAVIANI, 2003, p. 75).

Para que isso ocorra é preciso que o professor aprender a dominar o saber relacionado às tecnologias. Freire (1999) já afirmava que ele “não é apenas um objeto da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar” (FREIRE, 1999, p. 77). Então isso supõe que o professor tem que buscar alcançar as metas impostas pela sociedade, no que

diz respeito às novas tecnologias aprimorando seus conhecimentos através de atualizações profissionais.

Embora uma parte dos professores ainda não possuem domínios tecnológicos eles precisam buscar aprender e ter conhecimento sobre eles a fim de tornar a aula mais dinâmica e não estática. “A tecnologia não é apenas uma ciência aplicada, ela é uma ciência reedificada e impulsionada por instrumentos técnicos conceituais propositadamente instituídos” (MARQUES, 2003, p. 104).

O professor precisa saber que ele é um ser inacabado, ele não possui todo saber, ele aprende todos os dias e que para a sua existência como educador ele terá que estar sempre aberto às mudanças.

1.5 Pedagogia: uma ciência da educação

A palavra Pedagogia é originária do Grego: *Paidós; Agein; Logos*, que significa de uma forma mais ampla: conduzir o aprendiz. Em outras palavras podemos definir a Pedagogia como sendo a ciência da educação.

Rego e Lima (2010) definem a Pedagogia da seguinte forma:

(...) constitui-se um **estudo sistemático** sobre a **educação**, com direcionamento para **agir**. Uma concepção pedagógica é um **conjunto de princípios e diretrizes que orientam a ação educativa**. O seu **objeto de estudo é a prática educativa** como ponto central de referência de sua investigação e consequentes direções teórico-práticas (REGO; LIMA, 2010, p. 8, grifo nosso).

Ao longo dos anos de sua existência a Pedagogia foi perdendo valor sendo necessária uma transformação em âmbito mundial. E de acordo com Camillo e Medeiros (2018) foi necessário ao longo do século XX redefinir a identidade da pedagogia, renovando seus limites e deslocando o seu eixo epistemológico gerando a seguinte Figura 6.

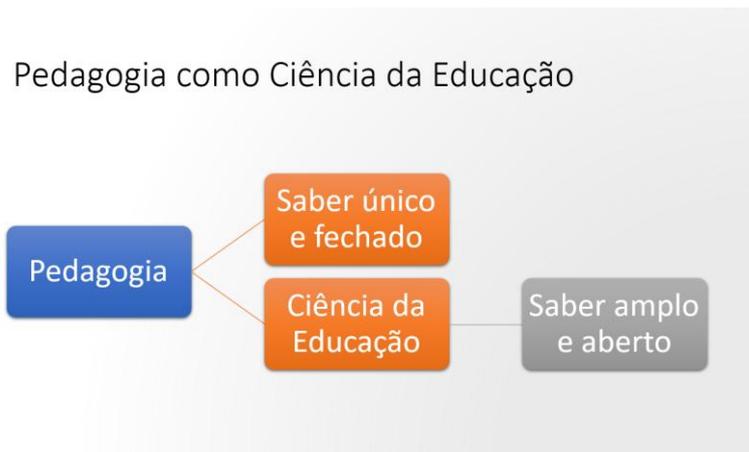


Figura 6 – Pedagogia como ciência da educação. Fonte: Camillo e Medeiros (2018).

Dessa forma, Camillo e Medeiros (2018) esclarecem que a pedagogia logo “passa a ser uma Ciência da Educação, de um saber único e fechado para um saber aberto e amplo” (CAMBI, 1999 apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p. 28).

Tal fato ocorre devido ao rápido desenvolvimento da sociedade que cada vez mais vai se aperfeiçoando ampliando sua rede de saberes, gerando assim a necessidade de mudanças e ao mesmo tempo de se definir a pedagogia em pleno século XXI. Camillo e Medeiros fazem uma definição da Pedagogia de forma sistemática conforme a Figura 7.



Figura 7 – Definição de Pedagogia. Fonte: Camillo e Medeiros(2018).

Percebemos a Pedagogia como sendo uma Ciência da Educação a qual Camilo e Medeiros (2018) citam a definição de Cambi (1999) que em suas

palavras, defende que a pedagogia está hoje transcrita em grande parte nas ciências da educação e só partindo dela que se pode enfrentar os problemas que a educação enfrenta (CAMBI, 1999 apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p. 29).

Nesse contexto, repensar a Pedagogia para Surdos, é um tanto necessária, porém não é tão simples de ser executada, Skliar (2005) chega a mostrar o que é fundamental para a construção desta Pedagogia ao pontuar o que “a Pedagogia para Surdos se constrói, implícita ou explicitamente, a partir das oposições normalidade/anormalidade, saúde/patologia, ouvinte/surdo, maioria/minoria, oralidade/gestualidade etc” (SKLIAR, 2005, p. 9).

Por muitos anos a Educação de Pessoas Surdas foi pautada na questão clínica, prova disso fica estritamente marcante ao vermos que durante muitos anos após Huet, alguns Diretores do INES tinham relação com a atuação na área de clínica médica, prova disso é que no século passado, nos mais precisamente em 1934 foi implantada no instituto uma espécie de Pedagogia Emendativa, cuja finalidade era a de fazer os Surdos falarem, numa época que se cunhava a ideia de Escola Nova no Brasil, o INES focava apenas em fazer o Surdo falar.

A partir dos anos 60, mais precisamente entre 1969-2001 começaram a surgir novas Ideias Pedagógicas e com isso novas propostas de se trabalhar a Educação de Pessoas Surdas. Foi durante este período que predominou a Tendência Pedagógica da Comunicação Total e graças a ela foi possível que através de pesquisas feitas pelo linguista americano William Stokoe, na Universidade de Gallaudet⁵³ deu às Línguas de Sinais o *status* de Língua.

Com o surgimento da Comunicação Total, temos então que apresentar as diferentes correntes pedagógicas que existem na Educação de Pessoas Surdas, lembrando que cada uma delas contribuiu de forma positiva ou negativamente para o desenvolvimento de seus educandos em cada uma das épocas, na Figura 8, descrevemos cada uma delas descritas por Kalatai e Streiechen (2012) para que possamos compreender melhor.

⁵³ Universidade para Surdos situada em Washington D. C.

Correntes Pedagógicas na Educação de Pessoas Surdas

- Oralismo – Seu principal objetivo é desenvolver a fala do surdo, pois para os defensores deste método, a língua falada é considerada essencial para a comunicação e desenvolvimento integral das crianças surdas (KALATAI; STREIECHEN, 2012, p. 5);
- Comunicação Total – Sua principal meta é o uso de qualquer estratégia que possa permitir o resgate da comunicação das pessoas surdas. Este modelo combinava a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, entre outros recursos que colaborasse com o desenvolvimento da língua oral (SCHELP, 2008 apud KALATAI; STREIECHEN, 2012, p. 7);
- Bilinguismo – Consiste em trabalhar com duas línguas no contexto escolar e, neste caso, as línguas em questão são a Língua Portuguesa (escrita) e a Língua Brasileira de Sinais– Libras. Essa metodologia é utilizada atualmente com surdos em algumas instituições educacionais brasileiras (KALATAI; STREIECHEN, 2012, p. 8);
- Pedagogia Surda – Ela tem a finalidade de mostrar um novo caminho para a educação do surdo, pois ela é uma metodologia que atende de uma forma satisfatória as especificidades do surdo, de forma a considerar todos os aspectos culturais deste sujeito (KALATAI; STREIECHEN, 2012, p. 11).

Figura 8 – Correntes Pedagógicas na Educação de Pessoas Surdas. FONTE: Adaptado de Kalatai e Streiechen (2012).

Nos anos da década de 1980, Danielle Bouvet⁵⁴ deu início a uma nova Tendência Filosófica na Educação de Pessoas Surdas, incrementando o Bilinguismo. Neste contexto pontuamos que toda Educação de Pessoas Surdas é e sempre foi bilingue, supondo que numa classe de alunos Surdos, o professor escreva no quadro, utilize slides ou distribua textos na Língua Pátria, porém ele irá transmitir o conhecimento utilizando a Língua de Sinais. Os alunos por sua vez irão aprender através da Língua de Sinais, porém, irão registrar em seus cadernos, *tablets* ou celulares na Língua Pátria. Logo podemos deduzir a existência do bilinguismo dentro deste contexto pedagógico.

O bilinguismo surgiu num período de mudanças na educação da ruptura política para a continuidade socioeconômica. Amparado nestas mudanças percebemos um novo jeito de Ser Surdo se afastando do ouvintismo⁵⁵, buscando uma Pedagogia Surda fortalecida através da visualidade, utilizando-se do Idioma Pedagógico como marca para a transmissão do conhecimento e

⁵⁴ Surda francesa que fez as primeiras pesquisas sobre o bilinguismo na Suécia.

⁵⁵De acordo com Skliar, é uma referência aos sistemas de representação que os ouvintes fazem e impõem sobre a surdez e os Surdos.

do saber, seguindo a ponderação de Campello (2008) que diz o seguinte: “a educação bilingue consiste em dar habilidade aos sujeitos Surdos de se comunicar em duas línguas, sendo que uma língua pode predominar sobre a outra” (CAMPELLO, 2008, p. 68).

1.6 Educação: do seu ponto de vista aos seus quatro pilares

A palavra Educação é originária do Latim: *Educare*, que significa alimentar, criar, fazer, sair, conduzir para fora. Para Delors (2003), “a Educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de PAZ, de LIBERDADE e de JUSTIÇA SOCIAL” (DELORS, 2003 apud REGO; LIMA 2010, p. 8). Ela possui dois pontos de vistas a saber (Figura 9).

Pontos de Vista da Educação

Ponto de Vista **Social** - Transmissão através das gerações adultas, de valores, normas, usos, costumes e conhecimentos aos mais jovens.

Ponto de Vista **Individual** - É um processo contínuo e permanente de desenvolvimento e de humanização.

Figura 9 – Pontos de vista da educação. Fonte: Adaptado de Rego e Lima (2010).

Estes dois pontos de vista da Educação apresentam as duas formas distintas da palavra Educação, sendo a social, comumente conhecida como a educação transmitida do adulto para a criança enquanto a individual é comumente conhecida como a educação que se trabalha na interação social para o desenvolvimento em sociedade. Porém as duas fazem parte da Educação e devemos trabalhar os dois pontos de vista sendo este papel dividido entre família e escola.

Segundo Rego e Lima (2010), A educação deve, pois, constantemente, acompanhar as transformações da sociedade, sem deixar de reconhecer as aquisições e os saberes construídos pela humanidade, frutos da experiência humana,

contribuindo para a construção da cidadania (REGO; LIMA, 2010, p. 8).

O panorama atual de nossa sociedade apresenta um mundo em constante mudança, isto é, em constante transformação e ao mesmo tempo que ele se transforma a humanidade passa a adquirir saberes através da sua experiência buscando construir uma sociedade mais igualitária em busca da cidadania. Aqui surge então o papel da escola, visando trabalhar o ponto de vista individual.

Quando se trata de Educação de Pessoas Surdas, esse papel passa a ser dobrado considerando que a maioria dos pais e responsáveis pelas crianças Surdas não sabem se comunicar através da Língua de Sinais, portanto a transmissão do ponto de vista social passa a ser feito geralmente com o Surdo adulto. E caberá a este Surdo adulto fazer emergir de dentro da criança a Língua de Sinais porque geralmente as crianças Surdas quando chegam numa escola voltada para eles possui sinais familiares ou nenhuma língua. Cabendo aos profissionais da educação transmitir os quatro pilares da educação que existem utilizando-se da Língua de Sinais como idioma pedagógico, isto é, como uma língua de instrução.

Em 2003, a UNESCO produziu um relatório definindo quatro pilares como base da Educação do Futuro, o qual Delors (2003), nos apresenta. Estes quatro pilares são os seguintes (Figura 10).

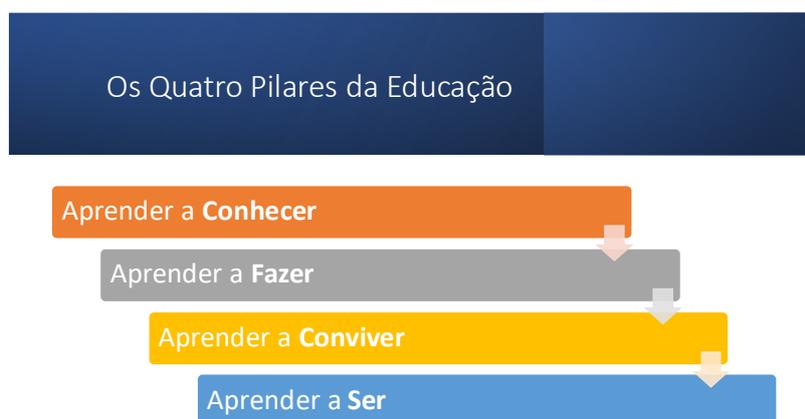


Figura 10 – Os quatro pilares da educação. Fonte: Adaptado de UNESCO (2003).

Segundo Delors (2003), estes quatro pilares da Educação apresentam as seguintes concepções:

1) Bases da Educação:

Esta concepção sobre os pilares e porventura, a mais importante considerando que os quatro pilares são vistos como sendo a base da educação.

2) Quatro Aprendizagens:

Essa concepção pode ser a mais óbvia, por se tratar de quatro diferentes formas de aprendizagens, permitindo assim à educação dar uma resposta à sua missão.

3) Pilares do Conhecimento:

Esta concepção, define de forma substancial que as quatro aprendizagens juntas, são os pilares do conhecimento.

Antunes (2001a) previamente falava sobre estes quatro pilares da educação ponderando que quem aprende a conhecer, aprende a aprender e essa aprendizagem é necessária para as relações entre os seres humanos. No caso de aprender a fazer ele nos chama a atenção para a formação e preparo para o mundo do trabalho. E quando falamos de formação devemos lembrar que nossa vida profissional é contínua e precisamos sempre nos atualizarmos. Quando ele aborda a questão de aprender a conviver ele nos chama a atenção para aprendermos a estar juntos e conviver com os outros. Por fim na questão de aprender a ser, ele dá a ideia de preparar todos os seres humanos em vários sentidos tais como: corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, ética e espiritualidade.

Através dessas concepções temos o seguinte entendimento que a educação neste século deve ser conduzida através destes quatro pilares, conforme o relatório da UNESCO de 2003.

Uma vez tendo esse relatório que foi uma das bases, Rego e Lima (2010, p. 8) definem no quadro abaixo o contexto da Educação para este século (Figura 11).

Contexto atual de Educação



Figura 11 – Contexto atual de educação. Fonte: Rego e Lima (2010).

Assim vale ressaltar que baseado neste relatório é que surgem as normativas que definem a Educação em nosso país. Sendo primordial e necessário para os profissionais da educação terem conhecimento dos conteúdos deste relatório.

1.7 Didática: sua origem e importância

A palavra Didática é originária do grego *Techné*, *Didaktiké*, que significam: fazer aprender, instruir, ensinar.

Seu surgimento veio no século XVII se expandindo no século seguinte tendo como destaque três grandes precursores: Comenio⁵⁶, Rousseau⁵⁷ e Herbarth⁵⁸. Cada um deles deu a sua contribuição para o reconhecimento da Didática assim como contribuiu para a importância do fazer docente, da identidade docente e da organização do processo didático (Figura 12).

⁵⁶ Jan Amos Comenio/Iohannes Amos Comunius mais conhecido como Comenius, era educador tcheco.

⁵⁷ Jean-Jacques Rousseau era filósofo suíço.

⁵⁸ Johann Friedrich Herbart, era filósofo, psicólogo e pedagogo alemão.

PERCURSORES DA DIDÁTICA



Figura 12 – Precursores da Didática. Fonte: Adaptado de Farias et. al. (2011). Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

Falar de cada um destes precursores é muito relevante considerando o papel desenvolvido por cada um. Farias (2011, p. 13) destaca o papel de cada um deles conforme a representação na figura acima.

Comênio (Iohannes Amos Comenius, 1592-1670), o grande educador e pedagogo do século XVII, desejava ensinar tudo a todos buscando o atingir uma educação ideal, entre suas ideias ele possuía um projeto de ensino para todos onde sua meta consistia em ensinar tudo para todos. Por causa de suas ideias ele foi muito perseguido, perdendo inclusive sua pátria, sua família e seus bens, vindo a falecer no exílio em 1670, na Holanda. Rousseau, por sua vez já no século XVIII introduziu um novo conceito de infância. Enquanto Herbart, no mesmo século, defendia a ideia de educação pela instrução.

Estas foram as primeiras contribuições da Didática que agregadas a outras contribuições de acordo com Farias (2011):

Organizando os saberes da Pedagogia e da Didática como campos do conhecimento sobre a educação e o ensino, respectivamente, ora enfatizando o sujeito que ensina ou o sujeito que aprende, ora destacando o método, os procedimentos e os materiais de instrução como eixo central do processo de ensino e de aprendizagem (FARIAS et al., 2011, p. 14).

Entendemos aqui que a Didática enfatiza tanto o sujeito que ensina, no caso o professor, quanto o sujeito que aprende, nesse caso, o aluno, dando destaque ao método, ao procedimento, isto é, a prática e aos materiais de instrução, considerando estes três elementos como o eixo central do processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Rego e Lima (2010):“a Didática por muitos anos, foi compreendida como um conjunto de procedimentos técnicos cujo objetivo principal era o de garantir o bom ensino, técnicas pedagógicas eficientes e bem conduzidas produziam a eficácia educativa” (REGO; LIMA, 2010, p. 9).

Rego e Lima (2010) vão mais além ao afirmar que:

Atualmente, sabe-se que a **Didática** tem como **objetivo os processos de ensino e aprendizagem**, ultrapassando a técnica, **sendo um meio de compreensão crítica da educação e dos processos de ensino e de aprendizagem**. A Didática em termos técnicos e práticos, **possui um conteúdo implícito, uma concepção de sociedade de homem e de educação** (REGO; LIMA, 2010, p. 9, grifo nosso).

É primordial afirmar que em pleno século XXI o uso das novas tecnologias faz parte deste processo de ensinagem como material de instrução. Os profissionais da educação também poderão se pautar nas didáticas produzidas por Froebel⁵⁹ que inovou com a ideia do Jardim de Infância, hoje conhecido como Educação Infantil. Dewey⁶⁰ que propunha uma educação baseada na experiência, assim como Paulo Freire⁶¹ que propôs uma pedagogia libertadora, e por fim, temos Perrenoud⁶² que focou nas competências básicas do professor. Juntando-os a outros teóricos, que são muitos, podemos repensar a

⁵⁹Friedrich Wilhem August Froebel (1782-1852) – Pedagogo alemão.

⁶⁰John Dewey(1859-1952) – Filósofo e Pedagogo norte americano.

⁶¹Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) – Educador e filósofo brasileiro.

⁶²Philippe Perrenoud (1944 -) – Sociólogo suíço.

didática dentro dos processos de ensino e aprendizagem, levando o aluno a compreender através dos diferentes processos de ensino e de aprendizagem.

1.8 A Prática da Didática na Docência

Nessa parte focamos na questão da prática didática na execução das aulas onde abordamos a necessidade e se pesquisar, elaborar, planejar as aulas e colocar ela em prática. Nem sempre a mesma aula servirá para todos os alunos e para nós, o melhor professor não é aquele que consegue fazer com que um ou outro aluno aprenda, o melhor professor é aquele que fará com que todos os alunos aprendam.

No Brasil, nossos alunos são avaliados através de suas habilidades e competências geralmente o foco é nas avaliações das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, acontece que avaliar as habilidades e competências não é apenas isso. Antunes (2001) define a habilidade como sendo a capacidade ou destreza em executar uma ação que demande a construção de uma técnica particular ou de uma → **operação cognitiva** (ANTUNES, 2001b, p. 122). No contexto educacional ele define a habilidade de estudo como sendo:

Conjunto de técnicas, estratégias e padrões de comportamento que formam uma abordagem estruturada de aprendizagem, em geral baseada na teoria psicológica, mas também em experiências adquiridas e transmitidas de modo informal. Inclui características de estudo efetivo, como: → **habilidades operatórias**, habilidade de leitura, técnicas de revisão, administração do tempo de estudo, estratégias de investigação e outras (ANTUNES, 2001b, p. 122-123).

Ao falarmos de habilidades, não estamos abordando apenas esta parte existem ainda as habilidades mentais primárias⁶³ que antecedem ao trabalho de Howard Gardner (1993) um psicólogo cognitivo educacional, sobre as inteligências múltiplas e as habilidades operatórias que demonstram a compreensão e intervenção da capacidade do indivíduo de agir frente aos

⁶³ Antes de Howard Gardner, Thurstone, um epistemólogo já descrevia sete habilidades mentais: memória, capacidade verbal, fluência verbal, capacidade numérica, percepção espacial, discriminação percentual e raciocínio (ANTUNES, 2001b., P. 123).

fenômenos sociais e culturais. Estas habilidades operatórias variam de acordo com o nível de escolaridade de cada aluno.

Além das habilidades, temos que ter noção da importância das competências, mas de que adianta falar de competências sem saber o que são. Deveras vezes os professores sequer sabem diferenciar as habilidades das competências e coube a Antunes (2001b) definir o que são as competências: “compreensão, uso de habilidades, atitudes e comportamentos que facilitam a aprendizagem e o crescimento intelectual, social, físico e emocional dos alunos” (ANTUNES, 2001b., p. 94-95).

Diante disso temos que entender o papel do professor, dentro da Didática, não podemos deixar de destacar que o professor, tem que ter uma visão bastante observadora de seus alunos, uma vez que cada criança possui suas diferentes formas de inteligência e temos que estimulá-las através das suas habilidades e competências. Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, em 1993 começou a observar as inteligências múltiplas (ver anexo 2) de suas crianças onde Antunes (2001b) destaca a sua observação a respeito:

Howard Gardner define inteligência como um potencial e habilidade que nos ajuda a resolver problemas e/ou criar produtos que sejam válidos e úteis para um ou mais contextos culturais, em função de oito classes distintas de se conhecer o mundo e expressar sua linguagem (ANTUNES, 2001b., p.55).

Segundo Antunes (2001b), “o Brasil por muitos anos se baseou na linguística e lógico-matemática” (ANTUNES, 2001b, p. 57). Como podemos notar, até hoje ainda vemos instituições acreditando que a melhor forma de avaliar os alunos é através do ensino de Língua Portuguesa e Matemática, o que vai de contraponto contra a necessidade de se trabalhar com os alunos as diferentes inteligências. Podemos destacar então dois autores que fizeram uma enorme contribuição no panorama educacional Philippe Perrenoud e Howard Gardner, enquanto o primeiro aborda a questão de se verificar as habilidades e competências do educando, o segundo reforça a necessidade de se analisar as habilidades e competências através das inteligências múltiplas.

Dentro deste contexto, percebemos que cada criança é capaz de ter uma variedade de inteligências múltiplas e descobrir suas afinidades com cada uma delas passa a ser o papel do professor frente ao seu trabalho. Acontece que em sala de aula nem sempre nossos alunos são aquela turma maravilhosa que estamos habituados a ver nos filmes e novelas exibidos. Ao adentrar em sala de aula podemos ter uma classe com crianças com uma infinidade de comportamentos conforme a Figura13.



Figura 13 – Diferentes tipos de alunos. Fonte: Elaborado pelo próprio autor. Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Existe o aluno distante que não costuma se enturmar com os colegas geralmente senta-se afastado de todos, é calado e pouco interage seja com os professores ou com os próprios colegas de classe. Há o aluno líder que costuma se sobrepôr em relação aos outros. Também temos a aluna tímida que não gosta de se expor para os outros, por vezes se sente envergonhada, tendo ainda um travamento na hora de se apresentar. Destes alunos toda classe geralmente tem um aluno contestador, que duvida das explicações, quer respostas mais concisas que o convença. Ainda, há aquele tipo de aluno ansioso que cria expectativas e não vê a hora das coisas acontecerem, essa ansiedade precisa ser controlada. Contudo, podemos ter também o aluno distraído que qualquer coisa pode tirar sua atenção e concentração e por fim a aluna estudiosa que busca aprender cada vez mais aprofundando seus conhecimentos.

A ilustração acima poderia representar uma classe contendo crianças Surdas com sete diferentes tipos de comportamento cabendo ao professor preparar uma estratégia para saber lidar com cada um destes alunos. E para isso ele terá que preparar uma aula para poder atender a essa demanda buscando fazer com que todos aprendam desde o aluno distante passando por todos eles até chegar à aluna estudiosa. Nestas horas é que vem em mente a preocupação do professor sobre o que fazer, a partir daí é que surge a Didática.

Em comum todos eles tem apenas um objetivo que é o de aprender mas, para que eles aprendam é necessário que o professor tenha uma Didática. E para se ter uma didática é necessário saber o que fazer e como fazer conforme Farias (2011) conclama: “saber o que fazer e como fazer tem seu sentido vinculado ao para que fazer. Este conhecimento que caracteriza a Didática, é fundamental para o exercício da docência” (FARIAS et al., 2011, p.10).

Se o professor não souber o que fazer, nem como fazer, ele não saberá como trabalhar o processo de ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo ele não terá domínio do conteúdo, domínio da turma, e para que isso possa ocorrer é necessário que haja planejamento. De acordo com Rêgo e Lima (2010) “o planejamento educacional constitui-se em um processo de organização do trabalho pedagógico, tendo como elemento mediador a prática social” (REGO; LIMA, 2010, p. 18).

Este planejamento tem que estar em conformidade com a proposta curricular que “deve mostrar o caminho a ser percorrido pelo aluno na construção de seu conhecimento” (REGO; LIMA, 2010, p. 22). Atualmente no Brasil temos a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que mostra o caminho a ser percorrido pelo aluno. Entretanto apesar da Libras ter sido reconhecida em 2002 e perpassadas mais de duas décadas ainda não temos a Libras alinhada à BNCC nem temos seus descritores definidos. A única condição que temos em termo de currículo é a interdisciplinaridade curricular.

Apesar do currículo também é necessário que haja a elaboração dos objetivos e conteúdo dentro do planejamento educacional. Felipe e Monteiro

(2001)⁶⁴, Pimenta e Quadros (2006)⁶⁵ inclusive chegaram a criar um material para o ensino da Libras onde havia em cada unidade essa proposta de objetivos, conteúdos, estratégias e recursos.

Tais propostas seguem o que tange a respeito das Teorias de Currículo, onde podemos destacar três tipos de teorias: tradicionais, críticas e pós-críticas.

- **Teorias Tradicionais** – A elaboração do currículo é uma atividade burocrática desprovida de sentido e fundamentada na concepção de que o ensino está centrado na figura do professor(SILVA; ROSS, 2016).
- **Teorias Críticas** – O currículo tem a função de ser um conjunto coordenador e ordenado de materiais que contém uma estrutura crítica que permita uma perspectiva libertadora (MEC, 1997).
- **Teorias Pós-críticas** – O currículo tem a função de se adaptar ao contexto específico dos estudantes, onde o aluno compreende seus costumes e práticas do outro construindo uma relação de diversidade e respeito (SILVA; ROSS, 2016).

Assim entendemos que dentro de cada Teoria de Currículo há o enfoque envolvendo uma variedade de temas e os professores têm que ter desenvoltura para saber como elaborar uma boa proposta curricular e ao mesmo tempo estabelecer a estratégia didática a ser utilizada. Abaixo apresentamos através de palavras os assuntos que fazem parte de cada Teoria de Currículo (Figura 14).

⁶⁴ Ver no Anexo5.

⁶⁵ Ver no Anexo 6.

TEORIAS DE CURRÍCULO



Figura 14 – Teorias de Currículo. Fonte: Elaborado pelo autor. Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

Rego e Lima (2010) conclamam que o professor para exercer a docência precisa ter o domínio dos conhecimentos específicos de sua área de atuação, além do conhecimento dos aspectos mais importantes da intervenção pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental (REGO; LIMA, 2010, p. 24). A isso denominamos intervenção pedagógica.

Por fim os desafios e as atitudes do docente são os seguintes apresentados nos mapas conceituais abaixo (Figuras 15 e 16).



Figura 15–Mapa conceitual sobre os desafios para docentes. Fonte: Adaptado de Rego e Lima (2010). Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

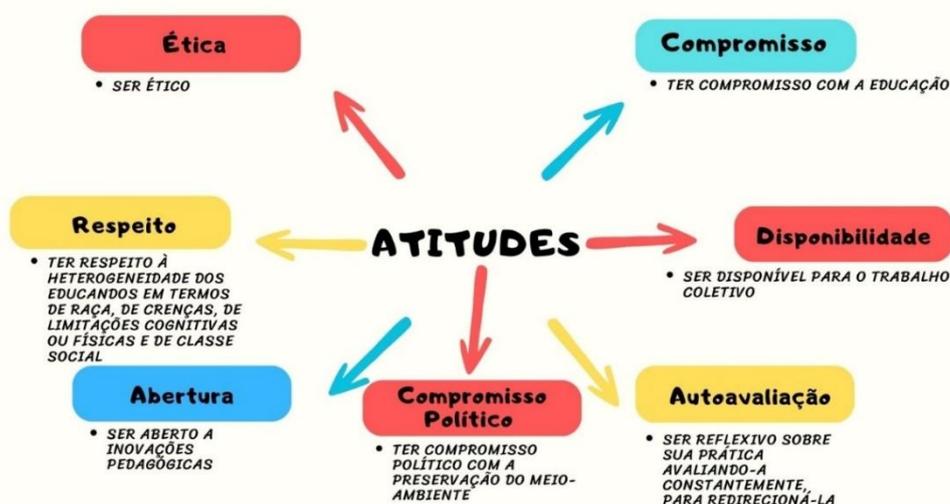


Figura 16 - Mapa conceitual sobre atitudes de docentes. Fonte: Adaptado de Rego e Lima (2010). Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

Frente a estes desafios e atitudes o professor que trabalhar com Educação de Pessoas Surdas, deve ter fluência, domínio e compreensão da Libras além de saber utilizar ela como Idioma Pedagógico dentro da Pedagogia Surda. Juntando a isso a formação continuada de forma a se adequar às mudanças constantes e se reciclar no aprendizado e conhecimento frente às novas tecnologias. Como mencionados anteriormente, o professor tem que ser dinâmico e não estático, tem que buscar trabalhar o ensino através da

visualidade surda impondo aos educandos os conhecimentos e a prática da Didática.

1.9 O Que Nos Leva a Usar as Novas Tecnologias?

Ao destacar o uso das novas tecnologias, surge a questão de se construir projetos educacionais inovadores para o atendimento aos educandos que são formados em grande parte pelas gerações⁶⁶ Y, Z e *Alfa*, enquanto que os professores atualmente são de várias gerações desde a *Baby Boomer* até a Y porém em parte envolvendo alguns da geração Z. Para isso surge a ideia de se trabalhar um modelo diferenciado de atividade profissional e nada melhor que o *Slash*, que é um sinônimo de múltiplas habilidades adquiridas ao longo da vida (TAVARES, et al, 2021) O conceito de *Slash* pode ser entendido da seguinte forma:

(...), o termo representa a expressão do conceito de aprendizado ao longo da vida e traduz o sentimento de uma quantidade cada vez maior de aprendizes convictos em busca de novas habilidades durante suas trajetórias pessoais e profissionais, chamados por alguns autores de *slashgeneration* (TAVARES, et al, 2021, p. 73).

Esse entendimento nos mostra por que os profissionais da educação estão sempre buscando novos cursos de formação e atualização docente. Muitas vezes eles saem em busca de competências digitais docentes para poder atender às necessidades de seus alunos cada vez mais conectados. Porém não são apenas os profissionais da educação que estão buscando se qualificar em formação, tanto o mercado, quanto seus educandos também saem em busca de mais aprendizados objetivando melhorar as suas habilidades.

Aprendizado ao longo da vida não significa que a pessoa tenha que ficar estudando apenas os componentes obrigatórios de uma grade curricular. A

⁶⁶Santana apud Tajra (2021) classificam as gerações da seguinte forma: **Baby Boomers** são os nascidos no período entre 1946-1964; **Geração X**, são os nascidos no período entre 1965-1979; **Geração Y**, são os nascidos no período entre 1980- 1990; **Geração Z**, são os nascidos no período entre 1991-2010 e a geração **Alfa**, que é constituída pelos nascidos a partir de 2010.

proposta apresentada no ano de 2015 em Incheon⁶⁷ (UNESCO, 2015), na Coréia do Sul sugere que todos tenham oportunidade de aprender ao longo da vida, o que pressupõe que devemos preparar os estudantes para novos aprendizados. Tais aprendizados podem ser entendidos também como o preparo para uma determinada qualificação.

A educação hoje vive uma nova realidade, tendo as crianças nascidas numa era onde as novas tecnologias avançam numa velocidade surpreendente e são denominados nativos digitais estas crianças devido ao fácil acesso à internet vivem num mundo onde não mais existem fronteiras, basta um clique e estão do outro lado do mundo.

Recentemente com a pandemia do Covid-19 (LIMA; REZENDE, 2020), a educação no mundo inteiro teve que exercer uma nova dinâmica na forma de ensinar, e os professores sendo obrigados a se adequar ao uso das novas tecnologias, trazendo de vez estes recursos para a sala de aula e realizando um novo processo de adequação ao uso das novas tecnologias.

Assim buscamos pesquisar trabalhos mais recentes e encontramos em Camargo e Daros (2021); Lemov (2021); Palfrey e Gasser (2011); Rocha, Ota e Hoffmann (2021) e Tajra (2021) pesquisas mais atualizadas sobre o tema. Somando a estes pesquisadores a pesquisa de Hoebel (2022), que fala sobre o ensino com as pessoas Surdas as principais bases referenciais sobre o tema.

1.10 Um Pequeno Panorama Histórico

Para início de assunto é preciso entender quando falamos das novas tecnologias dentro da educação, o panorama histórico envolve as quatro revoluções industriais e em consequência disso no aspecto educacional, denominamos o termo Educação 4.0. A figura abaixo identifica cada uma das quatro revoluções industriais que ocorreram (Figura 17).

⁶⁷Ver UNESCO, 2015.

As quatro Revoluções Industriais



Figura 17 – As quatro revoluções industriais. Fonte: Adaptado de Tajra(2021).

Apesar de estarmos falando da Educação 4.0, em pleno século XXI já estamos caminhando para a Educação 5.0⁶⁸, que aborda a inserção da Inteligência Artificial – IA e o ensino através das competências, portanto, isso supõe que os avanços tecnológicos atuam de uma forma surpreendente e ao mesmo tempo causam reflexos no aspecto educacional.

Nas definições de Führ(2018) a respeito da Educação 4.0, entende-se o seguinte:

O educador nessa chuva de sinapses de informações acessíveis pelas TICs, torna-se o orquestrador, o curador das múltiplas informações junto ao educando, onde procura organizar e sintetizar a informação, transformando a informação em conhecimento e o conhecimento em sabedoria. O educando nesse ambiente ciberarquitetônico torna-se o ator, o autor do conhecimento através de pesquisas propostas nos projetos interdisciplinares que possibilitam o desenvolvimento de competências e habilidades para corresponder a sociedade 4.0 (FÜHR, 2018, p. 2-3).

Acompanhar estas mudanças e saber como proceder é primordial no trabalho educativo considerando que as crianças hoje consideradas nativos digitais não mais vivem sem a conectividade.

⁶⁸ Trata-se de uma evolução da Educação 4.0 caracterizada fortemente pelo ensino por competências (MELLO, ALMEIDA NETO; PETRILLO, 2021, p. 22).

Schwab (2018) apud Tajra, (2021, p. 19) aponta quatro princípios que podem ajudar a modelagem da 4ª Revolução Industrial, para que os benefícios favoreçam mais pessoas:

Quatro princípios que ajudam a modelar a 4ª Revolução Industrial

- As tecnologias em si não proporcionam o bem-estar. Quem proporciona o bem-estar são os sistemas que contam com vontade política e investimentos e cooperação entre as partes interessadas.
- As mudanças tecnológicas devem favorecer o empoderamento de forma que valorize a tomada de decisão, para que as pessoas possuam mais escolhas, oportunidades, liberdade e controle sobre suas vidas, ou seja, que assumam a posição de protagonistas.
- O *design*, seja o *design thinking* ou o pensamento sistêmico (*systems thinking*), pode ajudar a melhor entender as estruturas que orientam o mundo e como as novas tecnologias podem favorecer as novas configurações.
- Todas as tecnologias “carregam” em si valores. Elas não são neutras. Desde o momento em que são concebidas, já trazem consigo os valores dos envolvidos em seu desenvolvimento. Portanto devemos participar dessa composição de valores ao longo de todas as fases da inovação e do desenvolvimento das tecnologias, e não apenas quando ela gera danos às pessoas. “As tecnologias e a sociedade se moldam uma à outra” (SCHWAB, 2018, p. 68). As tecnologias geram mudanças na sociedade e a sociedade gera mudanças nas tecnologias, de forma contínua e crescente em suas transformações

Figura 18 – Os quatro princípios que ajudam a modelar a 4ª Revolução Industrial
Fonte: Adaptado de Tajra (2021).

Em consonância destes quatro princípios vale ressaltar que apesar dos avanços tecnológicos ainda temos alguns pontos a destacar como reforça Tajra: afirmando que “em 2014, 263 milhões de crianças e jovens em todo o mundo não frequentavam a escola; o autor ainda vai mais longe ao pontuar que em 2018, mais da metade da população mundial (cerca de 3,9 bilhões de pessoas) ainda não têm acesso à *internet*; Nos países em desenvolvimento, a proporção *offline* é de 85% contra 22% no mundo desenvolvido” (TAJRA, 2021, p. 19).

Tajra (2021) apresenta o panorama do que muda na Educação 4.0 ao afirmar o seguinte:

O que muda na educação a partir da 4ª Revolução Industrial é a necessidade eminente e urgente de incluir como objetivo educacional o desenvolvimento de pessoas/indivíduos com capacidade de empreender e de assumir posições de autonomia, não só porque empregos e trabalhos diminuirão, mas também porque esse novo modelo de sociedade exige indivíduos que consigam aproveitar melhor as oportunidades

do mundo digital, sendo atores e protagonistas de suas próprias histórias. Caso contrário a distância entre quem faz e quem não faz ficará cada vez maior. Se o processo educacional deve ser inclusivo em todas as dimensões, não é oportuno desconsiderar o contexto digital (TAJRA, 2021, p. 26).

As novas gerações de nativos digitais mesmo antes de atingirem a idade adulta já exercem o papel empreendedor criando canais seja através do *YouTube* ou das redes sociais sendo conhecidos como *influencers* digitais. Dessa forma cabe o processo educacional ser inclusivo e trabalhar mais o contexto digital de tal forma que prenda a atenção dos alunos. Vemos que em alguns casos os professores gravam músicas, paródias, apresentações, criam canais de dicas e dúvidas e implementam novas estratégias nas mídias e nas redes sociais buscando envolver os alunos.

Santana (2021) aborda a questão do comportamento dos sujeitos na sociedade 4.0 e diante disso ela lembra o panorama histórico das quatro Revoluções Industriais pontuando na Figura 19.



Figura: 19 – Panorama Histórico das Revoluções Industriais. Fonte: SANTANA, adaptado de Tajra (2021).

Percebemos aqui o caminho histórico das quatro revoluções industriais, sendo a primeira com o surgimento da produção mecânica e o uso das máquinas à vapor trazendo para o mundo a primeira luta entre o homem e a máquina, considerando que essa revolução fez a sociedade pensar que seria deixada de lado com a chegada das máquinas. Por um lado, o surgimento delas conduziu a educação para um novo panorama a necessidade de formar pessoas para manusear as máquinas.

Na Segunda Revolução Industrial, a descoberta da eletricidade deu início à produção em massa, e ao mesmo tempo proporcionou um novo desenvolvimento na educação trouxe a necessidade de formar profissionais técnicos em mecânica e eletricidade e o crescimento da contabilidade. Percebe-se aí ao analisarmos os livros históricos do INES, que a formação dos Surdos era voltada para o mercado de produção: artífice de artes gráficas, sapataria, corte e costura e para aqueles que tinham mais aptidão, o aprendizado da contabilidade.

A terceira revolução já dá início a novas mudanças com o desenvolvimento dos semicondutores, surgiram outras tecnologias como a televisão, os computadores pessoais entre outros. Os Surdos por sua vez se diversificaram nas profissões e a sua educação no Brasil passa a acompanhar o modelo da educação das escolas comuns, de forma seriada seguindo os modelos da legislação. Nesta época no Brasil as empresas de tecnologia tanto pública e privadas passaram a contratar os Surdos para seus serviços dando destaque para a Dataprev entre outras.

Na quarta Revolução Industrial, a educação já passa por novas mudanças é necessário conhecer as diferentes gerações e saber como trabalhar com elas pois esta geração é composta por estudantes que não vivem sem a conectividade e a fusão das tecnologias, fundindo os domínios físicos, biológicos e digitais, levaram à necessidade de se criar conceitos. Essas mudanças proporcionaram o crescimento e o desenvolvimento das diferentes formas de ensinar, denominadas processos de ensinagem e a partir delas começamos a repensar a Educação de Pessoas Surdas e o Brasil pôde

finalmente estabelecer uma linha pois com estas tecnologias é possível digitalizar as imagens reforçando o aprendizado através da experiência visual.

Analisando este panorama Tajra (2021), nos leva a conhecer as diferentes gerações e suas principais características sem, no entanto, falar da geração Alfa(Quadro 1).

Quadro 1 - Principais Características das Gerações.

Período	Baby Boomer 1946-1964	Geração X 1965-1979	Geração Y 1980-1990	Geração Z 1991-2010
Características Principais	Otimismo; Idealismo; busca pela segurança	Não tem medo de inovar, sendo adaptáveis, resilientes e independentes.	Familiaridade com a tecnologia, com as diferentes mídias de comunicação, com a globalização.	Nativos digitais, conectados a todo tempo, podem ter dificuldade de aprofundar as informações.
Relação com a educação	Valorizam a oportunidade de aprender novas habilidades no trabalho para afirmar sua identidade profissional.	Valorizam a oportunidade de aprender novas habilidades no trabalho como uma necessidade de sobrevivência.	Preferem ambientes de aprendizagem em grupo e de forma colaborativa.	Autonomia, buscando as informações que lhes interessam nas diferentes opções tecnológicas.
Relação com o trabalho	Motivação, otimismo e apreço pelo trabalho realizado.	Buscam independência em suas atividades e anseiam por desafio no trabalho.	Busca da flexibilidade e ambientes de trabalho éticos, honestos e com preocupação por questões sociais e ambientais.	Para os que já estão no mercado de trabalho, valorizam a flexibilidade e a possibilidade de desenvolvimento rápido.
Equilíbrio entre vida pessoal e trabalho	<i>Workaholics</i> ⁶⁹ , dedicam-se mais ao trabalho realizado nas organizações do que à sua vida pessoal.	Busca maior flexibilidade no trabalho a fim de dispor de tempo para se dedicarem a seus objetivos pessoais.	Valorizam o equilíbrio entre vida social e profissional, sendo a primeira mais valorizada.	A valorização da vida pessoal sobrepõe a profissional.

Fonte: SANTANA, adaptado de TAJRA, 2021, p. 50.

Geração *Alfa* é a designação dada aos nascidos a partir de 2010. Esta geração vivencia outra era digital e assim como a geração Z, também são totalmente conectados. As gerações Z e *Alfa* não conseguem viver sem

⁶⁹*Whorkaholic*– Termo em inglês significa pessoa viciada em trabalho.

conectividade. Se comunicam com a linguagem do “internetês” ou simplesmente através de *emojis* sabendo tudo que estão transcrevendo sem depender apenas do uso da língua pátria.

Suas características e sua relação com a educação, não diferem muito da geração Z, por ainda serem crianças e adolescentes não temos como falar das suas relações no trabalho (Figura 20).



Figura 20 – Geração Alfa. Fonte: Elaborada pelo autor. Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Este estudo sobre os comportamentos das gerações nos leva a refletir sobre as diferentes gerações Surdas, levando a tentar entender como cada uma delas vivencia o mundo. Buscando tentar nos ajudar a compreender melhor essa visão, Tajra (2021, p. 15-16) apresenta uma série de categorias agrupadas didaticamente em quatro agrupamentos conhecidos como *clusters*. Abaixo demonstramos a tabela destas categorias (Quadro 2).

Quadro 2 - Clusters e categorias das Tecnologias da 4ª Revolução Industrial

Clusters Tecnológicos	Categorias Tecnológicas
Tecnologias digitais extensíveis	<ol style="list-style-type: none"> 1. Novas tecnologias da computação 2. <i>Blockchain</i> e tecnologias de registros distribuídos 3. Internet das coisas
Reconstituição do mundo físico	<ol style="list-style-type: none"> 4. Inteligência artificial e robótica 5. Materiais modernos 6. Fabricação de aditivos e impressão

Modificação do ser humano	<ul style="list-style-type: none"> 7. Biotecnologias 8. Neurotecnologias 9. Realidades virtual e aumentada
Integração do ambiente	<ul style="list-style-type: none"> 10. Captura, armazenamento e transmissão de energia 11. Geoengenharia 12. Tecnologias espaciais

Fonte: Adaptado de Tajra (2021).

Estes *clusters* demonstram as categorias tecnológicas e hoje em dia os profissionais da educação devem buscar se amparar neles para poder saber em que se baseia cada um deles. Estes agrupamentos são necessários para que haja o entendimento e recentemente temos notado um crescimento na produção de aulas e materiais para a Educação de Pessoas Surdas baseados na reconstituição do mundo físico. Embora isso não impeça que haja desenvolvimento dentro dos outros agrupamentos.

De acordo com esta tabela, podemos perceber que o advento da Educação 4.0 está proporcionando o crescimento e o enfoque maior do uso das novas tecnologias dentro do aspecto educacional, reforçando assim a necessidade de se criar novas formas de ensinar. Portanto, dentro na Educação de Pessoas Surdas, o ensino da Libras deve ser pautado nisso, percebemos que alguns educadores principalmente os de Letras/Libras e de Pedagogia seja ela bilíngue ou não, mas com enfoque na Educação de Pessoas Surdas, travam um embate através das redes sociais e no seu cotidiano de trabalho sobre o ensino e o uso da Libras.

É oportuno dizer realmente que o ensino da Libras vem sendo desconfigurado, considerando que as pessoas não focam nos detalhes que regem a regra gramatical dos sinais, não respeitam as suas variações e muitas vezes vemos pessoas sem a devida formação se autopromovendo nas redes sociais e se colocando para ensinar os sinais de forma errônea. Através disso podemos afirmar que o uso das redes sociais contribui em muito com a desintegração dos sinais, sendo que uma pessoa influente⁷⁰ é capaz de fazer um sinal errado e em pouco tempo o vídeo é compartilhado nas diferentes redes sociais e/ou canais, atingindo um número considerável de visualizações.

⁷⁰ Aqui me refiro aos *Influencers Digitais*.

É de praxe entender que as Línguas de Sinais e não apenas a Libras, possuem uma regra gramatical própria e respeitar o uso de seus parâmetros e da sua sinalização seja de forma social ou de forma acadêmica faz-se necessário. Com o surgimento da internet e das novas tecnologias não temos como negar a incorporação de sinais estrangeiros em nossa língua principalmente com as novas gerações Z e *Alfa* que como já foi dito, elas não vivem sem a conectividade e dessa forma podemos dizer que não existem fronteiras para elas.

Entretanto, ao pronunciarmos palavras estrangeiras, como as da Língua de Sinais Americana – ASL⁷¹, por exemplo, devemos sinalizar o alfabeto relativo aquele idioma, buscando especificar que não se trata de um sinal da nossa língua. Através das redes sociais vemos pessoas e em alguns casos, profissionais fazendo sinais internacionais em outros idiomas e os transcrevendo no alfabeto manual brasileiro, como se fossem da Libras. Isso acaba contribuindo, em muito para o vício do uso e conseqüentemente a incorporação de sinais de outros idiomas como se fossem nossos.

Utilizar a Libras como língua de instrução pedagógica é primordial, porém temos que nos precaver com o advento destas novas tecnologias que a Educação 4.0 proporciona. Outro cuidado que temos que ter é em relação ao uso da percentualidade, muito comum usada entre os Surdos, mas estes muitas vezes sequer possuem fontes ou dados concretos para a sinalização destes valores percentuais. Acontece que a mídia digital é capaz de expandir esse vídeo como se ele tivesse já os dados coletados, transformando-se assim, muitas vezes em informações *fakes*⁷².

Através das categorias da tabela 2, podemos ver que o incentivo aos profissionais deve se pautar no ensino e pesquisa através delas para que o desenvolvimento das crianças Surdas continue a crescer na sua capacidade de absorção de informações e aprendizado utilizando-se sempre da Libras como Idioma Pedagógico na sua forma de instrução. Atualmente em nosso país carecemos de pesquisadores que produzam. Produzir é também contribuir para o desenvolvimento e crescimento das informações no ponto de vista

⁷¹ Sigla de *American Sign Language*.

⁷² Termo usado para informações que não são verdadeiras.

educacional. Atualmente a maior parte dos trabalhos são focados na L2 e quase nada se produz em L1.

Entende-se que quando falamos de Educação de Pessoas Surdas, estamos abordamos a necessidade de se ensinar na primeira língua (L1) e quando abordamos a questão da Educação de não surdos, estamos pautando na necessidade de se ensinar na segunda língua (L2). E como estamos focando a respeito do ensino em nível superior, estamos falando do aprendizado da segunda língua (L2) por parte dos profissionais tanto de Licenciaturas e Fonoaudiologia por ser obrigatório, quanto para os Bacharéis. Isso ocorre porque é necessário aprender o conhecimento da Libras para o Ensino de Pessoas Surdas.

A Educação 4.0 está aí para promover essa mudança fazer com que a L1 possa ser protagonista desse processo, por isso devemos reforçar ela como língua de instrução para o ensino e aprendizado das crianças buscando criar através dos diferentes processos de ensinagem, formas didáticas de transformação. A Libras como Idioma Pedagógico passa a ter um papel relevante na produção deste trabalho frente as novas tecnologias.

Quando se fala da primeira língua (L1), estamos pautados no que diz o Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005), que enfoca a preferência por profissionais Surdos logo percebe-se que este material é voltado principalmente para os professores Surdos que ensinam a Libras em nível superior, no entanto não deixamos de lado os professores não surdos e sim reforçando a prioridade do ensino dos professores Surdos. Para os estudantes ouvintes, o ensino da Libras é o aprendizado de uma segunda língua (L2) para que aprendam durante a sua formação como se deve trabalhar no Ensino de Pessoas Surdas utilizando a primeira língua (L1) dos Surdos no processo ensino-aprendizagem.

1.11 As Novas Tecnologias no Aspecto Educacional

Quando falamos de novas tecnologias, temos que pensar também nas diferentes formas de comunicação e aprendizagem, onde destacamos o ensino síncrono e o assíncrono, Barros (2021), define bem essa pedagogia conectada narrando o seguinte conceito:

A comunicação síncrona e assíncrona é realizada por meio da interação entre docente-estudante; estudante-estudante; estudante-conteúdos e recursos. Essa comunicação também acontece em três formatos de mensagem: as mensagens coletivas, nas quais as informações são para todos os membros de um grupo restrito; as mensagens interpessoais, que são personalizadas e atendem às especificidades dos estudantes; e as mensagens em rede, que incluem coletivos abertos com especificidades (HRASTINSKI, 2008; OZTOK et al., 2013 apud BARROS, 2021, p. 50).

Através desta definição podemos perceber as diferentes formas de comunicação e aprendizagem e, no caso de Educação de Pessoas Surdas, temos que usar sempre a Libras como Idioma Pedagógico através da percepção visual do educando. Tanto o professor, o professor mediador, o auxiliar de classe, quanto o TILSP trabalham a comunicação através deste processo proporcionando assim o que denominamos de acordo com Barros (2021), de mensagens direcionadas. Assim, essas mensagens direcionadas trazem objetivos e intencionalidades pedagógicas definidas e concretas para cada situação. “Dependendo dos conteúdos, as situações podem ser de orientação, dúvidas, explicações e esclarecimentos de procedimentos teóricos ou práticos” (BARROS, 2021, p. 50).

Nessa concepção do uso das mensagens direcionadas, a Libras como Idioma Pedagógico se torna essencial, porém, o professor em questão tem que ter um objetivo estabelecido, para as diferentes situações que a aula através do uso das novas tecnologias poderá proporcionar. O professor tem que estar preparado tanto para orientar o aluno ou esclarecer suas dúvidas, explicar os procedimentos de forma que o aluno consiga assimilar a aprendizagem e o

conhecimento dentro desse processo comunicativo jamais esquecendo que o aluno necessita tanto da Pedagogia Visual.

Hoebel, relata algumas dificuldades pertinentes neste processo frente ao ensino *online*:

O ensino a distância da maneira que está posto gera algumas dificuldades. Todo o suporte tecnológico depende da estrutura que eu já tenho previamente, por exemplo. Há momentos em que a conexão com a *internet* não é estável ou de qualidade, o que dificulta as aulas ao vivo pois meu vídeo trava ou fica de baixa qualidade. O mesmo muitas vezes acontece com os estudantes, e é difícil compreender o que está sendo sinalizado (HOEBEL, 2022, p. 75).

Conforme este relato muitas vezes as plataformas, são construídas para atender aos ouvintes e são preparadas para garantir a preservação dos áudios e continuam gerando funcionamento, e neste contexto podemos afirmar que as Línguas de Sinais, de uma forma geral, são as únicas línguas que se vê e não são geradas em áudio e sim em vídeos e imagens de percepção visual e a Visualidade Surda passa a ser essencial neste contexto.

Então já entendendo o que é a comunicação síncrona e a assíncrona, temos que entender como é a sua didática. Barros (2021), define a didática da seguinte forma “a didática mediante a comunicação síncrona e assíncrona, deve ser entendida a partir do planejamento e do formato da comunicação, dos tipos de interface, da dinâmica da aula e da estratégia utilizada para o momento de ensino e aprendizagem” (BARROS, 2021, p. 52).

Há aqui um entendimento sobre o formato de comunicação, uma vez que o professor dará aula para alunos do primeiro ou segundo segmento do ensino fundamental, outras vezes para a Educação de Jovens e Adultos, e outras vezes para o Ensino Médio e/ou Ensino Superior e de acordo com a dinâmica da aula ele poderá se utilizar tanto de sinais sociais quanto de sinais acadêmicos e para isso requer o uso de determinados tipos de estratégias para trabalhar com os educandos no processo de ensino e aprendizagem. Esse dinamismo se torna essencial para a prática.

Compreende-se ainda que a elaboração de uma aula presencial seu planejamento não é igual ao de uma aula remota, necessitando tanto de adequações para que se utilize os recursos. Numa aula síncrona o professor interage diretamente com os alunos, mas se a mesma aula tiver uma quantidade enorme de *slides* de apresentação, ela se torna cansativa para os alunos que a assistem. Por outro lado, quando a aula é assíncrona o professor tem que deixar bem claro como quer que sejam feitas as atividades propostas a fim de que não restem dúvidas para seus alunos.

Numa aula presencial, porém usando as novas tecnologias o professor deve demonstrar possuir domínio para a execução da aula buscando evitar assim quaisquer problemas. Portanto, conhecer as diferentes formas de ensinagem ajuda a preparação de uma aula que bem dinâmica.

E se por acaso o professor tiver o acompanhamento de TILSP, eles também têm que entender esse processo de comunicação para consequentemente colocar em prática de acordo com a dinâmica da aula. Tanto o professor, quanto o TILSP tem que ser dinâmico e não estático ressaltando aqui que o TILSP não é quem ensina, apenas transmite a comunicação, sendo que isso vale tanto para o professor mediador, quanto para o auxiliar de classe.

Ao falarmos do processo de ensino, estamos falando de pedagogia, e quando abordamos a temática das novas tecnologias estamos falando de uma pedagogia conectada⁷³, essa pedagogia conectada envolve a comunicação digital através de uma variedade de meios de acesso, tais como computadores, celulares, *tablets*, *notebooks*, *tv smart*, lousa digital, entre outros. E segundo Barros (2021): “a comunicação digital ocorre em dois formatos: síncrono e assíncrono. Essa divisão é muito significativa quando se trata de planejamento e organização pedagógica” (BARROS, 2021, p. 53).A Figura 21 mostra como se utiliza estas formas de comunicação e aprendizagem.

⁷³ Proposta de Wheeler (2019). (descrita por BARROS, 2021, p. 50).



Figura 21 – Formas de comunicação e aprendizagem síncrona e assíncrona. Fonte: *Synchronous and Asynchronous Learning by Centre for Teaching and Learning, Concordia University CC BY-AS 4*. Fonte: Barros (2021).

Vale ressaltar que não basta apenas as habilidades de comunicação e aprendizagem para se trabalhar o ensino através do uso das novas tecnologias, é preciso, acima de tudo verificar as competências digitais docentes Ota e Dias-Trindade (2021) dão um alerta sobre isso:

Para tratar sobre competências digitais docentes, é importante superar a ideia de que os espaços escolares são restritos apenas aos ambientes físicos. Assim, as aprendizagens necessárias e possíveis perpassam os muros da escola e podem se desenvolver nos mais variados espaços, inclusive nos virtuais (OTA; DIAS-TRINDADE, 2021, p. 82).

O professor tem que saber como utilizar um ambiente virtual de aprendizagem – AVA, pensando num processo de ensino que viabilize aos educandos a assimilação dos conhecimentos e sem estas competências as aulas não fluem. A escola por sua vez tem que buscar oferecer essa garantia

tendo em vista que os trabalhos escolares hoje já envolvem uma gama de ferramentas e os professores e alunos devem estar preparados para esta mudança de aceitar o uso das novas tecnologias. A BNCC de acordo com Ota e Dias-Trindade (2021, p. 83) é um documento que advoga a favor da inclusão das tecnologias digitais no ensino.

Em se tratando de competências temos ainda a questão da aprendizagem baseada em competências que tem como uma de suas características as trilhas de aprendizagem. Ota e Rocha (2021, p. 97) apresentam duas premissas básicas de navegação (Quadro 3).

Quadro 3 – Premissas básicas de navegação

Sequência de Conteúdo (materiais didáticos, recurso educacional, atividade, fórum, chat, etc.)	Definida pelo professor ao planejar a disciplina e disponibilizada no ambiente virtual.
Progressão do estudante	Durante sua interação com recursos disponibilizados no ambiente virtual.

Fonte: Adaptado de Ota e Rocha, 2021.

Estas premissas básicas de navegação seguem o procedimento didático de qualquer aula e sem um planejamento adequado o professor não conseguirá dar uma sequência de conteúdo. Ademais ele deve buscar saber adequar qual será o melhor processo de ensinagem para determinado conteúdo assim ele irá garantir aos educandos a progressão proporcionada pelos recursos disponibilizados naquele ambiente.

1.12 Ferramentas de Aprendizagem Digital

Abordando a questão das novas tecnologias, apresentamos aqui alguns exemplos de ferramentas de aprendizagem digital que poderão auxiliar aos educandos e para os professores na execução das aulas proporcionando uma série de processos de ensinagem.

Algumas delas estão acompanhadas de leitores de Qrcode que levam diretamente ao chat apresentando um determinado exemplo de uso da estratégia.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS COM AS NOVAS TECNOLOGIAS

01

APRENDIZAGEM BASEADA EM JOGOS

Ela utiliza a aplicação de jogos na educação, são jogos sérios, sem o objetivo de entreter e sim de simular situações do dia a dia.

MINECRAFT



02

APRENDIZAGEM GAMIFICADA

Aqui o professor cria jogos com certas estratégias forçando o aluno a adquirir conhecimentos ao seu redor.

ROBLOX



03

APRENDIZAGEM ATIVA COM INFOGRÁFICO

Promove a reflexão e a análise de determinado tema.

VER

ANEXOS:

1,5 E 4.

04

BLOG

Sua função é a divulgação de alguma coisa de interesse dos estudantes.

CULTURA

SURDA



05

EXPEDIÇÕES A MUSEUS VIRTUAIS

Não podemos deixar de lado a cultura e as visitas aos museus virtuais ajudam a compor o aprendizado dos alunos sem a necessidade de eles saírem de suas casas ou da escola.

MUSEU EM

LIBRAS



06

FÓRUM

O Fórum é muito utilizado no EAD, é uma estratégia ele lança uma questão (problema) e os alunos devem responder. Existem inúmeros fóruns na internet e os professores devem criar alguns apenas em classe.

FÓRUM



Figura 22 – Estratégias Pedagógicas com as Novas Tecnologias. Fonte: Modificado de Camargo e Daros (2021). Ilustração: Bruna Moreira de Paiva Machado Cont. – Figura 22.

07

GLOSSÁRIO VIRTUAL

Ajuda o aluno a adquirir conhecimento de novos termos, e se tratando das Línguas de Sinais a aula passa a ser bem divertida.

GLOSSÁRIO

VIRTUAL



08

INTERAGINDO COM QR CODE

A aula pode ser ministrada por meio de geração de códigos com textos, vídeos, entre outras informações para a realização da atividade.

QR CODE



09

MAPA MENTAL VIRTUAL

Criado nos anos 1970 por Tony Buzan, os mapas mentais permitem o registro de ideias, organizando de modo que o cérebro possa armazenar as informações.

CANVA



10

QUIZ GAME

Trata-se de um jogo de perguntas e respostas, que ajuda na construção de conhecimentos.

QUIZ

GAME



11

LOUSA DIGITAL

A lousa digital permite que os professores interajam diretamente com os alunos através de diversas mídias, facilitando o processo de ensinagem.

LOUSA

DIGITAL



12

YOUTUBE

É uma estratégia que é utilizada através do audiovisual para gravação, edição, disponibilização da mídia. Facilita muito o desenvolvimento das aulas.

YOUTUBE



Cont. – Figura 22.

13

ROBÓTICA

Através da robótica o aluno entra em contato com uma série de problemas relacionados a diversas áreas, como mecânica, eletrônica, física, matemática, biologia e Língua Portuguesa, no futuro, quem sabe podemos usar a Libras.

ROBÓTICA



14

STEM/STEAM

Ele através das suas diferentes atividades, incentiva o desenvolvimento de uma série de habilidades consideradas fundamentais para a vida moderna, pode ser através da comunicação, da criatividade e até mesmo da liderança.

STEM/STEAM



1.13 Educação de Pessoas Surdas: do Homem Primitivo até a Idade Moderna

A trajetória histórica dos Surdos não foi fácil, cada pesquisa histórica se baseou em diferentes olhares, tais como afirma Strobel (2009, p. 32): Historicismo, História Crítica e História Cultural.

Sá (2004) faz um relato de como a história dos Surdos é narrada:

Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não-surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram “descobertos” pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem “educados” e afinal conseguem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos (Sá, 2004, p. 3).

Para se falar da Educação de Surdos é necessário um aprofundamento a respeito da sua língua, da sua cultura, sua identidade. Existem muitas discussões a respeito de quando surgiu a Língua de Sinais e baseado na Tese de dois linguistas e um antropólogo americanos que fizeram um estudo sobre a atividade cerebral envolvida na comunicação estes três pontuaram que os ancestrais do homem, devem ter usado “gestos” para falar, só não colocaram se estes ancestrais eram Surdos ou ouvintes.

Wilcox⁷⁴ (1995), já afirmava que os últimos estudos demonstram que a linguagem de sinais pode comunicar ideias tão complexas quanto a falada. Aqui o termo linguagem está associado a comunicação e levantou a suposição de que o *homo erectus*, tenha se comunicado através de sinais com uma estrutura sintática perfeita semelhante a uma fala. Isso acontece porque o homem primitivo emitia sons indecifráveis e, portanto, necessitava de uma forma de se comunicar conforme podemos ver na Figura 23. Onde um homem sinaliza para o outro a seguinte frase: “- **O dinossauro atacou a presa**”.

⁷⁴ Sherman Wilcox, linguista da Universidade do Novo México (EUA) em entrevista à Revista Superinteressante de julho de 1995 sobre o livro de sua autoria junto com William Stokoe: “O gesto e a natureza da linguagem”, 1995.



Figura 23 – Homens primitivos se comunicando. Fonte: Adaptado da pesquisa de Wilcox (1995). Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Através desta teoria, podemos afirmar que a possibilidade do homem primitivo se comunicar através de uma Língua de Sinais, é real e talvez ela tenha surgido após os ouvintes observarem dois homens primitivos Surdos se comunicando. Como sabemos que os homens primitivos emitiam sons indecifráveis, e as pictografias⁷⁵ não retratam movimentos, fica muito difícil termos registros deste fato.



Figura 24 – Moisés falando com o povo hebreu. Fonte: Adaptação de PERLIN, 2002. Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Na história temos muitos registros da existência dos Surdos, “como a fala de Moisés direcionada ao povo hebreu, no Livro Levíticos da Bíblia onde

⁷⁵ Escrita nas pedras.

ele diz o seguinte: Não amaldiçoarás ao surdo, nem porás tropeço diante de um cego” (LEVITICO, 19:44 apud PERLIN, 2002 p. 24). Decerto neste texto vemos que Moisés impunha uma proteção tanto para os Surdos, quanto para os cegos, (Figura 24) comprovando a existência dos Surdos e dos cegos já naquela época.



Figura 25 – Surdo endeusado no Egito. Fonte: Adaptado de PERLIN, 2002; CARVALHO, 2014). Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

No Antigo Egito (Figura 25), conforme Perlin (2002) os Surdos eram endeusados, este povo acreditava que por não falarem e serem diferentes dos demais eles eram enviados dos deuses. Carvalho (2014, p. 71) complementa, que eles eram adorados, como se fossem deuses, serviam como mediadores entre os deuses e os faraós, sendo temidos e respeitados pela população.

No povo grego também encontramos relatos da existência dos Surdos e eles eram considerados incapazes. Edwards (1997) apud Perlin (2002) especificam bem a visão do povo grego a respeito dos sujeitos Surdos ao afirmar que “os gregos não tinham uma definição sobre o valor ou a capacidade do sujeito de se superar” (EDWARDS, 1997 apud PERLIN, 2002, p. 27).

1.14 Educação de Pessoas Surdas: A Idade Moderna

Depois desta época começaram a surgir diversos educadores de pessoas surdas. É de praxe que a maioria das publicações retratem sobre eles devido ao fato de que eles fizeram registros sobre seus trabalhos sendo assim reconhecidos pelos seus feitos. Analisando as narrativas históricas destes profissionais feitas por Soares (1999), Moura (2000), Perlin (2002), INES (2007), Strobel (2009) observa-se que muitos destes educadores primavam pela tendência do oralismo, em detrimento ao bilinguismo.

Poucos foram os autores que se aventuraram no uso das Línguas de Sinais, onde destacamos Juan Pablo Bonet, Pedro Ponce de Leon e Abade L'Épée. Sendo este último que criou a primeira escola de Surdos na Europa ao mostrar para a nobreza francesa perante o rei Luís XVI que os surdos poderiam ser educados (Figura 26).



Figura 26 – Abade L'Épée ensinando os surdos. Fonte: Cultura Surda, 2011.

Embora muitos creditem a L'Épée a invenção da Língua de Sinais, isso não é verdade, naquela época era comum nos mosteiros existir o voto do silêncio, portanto os monges se comunicavam através de uma língua de

sinais, o mesmo que equivale a língua de sinais dos índios Urubu-Kaapor, que assim como os monges também não são surdos e não podemos atribuir a esta tribo a invenção da Língua de Sinais Brasileira.

Ainda nesta época percebia-se que os Surdos e as pessoas perseguidas pela sociedade eram sempre acolhidos e protegidas nos mosteiros, talvez ali, observando os Surdos L'Épée tenha desenvolvido suas técnicas de ensino.

Esta teoria ganha mais força ao vermos o relato feito por Desloges em 1779 conforme Perlin (2002) reproduz:

[...] certa vez L'Épée concebeu o nobre projeto de dedicar-se à educação do surdo; ele sabiamente observou que eles possuíam uma linguagem natural para se comunicarem entre si. Como essa linguagem não era outro senão a linguagem de sinais, ele supôs que, se ele se empenhasse em compreendê-la, o triunfo de seu empreendimento seria assegurado. Esse discernimento foi compensado pelo sucesso. Então o abade L'Épée não foi o inventor ou criador dessa linguagem; pelo contrário, ele aprendeu com o surdo; ele somente reparou o que ele encontrou incompleto nela; ele ampliou e lhe deu regras metódicas (DESLOGES, 1779/1984 apud PERLIN, 2002, p. 33-34).

Como se vê o abade apenas desenvolveu técnicas e métodos e não criou a Língua de Sinais Francesa – LSF. Aqui vemos o início do crescimento de um trabalho pedagógico, porém, não vamos tirar os méritos de L'Épée pois graças ao seu empenho ele formou e influenciou diversos professores Surdos que se espalharam pelo mundo, como Laurent Clerc, Ferdinand Berthier, Jean Massieu e o próprio Edouard Huet. Embora Desloges não tenha sido um professor seu papel como escritor foi essencial para a Educação das Pessoas Surdas (Ver anexo 5).

Este período de ouro marcado pelo iluminismo que na Europa foi muito positivo para o desenvolvimento da Educação de Pessoas Surdas, mas estava longe de ser perfeito. Samuel Heinick, na Alemanha, criador do método alemão, fundou a primeira escola oralista e teve apoio de muitos profissionais na época que acreditavam que o Surdo para ser alguém deveria saber falar oralmente. E em 1880 no Congresso de Milão veio a derrocada do uso das Línguas de Sinais. Pelo que muitos afirmam, não houve proibição ao

uso das Línguas de Sinais e sim a afirmação de que a melhor forma de educar os Surdos deveria ser através da oralização. Teoria defendida sob influência de Alexander Graham Bell, um dos maiores cientistas e influenciadores daquela época e que foi aclamada pela maioria.

Conforme atesta Skliar (apud SALLES, 2004, p. 55):

Existiram dois grandes períodos na história da educação dos surdos: um período prévio, que vai desde meados do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando eram comuns as experiências educativas por intermédio da Língua de Sinais, e outro posterior que vai de 1880 até os nossos dias. (SALLES, 2004, p. 55).

Após o Congresso de Milão os EUA sob liderança de Laurent Clerc e de Eduard Gallaudet a Língua de Sinais Americana – ASL, continuou enfrentando os ideais de Graham Bell. O Brasil também passou por momentos que proporcionaram mudanças e como o foco da pesquisa é sobre a didática, não pretendemos nos aprofundar muito no quesito da História dos Surdos.

1.15 A Educação de Surdos no Brasil: de Huet até a Pedagogia Emendativa

A construção desta parte tem como base registros de diversos autores como INES (1997), Soares (1999), Moura (2000), Perlin (2002), INES (2007), Perlin e Strobel (2008), Strobel (2009), Rocha (2019), Campello (2019) e Campello, Abreu e Prates (2020) entre outros.

Nesta unidade buscamos desmistificar e mostrar a trajetória da Educação de Pessoas Surdas através do tempo até o surgimento dela no Brasil. A partir da chegada de Edouard Huet⁷⁶, começamos a apresentar as diferenças curriculares e a trajetória em busca do protagonismo Surdo na Educação e sua Didática.

Desde Huet até os dias de hoje a grade curricular do INES passou por inúmeras mudanças, aqui apresentamos algumas delas até seguir o currículo das escolas regulares.

⁷⁶ Escrevo aqui com o nome traduzido para a Língua Portuguesa.

Programa de disciplinas de Huet (Figura 27):



Figura 27 – Programa de Ensino de Huet – 1856. Fonte: Adaptado de INES (1997).

Huet, ao elaborar este programa de Ensino, colocou o que era essencial para o ensino dos Surdos, sendo que Linguagem Articulada era uma disciplina para verificar se os Surdos tinham capacidade de se comunicar através da oralização. Na disciplina de Leitura sobre os lábios, que se tratava da comunicação oral, onde em seu programa ele pontuou que só ensinaria àqueles que possuíssem aptidão (INES,1997, p. 5). A única dúvida que impera entre nós é como Huet ensinava a Leitura sobre os lábios e a linguagem articulada, sendo Surdo e ainda por cima francês, considerando que ele sempre se comunicou com o Imperador D. Pedro II através de cartas (Figura 28).



Figura 28 – Edouard Huet escrevendo carta. Fonte: Adaptado de INES, 2007. Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser

Huet se valia já nesta época de dois tipos de trabalhos a Pedagogia Visual (Campello, 2008) e a Língua Emergente⁷⁷ (Vilhalva, 2009). Através das Descrições Imagéticas – DI ou do uso de figuras ele deveria se utilizar do ensino da Língua de Sinais Brasileira, misturada com alguns sinais franceses. Ao mesmo tempo ele sabia que cada criança Surda, se valia de sinais familiares para se comunicar e através de seu trabalho ele fazia emergir de dentro delas a Língua de Sinais Brasileira em cada uma delas utilizando-se da prática do ensino desta língua como Idioma Pedagógico e isso contribuiu para o desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos.



Figura 29 – Grade de ensino de Huet no México. Fonte: Adaptado de CRUZ-ALDRETE, 2008.

Aprofundando sobre o trabalho de Huet, Cruz-Aldrete (2008), apresenta a grade dele no México (Figura 29), bem diferente da grade curricular utilizada no Brasil. E o mais surpreendente é que nos revela que Catalina Brodeke, esposa de Huet, também dava aulas para os Surdos sendo possivelmente ela a encarregada de ensinar a leitura sobre os lábios tanto no Brasil, quanto no México. Podemos deduzir então que no ensino da disciplina de Língua

⁷⁷ Vilhalva ao abordar a questão da língua emergente, não se refere apenas aos índios, geralmente os educandos Surdos chegam na escola com sinais familiares sendo necessário adquirir sua língua própria, e a escola sendo o centro formador tem o papel de fazer emergir de dentro da criança esta língua.

Espanhola escrita, Huet ensinava através da Língua de Sinais e aquelas crianças que tivessem mais aptidão para a comunicação oral tinham aulas de oralização com Catalina Brodeke, esposa de Huet para o aprendizado.

Como podemos notar, Huet aqui apresentava um quadro mais amplo do que o realizado no Brasil, talvez isso se justifique pela falta de espaço ou de incentivos, porém, não temos como saber. A inserção do catecismo e dos princípios religiosos, horticultura e trabalhos manuais também existiram no Brasil, mas em outros períodos.

Em nenhum momento aparece o ensino da Língua de Sinais Mexicana, tal como no Brasil também não aparece em seu quadro o ensino da Língua de Sinais Brasileira e tal situação ocorre devido ao entendimento, sem ser enfático, de que a Língua de Sinais para Huet poderia ser o Idioma Pedagógico, isto é, a língua de instrução a ser utilizado em todos os processos de ensino de forma interdisciplinar.

Com a saída de Huet, assumiram o instituto dois Diretores interinos que ao que tudo indica, não mexeram no Programa de Ensino do instituto. “Com a vinda do Dr. Manoel de Magalhães, este resolveu apresentar um novo Programa de Ensino sancionado através do Decreto nº 4.046 de 1867” (INES, 1997, p. 7).

O Dr. Manoel de Magalhães, nada sabia sobre Educação de Pessoas Surdas, porém ao banir a Linguagem Articulada e a Leitura sobre os lábios tudo indica que ele daria ênfase ao aprendizado conforme Huet havia feito mantendo a Língua de Sinais Brasileira sendo o Idioma Pedagógico. Ao contrário de tudo isso, ele transformou o instituto numa espécie de asilo de crianças Surdas. De positivo ele trocou a Escrituração Mercantil pela Contabilidade. Aqui questionamos como era o ensino destas crianças e há a suposição de que as crianças se utilizavam dos sinais, mas devem ter perdido durante este período a referência da sua língua emergente. O que levou o Dr. Tobias Leite, então Médico chefe da Secretaria de Estado a fazer um relatório sobre o instituto afirmando que não era uma escola e sim um asilo.

Quando Tobias Leite assumiu, em 1868, “ele observou a estrutura do instituto e reformulou o Programa de Ensino” (INES, 1997, p. 7). Como se pode

observar o programa inicial estabelecido por Huet, voltou e com ele também a Linguagem Articulada e Leitura sobre os Lábios. Tobias Leite lutou para que a Língua de Sinais Brasileira tivesse continuidade e inclusive apoiou a publicação da Iconografia Brasileira de Sinais feita por Flausino José da Gama, em 1875.

Soares (1999) descreve os trabalhos produzidos por Tobias Leite durante sua estadia frente à Direção do instituto:

Em 1871, o Dr. Tobias Leite fez adaptação para o português do ***Methodepour Enseigneraux Sourds-Muets***, do professor J. J. Vallade Gabel, do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, adepto da linguagem oral. Foi o primeiro livro para professores de surdos escrito em português e recebeu o título de **Lições de Linguagem Escripita**. Foram distribuídos 500 exemplares entre as províncias de Minas, São Paulo, Paraná e Goiás. Em 1874 publicou o **Guia para Professores Primários**, contendo orientações para o ensino de arithimética e metrologia. Em 1881, reuniu essas duas obras e publicou o **Compêndio para o Ensino dos Surdos-Mudos**, com 400 páginas. O livro apresenta uma parte que é chamada de theorica, que consta de perguntas e respostas que vão desde as causas da surdez até possibilidades do surdo aprender os conceitos de Deus e da alma. A parte que diz respeito à orientação para os professores consta de exemplos detalhados para o ensino dos elementos gramaticais como verbos, adjetivos, pronomes, advérbios, etc. e orientação para o ensino de arithimética e metrologia. (SOARES, 1999, p. 51, grifo nosso).

Tobias Leite foi o Diretor que mais se empenhou pelos Surdos neste período. Conforme vemos acima ele sempre procurou ter conhecimentos sobre os trabalhos desenvolvidos com os educandos Surdos e ainda notamos que seu “Programma do Ensino do Instituto dos Surdos-Mudos, no ano de 1876 traz todo conteúdo que era dado do 1º ao 6º ano” (SOARES, 1999, p. 54).

Soares (1999) pontua bem os trabalhos desenvolvidos por Leite, com destaque para esta fala que ele descreve sobre o desempenho de seus alunos durante sua gestão:

A educação do surdo-mudo não é impossível, como ainda entre nós, e só entre nós, alguns crêm; nem tão difícil como muitos acreditão. Não é tão perfeita, nem tão rápida, é verdade como dos falantes, mas póde ser, e é effectivamente, levada ao ponto de fazer do surdo mudo um cidadão tão útil como o falante, e até alguns se tem conseguido um bom homem de

letras. (...) A leitura dos livros que tiver levado do Instituto, e de outros que tratem de assumptospraticos da vida, sob a forma de dialogos, ou de conto singelo e attractivos, lhe é de sumautilidade. (LEITE, 1877, p. 13 apud SOARES, 1999, p. 112)

Além deste programa de ensino de acordo com Soares (1999), (...), em 1877, Tobias Leite publicou o programa de ensino do Instituto, que compreendia seis anos de estudos, período este denominado **instrução literaria** (SOARES, 1999, P. 55). Ele foi Diretor do instituto até a sua morte. Já na gestão de João Paulo de Carvalho, foi sancionado o segundo Decreto que modificava o Programa de Ensino do instituto:

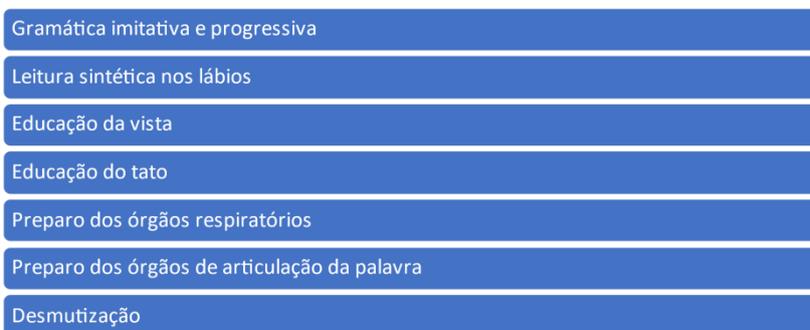
O “Decreto nº 3.964 de 23 de março de 1901” (INES, 1997, p. 13), não alterou o que Tobias Leite já fazia, apenas inseriu na grade a criação da Oficina de Tipografia, que fez com que os estudantes do instituto comesçassem a se profissionalizar. “Em 1908 sob a Direção de Custódio Ferreira Martins, foi sancionado o Decreto nº 6.892 de 19 de março de 1908” (INES, 1997, p. 13), trazendo outra inclusão conforme podemos observar no quadro abaixo.

Este Decreto inseriu a Linguagem Escrita no Programa de Ensino, o que nos leva a indagar como as crianças Surdas estudavam? Era tudo escrito num quadro? Elas utilizavam cadernos? A estes questionamentos temos respostas pois como tinham oficina de tipografia, isso demonstra que os Surdos naquela época já escreviam e a disciplina foi criada com o intuito de reforçar seu aprendizado na linguagem escrita, seria ali marcando o início do que viria a ser futuramente o bilinguismo na Educação de Pessoas Surdas.

Custódio Martins, em 1911 publicou um novo Programa de Ensino, mas não mexeu na grade curricular. A alteração que veio na publicação deste Programa de Ensino refere-se à criação de novos cargos profissionais. E com esta mudança há “em seu Artigo 9º a informação de que o método oral puro deveria ser adotado no ensino de todas as disciplinas” (INES, 1997, p. 13). Seria ali influência do Congresso de Milão que ainda predominava a Europa na época.

Em “1913 a disciplina de Linguagem Articulada (Figura 30) ganhou um programa” (INES, 1997, p. 14):

Programa de Linguagem Articulada - 1913



Gramática imitativa e progressiva
Leitura sintética nos lábios
Educação da vista
Educação do tato
Preparo dos órgãos respiratórios
Preparo dos órgãos de articulação da palavra
Desmutização

Figura 30 – Programa de Linguagem Articulada. Fonte: Adaptado de INES(1997).

Depois desta mudança levou-se anos para encontrarmos mais registros de alterações nos Programas de Ensino dos estudantes que só viriam a acontecer com a gestão do Dr. Armando Lacerda, que trouxe um método intitulado Pedagogia Emendativa do Surdo-Mudo, publicado em 1934, conforme relato de Soares (1999) cuja finalidade descreve abaixo.

(...) era de suprir falhas decorrentes da anormalidade, buscando adaptar o educando ao nível social dos normais. No que concerne ao surdo-mudo esse *desideratum* é alcançado por intermédio do ensino de linguagem e do correspondente desenvolvimento (LACERDA, 1934, p. 6. apud SOARES, 1999, p. 57)

Apesar de ter criado a Pedagogia Emendativa, Soares afirma que “o Dr. Armando Lacerda parece que não entrou em polêmica entre linguagem escrita ou oral, gestos ou fala, pois conduziu o trabalho do Instituto adotando procedimentos bastante diversificados (...)” (SOARES, 1999, p. 57). Lacerda (1934) descreveu como era a didática especial neste período de sua gestão pontuando o seguinte:

Sobre a didática especial adotada no Instituto, afirma que era:

(...) professora em dois cursos independentes que ministram ao aluno o conhecimento da linguagem articulada ou escrita mediante os métodos oral e escrito respectivamente e suas variantes de mais justa aplicação às aptidões dos educandos e ao nosso ambiente escolar. (LACERDA, 1934, p. 8. apud SOARES, 1999, p. 57)

Foi nesta época que começaram a ser notados o papel do repetidor⁷⁸ (Figura 31), que era uma espécie de auxiliar de classe que nada mais fazia de ensinar os Surdos através de repetições. Papel este executado por alguns alunos e ex-alunos Surdos do instituto.



Figura 31 – O repetidor. Fonte: Adaptado de Lacerda (1934) apud SOARES (1999). Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Apresentamos nos Quadro 4 e 5, os quadros sinópticos do plano de ensino do instituto e da classificação dos alunos criado por Lacerda (1934) e descrito por Soares (1999, p. 59).

⁷⁸ Apesar de ser citado nesta época, a função do repetidor já existia no século XIX, inclusive Flausino José da Gama era um destes profissionais.

Quadro4 – Quadro sinóptico do plano de ensino de 1934.

QUADRO SINÓPTICO DO ATUAL PLANO DE ENSINO DO INSTITUTO				
Tipos	Resíduos Auditivos	Fragmantos de Linguagem	Classificação	Ensino emendativo Conhecimento da linguagem
1º	-	-	Surdos-mudos completos	Método escrito (Sinaes gráficos e digitais)
2º	+	-	Surdos incompletos	Método acústico oral (Associação dos exercícios acústicos aos oraes)
3º	+	+	Semi-surdos propriamente ditos	Método acústico oral
4º	-	+	Semi-mudos	Método oral (Exercícios de articulação e leitura labial)

Fonte: LACERDA, 1934, p. 9 adaptado de SOARES, 1999.

Analisando oQuadro 4através do olhar Surdo, isso causa intriga devido ao fato de que naquela época mostrarhaver rótulos para definir os diferentes tipos de Surdos e ainda, ao que tudo indica, nos tratavam como se fossemos pacientes clínicos deixando bem claro que a melhor forma de educação era a oral.

Quadro5 – Quadro sinóptico da classificação dos alunos de 1934

QUADRO SINÓPTICO DA CLASSIFICAÇÃO DOS ALUNOS DE INTELIGÊNCIA NORMAL QUANTO À CAPACIDADE AUDITIVA E LINGUÍSTICA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO EMENDATIVO			
Ensino primário emendativo	Curso de linguagem escrita	classes	Elementares (1º e 2º anos) Médias (3º e 4º anos) Adiantadas (5º e 6º anos)
	Curso de linguagem oral		Preparatória (1º e 2º anos) Elementar (3º e 4º anos) Superior (5º e 6º anos)
Ensino profissional	Seção masculina Rodízio (1º ano)	classes	Curso de encadernação e douração (5 anos) Curso de marcenaria e entalhação (5 anos) Curso de sapateiro e seleiro (5 anos)
	Seção feminina		Curso de costura e bordado
Ensino Aplicado	Curso de desenho geral, desenho aplicado e trabalhos manuais	classes	Elementares (1º, 2º e 3º anos) Adiantadas (4º, 5º e 6º anos)

Fonte: LACERDA, 1934, p. 17 adaptado de SOARES, 1999.

Pelo que foi descrito acima (Quadro 5), a inteligência dos Surdos era medida através de sua capacidade auditiva e não pela sua capacidade intelectual. As crianças estudavam na instituição até completar seus 15 anos de idade e após isso deveriam sair do instituto. Suas divisões não eram por

ciclos nem por séries e sim por classes que variavam do elementar até a superior. As meninas só tinham direito a aprender bordado e costura enquanto os meninos aprendiam outros afazeres, cujas profissões na época eram destaques.

1.16 A Educação de Surdos no Brasil: do Curso Normal aos movimentos sociais

Em 1949 já se previa no Regimento do instituto, a criação do Curso Normal para se formar professores para atuar na educação de Surdos de acordo com o relato abaixo.

Em junho do mesmo ano (1951), foi publicada, no Diário oficial, a Portaria que regulamentava o ensino do Curso Normal de Formação de Professores para Surdos-Mudos, que já estava previsto no Regimento do instituto, aprovado em 28 de julho de 1949, pelo Decreto nº 26.974, promulgada pelo então Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra e assinado pelo Ministro da Educação e Saúde, Clemente Mariani. (SOARES, 1999, p. 70)

O INES passou a ser gerido em 1951 pela primeira mulher, Ana Rimoli, que começou a implantar uma série de trabalhos a serem desenvolvidos no aspecto educacional e que culminou a criação do Curso Normal para formação de professores para Surdos, conforme atesta Soares (1999).

Na gestão de Ana Rimoli, iniciada em 27 de fevereiro de 1951 e se estendendo até 7 de abril de 1961, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos assumiu a implantação do primeiro Curso Normal de Formação de Professores para Surdos, no Brasil. Esse curso tinha duração de três anos e era equivalente a cursos de grau médio. Funcionava em regime de externato para os alunos residentes do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e em regime de internato para alunos de outros estados. (SOARES, 1999, p. 70)

Apenas em 1955, após a formação da primeira turma de professores do Curso Normal com formação para atuar com surdos, foi feita a primeira

estruturação curricular seguindo os moldes das escolas regulares criando enfim a educação primária.

Em 1955, devido a um acordo firmado entre a Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal e o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em 2 de dezembro de 1955, que definia um plano de colaboração entre esses dois órgãos, foi publicada a Resolução nº 94, que criava, em caráter experimental, condições para a educação primária de deficientes da audição e da palavra (D. O. 3/12/55). (SOARES, 1999, p. 83)

Esta estruturação culminou na elaboração da grade do Quadro 6:

Quadro6: Estruturação do programa de ensino primário

Estruturação dos programas do ensino pré-fundamental e fundamental do Instituto Nacional de Educação de Surdos			
		Idade	Atual
I	Iniciação		Creche
A	Maternal	até 4 anos de idade	Maternal
B	Pré-fundamental	até 6 anos de idade	Pré-escola
II - Fundamental – Duração 8 anos			
1º Grau	Duração: 3 anos	7 a 9 anos de idade	
1º ano	Fundamental	7 anos	1º ano
2º ano	Fundamental	8 anos	
3º ano	Fundamental	9 anos	
Linguagem e técnica especializadas, com o objetivo de dotar a criança da consciência e uso da linguagem própria da criança ouvinte em idade pré-escolar.			
2º Grau	Duração 5 anos	10 a 14 anos de idade	
4º ano	Fundamental	10 anos	2º ano
5º ano	Fundamental	11 anos	3º ano
6º ano	Fundamental	12 anos	4º ano
7º ano	Fundamental	13 anos	5º ano
8º ano	Fundamental (admissão)	14 anos	6º ano

Fonte: BRASIL, Instituto Nacional de Educação de Surdos, 1962, adaptado de SOARES, 1999, p. 98-99.

Pela primeira vez a instituição passou a ter uma estrutura semelhante ao das escolas regulares (Quadro 6), porém ainda existia a limitação de idade, poderia estudar lá até completar 15 anos e seus estudos iam apenas até o atual 6º ano de escolaridade do ensino fundamental. O mais interessante é que não havia abordagem sobre a didática desenvolvida chegando a tal ponto que muitos professores se baseiam nos trabalhos desenvolvidos pelo professor Geraldo. As visitas à diversas instituições estrangeiras foi fundamental para o

desenvolvimento dos trabalhos feitos pelos professores do INES frente às crianças e adolescentes surdas.

Inclusive esta época marcou o início da tendência da Comunicação Total, que consiste em ensinar utilizando uma série de recursos simultaneamente, tais como a fala, a escrita, os sinais, os objetos e as figuras. A Comunicação Total não se baseava a execução de sinais da Língua de Sinais Brasileira pois era uma mistura bimodal usando sinais e a fala de forma simultânea, diferentemente da forma de se comunicar baseando-se apenas no uso de sinais.

Já com a Tendência Filosófica da Comunicação Total estabelecida no Instituto e com a mudança de nome para INES, em 1962 o Instituto passa a fazer sua primeira adaptação ao programa das escolas públicas do Estado da Guanabara⁷⁹. Foi preciso demorar mais de um século até a Educação de Pessoas Surdas incorporar um sistema educacional igual ao das escolas regulares.

Ainda nessa época, as pesquisas de William Stokoe davam à Língua de Sinais o *status* de língua, mas o Brasil ainda estava longe de aceitar esta questão. Embasado pelos movimentos sociais do período, nesta época nasceram muitos Surdos da Geração X, sendo estes os grandes percussores da Luta dos Movimentos Sociais Surdos.

Graças às informações compartilhadas pelos tanto pelos Surdos adultos, quanto pelos professores de Surdos da época, os Movimentos Sociais foram ganhando forças, como a criação de Associações de Surdos, os grêmios estudantis, os trabalhos evangelizadores. A Língua de Sinais passou a ganhar força e dentro desta corrente o INES tomou a iniciativa e criou o primeiro curso de Língua de Sinais Brasileira, cuja didática se baseava apenas no ensino de palavras soltas seguindo os moldes dos materiais trazidos da Universidade de *Gallaudet*, nos Estados Unidos.

⁷⁹ Antigo nome do Estado do Rio de Janeiro.

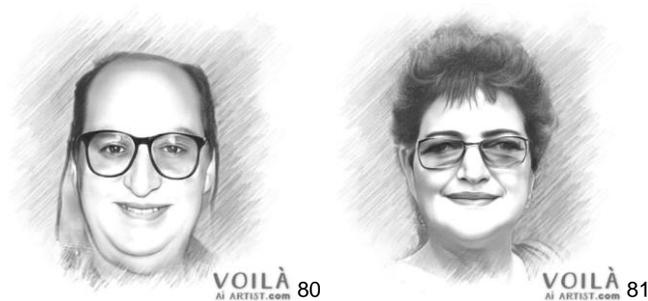


Figura 32 – Primeiros Instrutores de Língua de Sinais Brasileira do INES. Fonte: Adaptado de INES (2007). Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Os primeiros instrutores de Língua de Sinais Brasileira no INES foram o Sr. Fernando Miranda Valverde, que anos depois seria Presidente da Feneis e a Sr.^a Lúcia Severo da Costa (Figura 32), cujas famílias davam apoio aos Surdos chegando inclusive a ajudar na fundação da Associação Alvorada Congregadora de Surdos. Mais tarde Lúcia também teve participação em defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Conforme relato feito por Campello, o ensino dos instrutores não se limitava apenas ao INES também havia o ensino fora do instituto, na Clínica Santa Cecília feito por Ana Regina e Souza Campello e Fernando Miranda Valverde.

A fundação da Feneis, em 1987, com uma Liderança Surda foi o pontapé das Lutas Sociais. A criação de Grupos de Estudos da Língua de Sinais também foi outro marco importante destes movimentos, já neste período a Educação de Pessoas Surdas já não se limitava ao INES, já se expandia pelo país.

A Geração Y veio a fortalecer estes movimentos e como consequência disso os estudos sobre a Língua de Sinais foram se aprofundando, a Geração X conseguiu romper a barreira e pela primeira vez um Surdo ingressou numa Universidade Pública através do Vestibular, prova considerada muito difícil de ser superada. E assim como a criação do Instituto, os dois primeiros alunos

⁸⁰ Fernando Miranda Valverde –Foi uma importante liderança dos movimentos políticos dos Surdos. Foi aluno de Ivete Vasconcelos, Léa Carneiro e Geraldo Cavalcanti. Assumiu a presidência da FENEIS no período de 1991/1993.

⁸¹ Lúcia Severo da Costa – Ex-representante do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Exerceu forte liderança junto aos movimentos políticos dos Surdos, tendo se destacado pelo trabalho de orientação com familiares de Surdos.

matriculados eram mulheres, na UERJ também ingressou uma mulher: Ana Regina e Souza Campello, na faculdade de Pedagogia.

No Brasil a Feneis incentivava e lutava pelos direitos dos Surdos e com ela o papel dos adultos Surdos se destacavam frente aos jovens das novas gerações, impulsionados principalmente pela Geração X Surda e tendo aporte dos Baby Boomers Surdos os trabalhos passaram a crescer.

Destacamos ainda que no Rio de Janeiro, principalmente na sua capital, através dos Movimentos Surdos, começou a despertar nos próprios Surdos e em alguns instrutores o interesse em ingressar numa faculdade para que pudessem se tornar professores e a partir dali, compartilharem seus conhecimentos com os alunos Surdos e então coube a Ana Regina e Souza Campello ser a primeira Surda a romper a barreira do vestibular e ingressar numa Universidade Pública, se graduando em 1996, precedida de diversos Surdos e Surdas.

Todos os citados na Figura 33, foram os pioneiros na Pedagogia no Ensino das Pessoas Surdas e através de seus trabalhos percebemos uma mudança na forma de se olhar os sujeitos Surdos, dando início ao que mais tarde seria a Pedagogia Surda no Rio de Janeiro e que iria se expandir pelo país. Cada um destes Pedagogos Surdos, desempenhou um papel na Educação de Surdos servindo ainda de modelos como adultos Surdos para inspirar as crianças e os jovens Surdos a se aventurarem em seus estudos, proporcionando assim o crescimento e desenvolvimento da Educação de Surdos em todo estado do Rio de Janeiro.



Figura 33 – Pedagogos Surdos do Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pelo autor. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Lucinda Ferreira Brito professora e linguista, foi a pioneira no trabalho que inspirou estes Pedagogos Surdos, sendo ela grande defensora das Línguas de Sinais ela começou a escrever sobre a Língua de Sinais Brasileira juntamente com os Surdos e seus trabalhos sempre serão reconhecidos pelos Surdos. Devido aos trabalhos de Lucinda, logo despertou o interesse de outros Linguistas onde damos destaque a três delas que tiveram um trabalho brilhante no Rio de Janeiro⁸⁸ e estas linguistas se uniram a outros Surdos adultos das Gerações Baby Boomers e Geração X onde começaram ao aprofundamento das pesquisas sobre as Línguas de Sinais Brasileiras.

No Brasil, tivemos alguns pioneiros neste trabalho didático da Educação de Pessoas Surdas onde podemos destacar três linguistas (Figura 34),

⁸² Ana Regina e Souza Campello – UERJ (1996).

⁸³ Marcus Vinicius Freitas Pinheiro – UERJ (1998).

⁸⁴ Mônica Astuto Lopes Martins – UERJ (1999).

⁸⁵ Luciane Rangel Rodrigues – Universidade Veiga de Almeida – UVA (1999).

⁸⁶ Heloise Gripp Diniz – Universidade Estácio de Sá – UNESA (2004).

⁸⁷ Alex Curione de Barros – Universidade Estácio de Sá – UNESA (2004).

⁸⁸ Esse trabalho no Rio de Janeiro se baseia que a Feneis em seu início situava-se na capital do Estado e de lá muitas decisões das Comunidades Surdas eram tomadas assim como no INES como Centro de Referência.

fundamentais para o desenvolvimento da Educação de Surdos que aos poucos foram se atrelando às novas tecnologias.



Figura 34 – Primeiros Linguistas sobre estudos das Línguas de Sinais Brasileira. Fonte: Adaptado de SOUZA, 2019. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Lucinda Brito desde 1991, atuava sempre ao lado de Myrna Salerno Monteiro (Figura 35), uma Surda Linguista, que juntamente com Felipe produziram o livro intitulado Libras em Contexto (2001), sendo o primeiro livro de ensino da Libras antes mesmo dela ser reconhecida como língua e que continha uma série de aulas com seus planos de aula orientando os Instrutores Surdos no preparo de suas aulas.



⁸⁹**Ronice Muller Quadros** – Graduada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul – UCS (1992); Mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (1995); Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (1999); Possui Pós-Doutorado em Connecticut/EUA (2010), Harvard/EUA (2016) e Humboldt/ALE (2021) todos em Linguística e Letras.

⁹⁰**Eulália Fernandes** – Graduada em Letras pela Universidade Santa Úrsula (1973); Mestre em Letras pela UFF (1977); Doutora em Linguística pela UFRJ (1984) e Pós-Doutorado em Educação pela UFRJ (1995).

⁹¹**Tanya Amara Felipe de Souza** – Graduada em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP (1977); Especialista em Língua Portuguesa pela UNICAP (1982); Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (1988); Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (1998).

⁹²**Myrna Salerno Monteiro** – Graduada em Comunicação Visual pela Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP (1984); Especialista em Linguística pela Universidade Federal do Rio de

Figura 35 – Myrna Salerno Monteiro. Fonte: Adaptado de SANTOS; MONTEIRO, 2019. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

A estes profissionais se juntaram os Surdos que fortaleceram a Libras e sua importância para a Educação de Pessoas Surdas, estes representantes Surdos são símbolos do pioneirismo de nosso trabalho no Brasil, destacando além da Libras, a Língua, a Cultura Surda, a Identidade Surda, o papel da Educação, a Visibilidade Surda e a Língua Emergente.

Tais paradigmas defendidos por estas pesquisadoras Surdas (Figura 36), hoje norteiam o trabalho da Educação de Surdos em nosso país, dando continuidade para o surgimento de novos educadores de Surdos, conforme idealizou o pensamento de L'Épée ao criar o Instituto de Jovens Surdos de Paris, por isso as imagens destes profissionais está em formato feito através de Inteligência Artificial, produzida por um aplicativo digital.



Figura 36 – Primeiras Pesquisadoras Surdas do Brasil. Fonte: Elaborada pelo autor. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Vendo a expansão de escolas, amparadas pela Declaração de Salamanca e a necessidade de se manter como centro de referência, “em 13 de setembro de 1996, o governo publicou a Portaria nº 943 que designa o INES como principal Centro de Referência Nacional na área da Surdez” (INES, 1997, p. 30). Para se manter como Centro de Referência é importante que a instituição dê embasamento e incentivo às pesquisas, verificando nas plataformas, vemos poucas publicações relacionadas aos atuais profissionais atuantes na grade de Libras na instituição à respeito da publicação de pesquisas. Ao não dar esse embasamento a instituição não consegue se manter e por isso a necessidade de se dar continuidade às pesquisas na área,

⁹³**Gladis TeresinhaTaschetto Perlin** – Graduada em Teologia pela PUC/RS (1987); Mestre em Educação pela UFRS (1998); Doutora em Educação pela UFRS (2003) e Pós-Doutorado em Educação pela UFRS (2014).

⁹⁴**Ana Regina e Souza Campello** – Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula – USU (1996); Graduada em Pedagogia pela UERJ (1996) e Doutora em Educação pela UFSC (2008).

⁹⁵**Karin Lilian Strobel** – Graduada em Pedagogia pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP e Doutora em Educação pela UFSC (2008).

⁹⁶**Marianne Rossi Stumpf** – Graduada em Tecnologia da Informática pela Universidade Luterana do Brasil – Ulbra (2000); Graduada em Educação dos Surdos pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2004); Doutora em Informática da Educação pela UFRS (2005) e Pós-Doutorado pela Universidade Católica Portuguesa (2013/2014).

⁹⁷**Shirley Vilhalva** – Graduada em Pedagogia pela Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMAT atual Universidade Católica Dom Bosco – UCDB (1990); Mestre em Linguística pela UFSC (2009).

sendo essencial que principalmente os pesquisadores Surdos publiquem seus trabalhos desenvolvidos.

Em 2001, com o crescimento dos Movimentos Sociais, agora atrelados também aos Culturais, surge o *boom* de Instrutores de Libras incentivados pela Feneis e pelo Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, promovido pelo governo federal. O Curso de Agentes Multiplicadores em Libras promovido pelas instituições citadas, trazia no Livro do Professor além das aulas, um modelo de planejamento para cada aula⁹⁸, com o objetivo de facilitar o trabalho dos Instrutores de Libras.

Neste mesmo ano, diante da dificuldade notada por parte dos professores atuantes do INES em relação aos alunos Surdos que eram matriculados em outros níveis de escolaridade que não era o inicial. Os professores em consonância com os Assistentes Educacionais Surdos, pontuavam que os alunos transferidos de fora do instituto não tinham domínio da Língua de Sinais possuíam sinais familiares e precisavam assimilar a língua emergente. Com esta questão o Instituto através da idealização das professoras Vilma Favorito e Solange Rocha, com o apoio da professora Jurema Santos, criou a disciplina de Língua Brasileira de Sinais, ministrada por três professores Surdos, fluentes na Língua de Sinais Brasileira, com formação em Magistério, Pedagogia e Instrução para Surdos, respectivamente: Heloise Gripp Diniz, Marcus Vinicius Freitas Pinheiro e Ronise Conceição de Oliveira. Em 2002, com o reconhecimento da Libras como língua através da Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002), a disciplina passou a ter o nome de Libras.

O que é ter contato com um Surdo adulto? Essa pergunta que fazemos a muitos pais e responsáveis de crianças Surdas. E há uma resposta para isso: Ele irá contar para os Surdos a história, irá mostrar para a criança Surda a sua cultura, irá demonstrar a ela a importância da sua língua. Conclusão: ter contato com um adulto Surdo é começar a ser inserido na cultura e Comunidade Surda.

Muitas crianças Surdas são filhas de pais e responsáveis ouvintes que desconhecem a história dos Surdos, poucos são os pais e responsáveis que se

⁹⁸ Disponível no Anexo 5.

engajam numa Comunidade Surda. Aqui apresentaremos um pouco da história da Educação dos Surdos, sua trajetória. Muito do que escrevemos aqui vem de uma história que nos foi contada por um Surdo adulto. Mesmo assim temos autores Surdos brilhantes que nos deixam relatos desta história, assim como temos alguns autores ouvintes que nos ajudaram a registrar tudo que era relatado.

1.17 A Educação de Surdos no Brasil: Libras como disciplina curricular

Conhecer a história da Educação dos Surdos é fazer parte da inserção na Comunidade Surda. Neste capítulo mostraremos esta história.

O INES, dando prosseguimento a esta necessidade de se aprofundar a Língua de Sinais Brasileira criou a disciplina de Libras em sua grade curricular colocando três professores Surdos (Figura 37) para ministrar suas aulas, atendendo a todos alunos desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental até o Ensino Médio.



Figura 37 – Primeiros Professores da disciplina de Língua de Sinais Brasileira do INES. Fonte: Adaptado de ROCHA, 2018, p. 178. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Assim com o trabalho desenvolvido por estes três professores o INES começou a abrir as portas para o desenvolvimento da Libras e ao mesmo tempo a didática de ensino praticada por estes professores passou a ser incorporada no ensino dos surdos tanto no INES, quanto fora dele. Desse

⁹⁹**Marcus Vinicius Freitas Pinheiro** – Graduado em Pedagogia pela UERJ (1998) e Pós-Graduado em Administração e Planejamento da Educação pela UERJ (2000).

¹⁰⁰**Heloise Gripp Diniz** – Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá – Unesa (2004); Graduada em Letras/Libras pela UFSC (2010) e Mestre em Linguística pela UFSC (2010).

¹⁰¹**Ronise Conceição de Oliveira** – Intrutora de Libras e Graduada em Letras/Libras pela UFSC (2011).

modo, “Em 2001, Pinheiro Diniz e Oliveira mostraram que o ensino da Libras deveria passar por três caminhos distintos: Linguístico, Histórico e Sociológico” (PINHEIRO; DINIZ; OLIVEIRA, 2001, p. 20). Os três professores pioneiros, por sua vez criaram o primeiro esboço de um currículo da disciplina (Anexos 7 e 8).

A partir de 2002 com a sanção da Lei da Libras os professores de disciplina de Libras começaram a crescer atendendo principalmente às crianças das Gerações Y e Z, sendo a última Geração a primeira a nascer totalmente conectada. Desde a década de 80 a tendência do bilinguismo se expandia, as lideranças Surdas começaram a aprofundar seus conhecimentos, os Surdos já não tinham idade limite para estudar, as barreiras estavam rompidas surgiram Mestres e Doutores Surdos e com isso a necessidade de lutar por uma Pedagogia Surda.

Analisando os registros, a última alteração na grade de curricular do ensino da Libras, é uma continuidade da grade inicial acrescida de novos componentes feita pelos Professores: Alex Curione de Barros, Heloíse Gripp Diniz e Vanessa Alves de Souza Lesser, com apoio pedagógico dos Professores Rita de Cássia H. Nakajima Pinto, Marcus Vinicius Freitas Pinheiro e Valéria dos Santos Vasconcellos, publicada através da Portaria nº 203 de 25 de agosto de 2008, que dá a redação final do currículo da disciplina Libras, divulgada através do Boletim de Serviço do INES, nº 8 de 29 de agosto de 2008. Até hoje não houve nenhuma outra publicação registrada sobre a alteração deste currículo.

Nesse contexto, considera-se que a Educação de Pessoas Surdas, envolve a perspectiva do enfoque bilíngue, trata-se de uma metodologia diferenciada, tendo como seu público principal as pessoas Surdas, mas também temos que lembrar que ela é importante para as pessoas com os Surdo-sinalizantes, para os Surdo-cegos, Surdos com altas habilidades/superdotação e Surdos com deficiências associadas, que optam e/ou necessitam da Libras como língua. Este enfoque bilíngue que citamos garante o ensino da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa na forma escrita como segunda língua (L2), somando a esta proposta que recentemente foi inserido na Lei de Diretrizes e Bases da

Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1994), a inclusão da Modalidade Bilíngue na Educação de Pessoas Surdas através da Lei 14.191/2021 (BRASIL, 2021) reforçando assim a proposta de se aprofundar na Educação de Pessoas Surdas.

A Língua de Sinais, por ser o meio através do qual um grupo de pessoas pode se comunicar, geralmente as pessoas Surdas se comunicam e interagem através dela, sendo esta, uma língua natural, com estrutura lexical e gramatical próprias garantindo ao Surdo a aquisição da sua primeira língua (L1) e conduzindo ele para a sua interação com o mundo através da sua língua e sua cultura. Isso nos remete à necessidade de mostrar os trabalhos desenvolvidos desde o passado no ensino através da Língua de Sinais até chegar ao surgimento do INES, quando então nessa segunda parte partimos a abordar a definição de Libras.

As tecnologias surgem como enfoque principal abordando tudo que vem desde o século XIX até as atualidades deste século. Antunes em seu glossário definiu a Tecnologia da Educação como:

Meio de comunicação que pode ser usado para fins instrucionais como por exemplo, o livro didático, o microcomputador, o quadro-negro etc. Forma sistemática de implementar, planejar e avaliar o processo total de aprendizagem e de instrução em termos objetivos e específicos, baseados em estudos sobre comunicação e aprendizagem humana, reunindo recursos humanos e materiais, de modo a tornar a instrução mais efetiva (ANTUNES, 2001b, p. 182).

Partindo desta definição surge a necessidade de se buscar saber quais são os recursos humanos e materiais utilizados atualmente pelos professores de modo a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais efetivo. Com isso, apontaremos quais são as tecnologias mais utilizadas pelos professores Surdos e ouvintes, fazendo ainda uma comparação buscando observar as diferenças.

Também buscaremos explicar o que é ensino híbrido, aulas síncronas e assíncronas, as diferentes plataformas e como é feito o uso de cada tecnologia por ambos os grupos no ensino da disciplina de Libras, justificando o motivo da

utilização de cada tecnologia. Mostrando exemplos de aulas que podem ser visualizadas através de leitores de *QR code*¹⁰². As aulas utilizam algumas tecnologias diferentes como o STEM¹⁰³, a Robótica, entre outras formas de ensinagem sempre com a Libras como idioma pedagógico.

Ao citarmos estas diferentes formas de tecnologias, o leitor de *QR codes* será demonstrado como ser utilizado, buscando trabalhar a informação através da Pedagogia Visual, reforçando a questão do uso da Libras como idioma pedagógico. Por fim verificaremos o que pode melhorar no uso das novas tecnologias e produziremos no decorrer da pesquisa, orientações pedagógicas sobre como trabalhar a didática no ensino da Libras com as novas tecnologias.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Criar um livro que explique a necessidade de se utilizar a metodologia didática para o uso de novas tecnologias para o ensino da Libras como idioma pedagógico.

2.2 Objetivos Específicos

- Avaliar se os professores da disciplina de Libras utilizam as novas tecnologias no ensino para ouvintes visando preparar eles para a Educação de Pessoas Surdas.
- Apontar quais são as novas tecnologias mais utilizadas e quais são as menos utilizadas no ensino da Libras;
- Explicar como é feito o uso de cada nova tecnologia no ensino da Libras;
- Justificar o motivo do uso das novas tecnologias no ensino da Libras;

¹⁰² Em inglês *Quick Response Code*, que traduzido significa código de respostas rápidas, é um código de barras bidimensional que armazena uma série de informações.

¹⁰³ Iniciativa mundial que visa cultivar o interesse pela Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática em um esforço para promover estas disciplinas. Desta metodologia há também uma variante STEAM, cuja letra A se refere às artes.

- Verificar o que deve e pode melhorar no uso das novas tecnologias no ensino da Libras futuro;
- Verificar qual recurso tecnológico é utilizado para o ensino da Libras como L2?

3. MATERIAIS E MÉTODOS

3.1 Estratégias de Pesquisa Bibliográficas

Baseado em Gil (2002), classificamos a pesquisa como sendo exploratória, onde faremos um levantamento bibliográfico, a coleta de dados para análise e por fim a análise dos dados. Esta pesquisa poderá ainda proporcionar o levantamento de várias hipóteses. Dessa forma através de uma análise documental proporcionaremos o levantamento dos dados coletados apresentando seus resultados em gráficos ou em nuvem de palavras. Diferente dos gráficos as nuvens de palavras apresentam a frequência que cada palavra aparece dando destaque maior, isto é, uma representação visual, para aquelas que mais são citadas, tal ferramenta pode ser construída através do programa *word cloud*.

Inicialmente, se realizou uma coletânea de publicações bibliográficas através das plataformas *SciELO*, *Google Acadêmico*, *ResearchGate*, *Capes*, *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD*, com o objetivo de recolher mais matérias.

A pesquisa se utilizou das palavras-chave: Educação de Pessoas Surdas; Língua de Sinais; Tecnologias, sempre em português e sem aplicação de operadores booleanos.

Durante a pesquisa lançamos as seguintes palavras-chave nas buscas da internet: ementa, plano de aula, planejamento precedido da palavra Libras. As consultas foram feitas nas seguintes plataformas: *Google Acadêmico*, *SciELO* e *Capes*. Essa pesquisa foi realizada entre os meses de novembro de 2021 e abril de 2022 e a análise dos dados envolvem comparações desde a

promulgação da Lei da Libras (BRASIL, 2002) até o ano de 2022 englobando um período de 20 anos.

Após o levantamento das publicações, traçou-se o perfil do que desejamos na pesquisa, e como se trata da análise das principais tecnologias que são utilizadas no processo de ensinagem da Libras. Além das plataformas citadas acima para a busca de referenciais teóricos, utilizaremos a plataforma do *Google* como fonte alternativa de pesquisa na *internet*, onde utilizamos três palavras-chave de pesquisas a saber: ementa, plano de aula e plano de curso. Destas pesquisas foram descartadas as que não são ministradas em nível superior. Buscou-se responder a 8 (oito) questões: 1) o tipo de instituição; 2) os nomes dados para a disciplina; 3) as modalidades de ensino (remota, híbrida ou presencial); 4) a carga horária ministrada; 5) os cursos envolvidos, não importando se são de bacharel ou de licenciaturas; 6) os períodos letivos onde mais aparecem a disciplina, 7) o ano de cada produto gerado para análise e por fim 8) os processos de ensinagem utilizados frente às novas tecnologias.

Após o levantamento e análise destes dados da pesquisa e buscaremos entender os reais motivos dos resultados e poderemos levantar algumas hipóteses com base nestas análises. Ao final deste estudo iremos publicar o livro que se encontra na íntegra na seção de Apêndice (pág. 157). Esse livro visa mostrar os caminhos a serem percorridos de forma a incrementar a Pedagogia Surda na didática do ensino da Libras utilizando esta língua como idioma pedagógico.

O principal propósito desse livro é mostrar aos professores, formas diferenciadas de trabalhar utilizando as novas tecnologias no ensino da Libras e ao mesmo tempo proporcionar uma socialização melhor para os educandos Surdos e ouvintes em nossa sociedade.

Esta pesquisa está separada em capítulos, onde cada um dos capítulos aborda um determinado assunto. O segundo capítulo fala sobre a Pedagogia, a Educação e a Didática, mostrando os tópicos mais relevantes deste tema buscando dar enfoque ao tema da Didática. O capítulo 3 apresenta as novas tecnologias existentes e sua importância para a educação, enquanto o capítulo 4 dá abertura para a Educação de Pessoas Surdas e seus principais tópicos

desde a parte histórica até a atualidade. O capítulo 5 fazemos as Considerações Finais sobre o que se espera daqui para frente no ensino da Libras como idioma pedagógico através da Visualidade Surda utilizando a Didática em seus diferentes processos de ensinagem frente às novas tecnologias. O capítulo 5 mostra a pesquisa realizada e seus resultados encontrados enquanto, no capítulo 6, mostraremos o que a pesquisa proporcionou embasando a necessidade de uma continuidade desse trabalho. Reforçamos aqui que esta pesquisa apresenta uma gama de quadros para que possa se perceber a importância de se trabalhar a Pedagogia Visual na Educação de Pessoas Surdas. Ao final desta dissertação ela será transformada num livro a ser publicado para servir de documento orientador para os professores e futuros alunos de Libras em nível superior.

Para analisar as questões da pesquisa, utilizamos os principais assuntos que envolvem a didática e as novas tecnologias partindo da utilização das seguintes palavras-chave: ementa, plano de aula e planejamento. Isso se deu porque através destas palavras seria possível a análise dos trabalhos feitos pelos professores desde o reconhecimento da Libras como língua até os dias de hoje quando em 24 de abril de 2022 a Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002) completou 20 anos de reconhecimento.

Partindo destas palavras-chave passamos a buscar os planos de aula e planos de ensino das disciplinas de Libras, apenas em nível superior que enfocavam o ensino da L2 para que os futuros profissionais pudessem utilizar como L1 frente aos indivíduos Surdos, principalmente no âmbito da educação, sem, no entanto, esquecer que a Lei da Libras também contempla os cursos de bacharel.

Depois desta parte, onde lemos, comparamos e analisamos fomos verificando os principais pontos abordados cujos resultados foram gerados utilizando o programa Word Art que gerou as nuvens de palavras, sendo que as que têm maior destaque são geradas em tamanho e quantidade proporcional.

3.2 Resultados

Após a pesquisa a pesquisa bibliográficas observarmos que apenas a do Google Acadêmico trouxe informações satisfatórias (Tabela 1). Enquanto isso, na plataforma SciELO ao lançarmos as palavras-chave, foram gerados os seguintes resultados (Tabela 2).

Tabela 1 – Palavra-chave plataforma Google Acadêmico.

Período/Palavra-chave	Ementa	Plano de Aula	Planejamento
2002-2022	6.010	15.800	16.700
2012-2022	5.480	15.700	16.300
2017-2022	4.080	15.800	16.100

Fonte: Elaborada pelo autor

Tabela 2 – Palavra-chave plataforma SciELO.

Palavra-chave	Resultado
Ementa de Libras	0
Plano de Aula de Libras	0
Planejamento de Libras	2

Fonte: Elaborada pelo autor.

Na plataforma Capes também não deu para se fazer uma pesquisa mais aprofundada gerando os seguintes resultados (Tabela 3).

Tabela 3– Palavra-chave plataforma Capes.

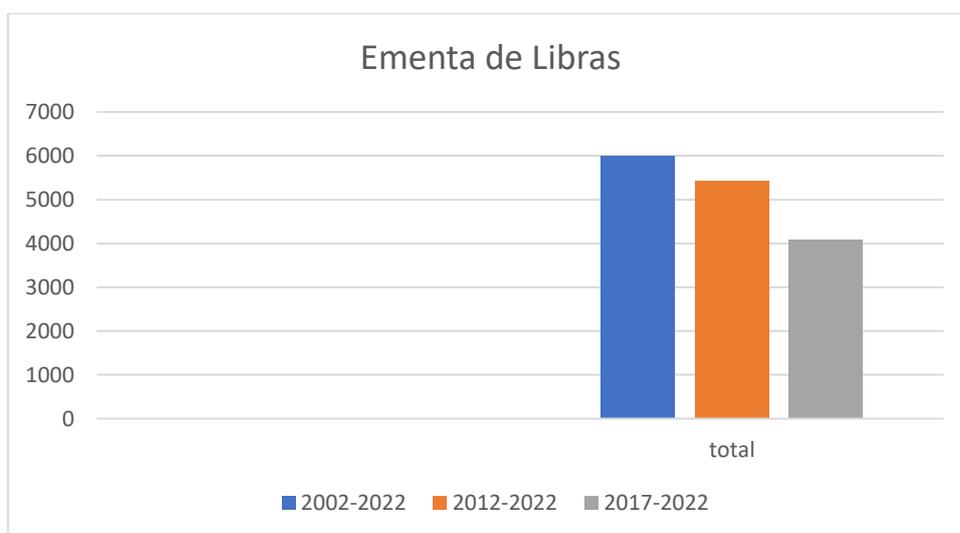
Palavra-chave	Resultado
Ementa de Libras	23
Plano de Aula de Libras	0
Planejamento de Libras	149

Fonte: Elaborada pelo autor.

Foi possível fazer uma análise apenas através dos resultados da plataforma do Google Acadêmico, ainda se valendo de que não poderia ser apenas citações e sim abordando o tema. Distribuímos por três períodos cada

um deles para determinada análise, sendo o primeiro período que vai desde a Lei de reconhecimento da Libras, 2002 até o ano de 2022 o que equivale 20 anos, outro que vai desde 2012 a 2022, que equivale aos últimos 10 anos e outro que vai desde 2017 até 2022, equivalente aos últimos cinco anos. Foram lançadas as três palavras-chaves já citadas: ementa de Libras, Plano de aula de Libras e Planejamento de Libras. Os resultados gerados são apresentados pelo Gráfico 1.

Gráfico 1 – Ementa na plataforma Google Acadêmico

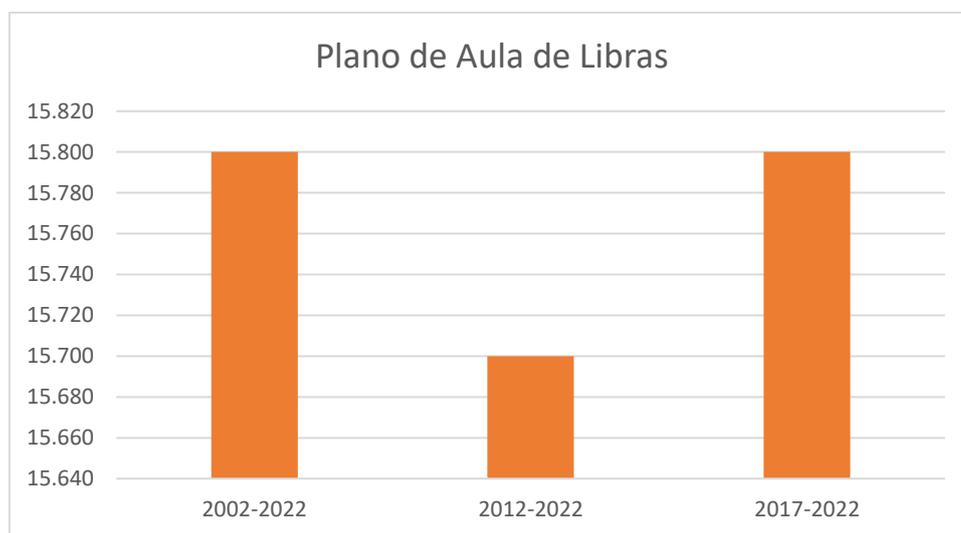


Fonte: Elaborada pelo autor.

Com a palavra-chave Ementa de Libras entre 2002 e 2022 encontramos cerca de 6.010 publicações, nos últimos 10 anos encontramos cerca de 5.480 publicações e nos últimos cinco anos cerca de 4.080 publicações. O que demonstra uma diferença de crescimento sendo que podemos afirmar que no início havia cerca de 9,8% das publicações e nos últimos 10 anos apenas 32,1% das publicações a maior parte das publicações se encontram no período dos últimos 5 anos gerando 67,8% das publicações.

Há um, porém, embora citemos a palavra ementa, nenhum deles fala diretamente da ementa de Libras e sim fazem alguma análise das mais variadas ementas existentes ou abordam a necessidade de se criar uma ementa interdisciplinar onde o ensino da Libras como Língua de Instrução se faz presente.

Gráfico 2 – Plano de Aulas na plataforma Google Acadêmico



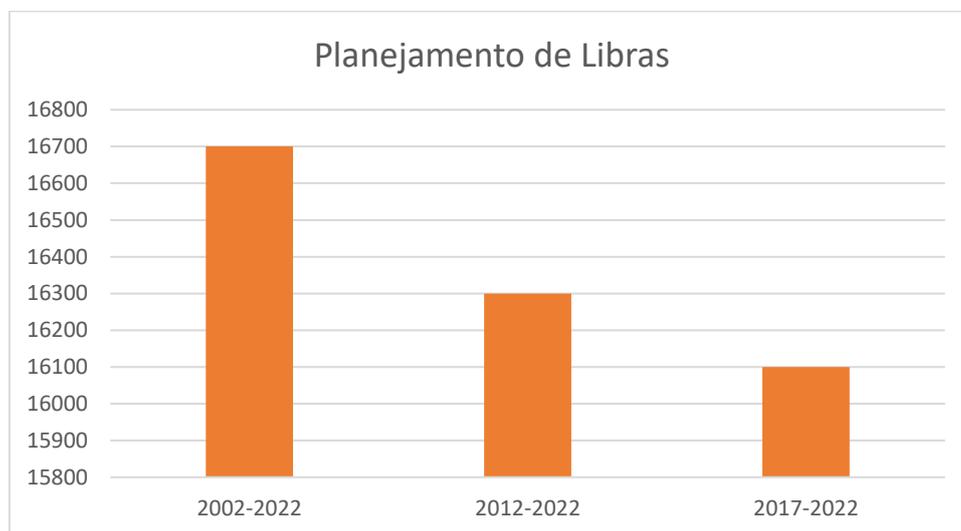
Fonte: Elaborada pelo autor.

Lançando a palavra-chave Plano de Aula em Libras (Gráfico 2), o resultado foi confuso, talvez porque o sistema não tenha entendido realmente o que estava sendo pesquisado, tal hipótese se justifica ao gerar os seguintes resultados: de 2002 até 2022 temos cerca de 15.800 publicações o mesmo valor que ocorre no período de 2017 a 2022, assim não foi possível fazermos uma análise mais detalhada, embora o período de 2012 a 2022 demonstre um aporte de 15.700 publicações a tentativa de se verificar um resultado desta pesquisa foi feita três vezes em períodos distintos que não alteraram os resultados.

As publicações que foram geradas foram analisadas e não se tratava de planos de aula e sim de abordagens dos mais diferentes temas e disciplinas que informavam em grande parte a necessidade de se elaborar um plano de aula que assim, como a pesquisa da palavra-chave ementa, reforçavam a necessidade de se elaborar um plano de aula de Libras e/ou em Libras de forma interdisciplinar.

Dando continuidade à análise, lançamos na plataforma Google Acadêmico a palavra-chave planejamento da Libras e para cada período foram gerados os seguintes resultados (Gráfico 3).

Gráfico 3 – Planejamento na plataforma Google Acadêmico.



Fonte: Elaborada pelo autor.

No período que vai de 2002 a 2022 encontramos cerca de 16.700 publicações, enquanto no período de 2012 a 2022 encontramos cerca de 16.300 publicações e no último período que vai de 2017 a 2022 achamos uma quantidade de cerca de 16.100 publicações. Isso supõe que no primeiro período pelo fato das formações em Letras/Libras estarem em andamento, pouco se falavam sobre o tema planejamento. Enquanto nos últimos 10 anos foi acrescido uma quantidade maior o que nos surpreende é a queda de publicações nos últimos cinco anos.

Verificando as publicações apresentadas, notamos que elas falam da necessidade de se planejar as aulas, nos mais diferentes assuntos sem focar apenas na disciplina de Libras e sim na questão do Idioma Pedagógico. Por outro lado, vemos a necessidade de que os cursos de Pedagogia, Pedagogia Bilíngue para o Ensino de Pessoas Surdas e de Letras/Libras reforcem em suas aulas a questão da necessidade de se preparar as aulas, planejando-as e executando.

Não satisfeito com os resultados desta pesquisa, resolvemos então através do Google pesquisar as três palavras-chaves e através das imagens geradas, imprimir as Ementas, os Planos de Aula e os Planejamentos das disciplinas de Libras em nível superior. Algumas destas pesquisas provavelmente estejam ultrapassadas, mas o erro está nos próprios docentes em não identificarem o período e em algumas situações não conseguimos imprimir nem capturar as imagens por serem de links pagos o que proporcionou uma dificuldade para análise.

O período de pesquisa das palavras-chaves foi feito entre os dias 11 e 22 de fevereiro de 2022 onde encontramos cerca de 55 documentos e destes documentos, 6 eram de cursos sem ser de nível superior ou extensão acadêmica, e por isso foram descartados entre eles o do Senac, que oferecia cerca de 1.200 horas de formação para Técnico em Tradução e Interpretação em Libras em nível médio conforme a Lei nº 12.319/2010 (BRASIL, 2010), o que nos deixou intrigado é que não encontramos nenhum documento relacionado ao Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, a principal referência nacional na área. Ainda encontramos 5 projetos sendo 4 de Institutos Federais e 1 de instituição não identificada.

Como critério para análise buscamos os documentos de formação em nível superior encontramos cerca de 44 documentos das mais diversas instituições públicas e privadas do país, destes 10 documentos foram descartados por serem de cursos de Ensino Médio. Em alguns casos sequer foi possível identificar a instituição superior de ensino que proporcionaram os seguintes resultados que vemos na Figura 38.



Figura 41 – Tipo de Instituição. Fonte: Elaborada pelo autor.

A respeito ao tipo de instituição à qual fora encontrada as ementas (Figura 41), grande parte delas são de Universidades Federais, seguidas de Universidades Privadas e em seguida pelos Instituto Federais. O que nos intriga é que apesar do enorme número de Universidades Federais, o nome da disciplina varia de uma para outra, demonstrando a falta de organização padronizada onde é preciso que os professores das disciplinas destas instituições junto com seus coordenadores comuniquem entre si para se estabelecer uma melhor organização dos trabalhos ajudando assim a estruturação da disciplina do ensino da Libras para Letras/Libras, Licenciaturas, Bacharéis em conformidade com a Lei da Libras (BRASIL, 2002) assim como o Decreto que a regulamenta (BRASIL, 2005) e para os Cursos de Extensão.



Figura 42 – Carga Horária. Fonte: Elaborada pelo autor.

Como citado na introdução desta pesquisa, tanto a Lei da Libras (BRASIL, 2002) e o Decreto que a regulamenta (BRASIL, 2005), nenhum dos dois estipularam uma carga horária definida para o ensino da disciplina, cabendo a cada instituição definir sua a carga horária da melhor forma que lhe convém. Notamos que foi grande a quantidade de cargas horárias (Figura 42), isto é, de horas/aulas ofertadas sendo que a maioria optou por 60 horas/aula. Encontramos algumas ementas que sequer citam a carga horária e as que possuem carga horária maior são relativas a Letras/Libras e Extensão Acadêmica, diferentemente das horas/aula ofertadas na graduação, sendo que a menor delas equivale a 30 horas/aula, o que consideramos muito pouco para se trabalhar num semestre ministrando no mínimo 2 tempos de aulas durante 15 semanas, das quais são tirados ainda 4 tempos das avaliações semestrais mais 2 tempos das provas finais, logo o professor trabalharia apenas 24 horas/aula ministrando a disciplina.

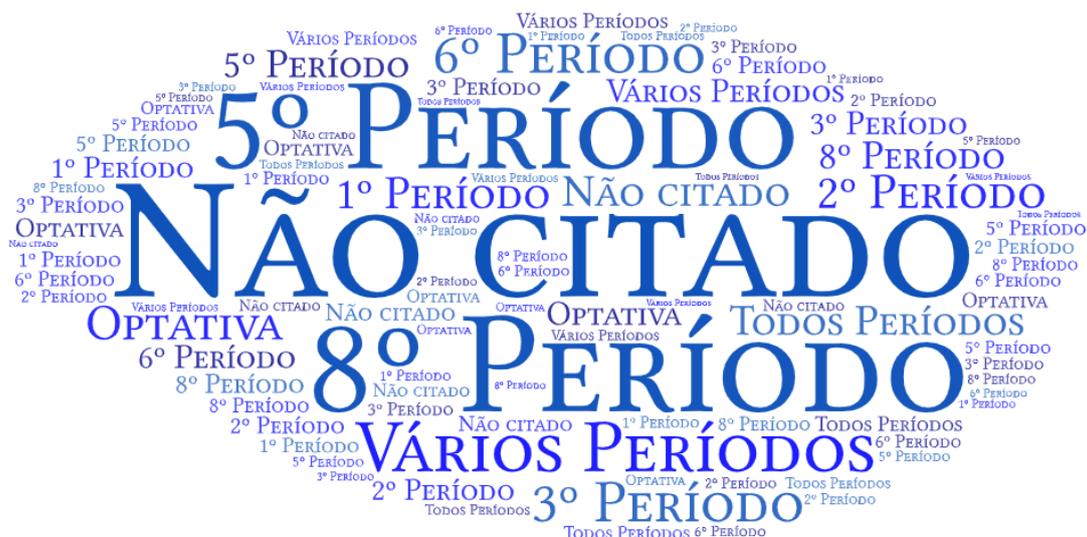


Figura 43 – Período. Fonte: Elaborada pelo autor.

Sobre qual período as disciplinas eram ministradas (Figura 43), deu a maioria como não citado o período, seguido de 8º Período e dos 5º períodos. Porém a maioria das ementas são de cursos de Bacharel e isso justifica o motivo de não citar o período na maioria deles por se tratar de disciplina optativa. Embora tenha algumas Licenciaturas como a Educação Física citada na maior parte das ementas, os períodos variavam. Achamos importante salientar que como a maioria das universidades envolvidas são federais, elas devem definir em conjunto qual seria o período ideal para a implementação da disciplina de Libras nas Licenciaturas e como colocar elas nos Bacharéis.





Figura 46 – Processos de Ensino. Fonte: Elaborada pelo autor.

Após esse levantamento fomos verificar os recursos utilizados pelos profissionais como processos de ensino, principalmente os voltados para as novas tecnologias (Figura 46). O resultado é que a maioria ainda utiliza o Plano de Ensino pautado na Teoria Tradicional. Dentre os processos de Ensino citados por Anastasiou e Alves (2003), Destacaram as Videoconferências e o Seminário. Frente às novas tecnologias vimos o Ambiente Virtual de Aprendizagem ser citado na maioria deles, seguido da videoconferência e do Chat, mas ainda estão longe de se utilizar os diferentes processos de ensino voltados para o uso das novas tecnologias.

Percebemos que apesar da presença constante das novas tecnologias, apesar dos esforços feitos pelas instituições, grande parte dos profissionais envolvidos ainda seguem o método tradicional de ensino. Frente às novas gerações de crianças, jovens e adolescentes, não podemos deixar de acompanhar as mudanças e os avanços das novas tecnologias e as tendências. O que nos alivia é que uma parte utiliza o Ambiente Virtual de Aprendizagem – AVA para ministrar as aulas e interagir com seus alunos, utilizam as videoconferências e os seminários como processos de ensino, sendo que a primeira para aulas e esclarecimento de dúvidas pelo chat e os seminários para a verificação de aprendizagem e conhecimento sobre os temas.

Frente aos mais diferentes processos de ensinagem apresentados por Anastasiou e Alves (2003), está na hora de se pensar em inovar, mudar e se adaptar ao novo século XXI, com a Educação 4.0. Chegamos à conclusão de que nosso modelo educacional está falido e que mudar é preciso através da utilização de práticas pedagógicas inovadoras, com o objetivo de se construir novos cenários da educação, principalmente no que rege o ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

A Didática como ciência objetiva a formação humana e como *práxis* educativas ela requer uma curricularização constante dentro da epistemologia educacional. O ensino da Libras requer que ao ministrá-la, ela seja utilizada sim como um Idioma Pedagógico, em todo caso há a compreensão de que ao ensinarmos uma língua, seu aprendizado se dá na prática desta língua.

Ainda na pesquisa notamos a influência ouvintista, quando se aborda na questão das causas da surdez, e isso no leva a indagar a seguinte questão de que o ensino da Libras perpassa por três caminhos conforme descrito por Pinheiro, Diniz e Oliveira (2002, p. 20), o Linguístico, o Histórico e o Sociológico, afinal o que nos leva então a querer trabalhar o aspecto clínico no ensino de um idioma.

Conectada, sempre utilizando a Libras como Idioma Pedagógico, assim criamos maneiras de ensinar e novas formas de aprender. A escola quer e proporciona novos desafios contemporâneos e estamos abrindo as portas para o futuro, utilizar a Pedagogia Visual para Surdos utilizando a Libras como Idioma Pedagógico associado às Novas Tecnologias, é o nascer de uma nova Pedagogia onde passamos a educar num mundo interconectado.

4. DISCUSSÃO

Num período em que os estudantes são em grande maioria considerados nativos digitais, a cultura cibernética predomina e ao mesmo tempo surgem as tendências em tecnologias educacionais. Algumas instituições de ensino já possuem Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA que facilitam o acesso dos estudantes e acompanhamento das aulas. O ensino passou a ser híbrido e ganhou força com a pandemia do Covid-19 (LIMA; REZENDE, 2020), onde as

aulas passaram a ser ministradas de forma remota através das mais diversas plataformas.

Tudo isso demonstra que a Educação do Futuro nos leva a uma aprendizagem num mundo em constante transformação e com isso há a necessidade de acompanhar a evolução do ensino, com professores e alunos antenados se fazendo uso de tecnologias dominantes inclusive utilizando-se das redes sociais como ferramenta de ensino.

Hoje os professores já fazem uso de Mapas Mentais e Mapas Conceituais além do uso de tutoriais para orientar os alunos os livros por vezes são substituídos por *e-books*. Ao relatar tudo isso percebemos que se insistirmos num processo tradicional estaremos fadados ao fracasso escolar.

Desta pesquisa buscamos analisar as seguintes informações: as mudanças pós-pandemia; a evolução do ensino, os professores e alunos antenados, quais são as tecnologias dominantes (aplicativos, plataformas, etc.).

A respeito das hipóteses levantadas nesta pesquisa, constatou-se que os professores Surdos e ouvintes ainda não acompanham em sala de aula a evolução de seus educandos em nível superior no ensino da L2 e assim podemos entender que os professores que se formam em nível superior também não estão preparados adequadamente para atuar frente às crianças Surdas no ensino da L1.

Frente a pouquíssimas informações sobre as tecnologias presentes podemos ter duas hipóteses: ou os professores não sabem usar as novas tecnologias ou as próprias instituições de ensino não estão equipadas com estes recursos. Devemos procurar entender o que fazer para melhorar este trabalho do professor no ensino da L2 a fim de capacitar novos profissionais para o ensino da L1. Eventualmente será necessária a formação docente de capacitação promovida pelas instituições de ensino como atualmente ocorre em diversos lugares, uma espécie de formação para aprender a manusear o *Canva*.

Dentre as novas tecnologias utilizadas, destacamos o Ambiente Virtual de Aprendizagem, o *Moodle*, o *Chat*, as Videoconferências e as gravações em vídeos. Entretanto, nem todos os profissionais explicaram como é feito o uso das ferramentas e nesse caso podemos entender que talvez as instituições já divulguem através de um tutorial as diferentes formas de acesso e uso destas plataformas. Considerando que as novas gerações não vivem sem conectividade, isso não quer dizer que o livro didático tenha que ficar para o lado e sim que temos que pensar em novos processos de ensinagem que possam atrair os alunos para a aula.

A falta de conhecimento dos professores sobre como prepara uma aula e como usar as novas tecnologias no ensino da L2 pode levar ao erro no aprendizado, como sabemos que o papel não tem movimento, se por acaso o professor for ensinar o sinal de sábado no papel, aquele aluno que faltou não saberá sinalizar o sinal da forma correta, sendo então induzido ao erro, e numa conversa com o professor João Henrique Martins Bulhões sobre este tema, percebemos a importância do uso do leitor de *Qr code* para o aprendizado.

Prontamente no anexo 9 colocamos um documento que ajuda a orientar os professores no preparo de suas aulas através dos planos de curso e nos planos de aula, para que eles possam saber conduzir melhor suas aulas e tentar unir elas ao uso das novas tecnologias.

A pesquisa, buscou verificar quais são as novas tecnologias utilizadas pelos professores que ministram a disciplina de Língua Brasileira de Sinais – Libras, como segunda língua (L2) nos cursos de nível superior visando preparar os futuros professores de Licenciatura e orientar os profissionais de Bacharel sobre a temática que envolve os sujeitos Surdos na sociedade. Embora saibamos que muitos professores de Licenciaturas não almejam trabalhar diretamente com os Surdos, entretanto com a inclusão é possível que estes profissionais acabem deparando com um educando Surdo na sala de aula, o mesmo ocorre com os Bacharéis que também poderão encontrar os Surdos nos mais diferentes serviços ofertados na sociedade de uma forma geral.

O Idioma Pedagógico descrito por Lelis (2001), os Processos de Ensino proporcionados por Anastasiou e Alves (2003), a Visualidade Surda abordada por Campello (2008), a Língua Emergente destacada por Vilhalva (2009) são as principais bases que nortearão a questão pedagógica da Educação de Pessoas Surdas. Sobre a Didática e a Pedagogia, temos Libâneo (1992), Freire (1999), Antunes (2001), Saviani (2003), Delors (2003), Luckesi (2006), Farias et. al. (2011), Guerra (2011), Camilo e Medeiros (2018). Agregados a Camargo e Daros (2021); Lemov (2021); Palfrey e Gasser (2011); Rocha, Ota e Hoffmann (2021) e Tajra (2021) que falam das novas tecnologias, todos eles compõem a principal base teórica desta pesquisa.

O problema em questão demonstra que em pleno século XXI com o avanço das novas tecnologias percebemos que os professores continuam ensinando através do método tradicional e esquecem que atualmente o ensino pode ser ministrado de forma remota, utilizando-se de várias plataformas e que uma aula virtual é totalmente diferente de uma aula presencial. Assim resolvemos fazer uma análise do que é utilizado por estes professores no ensino da Libras no nível superior para saber como eles estão sendo preparados para atender e ensinar as pessoas Surdas após sua formação, não importando se seja de bacharel ou de licenciatura delimitando assim a problemática da questão. Não serão aceitas pesquisas de formação em fundamental ou médio.

Na introdução desta pesquisa pontuamos que Reis (2015), destacou que uma grande quantidade de professores Surdos se formou em Letras/Libras e estão espalhados pelo país ministrando aulas de Libras seja na graduação, na extensão acadêmica e na pós-graduação, dividindo o espaço com professores ouvintes. Gostaríamos muito de que fosse possível a divisão de dois grupos de constituídos por professores Surdos e outro por professores ouvintes, a fim de se fazer uma avaliação comparativa, porém para a realização dessa pesquisa levaríamos mais tempo que o necessário.

Cabe ressaltar que num período em que os estudantes são em grande maioria considerados nativos digitais, a cultura cibernética predomina e ao mesmo tempo surgem as tendências em tecnologias educacionais. Algumas

instituições de ensino já possuem Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA que facilitam o acesso dos estudantes e acompanhamento das aulas. O ensino passou a ser híbrido e ganhou força com a pandemia do Covid-19 (LIMA; REZENDE, 2020), onde as aulas passaram a ser ministradas de forma remota através das mais diversas plataformas.

A pandemia reforçou ainda mais o uso de dispositivos móveis como uma tecnologia educacional e aquelas instituições que criaram um AVA, permitiram ainda que os professores utilizassem os *chatbots* com o intuito de esclarecer as dúvidas dos alunos e ao mesmo tempo foi grande o crescimento do armazenamento em nuvem para os materiais didáticos e paradidáticos além do compartilhamento através do drive.

Tudo isso demonstra que a Educação do Futuro nos leva a uma aprendizagem num mundo em constante transformação e com isso há a necessidade de acompanhar a evolução do ensino, com professores e alunos bem-informados se fazendo uso de tecnologias dominantes inclusive utilizando-se das redes sociais como ferramenta de ensino.

Hoje os professores já fazem uso de Mapas Mentais e Mapas Conceituais além do uso de tutoriais para orientar os alunos os livros por vezes são substituídos por *e-books*. Ao relatar tudo isso percebemos que se insistirmos num processo tradicional estaremos fadados ao fracasso escolar.

Desta pesquisa buscamos analisar as seguintes informações: as mudanças pós-pandemia; a evolução do ensino, os professores e alunos antenados, quais são as tecnologias dominantes (aplicativos, plataformas, etc.).

5. CONSIDERAÇÕES GERAIS

5.1 Conclusões

A busca pelos resultados que fossem essenciais para a responder à hipótese desta pesquisa, que buscou verificar se o professor em sala de aula realmente acompanha a evolução das novas tecnologias ficou aquém de uma resposta mais abrangente. Sendo que é preciso que os atuais professores se enfoquem no estudo das novas gerações, principalmente as gerações Z e Alfa

por estas duas serem gerações que não vivem sem conectividade portanto, uma aula para elas deverá ser dinâmica e envolvendo as questões de seus níveis de aprendizado e conhecimento.

Outra hipótese que foi levantada buscava saber se o professor está preparado para lidar com as novas tecnologias. Pelo que foi verificado durante a análise a maioria deles foca na teoria de currículo Tradicional quando o ideal seria engajar numa teoria pós-crítica para atender a demanda e as propostas dos documentos internacionais cujos compromissos de nosso país são firmados e fazem parte do Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2014). Entretanto para resolvermos esta questão é necessário que se invista também em formações continuadas para os professores além de garantir acessibilidade digital tanto para os professores, quanto para os educandos.

Além destas duas hipóteses levantadas uma terceira é sobre o que é preciso fazer para melhorar o trabalho do professor. Muito do que foi visto na análise da pesquisa é que os professores não estão focando no que é mais importante o preparo do futuro professor para o atendimento aos seus educandos no ensino da L1. A maior parte dos planos de ensino são focados apenas no ensino da Libras e muitas vezes pautado como se fosse um “cursinho” de Libras seguindo as propostas de Felipe e Monteiro (2001) e de Pimenta e Quadros (2006). Na verdade, é necessário que os professores foquem no ensino da didática, na elaboração de um planejamento e de uma proposta curricular que objetive o ensino da L2 como fundamental para o ensino da L1 por parte destes futuros estudantes de Licenciaturas.

O trabalho do professor só será melhorado quando tivermos preparados os descritores de ensino da Libras pautados na BNCC (BRASIL, 2018), além de um currículo abrangente desde a Educação Infantil até o Nível Superior sendo que o ensino da Libras e seu aprofundamento passe a ser parte obrigatória da formação de Libras, de Pedagogia Bilíngue para Surdos e nos cursos de Extensão Acadêmica.

Baseado na proposta de Lelis (2001) temos que reforçar que o Ensino de Pessoas Surdas tem que ser reforçado através do Idioma Pedagógico, isso supõe que a Libras ou as demais Línguas de Sinais identificadas no Brasil, principalmente as dos povos indígenas, passem a ser utilizadas como língua de instrução, em nenhuma aula de outro idioma os professores passam o tempo

inteiro falando através da língua pátria e sim através daquele idioma a ser aprendido. Considerando que a Libras seja a língua natural dos Surdos brasileiros os professores sejam eles ouvintes ou Surdos, devem ensinar sempre focado na L1.

Ao avaliarmos se os professores utilizavam as novas tecnologias, pouco se viu nos planos de ensino algo sobre isso. Em geral citaram o *chat* e as plataformas institucionais (*Moodle*¹⁰⁴), também conhecidas como Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA. Sequer citaram a utilização de lousas digitais, QR codes, ou outros mecanismos.

Dando continuidade a isso foram apontadas na Figura 46 os principais processos de ensinagem utilizados, como citado anteriormente o AVA, a Videoconferência e o Chat são os recursos mais utilizados, esperava-se que o *YouTube* tivesse uma representação maior, o que pode ser uma hipótese pois alguns planos de ensino citavam a criação de vídeos como recurso. Percebe-se que por muitos ainda se pautarem no currículo tradicional parece haver uma barreira entre aceitar ou não o uso das novas tecnologias.

Durante a pandemia do Covid-19 foram utilizados diversos processos de ensinagem, sendo grande parte através de plataformas digitais, os professores tendem a se reciclar e deixarem de ser *professauros*, buscando serem professores aceitando as mudanças e frente às novas gerações temos muito que mudar esse processo. Não foi possível apontar as novas tecnologias menos utilizadas por conta de que muitos se pautaram na teoria de currículo tradicional.

Na Figura 22 apresentamos 12 ferramentas de aprendizagem através das novas tecnologias, podendo elas serem visualizadas através de leitores de *QR code* que ajudam focando a Visualidade Surda (CAMPELLO, 2008), como elas podem ajudar de forma didática no processo ensino/aprendizagem para os futuros professores repensarem suas formas de trabalhar os diferentes processos de ensinagem.

O uso das novas tecnologias se justifica pela necessidade de se atender a demanda de nossa clientela da educação que são os nossos alunos e como já afirmamos são cada vez mais bem-informados e aprendem com uma

¹⁰⁴ Trata-se de uma plataforma de sustentação de atividades à distância de diversos cursos.

velocidade impressionante são adeptos de jogos virtuais e adoram estarem em constante conectividade. A presença do STEM, do STEAM, da Gamificação e da Robótica também fazem parte desta cultura cibernética e o professor de Libras tem que estar preparado para transformar a sua aula de forma didática, trazendo mais dinamismo de uma forma que possa prender a atenção de seus alunos.

Incentivar eles a utilizarem as novas tecnologias os fará se sentirem importantes para a realização daquela atividade curricular e para isso investir em novas tecnologias, criar um currículo de Libras decente que englobe todas as três teorias de currículo, fará com que os professores tenham um enfoque maior no seu trabalho. Seu alinhamento com a BNCC (BRASIL, 2018) incrementando a criação dos descritores poderá futuramente proporcionar uma nova forma de avaliação separada por cada nível de ensino e ao mesmo tempo poderemos reforçar a importância do uso do chat, do leitor de QR code e até mesmo dos links gerados para os estudos. O uso das lousas digitais tem que ser reforçado porque como Campello (2008) já dizia a Visualidade Surda é importante e aqui reforçamos a necessidade de fortalecer a Libras como Idioma Pedagógico no seu aprendizado.

5.2 Perspectivas

Assim, vislumbramos que não basta apenas ministrar uma aula bonita e maquiada ou se limitar a ensinar sinais bonitos, o ensino da Libras objetiva transmitir o aprendizado e conhecimento dela através de sua prática fazendo com que o outro compreenda essa língua e sua importância.

Edouard Huet quando veio para o Brasil jamais pensou em usar a Língua de Sinais Brasileira de forma a ser ensinada como disciplina, ele a fez emergir de dentro de cada aluno e ao mesmo tempo os conduziu ao aprendizado e aos estudos utilizando esta língua como Idioma Pedagógico. Hoje encontramos profissionais que pensam que a Libras tenha que ser disciplina desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental em seus dois segmentos e no Ensino Médio até chegar ao Ensino Superior. Entretanto o

aprendizado da Libras como disciplina deve iniciar apenas a partir do Segundo Segmento do Ensino Fundamental até o Nível Superior.

Na Educação Precoce, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental o aprendizado da Libras deve ser pautado sempre através do uso dela como Idioma Pedagógico, dando um reforço para aqueles que precisam fazer emergir de dentro deles essa língua. A partir dos anos finais a Libras passa a ser ministrada como Idioma onde o ensino dela como outros idiomas se torna obrigatório.

Ao pontuarmos sobre idiomas, reforçamos aqui uma indiferença que é notável na Educação de Pessoas Surdas, o porquê de não ensinar aos Surdos nas escolas bilíngues o aprendizado da Língua de Sinais Americana – ASL, ao invés do Inglês; da Língua de Sinais Francesa – LSF ou até mesmo umas das inúmeras Línguas de Sinais Latinas. Ao que tudo indica ainda estamos sofrendo a influência do ouvintismo neste aspecto por não termos ainda professores especialistas no ensino destes idiomas.

Uma personalização do ensino da Libras deve ser a tendência futura, adaptando-a frente o surgimento de novas tecnologias, e produzindo e criando materiais, métodos e recursos para o ensino. Esta personalização que nos referimos fala de inovar, em plena pós-modernidade, não devemos pensar apenas num único modelo de ensino e sim na diversidade, olhando as diferentes características de cada educando, sua geração, suas habilidades e competências, seu meio em que vive. Para isso necessitamos de um sistema de ensino capaz de desenvolver e apoiar essa mudança com a Educação 4.0, isso se torna essencial.

Aos profissionais de ensino devemos lembrar que uma formação continuada não é fazer um cursinho ou outro aqui e agora, participar de um evento, uma palestra aqui ou acolá. As tecnologias avançam numa velocidade surpreendente então para isso eles devem acompanhar estes avanços e o surgimento de novas tecnologias para poder pensar em como elaborar um trabalho didático capaz de despertar o interesse dos educandos e ao mesmo tempo proporcionar a eles a assimilação do conhecimento.

Segundo Rego e Lima (2010), A educação deve, pois, constantemente, acompanhar as transformações da sociedade, sem deixar de reconhecer as aquisições e os saberes construídos pela humanidade, frutos da experiência humana, contribuindo para a construção da cidadania (REGO e LIMA, 2010, p. 8).

Andar pelos corredores do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, parar em cada canto observar fixamente, sua estrutura física, observar os professores e alunos interagindo, usando uma língua de sinais que há duas décadas ainda não tinha um nome reconhecido. Ver as crianças se comunicando através da visualidade é encantador.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras proporciona aos Surdos brasileiros tudo o que eles precisam, suas mãos fazem histórias, constroem personalidades, produzem poesias, narram estórias, e acima de tudo, representam a voz dos Surdos. É tão lindo ver esta língua sendo praticada que a partir daí temos que pensar em conhecer a fundo sua história.

Vincular o currículo da disciplina de Libras nos cursos de licenciaturas à Pedagogia Surda é essencial. Também devemos corroborar para que haja uma carga horária maior do ensino da disciplina de Libras nas instituições de ensino superior conforme pede a Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002). Lembro muito bem que no grupo formado por profissionais do INES para construir o documento que veio a ser o Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), fui o único a pedir a inclusão e definição de uma carga horária da disciplina, fato rejeitado pela maioria dos envolvidos. Naquele momento entendi que a maioria dos Surdos envolvidos ainda não frequentavam instituições de ensino superior e provavelmente não possuíam ideia da importância da carga horária.

Se ao abordar a questão do currículo vinculado às disciplinas, também podemos pensar no ensino de novos idiomas em Língua de Sinais, como ao invés de aprender o Inglês e o Espanhol para ouvintes, porque não aprender a Língua de Sinais de outros países nestes idiomas seria bacana ver as crianças Surdas aprendendo a Língua de Sinais Americana, a Língua de Sinais da Argentina, a Língua de Sinais Francesa entre outras línguas.

Hoje com a aprovação da Lei 14.191/2021 (BRASIL, 2021) a modalidade bilíngue terá que ter uma atenção maior, voltada principalmente para a Pedagogia Surda onde mudanças nos currículos nas instituições de ensino superior serão necessárias principalmente para a ampliação da carga horária de aulas de Libras. Os professores de Libras nas instituições de ensino superior devem entender que o ensino da Libras não é uma aula de “cursinho” para se aprender o “ABC”¹⁰⁵ e sim uma aula de como se trabalhar os mais variados componentes curriculares de cada disciplina dentro da Pedagogia Surda em sala de aula proporcionando aos futuros professores visão e ideias de como se deve trabalhar com pessoas Surdas na escola.

A respeito da utilização das Novas Tecnologias como ferramenta nos recursos didáticos envolvendo a Libras, tem que ter a ideia de que como os alunos Surdos são filhos de pais ouvintes e chegam sempre na escola sem uma língua, cabe ao professor fazer emergir (VILHALVA, 2009) de dentro deste sujeito a sua língua. E para isso, conforme Huet trabalhava, e Campello resgatou, surge a necessidade de se trabalhar a Pedagogia Visual (Campello, 2008).

Na construção desta Pedagogia Surda, o professor na sala de aula deve acompanhar as evoluções de seu educando, considerando que as novas gerações Z e Alfa que estão nas escolas, são gerações 100% conectadas, ele tem que estar preparado para lidar com os avanços tecnológicos e para isso tem a necessidade de participar de várias formações continuadas com o intuito de aprender com as mudanças.

Nesta pesquisa foi possível notar que os professores não diferenciam o preparo de uma aula presencial de uma aula remota, e, portanto, nos chama a atenção para a necessidade de mudanças e adequações sobre o ponto de vista de se preparar uma aula didática para o ensino da L2 que possa proporcionar ao aluno que se forma o entendimento de se preparar uma aula do ensino da L1 para os Surdos. Logo, isso demonstra o despreparo deles.

Ao trabalharmos a Pedagogia Visual (CAMPELLO, 2008), percebemos que sempre será necessário o uso das novas tecnologias para o entendimento

¹⁰⁵ Referência ao Alfabeto Datilológico conhecido como Alfabeto Manual.

dos movimentos, e quando trabalhamos esta Pedagogia, temos que lembrar que o Idioma Pedagógico (LELIS, 2001), isto é, a língua de instrução tem que ser trabalhada de forma Didática e no caso do ensino dos Surdos, seu Idioma Pedagógico é a Libras que junto com as Novas Tecnologias vai proporcionar um melhor aprendizado para todos.

Ainda em relação ao aprofundamento do aprendizado da Libras, como conhecimento de novos sinais, o professor de Libras deve produzir e criar cursos de extensão universitária para ministrar estas aulas sem misturar o que é fundamental na Pedagogia Surda do que é fundamental no ensino da Libras nos seus diferentes níveis: básico, intermediário e avançado. A respeito do aspecto clínico deve haver uma unidade onde o professor de Libras possa trabalhar as principais causas da surdez, sem um amplo aprofundamento pois não é *priori* este tipo de trabalho e sim o uso da Didática em sala de aula. Com relação aos aspectos Históricos e Sociológicos o professor de Libras deve sim produzir e/ou compartilhar textos onde se enfatizem as ideias de Identidade e Cultura Surda para que os futuros professores possam saber como trabalhar. Uma excelente sugestão seria a produção de *QR Codes* que levem a um texto ou à tradução de um determinado texto terá que ser necessária.

A maioria dos educadores pensam que usar a tecnologia é saber utilizar as seguintes ferramentas: criação de documentos, envio de *e-mails*, criação de apresentações de aulas, eles se equivocam considerando que a Educação Digital não se limita apenas ao manuseio de *tablets*, computadores, *smartphones* para o ensino e aprendizagem. Um professor sem didática, não conseguirá engajar nenhum aluno. O aluno não entende nada e a aula por vezes parecerá que o professor está ensinando sozinho.

Sair de um modelo educacional falido, onde entendemos a necessidade de mudanças que é a transformação digital, onde o professor deixa de ser um professor (ANTUNES, 2013) e assume o papel de ser professor, utilizando a tecnologia para a aplicação das tecnologias ativas, seja através do ensino híbrido, presencial, síncrono ou assíncrono. Está na hora de mudarmos para a implementação de uma Pedagogia Visual bilíngue e que proporcione um excelente aprendizado para os nossos alunos.

6. REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos, e ALVES, Leonir Pessate (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula.** Joinville, SC: UNIVILLE, 2003. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3203177/mod_resource/content/2/Anastasiou%20e%20Alves.pdf. Acesso em 14 de outubro de 2021.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001a. Fascículo 8.

_____. **Glossário para Educadores(as).** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2001b.

_____. **Professores e Professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas.** 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARROS, Daniela Melaré Vieira. **Ensinar no Síncrono e no Assíncrono.** in ROCHA, Daiana Garibaldi; OTA, Marcos; HOFFMANN, Gustavo (org.). **Aprendizagem digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional.** Porto Alegre: Penso, 2021.

BRASIL. **Lei 3.198, de 6 de julho de 1957.** Denomina Instituto Nacional de Educação de Surdos o atual Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Diário oficial da União, Rio de Janeiro, DF, 8 de julho de 1957. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3198.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%203.198%2C%20DE%206,Art.&text=Rio%20de%20Janeiro%2C%20em%206,Independ%C3%Aancia%20e%2069%C2%BA%20da%20Rep%C3%ABlica. Acesso em 13 de abril de 2021.

_____. **Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 14 de outubro de 2021.

_____. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Edição Comemorativa 140 anos.** Colaboração de Solange Rocha. Belo Horizonte: Revista Espaço, 1997.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 13 de abril de 2021.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de

Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 13 de abril de 2021.

_____, Instituto Nacional de Educação de Surdos. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil**. Rio de Janeiro: INES, 2007. Vol. 1.

_____. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010**. Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 de setembro de 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm. Acesso em 14 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 de junho de 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm. Acesso em: 13 de abril de 2021.

_____. **Lei nº13.146, de 6 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 14 de outubro de 2021.

_____, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

_____. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 de agosto de 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm. Acesso em 13 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023**. Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm. Acesso em 3 de fevereiro de 2023.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A Sala de Aula Digital: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo, on-line e híbrido**. Porto Alegre: Penso, 2021.

CAMILLO, Cíntia Moralles; MEDEIROS, Liziani Müller. **Teorias da Educação** [Recurso Eletrônico]. Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. UFSC, 2008. Tese de Doutorado

<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91182/258871.pdf?sequence=1> Acesso em 13 de outubro de 2021.

_____. **A Resistência da Feneis da Denominação da Libras sobre LSCB.** In SOUZA, Regina Maria de (Org.). História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da Anpoll. Curitiba: CRV, 2019.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza; ABREU, Antônio Campos de; PRATES, Magno Prado Gama. **Professores de Libras: quem ensina?** In GARCIA, Maria Izabel dos Santos (Comp.). Fazeres epistêmicos e a educação de Surdos. Santiago, Chile: Centro de Estudios Latinoamericanos de Educación Inclusiva – CELEI, 2020. Disponível pelo link: https://celei.ci/wp-content/uploads/2020/09/LIBRO_FRAZERES-SORDOS_CELEI_11_09_2. Acesso em janeiro de 2022.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o Cidadão?**. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **Breve História dos Surdos no Mundo e em Portugal.** Lisboa: Surd'Universo, 2007. In Espaço nº 42, Rio de Janeiro, 2014.

CRUZ-ALDRETE, Miroslava. **Gramática de la Lengua de Señas Mexicana.** Tesis de doctorado em lingüística. México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios – El Colegio de México, 2008.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** Relatório da UNESCO. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS, Débora Gonçalves Ribeiro. **Avatar sinalizador de Libras aplicado em atividade de livro didático.** Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP, 2018.

DIGIAMPIETRI, Maria Carolina Casati; MATOS, Adriana Horta de. **Pedagogia Visual, Pedagogia Bilíngue e Pedagogia Surda: faces de uma mesma perspectiva didática.** In ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan (Orgs.). São Paulo: FENEIS, 2013.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. [et. al.]. **Didática e Docência: aprendendo a profissão.** 3ª Ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2011.

FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em Contexto: curso básico.** Livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FÜHR, Regina Cândida. **Educação 4.0 e seus impactos no século XXI.** V Congresso Nacional de Educação, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/47017>. Acesso em 13 de outubro de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em:
<http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_p_rojeto_de_pesquisa.pdf Acesso em 14 de outubro de 2021.

GUERRA, Leonor Bezerra. **O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades**. Revista Interlocação. V.4, n.4, p. 3-12, publicação semestral junho 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOEBEL, Rafaela. **O Contexto da Docência da Educação Superior e a Comunicação Online: considerações de uma professora Surda sobre o uso das tecnologias pós-março de 2020**. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

IBAIXE, Carmensita; IBAIXE JUNIOR, João; SOLANOWSKI, Marly. **Preparando Aulas: manual prático para professores: passos para a formação do educador**. São Paulo: Madras, 2006.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Boletim de Serviço do INES**. nº 8 de 29 de agosto de 2008.

KALATAI, Patrícia; STREIECHEN, ElizianeManosso. **As Principais Metodologias Utilizadas na Educação dos Surdos no Brasil**. In III Seminário de Pedagogia. v. 3, n. 1. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati, 2012. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2022.

LELIS, Isabel Alice. **Do Ensino de Conteúdos aos Saberes do Professor: mudança de idioma pedagógico**. Educação & Sociedade, Campinas, Ano XXII, n. 74, p. 43-58, abr/2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/KMQMXFvx6JDY6wBbRS9fpwd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 10 de dezembro de 2021.

LEMOV, Doug; EQUIPE TEACH LIKE A CHAMPION. **Ensinando na sala de aula on-line: sobrevivendo e sendo eficaz no novo normal**. Porto Alegre: Penso, 2021. 142 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

_____, **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6ª Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

LIMA, Neuza Rejane Wille, REZENDE, Carlos Edouard de. SARS-CoV-2. **Revista Ciência Elementar**, v. 8, n. 4, p. 65-77, 2020.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18 Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2006.

MARQUES, Mario Osório. **A Escola no Computador: linguagem rearticulada, educação outra**. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

MELLO, Cleyson de Moraes; ALMEIDA NETO, Rogério Moura de; PETRILLO, Regina Pentagna. **Educação 5.0: educação para o futuro**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2021.

MOURA, Maria. Aparecida. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Revinter: Rio de Janeiro, 2000.

OTA, Marcos Andrei; DIAS-TRINDADE, Sara. **Competências digitais docentes para curadoria de conteúdo**. In ROCHA, Diana Garibaldi da; OTA, Marcos Andrei; HOFFMANN, Gustavo (Orgs.). *Aprendizagem Digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional*. Porto Alegre: Penso, 2021.

OTA, Marcos Andrei; ROCHA, Diana Garibaldi da. **Personalização, Gamificação e as Trilhas de Aprendizagem**. In ROCHA, Diana Garibaldi da; OTA, Marcos Andrei; HOFFMANN, Gustavo (Orgs.). *Aprendizagem Digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional*. Porto Alegre: Penso, 2021.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na Era Digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PERLIN, Gladis T. T. **História dos Surdos**. Florianópolis, Sc: UDESC/CEAD, 2002. Disponível pelo link: <https://livrozilla.com/doc/764677/hist%C3%B3ria-dos-surdos>. Acesso em 01 de março de 2022.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos**. CCE. Letras Libras: Florianópolis, 2008. Disponível pelo link: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducaoDeSurdos/assets/279/TEXT0_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf. Acesso em 18 de outubro de 2021.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice M. de. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro, RJ: LSB Vídeo, 2006.

PINHEIRO, Marcus Vinicius Freitas; DINIZ, Heloise Gripp e OLIVEIRA, Ronise Conceição de. **Aspectos históricos dos movimentos sociais e políticos dos cidadãos surdos: uma experiência curricular no INES** – In Surdez: Diversidade Social – INES (org.), Divisão de Estudos e Pesquisas – Rio de Janeiro, 2001.

PINHEIRO, Marcus Vinicius Freitas. **Atividade Lúdica na 1ª Série do Ensino fundamental**. In Arqueiro, vol. 3. Rio de Janeiro, RJ: INES, 2001.

_____, Marcus Vinicius Freitas. **Entrevista**. In Arqueiro, vol. 7. Rio de Janeiro, RJ: INES, 2003.

REALE, Giovanni. **Salvar a escola na era digital**. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

REGO, Luciana Borges do; LIMA, Maria Vitória Ribas e Oliveira. **Didática**. Recife: UPE, 2010.

REIS, Flaviane. **A Docência Superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos**. (Tese de Doutorado) Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2015. Disponível pelo link: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17759/1/DocenciaEducacaoSuperior.pdf> Acesso em 4 de janeiro de 2022.

ROCHA, Daiana Garibaldi; OTA, Marcos; HOFFMANN, Gustavo (org.). **Aprendizagem digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional**. Porto Alegre: Penso, 2021.

ROCHA, Solange Maria da. **O processo de produção de memória coletiva para a construção de uma historiografia contemporânea no campo da educação de surdos no Brasil**. In SOUZA, Regina Maria de (Org.). História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da Anpoll. Curitiba: CRV, 2019.

SÁ, Nidia Regina Limeira de. **Cultura, poder e Educação de Surdos**. Manaus, AM: INEP, 2004.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima (et. al.). **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

SANTANA, Leonor. **Comportamento dos Sujeitos na Sociedade 4.0**. in TAJRA, Sanmya (org.). Metodologias Ativas e as tecnologias educacionais. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

SANTOS, Deize Vieira; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Breve Histórico dos Estudos Sobre a Língua de Sinais no Brasil, do Final dos Anos 70, até o Início da Segunda Década dos anos 2000: resgatando os surdos da marginalização**. In SOUZA, Regina Maria de (Org.). História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da Anpoll. Curitiba: CRV, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórica-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SILVA, Gislaine Cristina Alves; ROSS, Paulo Ricardo. **Currículo, Práticas Pedagógicas e Novas Tecnologias na Educação Inclusiva**. In Cadernos PDE. Curitiba/PR, 2016. Disponível pelo link: [CURRÍCULO, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA \(diaadiaeducacao.pr.gov.br\)](http://curriculo.praticaspedagogicasenovastecnologiasnaeducacaoinclusiva.diaadiaeducacao.pr.gov.br). Acesso em 17 de junho de 2022.

SKLIAR, Carlos. **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação do Surdo no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1999.

SOUZA, Isaac Gomes Moraes de. Tradutor e intérprete de língua de sinais e língua portuguesa: um abismo entre a formação e atuação. Fórum. INES: Rio de Janeiro/RJ, nº 31, p. 37-46, 2015.

STROBELL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis, 2009.

STUMPF, Marianne Rossi. **Educação de Surdos e Novas Tecnologias**. CCE. Letras Libras: Florianópolis, 2010. Disponível pelo link: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/educacaoDeSurdosENovasTecnologias/assets/719/TextoEduTecnologia1_Texto_bas_e_Atualizado_1_.pdf Acesso em 18 de outubro de 2021.

TAJRA, Sanmya (org.). **Metodologias Ativas e as tecnologias educacionais**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

TAVARES, Aline et. al. **Curadoria: elemento importante na construção de projetos educacionais inovadores**. in ROCHA, Daiana Garibaldi; OTA, Marcos; HOFFMANN, Gustavo (org.). Aprendizagem digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional. Porto Alegre: Penso, 2021.

VILHALVA, Shirley. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul**. Florianópolis, SC: UFSC, 2009. Disponível pelo link: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92972/271269.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 26 de fevereiro de 2022.

LISTA DE SITES

ANTUNES, Celso. **Educação e Mudança**. 2010, Disponível em: www.celsoantunes.com.br/1346-2/. Acesso em 10 de dezembro de 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Dicionário de Libras**. INES, 2005. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. Acesso em 25 de janeiro de 2022.

COLACIQUE, Raquel Capucho. **Visualidades Surdas na Cibercultura: aprendizagens em rede**. UERJ, Tese de Doutorado, 2021. Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/1739142009_1-560-DO.pdf. Acesso em 17 de junho de 2022.

EIJI, Hugo. **Surdez na Idade Média/Moderna**. Cultura Surda, 2011. Disponível em: <https://culturasurda.net/idade-media-moderna/>. Acesso em 10 de dezembro de 2021.

GARDNER, Howard. **Howard Gardner e a Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto da Linguagem,xxxx<https://portodalinguagem.com.br/howard-gardner-e-a-teoria-das-inteligencias-multiplas/>Acesso em 25 de janeiro de 2022.

GAROFALO, Débora. **Educação 4.0: o que devemos esperar**. Revista Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9717/educacao-40-o-que-devemos-esperar>. Acesso em 10 de dezembro de 2021.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Histórias Infantis em Libras**. INES, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCLrYnAdQHXY2YZavgWjaYyw>. Acesso em 25 de janeiro de 2022.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Histórias Infantis em Libras**. INES, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCLrYnAdQHXY2YZavgWjaYyw>. Acesso em 25 de janeiro de 2022.

MAIA, Maria Cristina Queiroz. **Deficiência Auditiva, uma história de vida**. Monografia, Uni-Rio, 1996. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/MariaCristinaQueirozMaia.PDF>. Acesso em 17 de junho de 2022.

PEREIRA, EdouardKlimick. **A Construção de personagem & aquisição de linguagem: o desafio do RPG no INES**. Dissertação de Mestrado, PUC/RJ, 2003. Disponível em: <http://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/article/view/161/145>. Acesso em 17 de junho de 2022.

UNESCO. **Declaração de Incheon: Educação 2030: rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos**. World EducationForum, Incheon, Coréia do Sul, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233137> por. Acesso em 13 de março de 2023.

UNICEF, 2020. **Dois terços das crianças em idade escolar no mundo não têm acesso à internet em casa, diz novo relatório do UNICEF-ITU**. Disponível pelo link: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-tercos-das-criancas-em-idade-escolar-no-mundo-nao-tem-acesso-a-internet>Acesso em 10 de dezembro de 2021.

7. ANEXOS

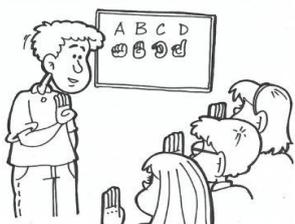
ANEXO 1

DIFERENTES TIPOS DE INTÉRPRETES

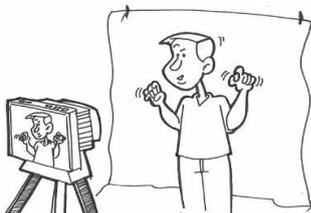
- 1 O Intérprete Auxiliar** – A tradução é feita por familiares, amigos ou pessoas solidárias às condições de incomunicabilidade das pessoas surdas. Seu papel principal é o de “ajudar” os surdos.


- 2 O Intérprete Redentor** – Através dos trabalhos religiosos, são pessoas que atuam nas Igrejas e Templos e segundo SOUZA (2015, p. 41) a visão sobre essa atuação deixa o plano auxiliar e passa a assumir um caráter redentor. Seu papel principal é o de salvar as almas dos surdos. Embora muitos TILSP tenham iniciado seus trabalhos nas Igrejas e Templos, poucos foram os que se especializaram.


- 3 O Intérprete Compensador** – Surgiu com a Lei da Acessibilidade (BRASIL, 2000), onde o Poder Público se responsabiliza por garantir a acessibilidade, buscando que eles sejam facilitadores do processo. Sendo conhecidos como “ferramentas de acessibilidade”, para isso não havia necessidade de formação e sim conhecimento da Libras.


- 4 O Intérprete Garantidor de Acessibilidade** – Quase semelhante ao Compensador, mas surgiu em 2010 com a Lei dos Intérpretes (BRASIL, 2010), onde define como pré-requisito apenas a fluência na Libras e formação inicial em nível de Ensino Médio. Ao mesmo tempo, segundo SOUZA (2015, p. 43) ele passa a ser um instrumento de acessibilidade. Sendo esse profissional tendo apenas uma formação mínima.


- 5 O Intérprete Especialista** – Esse segue os preceitos da Lei da Libras (BRASIL, 2002) e do Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) sendo este profissional formado em nível de graduação ou pós-graduação em Letras/Libras – Tradução e Interpretação sendo então um profissional fluente e especialista. Apesar da sua formação é necessário que haja um processo seletivo onde seu domínio e conhecimento linguístico seja avaliado.



Fonte: Adaptado de SOUZA, 2015.

Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado e Vanessa Alves de Sousa Lesser

ANEXO 2

As diferentes formas de inteligências múltiplas são as seguintes:



Fonte: Adaptado de GARDNER, 1993.

ANEXO 3

SURDOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO

Pierre Desloges

(1747-1799)



Era um escritor Surdo francês, ficou surdo aos 7 anos devido ao Sarampo. Aprendeu a Língua de Sinais Francesa aos 27 anos em contato com os surdos locais. Apesar de não ser um educador é o autor do primeiro livro publicado por um Surdo, onde defendia que a Educação de Surdos deveria se opor à oralização, criticando o método alemão.

(Lane e Philip, 1984, p. 28)

Jean Massieu

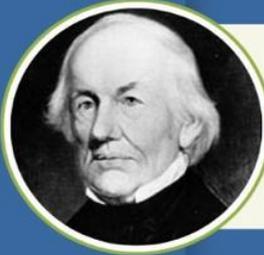
(1772-1846)



Primeiro Surdo a tornar-se Educador de Surdos, ensinou junto com o Abade Sicard no Instituto de Jovens Surdos de Paris.

Louis Laurent Marie Clerc

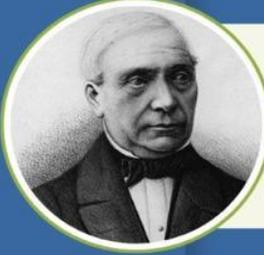
(1785-1869)



Ensinado pelo Abade Sicard que sucedeu L'Epée, e pelo educador Massieu, Laurent Clerc é considerado o maior "Apóstolo de Surdos da América".

Ferdinando Berthier

(1803-1886)



Surdo francês que escreveu a biografia de L'Epée a pedido dos membros da Sociedade para as Ciências Morais, Letras e Artes de Seine- et - Oise. Defendia a tese de que a Língua de Sinais deveria ser composta pelos sinais criados pelos próprios Surdos.

Edouard Huet

(?-1882)



Foi um educador que buscava integrar os Surdos na sociedade, executou trabalhos no Brasil e no México que culminaram no pioneirismo do desenvolvimento da Educação de Pessoas Surdas em ambos países.

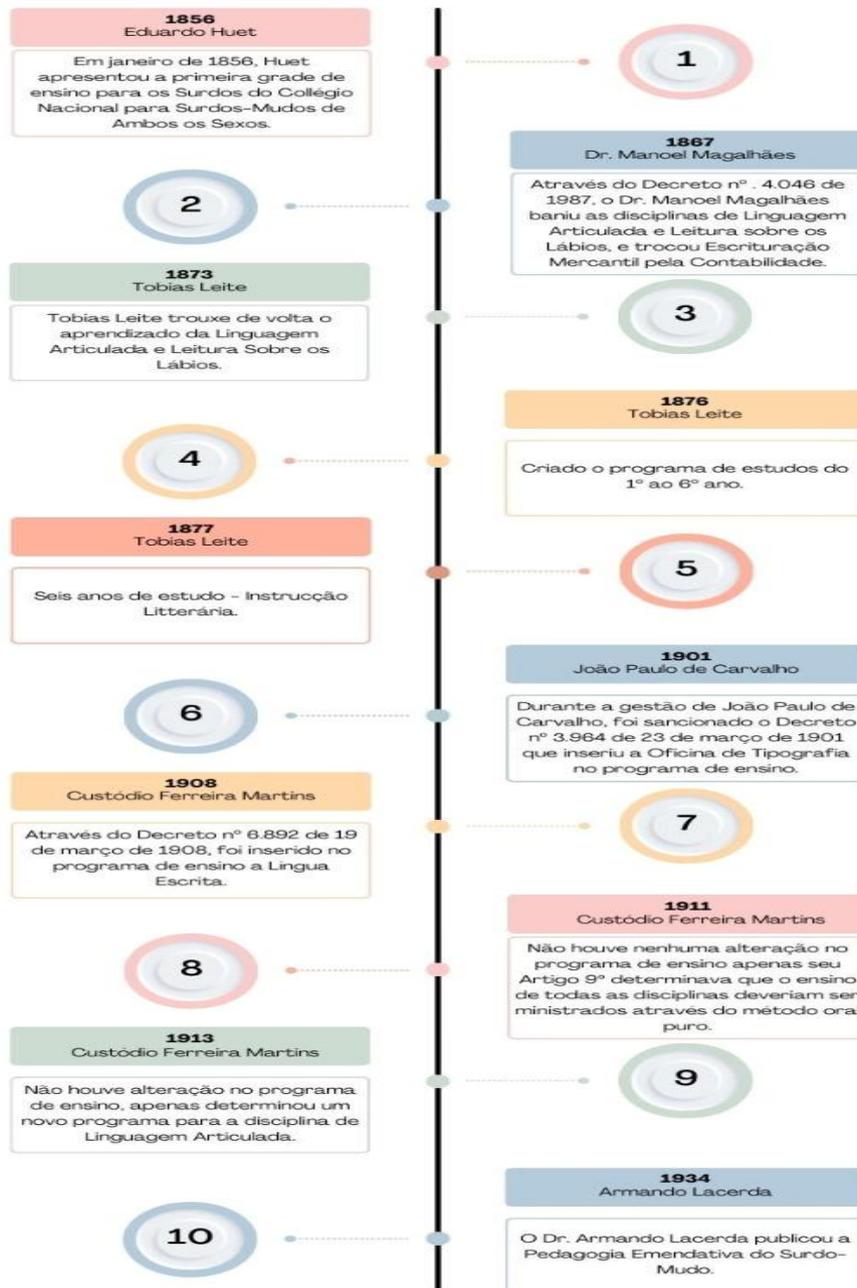
Fonte: elaborada pelo autor.

Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado

ANEXO 4

Programas de Ensino

INES



Fonte: Adaptado de INES, 1997 e LACERDA apud SOARES, 1999.
Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado

ANEXO 5

Modelo de Plano de aula de Felipe e Monteiro, 2001.

PLANO DA 7ª AULA

A - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

No final dessa aula os alunos serão capazes de:

- Entender as estratégias para localização em LIBRAS;
- Construir e entender diálogos com situações para Localização e Direção;

B - RECURSOS MATERIAIS

- Livro de aluno;
- Papéis xerocados com diálogos;
- Papéis xerocados com mapas.

C - CONTEÚDOS E ESTRATÉGIAS

Orientações do Professor

- O professor trabalhará com os pronomes pessoais, com os verbos: TER/ TER-NÃO e QUERER/ QUERER-NÃO;
- O professor também trabalhará com os pronomes demonstrativos e advérbios de tempo e situações para as localizações e direções.

1 Jogo de adivinhações

1.1- O professor descreve pessoas, animais e coisas para que os alunos possam adivinhar.

Fazer 4 adivinhações para não ficar cansativo.

2 Exercícios - "Figuras geométricas com números e letras"

2.1. O Professor distribuirá para os alunos vários desenhos e pedirá para cada aluno desenhar no ar, em frente a seu colega do lado, outras figuras geométricas com letras e números. Esse colega terá de localizá-los no papel.

ANEXO 6

Modelo de Plano de Aula de Pimenta e Quadros, 2006.

SUMÁRIO	
Unidade 7, páginas 55-61	
Tema	Descrever as pessoas de acordo com sua aparência e localização no espaço.
Objetivo	Identificar os nomes dos colegas através dos sinais e da localização espacial.
Informações interessantes	Brincadeiras e piadas visuais.
Gramática da LSB	Uso do espaço. Comparação.
Compreensão e produção de sinais	Descrição das pessoas e de sua localização espacial.
Conversação	Conversação sobre pessoas em diferentes figuras e sobre as próprias pessoas do grupo, observando suas características.
Jogos	Amigo secreto. Desenhe no espaço. Diferente ou igual.
Unidade 8, páginas 62-69	
Tema	Línguas, diferenças e similaridades.
Objetivo	Discutir sobre o estatuto linguístico da língua de sinais brasileira. Explorar o espaço de sinalização.
Informações interessantes	Língua de sinais brasileira é língua.
Gramática da LSB	Classificadores para formas.
Compreensão e produção de sinais	Comparação dos aspectos da LSB estudados com a forma análoga no português e outras línguas de sinais. Apontação e localização espacial.
Conversação	Conversação sobre as diferentes línguas existentes no mundo, suas diferenças e similaridades.
Jogos	Brincando com exemplos do português, da LSB e de mímica. Desenho no espaço.
Unidade 9, páginas 70-76	
Tema	Descrevendo coisas.
Objetivo	Usar classificadores e os sinais das cores para realizar descrições.
Informações interessantes	Festas surdas: as cores em destaque.
Gramática da LSB	Classificadores descritivos para objetos.
Compreensão e produção de sinais	Descobrimo as formas e as cores.
Conversação	Conversação sobre as cores no cotidiano dos alunos. Descrição de objetos utilizando classificadores e cores.
Jogos	Jogo de varetas.
Revisão das unidades 7-9, página 77	

ANEXO 7

Currículo de Libras – INES, Ensino Fundamental 1º Segmento. (Pinheiro, Diniz e Oliveira, 2001, p. 76.)

SECAF e CAAF – Ensino Fundamental – 1ª a 4ª Série		
Programa	Objetivos	Recursos
<ul style="list-style-type: none">• Identidades Surdas;• Língua de Sinais – definição;• História do INES;• Apresentação do Livro do Flausino;• Vivências em Libras;• Apresentação de fitas e vídeos em Libras;• Depoimento de Surdos adultos.	<ul style="list-style-type: none">• Conhecer a si como pessoa Surda (auto-estima);• Consciência de Língua;• Por meio da História do INES, reconhecer-se como sujeito dessa história;• Compreensão de texto;• Interpretação de texto;• Produção de texto individual e coletivo.	<ul style="list-style-type: none">• Revistas;• Fotos;• Histórico do INES – 140 anos;• Livro do Flausino;• Cartilha em Libras;• Vídeos em Libras;• Entrevistas.

ANEXO 8

Currículo de Libras do INES – Ensino Fundamental 2º Segmento e Ensino Médio (Pinheiro, Diniz e Oliveira, 2001, p. 77).

SEJAD – Ensino Fundamental – 5ª a 8ª Séries e Ensino Médio			
Conteúdo	Objetivos	Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Identidade dos Surdos; • História da Educação dos Surdos e da Língua de Sinais; • Contexto da Fundação do INES; • Ernest Huet – o fundador; • Flausino José da Gama – Iconografia dos Sinais – 1875; • A Língua de Sinais no INES; • Língua de Sinais e os Surdos no contexto mundial; • Organização Política dos Surdos no Brasil e no mundo; • Associações de Surdos; • Resgate histórico da Feneis; • Libras – a luta pela legalização. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a si como pessoa Surda (auto-estima); • Conhecer a história da Educação de Surdos e das Línguas de Sinais no contexto mundial; • Situar historicamente o INES e identificar sua importância no cenário nacional; • Conhecer Ernest Huet e seu trabalho no instituto; • Reconhecer a importância do trabalho de Flausino para a pesquisa de Libras; • Conhecer as Línguas de Sinais de outros países e estabelecer comparações com a Libras; • Reconhecer-se como cidadão historicamente situado e identificado com a luta da Comunidade Surda mundial e brasileira; • Conscientizar a Comunidade Surda a lutar por seu espaço. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo; • Pesquisa na família; • Visita ao acervo da instituição; • Pesquisa nos documentos da instituição (individual e coletiva); • Dramatização da história do INES; • Entrevistas com ex-alunos do INES; • Pesquisa na internet; • Debates a respeito da situação dos Surdos no Brasil e no mundo; • Depoimentos de Lideranças Surdas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Revistas; • Fotos; • Documentos impressos e iconográficos do acervo do INES; • Histórico do INES – Espaço – Edição 140 anos; • Livro: iconografia de Sinais; • Fitas de vídeos em Libras; • Informática; • Visita à Feneis; • Documentos sobre a legalização da Libras; • Projeto nacional; • Entrevistas.

ANEXO 9

MODELO DE PLANO DE CURSO OU PLANO DE DISCIPLINA

Cabeçalho	
Aqui você deve identificar a instituição	
1. Identificação	1.1 Nome do curso ou disciplina; 1.2 Período/Ano; 1.3 Instituição (Ex: Faculdade de ...); 1.4 Nome do Professor; 1.5 Duração do curso e/ou carga horária; 1.6 Modalidade de Ensino: Presencial, Híbrida ou Remota; 1.7 Dias da semana de aula; 1.8 Horário (manhã, tarde ou noite); 1.9 Número de participantes (por grupo, se houver); 1.10 Número de grupos (se houver); 1.11 Início e término (a hora).
2. Objetivos da disciplina ou do curso	2.1 Se divide em duas partes: gerais e específicos; Objetivo Geral 2.2 Explicar o que pretende o curso; Objetivos Específicos 2.3 Explicar quais aprendizagens quer alcançar; 2.4 Explicar qual a contribuição será oferecida ao participante para atingir os objetivos propostos.
3. Conteúdo programático/Ementa	Os conteúdos devem vir em forma de temas, cada aula um tema. Dependendo do tema, a aula pode durar mais dias. Exemplo de tema: Aula 10 – Gramática da Libras – Parâmetros.
4. Estratégias/Metodologia	As estratégias no planejamento indicam os tipos de atividades que serão utilizadas pelo professor, para ajudar os participantes a atingir os objetivos propostos na aula. Aulas presenciais possuem estratégias diferentes das aulas remotas. Lembrando que cada aula pede uma estratégia diferente. Exemplos de Estratégias: 4.1 Aulas expositivas dialogadas; 4.2 Dinâmicas de grupos; 4.3 Exercícios práticos. Por ser aula de uma Língua, tem que explicar que elas serão ministradas através da Língua de Sinais, utilizando como Idioma Pedagógico. Completando com a utilização de retroprojeto; projetor de slides; quadro branco; data show; chat; YouTube; cartaz; computador, textos em pdf, plataformas para aulas e dúvidas, etc. Não esquecer que a arrumação do cenário também é importante. Exemplos: arrumação da sala em forma de U, arrumação da sala em círculos, etc.
5.	
6. Bibliografia	Aqui se divide em duas partes: Bibliografia Básica e Bibliografia Complementar. Lembrando que a preferência da Bibliografia Básica são para publicações mais recentes (últimos 5 anos), que mostra que o professor se atualiza. Bibliografia Básica:

	<p>Citar as bibliografias mais utilizadas (no mínimo 3). <u>Bibliografia Complementar:</u> Citar as bibliografias que vão ajudar os participantes a achar assuntos sobre os conteúdos (não há limite de referências, mas não citar as que não vai usar). Todas as referências devem ser colocadas conforme as normas da ABNT ou da própria instituição, quando houver.</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Adaptada de IBAIXE; IBAIXE JUNIOR; SOLANOWSKI, 2006.

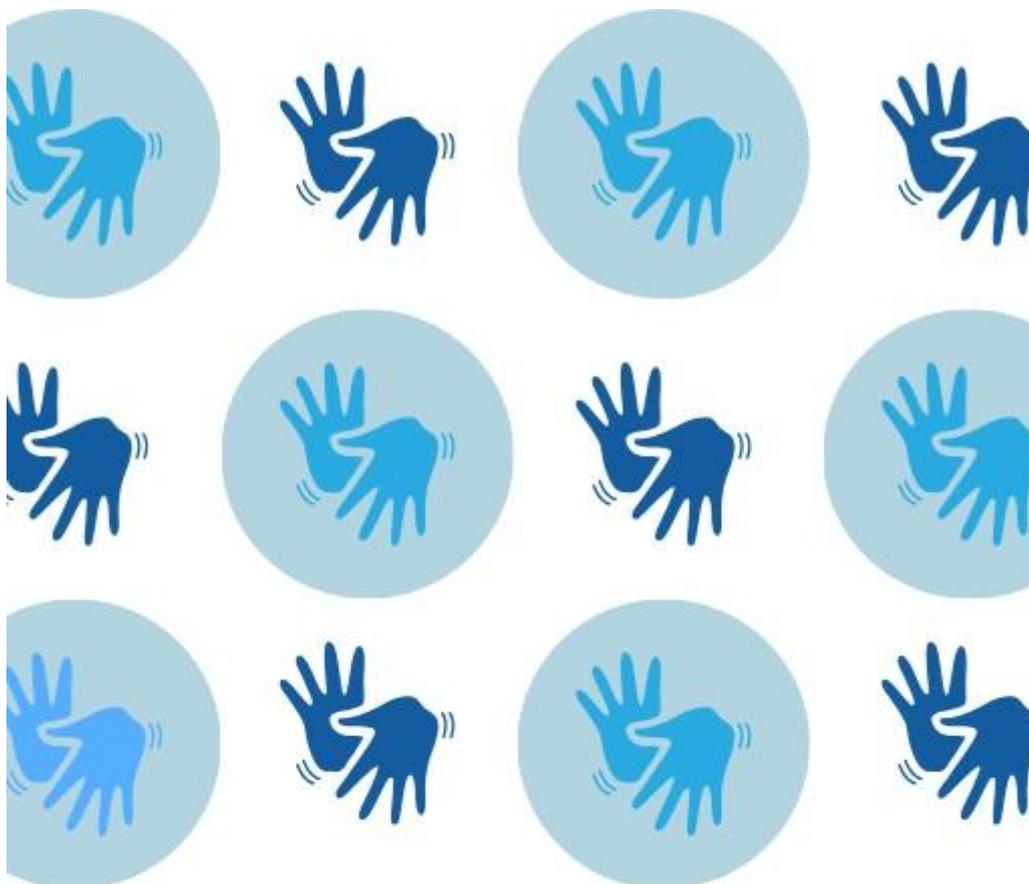
MODELO DE PLANO DE AULA OU PLANO DE UNIDADE

Cabeçalho	
Aqui você deve identificar a instituição	
1. Identificação	<p>1.1 Nome do curso ou disciplina; 1.2 Instituição (Ex.: Faculdade de ...); 1.3 Período/Ano; 1.4 Nome do Professor; 1.5 Unidade (Ex.: Unidade I, 1ª aula, 2ª aula...); 1.6 Duração do curso e/ou carga horária (x: 2h/a); 1.7 Modalidade de Ensino: Presencial, Híbrida ou Remota; 1.8 Data; 1.9 Horário (manhã, tarde ou noite); 1.10 Início e término (a hora).</p>
2. Objetivos da aula	<p>Os objetivos devem explicar sobre esta aula de forma clara, explicando o que acontecerá ao final da aula para o aluno. Estes objetivos devem direcionar a ação do professor e a aprendizagem do aluno.</p>
3. Conteúdo/Ementa	<p>Aqui o professor deve colocar os conceitos básicos da aula, explicando o que vai ser trabalhado. Ex.: Aula 10 – Gramática da Libras/Parâmetros: 10.1 História dos parâmetros – texto (tempo); 10.2 Conhecendo os Cinco Parâmetros (tempo);</p> <ul style="list-style-type: none"> • Configuração de Mãos; • Ponto de Articulação; • Movimento; • Orientação; • Expressões não manuais. <p>10.3 Prática com os parâmetros (tempo); 10.4 Atividades (tempo).</p> <p>Se houver trabalho para casa deve colocar, e sempre que puder cite novas fontes de referências para o aluno pesquisar (sites, livros, textos, artigos, etc).</p>
4. Bibliografia	<p>Citar aqui apenas as referências que são para esta aula, podem ser da Básica e da Complementar, sem separação seguindo as normas da ABNT ou da instituição se houver.</p>
5. Estratégias/Metodologia	<p>Nesta parte deve colocar como a sala será arrumada se precisar. Quais recursos materiais irá utilizar, lembrando que para aulas presenciais os recursos são diferentes das aulas remotas. Organizar como será distribuído o tempo de aula conforme o conteúdo citado. O professor tem que saber organizar o tempo para poder distribuir bem durante a duração da aula, não deixando tempo ocioso, lembrando, ainda, que se for aula remota o</p>

	aluno não gosta de ficar muito tempo parado olhando para a tela.
6. Avaliação	O que será avaliado nesta aula, a participação do aluno, a interação, a frequência, o desempenho, etc. O professor deve estabelecer os critérios que vai usar para avaliar os alunos durante a aula.

Fonte: Adaptada de IBAIXE; IBAIXE JUNIOR; SOLANOWSKI, 2006.

8. APÊNDICE



PEDAGOGIA VISUAL: LIBRAS & DIDÁTICA

**A UTILIZAÇÃO DAS NOVAS
TECNOLOGIAS COMO FERRAMENTA
NOS RECURSOS ENVOLVENDO A
LIBRAS**

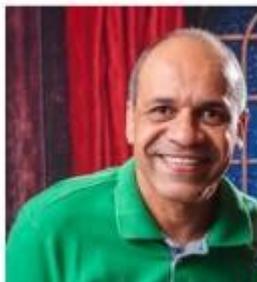
MARCUS VINICIUS FREITAS PINHEIRO
ANA REGINA E SOUZA CAMPELLO

2024



FICHA CATALOGRÁFICA

O AUTOR



Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/1338490838312852>

Orcid:

<https://orcid.org/0000-0002-7947-2427>

e-mail:

mvfpinheiro@id.uff.br

Marcus Vinícius Freitas Pinheiro

Mestrando Profissional em Diversidade e Inclusão, do Instituto de Biologia da Universidade Federal Fluminense. Especialista Lato Sensu em Administração e Planejamento da Educação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Graduado em Pedagogia com habilitação em Magistério de Matérias Pedagógicas de 2º Grau (Ensino Médio) e Educação Especial com ênfase na Educação de Pessoas Surdas (UERJ). Atua como Professor Supervisor de Ensino na Secretaria Municipal de Educação de Macaé e Professor Inspetor Escolar da Secretaria Municipal de Educação de Cabo Frio. Formado como Técnico em Eletrônica na Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá (ETEVM/Faetec). Possui experiência na área de Educação aonde foi um dos primeiros professores de Língua Brasileira de Sinais (Libras) como disciplina na grade curricular do Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) sendo o primeiro Professor Orientador (PO) da disciplina, ministrou inúmeras palestras, Oficinas e Assessorias Técnicas pelo país sendo ainda um dos primeiros professores de Libras em Nível Superior. Trabalha com Legislação Educacional Brasileira, produzindo minutas de documentos, fiscalizando as instituições públicas e privadas, dando suporte às equipes gestoras. Sua especialização é com Educação Inclusiva, Língua de Sinais, Tecnologias, Didática, Políticas Públicas, e criação de materiais didáticos para surdos.

2

A CO-AUTORA



Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/6945261731062194>

Orcid:

<https://orcid.org/0000-0003-1464-9524>

e-mail:

anacampello@id.uff.br

Ana Regina e Souza Campello

Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (1996), graduação em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula (1981) e doutorado em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina (2008). Atualmente é coordenadora do gt libras - (ABRALIN) Associação Brasileira de Linguística, vice diretora de articulação política da Federação Brasileira de Profissionais Intérprete de Língua de Sinais, vice coordenadora do gt libras da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística, associada da Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais, sócia da Associação de Tradutores Intérpretes e Guia-intérpretes de Língua de Sinais, docente do Curso de Mestrado Profissional de Diversidade e Inclusão, docente - Pós Graduação de Ciências, Tecnologia e Inclusão, assessora da Federação Desportiva dos Surdos do Estado do Rio de Janeiro, primeira tesoureira do Centro de Integração de Arte e Cultura Surda, professora adjunta do Instituto Nacional de Educação de Surdos, pesquisadora do Instituto Nacional de Educação de Surdos e coordenadora adjunta do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em Educação, atuando principalmente nos seguintes temas: língua de sinais, libras, educação, educação dos surdos e ensino de libras.

3



PREFÁCIO

Profissional a ser convidado(a)

....

DEDICATÓRIA

Essa dissertação de mestrado profissional é dedicada a Deus e a todos os seres humanos que fizeram parte da minha trajetória de vida de forma direta ou indireta que me ajudaram a aprender e crescer como Surdo. É e foi um enorme prazer conhecer todos vocês em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Fazer essa dissertação de mestrado, proporcionou muitos desafios, tristezas, incertezas, alegrias e alguns percalços pelo caminho e tudo isso só foi possível com o apoio, a energia e a força de várias pessoas as quais agradeço aqui neste espaço.

Aos meus falecidos pais José (Zeca) e Wanda, que sempre acreditaram em mim, como Surdo e ser humano e foram meus maiores incentivadores, no que podemos dizer hoje, meus primeiros influenciadores.

À Aline Leal, minha esposa que me ajudou muito na construção deste trabalho com amor e partilha, sem contar com o apoio incondicional da nossa querida filha Alice, que mesmo querendo estar comigo respeitava meus momentos de estudo, e ela foi o meu maior estímulo para agir nesta empreitada, espero poder retribuir as horas de brincadeiras que não pude estar ao lado dela.

Aos meus irmãos, Márcia Helena, Mírian Paula e Marcelo Alexandre que também acompanham minha trajetória juntamente com a tia Vilma (Dinda) e seus filhos, Elizabeth, Kleber, Wagner e Keelder que junto com suas noras, esposas, filhos e filhas formam a minha numerosa família.

Ao meu querido primo e meio irmão, já falecido durante essa jornada, Weber que sempre me deu muitos ensinamentos e foi um grande incentivador. Jamais esquecerei de seus conselhos.

À minha orientadora Dr.^a Ana Regina e Souza Campello, pelos seus diálogos, ensinamentos, paciência e condução desta pesquisa. Suas contribuições foram muito relevantes para meu crescimento e aprendizado.

Às queridas Marileia Soares de Araújo Mozer, simplesmente Mary e Anne Emanuelle G. Ferreira por terem me ajudado na organização dos trabalhos desta pesquisa juntamente com as queridas Bruna Moreira de Pádua Machado e Vanessa Alves de Sousa Lesser por terem contribuído com as ilustrações tão necessárias na Pedagogia Visual.

Aos colegas do CMPDI da UFF, pela constante ajuda e troca de informações sobre os trabalhos e pesquisas, suas contribuições ajudaram em muito no desenvolvimento desta pesquisa.

Aos amigos Surdos: Antônio Campos Abreu, Joaquim Amado, Heveraldo Alves Ferreira, Rafaela Hoebel e Shirley Vilhalva, que no decorrer desta pesquisa me ajudaram com suas contribuições.

Às minhas coordenadoras Janeide Sena Gondim e Ana Paula Rodrigues Aguiar Maciel por me darem suporte logístico e me apoiarem compreendendo a necessidade de meu crescimento como profissional da Educação.

Aos amigos Surdos que já se foram e aqueles que estão presentes e de alguma forma direta ou indireta, contribuíram para o meu crescimento como Ser Surdo e a aquisição da minha identidade cultural, aqui deixo o meu reconhecimento e agradecimento a todos.

Aos meus professores e amigos não-surdos que estão vivos e que já se foram, porém de alguma forma deixaram marcas em minha história de vida, agradeço as contribuições de cada um.

A todos deixo a minha gratidão!

SUMÁRIO

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS	10
LISTA DE FIGURAS	13
LISTA DE QUADROS E TABELAS	14
RESUMO	15
ABSTRACT	16
1. INTRODUÇÃO	17
1.1 Da Obscuridade à Mudança	17
1.2 A Escolha do Tema de Pesquisa	27
2. PEDAGOGIA, EDUCAÇÃO E DIDÁTICA	37
2.1 Conhecendo a Pedagogia, a Educação e a Didática	37
2.2 Pedagogia e Didática: entendendo o papel do educador frente as mudanças	45
2.3 Pedagogia: uma ciência da educação	50
2.4 Educação: do seu ponto de vista aos seus quatro pilares	54
2.5 Didática: sua origem e importância	58
2.6 A Prática da Didática na Docência	60
3. AS NOVAS TECNOLOGIAS	69
3.1 O que nos leva a usar as Novas Tecnologias?	69
3.2 Um Pequeno Panorama Histórico	71
3.3 As Novas Tecnologias no Aspecto Educacional	79
3.4 Ferramentas de Aprendizagem Digital	84
4. EDUCAÇÃO DE PESSOAS SURDAS	88
4.1 Do homem primitivo até a Idade Moderna	88
4.2 Educação de Pessoas Surdas: A Idade Moderna	91
4.3 A Educação de Surdos no Brasil: de Huet até a Pedagogia Emendativa	94
4.4 A Educação de Surdos no Brasil: do Curso Normal aos movimentos sociais	105
4.5 A Educação de Surdos no Brasil: Libras como disciplina curricular	114
5. DISCUSSÃO	119
6. CONSIDERAÇÕES GERAIS	125
6.1 Conclusões	125
6.2 Perspectivas	127
REFERÊNCIAS	133
LISTA DE SITES	139

LISTA DE ABREVIATURAS, SIGLAS E SÍMBOLOS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AACS(a)	Associação de Assistência à Criança Surda
AACS(b)	Associação Alvorada Congregadora de Surdos
APADA	Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição
ASL	American SignLanguage
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BDTD	Biblioteca Digital de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CCS	Casa de Cultura do Silêncio
CC	ClosedCaptions
CD	Compact Disc
Cefet	Centro Federal de Educação Tecnológica
CES	Centro Educacional de Surdos
CMPDI	Curso de Mestrado Profissional em Diversidade e Inclusão
CODA	ChildofDeafAdults
Covid-19	Coronavírus 19
CT	Comunicação Total
DI	Descrição Imagética
Dr.	Abreviatura de Doutor
Dr. ^a	Abreviatura de Doutora
DVD	Digital Versatile Disc
EAD	Educação à Distância
EJA	Educação de Jovens e Adultos
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
etc	Abreviatura de “e outras coisas”
Ex.	Abreviatura de exemplo.
Faetec	Fundação de Apoio à Escola Técnica
FDSERJ	Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro
Feneis	Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos
IA	Inteligência Artificial

IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
IMERO	Instituto Municipal de Educação de Rio das Ostras
INES	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Inosel	Instituto Nossa Senhora de Lourdes
ITU	União Nacional de Telecomunicações
L1	Primeira Língua
L2	Segunda Língua
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
Libras	Língua Brasileira de Sinais
LSB	Língua de Sinais Brasileira
LSF	Lange desSignes Française
MEC	Ministério da Educação
ONG	Organização Não Governamental
PNE	Plano Nacional de Educação
P.O.	Professor Orientador
Prof.	Abreviatura de Professor
Prof. ^a	Abreviatura de Professora
Prolibras	Exame Nacional de Proficiência em Libras
PSS	Processo Seletivo Simplificado
PUC/RJ	Pontífica Universidade Católica do Rio de Janeiro
QR code	Quick Response Code
RPG	Role Playing Game
SciELO	Scientific Electronic Library Online
STEM	Science, Technology, Engineering and Mathematics
TDD	Telephone Device of Deaf
TIC	Tecnologia da Informação e Comunicação
TILSP	Tradutor Intérprete de Língua de Sinais-Português
TV	Televisão
TV INES	Emissora de TV do INES
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFF	Universidade Federal Fluminense

UFRJ	Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
Unesco	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
Unesa	Universidade Estácio de Sá
Unicef	Fundo das Nações Unidas para a Infância
Uni-Rio	Universidade do Rio de Janeiro
USP	Universidade de São Paulo
UVA	Universidade Veiga de Almeida
X	Geração X
Y	Geração Y
Z	Geração Z

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Pedagogos x Pedagogoetes	p. 36
Figura 2	Diferentes tipos de intérpretes	p. 40
Figura 3	Rafaela Hoebel	p. 42
Figura 4	Educação e Mudança	p. 43
Figura 5	Processos de Ensino	p. 45
Figura 6	Professores x Professores	p. 47
Figura 7	Pedagogia como ciência da educação	p. 52
Figura 8	Definição de Pedagogia	p. 53
Figura 9	Correntes Pedagógicas na Educação de Pessoas Surdas	p. 54
Figura 10	Pontos de vista da educação	p. 55
Figura 11	Os quatro pilares da educação	p. 57
Figura 12	Contexto atual da educação	p. 58
Figura 13	Precursoras da Didática	p. 59
Figura 14	As diferentes formas de inteligências	p. 63
Figura 15	Diferentes tipos de alunos	p. 64
Figura 16	Modelo de Plano de Aula Felipe e Monteiro	p. 65
Figura 17	Modelo de Plano de Aula Pimenta e Quadros	p. 67
Figura 18	Teorias de Currículo	p. 68
Figura 19	Mapa conceitual sobre os desafios para docentes	p. 69
Figura 20	Mapa conceitual sobre atitudes de docentes	p. 69
Figura 21	As quatro Revoluções Industriais	p. 72
Figura 22	Os quatro princípios que ajudam a modelar a 4ª Revolução Industrial	p. 73
Figura 23	Panorama Histórico das Revoluções Industriais	p. 74
Figura 24	Geração Alfa	p. 77
Figura 25	Formas de comunicação e aprendizagem síncrona e assíncrona	p. 83
Figura 26	Estratégias Pedagógicas com as Novas Tecnologias	p. 86
Figura 27	Homens primitivos se comunicando	p. 87
Figura 28	Moisés falando ao povo hebreu	p. 89

Figura 29	Surdo endeusado no Egito	p. 90
Figura 30	Abade L'Épée ensinando os Surdos	p. 91
Figura 31	Surdos pioneiros da educação	p. 93
Figura 32	Programa de Ensino de Huet - 1856	p. 95
Figura 33	Edouard Huet escrevendo carta	p. 96
Figura 34	Grade de Ensino de Huet no México	p. 97
Figura 35	Programa de Linguagem Articulada	p. 100
Figura 36	O repetidor	p. 102
Figura 37	Programas de Ensino do INES	p. 104
Figura 38	Primeiros Instrutores de Língua de Sinais Brasileira do INES	p. 108
Figura 39	Pedagogos Surdos do Rio de Janeiro	p. 110
Figura 40	Primeiros Linguistas sobre estudos das Línguas de Sinais Brasileiras	p. 111
Figura 41	Myrna Salerno Monteiro	p. 111
Figura 42	Primeiras pesquisadoras Surdas do Brasil	p. 112
Figura 43	Primeiros professores de Língua de Sinais Brasileira do INES	p. 115

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1	Principais características das gerações	p. 76
Quadro 2	Clusters e categorias das tecnologias da quarta Revolução Industrial	p. 77
Quadro 3	Premissas básicas de navegação	p. 84
Quadro 4	Quadro sinóptico do plano de ensino de 1934	p. 102
Quadro 5	Quadro sinóptico da classificação dos alunos de 1934	p. 103
Quadro 6	Estruturação do programa de ensino primário 1934	p. 106
Quadro 7	Currículo de Libras do INES, Ensino Fundamental Segmento	1º p. 115
Quadro 8	Currículo de Libras do INES, Ensino Fundamental Segmento	2º p. 117
Quadro 9	Modelo de Plano de Curso ou Plano de Disciplina	p. 122
Quadro 10	Modelo de Plano de Aula ou Plano de Unidade	p. 123

RESUMO

A utilização das Novas Tecnologias como recursos didáticos envolvendo a Libras, é um livro que apresenta uma pesquisa que através de leituras sobre a Pedagogia Visual e a Língua Emergente, propõe a utilização da Língua Brasileira de Sinais – Libras como Idioma Pedagógico. A função desses recursos é verificar se nas salas de aula os professores realmente acompanham a evolução de seus educandos, se eles estão preparados para lidar com as novas tecnologias e o que devem fazer para melhorar isso. Considerando que eles ensinam no nível superior através da segunda língua (L2) preparando os futuros professores e profissionais para trabalhar na primeira língua (L1). A pesquisa faz um percurso abordando a Pedagogia, a Educação e a Didática incluindo os quatro pilares da educação, em seguida se aborda as Novas Tecnologias traçando um panorama histórico até chegar na Educação 4.0, apresentando ainda algumas ferramentas de aprendizagem digital que proporcionem uma didática adequada ao ensino. Foi realizado um levantamento de publicações bibliográficas através das plataformas *SciELO*, *Google Acadêmico*, *ResearchGate*, *Capes*, *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD*, com o objetivo de recolher matérias como o objetivo geral contar a história dos Surdos através de uma narrativa Surda. Para tanto, o foco foi no ensino e aprendizado da Libras que possibilitou a produção do livro *Tudo isso contribuiu para a criação de um livro “LIBRAS & DIDÁTICA: A utilização das novas tecnologias como ferramenta nos recursos didáticos envolvendo a libras”* que visa auxiliar os professores no ensino da Libras enfatizando o uso dessa Língua como Idioma Pedagógico e reforçando a Pedagogia Visual. Conclui-se que os professores em grande parte, ainda não utilizam as Novas Tecnologias no ensino da Libras como L2 devendo, portanto, fazerem uma formação contínua com o intuito de garantir às novas gerações o aprendizado e o uso da didática através das Novas Tecnologias.

Palavras-Chave: Educação de Pessoas Surdas; Língua de Sinais; Tecnologias.

ABSTRACT

The use of New Technologies as teaching resources involving Libras, is a book that presents research that, through readings on Visual Pedagogy and Emerging Language, proposes the use of Brazilian Sign Language – Libras as a Pedagogical Language. The function of these resources is to verify whether teachers in the classroom really monitor the progress of their students, whether they are prepared to deal with new technologies and what they should do to improve this. Whereas they teach at tertiary level through the second language (L2) preparing future teachers and professionals to work in the first language (L1). The research follows a path covering Pedagogy, Education and Didactics, including the four pillars of education, then New Technologies, tracing a historical panorama until arriving at Education 4.0, also presenting some digital learning tools that provide adequate didactics. to teaching. A survey of bibliographic publications was carried out through the SciELO, Google Scholar, ResearchGate, Capes, Digital Library of Theses and Dissertations – BDTD platforms, with the aim of collecting materials with the general objective of telling the story of the Deaf through a Deaf narrative. To this end, the focus was on teaching and learning Libras, which enabled the production of the book. All of this contributed to the creation of a book “LIBRAS & DIDÁTICA: The use of new technologies as a tool in teaching resources involving Libras” which aims to help students teachers in teaching Libras, emphasizing the use of this language as a Pedagogical Language and reinforcing Visual Pedagogy. It is concluded that most teachers still do not use New Technologies in teaching Libras as an L2 and must, therefore, undergo continuous training in order to guarantee new generations the learning and use of teaching through New Technologies.

Keywords: Education of Deaf People; Sign language; Technologies.

1. INTRODUÇÃO

1.1 Da Obscuridade à Mudança

Sou uma criança ensurdecida, nasci ouvinte, criado em Madureira, bairro localizado na Zona Norte do Rio de Janeiro, e aos sete anos em consequência de meningite vim a perder a audição total, tendo surdez bilateral profunda. Sou o segundo de 4 (quatro) irmãos somando mais 5 (cinco) primos que minha mãe ajudava a cuidar, somos 9 (nove) ao todo. Minha mãe é formada em Ciências Contábeis, mas parou de trabalhar devido a necessidade de cuidar de mim. Por ser filho de um artífice de artes gráficas, muito cedo já escrevia as palavras, mas não as entendia por completo. Quando perdi a audição, uma parte da memória se foi, eu não andava, não ficava em pé, não entendia as pessoas falando, só me comunicava através da escrita e de repente o mundo veio a ficar assim obscuro.

Meus pais, de origem humilde não sabiam nem por onde começar, algo que muitos pais de crianças surdas sentem no primeiro momento para eles é como se o mundo não tivesse chão. Por sorte procuraram me colocar numa escola onde pudessem atender às crianças surdas, visitaram várias unidades escolares existentes na época como a Associação de Assistência à Criança Surda – AAC(S)a¹⁰⁶ que ficava no bairro de Vila Isabel, Zona Norte do Rio de Janeiro, visitaram o Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES¹⁰⁷ situado no bairro de Laranjeiras, Zona Sul da cidade e o Instituto Nossa Senhora de Lourdes – Inosel¹⁰⁸, situado no bairro da Gávea, também na Zona Sul.

Destas três unidades, duas faziam parte da rede pública e a última da rede privada, eles optaram por me colocar no Inosel na época administrado pelo Diretor Professor Jorge Mário Barreto, que também lecionou no INES. Minha adaptação nesta unidade não foi fácil. Eu não entendia nada, não sabia falar, não sabia a Língua de Sinais¹⁰⁹ só escrevia. Se as crianças tentassem se

¹⁰⁶ Escola da Rede Pública Municipal do Rio de Janeiro, já extinta.

¹⁰⁷ Escola da Rede Pública Federal situada no Rio de Janeiro.

¹⁰⁸ Escola Privada administrada pela Congregação das Irmãs de Nossa Senhora do Calvário.

¹⁰⁹ Nesta época a Língua de Sinais ainda não possuía um nome.

aproximar de mim eu reagia agredindo. Me sentia isolado e diferente de todos. Sinceramente tinha poucos amigos Surdos¹¹⁰.

Aos poucos fui me adaptando ao mundo dos Surdos, comecei a ter contato com alguns amigos Surdos, destes amigos Silvio Júnior, Edouard e Rodrigo eram os mais próximos minha memória auditiva aos poucos foi se recuperando, mas sinceramente, sempre odiei aparelhos auditivos, as famosas próteses. Três pessoas se aproximaram de mim foram as freiras Calvarianas¹¹¹ Irmã Maria da Trindade, Irmã Maria Angélica de Genaro e a Professora e Fonoaudióloga Orquídea Bahia, sendo esta última que assim como o Professor Barreto, também trabalhou no INES ela começou a me trabalhar tanto na comunicação oral, quanto no aprendizado de sinais sem me forçar a usar aparelhos fonatórios¹¹². Comecei então a adquirir a leitura labial, através da Comunicação Total e a própria Orquídea foi quem passou a me levar para ter contato com Surdos adultos.

Aos 12 (doze) anos já frequentava as Associações de Surdos começando a ser inserido na Comunidade Surda, com os trabalhos religiosos de minha família também passei a frequentar a Pastoral de Surdos, cresci tendo contato direto com Monsenhor Vicente de Paula Penido Burnier na Igreja Católica e ali fui aprendendo mais sinais através da Comunicação Total, metodologia muito difundida na época, é claro sob influência do ouvintismo acreditava que falar era melhor do que sinalizar. Na Pastoral dos Surdos, cheguei a ser Coordenador Estadual, conheci algumas pessoas que mais tarde viriam a ter destaque na Comunidade Surda como GladisPerlin, Sônia Marta de Oliveira, Neiva de Aquino Albres, Cássia GeciauskasSofiato e Shirley Vilhalva.

Da obscuridade a reviravolta em minha vida começou quando passei a ter contato com outros adultos Surdos, principalmente os que tiveram pouca oportunidade educacional, que nas Associações muitas vezes me pediam para

¹¹⁰ Uso aqui o S maiúsculo para definir a pessoa Surda que luta pela causa Surda conforme Woodward (1975) HONORA; FRIZANCO, 2009, p. 15).

¹¹¹ Denominação dada às freiras da Congregação de Nossa Senhora do Calvário.

¹¹² Tipos de aparelhos utilizados no atendimento fonoaudiológico.

escrever cartas, telegramas, ler notícias de jornais e traduzir para eles assim fui desenvolvendo os sinais e aprendendo a Língua de Sinais Brasileira - LSB¹¹³.

Tive contatos com adultos Surdos influentes, e alguns destes adultos Surdos que interagem diretamente comigo, fazem parte da história, e dos movimentos de luta dos Surdos no Brasil, como Alexandre Luiz Lopes Pinto, Ana Regina e Souza Campello, Antônio Campos de Abreu, Antônio Mário Sousa Duarte, Aylmar Antunes Bousquat, Carlos Alberto Góes, Fabiano Müller, Fernando Miranda Valverde, Iracema Müller, Lucia Severo da Costa, Luiz Geraldo Neto dos Reis, Moisés Gazalé, Narciso Paiva, Sérgio Marmora de Andrade, Myrna Salerno Monteiro, Monsenhor Vicente, Walcenir de Souza Lima além de muitos outros. Todos estes citados contribuíram, de alguma forma direta ou indiretamente, na construção da minha identidade cultural como Surdo. A maioria dos citados aqui fizeram parte da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis¹¹⁴.

Em 1986, os 15 (quinze) anos ingressei através de prova escrita, na Escola Técnica Estadual Visconde de Mauá, hoje vinculada à Faetec¹¹⁵ acredito ser o primeiro Surdo do Rio de Janeiro a ingressar numa escola técnica profissionalizante me formei Técnico em Eletrônica, mas não segui carreira, pois naquela época era muito difícil termos acessibilidade ao mercado de trabalho.

Como me firmei na Associação Alvorada Congregadora dos Surdos – AACSB¹¹⁶, a mais antiga em exercício no Brasil, ali passei a ser membro da Diretoria da entidade geralmente Secretário e depois Diretor Administrativo, da Alvorada foi um pulo para a Federação Desportiva de Surdos do Estado do Rio de Janeiro – FDSERJ, onde também exerci a função de Diretor Administrativo e de Patrimônio, que equivale a secretário. Por conta destas atividades realizadas nas instituições da Comunidade Surda, optei por querer cursar Pedagogia.

¹¹³ Antes de 2002 a Língua de Sinais no Brasil não tinha um nome e de acordo com a norma culta da Língua Portuguesa, denominamos Língua de Sinais Brasileira.

¹¹⁴ Principal ONG que representa os Direitos dos Surdos no país.

¹¹⁵ Fundação de Apoio à Escola Técnica.

¹¹⁶ Fundada em 16 de maio de 1953, no Rio de Janeiro.

Em 1994 ingressei através do Vestibular na Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, me tornando o segundo Surdo a passar no vestibular para uma universidade pública, atrás apenas da principal liderança Surda do Rio de Janeiro na época Ana Regina e Souza Campello. Passar no vestibular naquela época não era fácil, as provas eram divididas em fases, sendo a primeira fase responder questões de múltipla escolha de todas as disciplinas sendo que a área escolhida tinha um peso maior. Uma vez aprovado na primeira fase vinha a segunda fase em que as provas eram discursivas e as disciplinas específicas por área, além de é claro da prova de redação. Não podia zerar em nenhuma das provas de ambas as fases ou seria eliminado. Tudo isso sem reservas de vagas, sem cotas, sem intérpretes, o Surdo vivia um mundo todo de ouvintes.

Neste período começou meu ciclo de convites para palestras e eventos. Na UERJ tive aulas com alguns professores importantes no meio educacional, e conheci Paulo Freire que conversou pessoalmente com minha turma quando retornou do exílio. Além de Paulo Freire, tive contato com Patrice Canivez¹¹⁷, Eulália Fernandes¹¹⁸, com o cartunista Ziraldo entre outras pessoas. Ajudei a difundir na UERJ o Programa Rompendo Barreiras, que era um movimento de luta pela acessibilidade da pessoa com deficiência, nessa época já lutava pela acessibilidade.

Em 1996, mesmo sem estar graduado ainda contribuí com minha primeira orientação de uma monografia da aluna: Maria Cristina Queiroz Maia (1996) da Universidade do Rio de Janeiro – Uni-Rio, que escreveu o seguinte tema: **“Deficiência Auditiva, uma história de vida”**, sendo agraciado por sua orientadora a Prof.^a Liana O`campo.

Embora tenha graduado em 1998, já em 1997 comecei a atuar, estagiei na Escola Normal Carmela Dutra situada em Madureira e no Colégio Estadual João Alfredo situado em Vila Isabel este estágio me proporcionou as primeiras experiências em sala de aula já que naquela época o estado estava carente de professores e os estagiários eram indicados para lecionar. Destes estágios saiu a minha habilitação para lecionar em Magistério de Matérias Pedagógicas. E

¹¹⁷ Filósofo francês.

¹¹⁸ Linguista na área de Educação de Pessoas Surdas e professora da UERJ.

graças a estes trabalhos aprendi a importância da Didática e do planejamento da aula.

Acontece que na graduação precisava além da habilitação do Magistério em Matérias Pedagógicas, tinha que ter uma específica e então fui me especializar em Educação Especial, voltada para a Educação de Pessoas Surdas. Estagiei no INES, na turma onde estudava um estudante que veio a ser apresentador da TV INES¹¹⁹, Áulio Ribeiro da Nóbrega. E depois estagiei também no Inosel. Ao mesmo tempo que estagiava passei a ser convidado para ser professor Substituto da Prof.^a Ana Regina e Souza Campello no Centro Educacional Pilar Velazquez – CES¹²⁰. Destas experiências veio a ideia da minha pesquisa monográfica intitulada: “**A Integração dos Surdos nas Escolas Públicas**”¹²¹, sob orientação da Prof.^a Dr.^a Rosana Glat, fiz uma pesquisa considerada por muitos como uma Dissertação pois foi muito bem elaborada realizada no Colégio Estadual Alceu Amoroso Lima¹²², com alunos Surdos da 2ª e 3ª Séries do Ensino Médio (antigo Segundo Grau). Ali havia tradutores-intérpretes de Libras/Língua Portuguesa¹²³, como a Wanda Lamarão e outros consegui fazer a coleta de dados e falei que ali não havia inclusão e sim integração pois os Surdos tinham que se adaptar ao meio.

No ano seguinte já formado passei a ser professor regente no Centro Educacional Pilar Velazquez dando aulas em classe de alfabetização e nas turmas de nível intermediário de Língua Portuguesa para Surdos, nesta unidade passei a conviver com outro Surdo importante nos movimentos sociais Nelson Pimenta de Castro, tendo ainda como monitores nas minhas salas os então adolescentes Fernanda de Araújo Machado e Bruno Hassib que futuramente viriam a se destacar na Educação de Pessoas Surdas. Neste período comecei a fazer o curso de Formação de Instrutores de Libras na Feneis e cursar a Pós-graduação em Administração e Planejamento da Educação também na UERJ, nesta mesma época passei pela primeira vez

¹¹⁹ Canal de TV do Instituto Nacional de Educação de Surdos.

¹²⁰ Escola fundada com o objetivo de atender apenas alunos Surdos em cuja unidade só se permitia a comunicação através da Libras (L1) e da Língua Portuguesa escrita (L2).

¹²¹ Monografia não publicada.

¹²² Escola Estadual que abriu suas portas para ministrar o Ensino Médio para Surdos no Rio de Janeiro.

¹²³ Designação antiga dada aos intérpretes de Línguas de Sinais.

para o Mestrado da UERJ no processo seletivo de 1999, sendo desclassificado na entrevista. Dos estudos da pós-graduação produzi minha segunda pesquisa científica intitulada: **“O Planejamento da Educação dos Surdos”**¹²⁴ sendo a pesquisa feita no Inosel ali descrevi inspirado no pensamento de Canivez (1991) que produziu o seguinte argumento:

A escola, de fato, institui a cidadania. É ela o lugar onde as crianças deixam de pertencer exclusivamente à família para integrarem-se numa comunidade mais ampla em que os indivíduos estão reunidos não por vínculos de parentesco ou de afinidade, mas pela obrigação de viver em comum. A escola institui, em outras palavras, a coabitação de seres diferentes sob a autoridade de uma mesma regra (CANIVEZ, 1991, p. 33).

Corroborando com isso, descrevo na pesquisa como deve ser uma escola para Surdos e o papel a ser desempenhado dentro de uma instituição de ensino voltada para o atendimento de pessoas Surdas, inclusive cito a importância do Círculo de Pais e Mestres onde falo da necessidade de a família estar junto.

Em 2001, ingressei através de Processo Seletivo Simplificado - PSS, juntamente com Heloíse Gripp Diniz e Ronise Conceição de Oliveira, no quadro de docentes do INES sendo junto com elas os primeiros professores de Língua Brasileira de Sinais – Libras como disciplina na grade curricular do INES. Tive contato direto com a Professora de História do INES, Solange Rocha que compartilhou com um grupo pequeno de profissionais Surdos do INES além dos três professores citados, os então Assistentes Educacionais em Libras do INES: Paulo André Martins Bulhões e Alex Curione de Barros. Como era o único formado em Pedagogia passei a ser o Professor Orientador – P.O., da disciplina de Libras e iniciamos a construção da grade curricular. Em 24 de abril de 2002, data de meu aniversário, coincidentemente a Libras veio a ser reconhecida como língua, na verdade, apesar de começar a ministrar palestras e viajar pelo país representando o INES e mostrando a importância da Libras, essa data nada teve a ver comigo somente a coincidência.

¹²⁴ Monografia não publicada.

Já com a Libras reconhecida, em dezembro de 2002, fui convidado pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ a ministrar uma aula para os Mestres e Doutores da instituição explicando a importância da Libras, a História dos Surdos e sua Educação.

Em 2003, ajudei na orientação, como colaborador e apoio ao desenvolvimento da pesquisa de campo, da Dissertação de Mestrado de Carlos Eduardo Klimick Pereira (2003), da PUC/RJ intitulada: **“A Construção de personagem & aquisição de linguagem: o desafio do RPG no INES”**.

Aquele mundo obscuro tinha então ficado para trás, a vida já estava clara e com o tempo fui me aperfeiçoando e no INES passei a produzir alguns materiais, como por exemplo o Relato de Experiência do ensino de Matemática para Surdos (PINHEIRO, 2001) desenvolvido no Centro Educacional Pilar Velazquez, e em seguida através da contação de histórias, emplaquei vários vídeos dramatizando através da Libras: O curupira (INES, 2004), A galinha dos ovos de ouro (INES, 2005), A galinha ruiva (INES, 2005) e O cão e o lobo (INES, 2005)¹²⁵.

Particpei do grupo de estudos do INES que preparou o documento que originou o Decreto 5.626/05 (BRASIL, 2005), neste trabalho fui o único a exigir carga horária para o ensino da Libras, mas fui voto vencido. Além deste trabalho, contribuí na correção da Descrição Manual dos Sinais para o Dicionário de digital de Libras, (MEC; INES 2005) junto com Myrna Salerno Monteiro e Patrícia Gazalé.

Produzi e supervisionei também alguns materiais como o CD interativo A Arca de Noé (INES, 2005), o CD Aprendendo e aprofundando a Libras (INES, 2005) erroneamente intitulado “Gramática da Libras” pelo INES, que em 2006 deu suporte para os estudos do Exame Nacional de Proficiência em Libras – ProLibras, Primeiros Sinais em Libras (2008) e A Ilha do Tesouro (2008) estes últimos produzidos pela editora Arara Azul. Em 2008 realizei meu último trabalho que só foi publicado em 2010 o Atlas Geográfico Interativo Bilíngue (INES, 2008).

¹²⁵ Disponíveis no canal do YouTube:

<https://www.youtube.com/channel/UCLrYnAdQHXY2YZavgWjaYyw>

Trabalhei em outras instituições voltadas para a Educação de Pessoas Surdas como a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes da Audição – APADA/Niterói dando aulas no ensino Supletivo para Surdos, Casa de Cultura do Silêncio – CCS, onde ministrava ensino de Língua Portuguesa para Surdos.

Em 2006 fui convidado a fazer parte da Coordenação da Equipe da Educação Inclusiva do município de Rio das Ostras, onde levei a Libras para ser implantada. Sendo então o primeiro professor de Libras no município lecionando no Instituto Municipal de Educação de Rio das Ostras – IMERO, uma escola de formação de professores do município.

Em 2007 fui aprovado para trabalhar na Prefeitura Municipal de Cabo Frio no cargo de Professor Inspetor Escolar, iniciei ali uma nova etapa de fiscalização da educação¹²⁶. Em 2010, assumi o Cargo de Professor Supervisor de Ensino do município de Macaé e assim como Cabo Frio, a única diferença está no nome do cargo, expandi meus horizontes supervisionando e fazendo cumprir a legislação educacional brasileira, acompanhando os projetos políticos pedagógicos, dando suporte às equipes gestoras das unidades escolares, quando exercemos este suporte somos coordenadores da educação. Numa definição mais ampla parafraseando minha colega Patrícia Lima¹²⁷ que costuma dizer que nós somos os “drones” da educação, pois temos que ficar de olho em todo processo educacional.

Em 2008, fui convidado a lecionar as disciplinas de Introdução ao estudo da Libras, Prática de Libras I, Prática de Libras II e Estágio Supervisionado de Libras, na primeira turma de Pós-graduação em *Lato-sensu* de Letras/Libras do Cefet¹²⁸ de Teresina, no Piauí, de onde saíram dois alunos que vieram a se tornar doutores na área: Anderson Almeida da Silva e Estélio da Silva Barbosa.

Em Macaé, concursado desde 2010 sou supervisor do Colégio Municipal do Sana¹²⁹, uma escola pública situada na Zona Rural de Macaé, esta escola é considerada a melhor unidade de ensino do município sendo sempre destaque

¹²⁶ Além da análise de dados educacionais e fazer cumprir a Legislação Educacional Brasileira verificamos o funcionamento das escolas públicas do município em todos os segmentos e privadas de Educação Infantil no município.

¹²⁷ Professora Supervisora de Ensino do Município de Macaé e defensora dos Direitos dos Pedagogos no Estado do Rio de Janeiro.

¹²⁸ Centro Federal de Educação Tecnológica.

¹²⁹ Situada no Sana, 7º Distrito de Macaé.

e atualmente possui o terceiro maior IDEB¹³⁰ de todas as escolas públicas municipais do estado do Rio de Janeiro. Apesar desta colocação ela já figurou entre as melhores, nossos alunos atualmente possuem as seguintes médias: anos iniciais: 8.0¹³¹, anos finais: 6.3 e Ensino Médio: 5.1. As crianças desta escola já viajaram para o exterior em competições na Holanda e Argentina, são sempre condecoradas nas Olimpíadas de Matemática das Escolas Públicas, aprovamos diversos alunos no ENEM¹³², e ainda tivemos vários destaques e campeões de torneios de Robótica. Para quem pensa que só o Colégio do Sana administrado pelo diretor Sol Grey Tavares Ribeiro teve esse desempenho, outra escola na área rural situada no Frade, Escola Estadual Municipalizada Fantina de Mello¹³³, que desde 2017 está sob a Direção de Ruthe Helena Grativol, com média 7,9¹³⁴ para os anos iniciais consolidou o 4º lugar geral no IDEB, entre as escolas públicas municipais do estado do Rio de Janeiro, e foi a primeira vez que esta escola conseguiu um lugar de destaque onde eu desde 2017 também passei a supervisionar os trabalhos.

Para quem pensa que abandonei a educação de Surdos, digo que não, desde 2004 sou professor universitário de Libras e de Matérias Pedagógicas em universidades privadas, onde inclusive lecionei para o Diretor do Colégio Municipal do Sana. E foi com a minha experiência acumulada nestes trabalhos universitários que me trouxe a necessidade de realizar pesquisa. Ao contrário de muitos professores de Libras nas licenciaturas, eu cobrava de meus alunos o preparo de aulas para pessoas Surdas, que resultou numa gama de materiais riquíssimos de criatividade, acontece que as faculdades que eu lecionava não davam muita abertura para a publicação destes materiais por parte dos estudantes da graduação. O aprendizado específico dos sinais eu ministrava nas aulas de extensão universitária, este meu pensamento foi compartilhado no VIII Congresso Internacional do INES, XIV Seminário Nacional com o seguinte tema: **“ALibras nos cursos de graduação”**. Porém não sei o motivo do meu texto não sair publicado nos anais do seminário.

¹³⁰ Índice de Desenvolvimento na Educação Básica.

¹³¹ Dados Referentes ao ano de 2019. Fonte: <https://novo.qedu.org.br/escola/33016488-colegio-municipal-do-sana>.

¹³² Exame Nacional do Ensino Médio.

¹³³ Situada no Frade, 6º Distrito de Macaé.

¹³⁴ Dados referentes ao ano de 2019. Fonte: <https://novo.qedu.org.br/escola/33016380-eem-fantina-de-mello/>.

Em 2021, fui colaborador praticante da pesquisa da Tese de Doutorado da Professora Rachel Capucho Colacique (2021), intitulada: “**Visualidades Surdas na Cibercultura: aprendizagens em rede**”. Sendo este mais um trabalho envolvendo as novas tecnologias.

Acontece que não é de agora que tento o Mestrado, fui desclassificado novamente na entrevista da UERJ no processo 2003/2004. Sendo que desta vez o professor Francisco Nunes me convidou para ser aluno visitante. Na PUC/RJ em 2011 não consegui aprovação na prova escrita. Na mesma instituição em 2012, apresentei esta mesma proposta e fui desclassificado por ter citado meu sobrenome numa referência, o que acabou me identificando. Na UFRJ, em 2012 fui desclassificado, junto com mais duas pedagogas Surdas, sem saber o motivo numa prova de produção textual onde o tema era Libras como disciplina, nesta ocasião foram aprovados três ouvintes. Na Universidade de São Paulo – USP, fiquei por um ponto no Doutorado Direto na prova de Inglês em 2012 e 2013. E em todas o projeto era o mesmo: as novas tecnologias. Só agora que venho apresentar este trabalho junto à Universidade Federal Fluminense – UFF que espero que possa ser muito bem aproveitado para o futuro da Educação de Pessoas Surdas.

Como se pode notar nessa trajetória os trabalhos desenvolvidos tiveram sim enorme influência na necessidade de abrir as portas da Pedagogia Surda, mostrar para as pessoas que o Surdo pode e deve aprender para se tornar um sujeito ativo na sociedade, em busca de seus objetivos, já em 2003, afirmava o seguinte:

(...) pretendo ver os surdos num futuro próximo derrubando barreiras e superando obstáculos, seja na sua vida profissional ou no contexto social (PINHEIRO, 2003, p. 52).

Compartilhar meus conhecimentos e querer ver a Educação de Pessoas Surdas se desenvolvendo cada vez mais se tornou meu objetivo e nada mais

que demonstrar a importância do trabalho pedagógico unindo a didática com as novas tecnologias nos mais diferentes processos de ensinagem¹³⁵.

1.2 A Escolha do Tema de Pesquisa

Desde o início dos tempos os avanços tecnológicos existem, como a descoberta do fogo, a criação da roda entre outras descobertas o homem foi se desenvolvendo, o surgimento da eletricidade, a criação de novos inventos tudo isso ajudou em seu desenvolvimento. Na educação temos a descoberta da escrita, o giz, o lápis, o quadro entre tantas coisas. Estas criações são inovações de cada época. Hoje ela está cada vez mais avançada sendo que o assunto Tecnologia Educacional já é uma realidade em muitas instituições de ensino.

No panorama da Educação de Pessoas Surdas, temos como exemplo Stumpf (2010) uma pesquisadora Surda, que descreveu o percurso das Novas Tecnologias no início deste século, abordando a história do computador desde os primórdios anos 40 até as tecnologias existentes usadas nos dias de hoje. Perpassando mais de dez anos desta publicação o surgimento e avanço de novas tecnologias continua crescente.

Nesse sentido temos a Base Nacional Comum Curricular – BNCC (BRASIL, 2018), que nos orienta sobre o uso das novas tecnologias, denominando-as de tecnologias digitais e isso se torna importante para manter os alunos engajados considerando que as novas gerações hoje vivem uma realidade cada vez mais conectada. Ota e Dias-Trindade (2021), reforçam isso ao lembrarem:

Conforme Cabral, Lima e Albert (2019), a BNCC foca o desenvolvimento de competências e habilidades para garantir que os alunos não somente obtenham conhecimento, como também mobilizem o aprendizado para agir em sociedade. Além disso, em relação às tecnologias digitais, a BNCC reconhece o desafio imposto pela sociedade contemporânea na educação, tendo em mente que a curadoria de informações

¹³⁵Termo cunhado por Léa das Graças Camargo Anastasiou em 1994, para se referir a uma prática social, crítica e complexa em educação entre professor e estudante, “englobando tanto a ação de ensinar quanto a de aprender” (ANASTASIOU; ALVES, 2003, p. 15).

depende do aluno. Neste ponto ressalta-se, previamente, a relação existente entre as competências digitais e a curadoria de conteúdo (...) (OTA; DIAS-TRINDADE, 2021, p. 83).

Assim percebe-se a necessidade da inserção deste estudo voltado também para a Educação de Pessoas Surdas e para o ensino da Libras conforme norteia as diretrizes deste documento agregado ainda à nova Política Nacional de Educação Digital (BRASIL, 2023) que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1994).

Agregado a isso, essa pesquisa pretende discutir, não de forma objetiva, a questão da utilização de diversos materiais como recursos para inclusão da Libras e ao mesmo tempo proporcionar aos demais profissionais Surdos e ouvintes, que queiram se inteirar na área, a elaboração de novas metodologias de ensino de Libras para que possa ajudar o desenvolvimento da construção da aprendizagem tanto do aluno Surdo quanto do ouvinte no ensino da Língua Brasileira de Sinais.

Partindo do decorrer da história da educação de surdos no Brasil, de acordo com a historiadora Solange Rocha (2019, p. 22), no período de 1856-1857, durante o Brasil Império, o imperador Dom Pedro II autorizou um professor Surdo francês para vir a ensinar as crianças Surdas de nosso país, com sua vinda foi criado o Collégio Nacional para Surdos-Mudos de Ambos os Sexos¹³⁶, sito à Rua dos Beneditinos, nº 8, hoje conhecido como Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, que desde 1996 é o principal centro de referência nacional na área da surdez¹³⁷.

Edouard Adolpho Huet Merlo¹³⁸, o professor em questão deu início ao ensino da Língua de Sinais Brasileira fazendo despertar entre seus alunos a Língua Emergente (VILHALVA, 2009), transmitindo seus conhecimentos através da Pedagogia Visual (CAMPELLO, 2008), utilizando a LSB como idioma pedagógico (LELIS, 2001). Além deste aprendizado ele ministrava outras disciplinas e com isso em 1875 foi lançado por um ex-aluno do instituto

¹³⁶ Primeiro nome oficial do INES (ROCHA, 2019, P. 22).

¹³⁷ Portaria nº 943 de 13 de setembro de 1996 (INES, 1997, p. 30).

¹³⁸ Nome citado por Cruz-Aldrete, 2008.

um livro intitulado “Iconographia dos Signaes dos Surdos-Mudos”¹³⁹, muitos afirmam ser esta a primeira pesquisa da Língua de Sinais Brasileira – LSB no Brasil, apesar de tudo, essa pesquisa trata-se de sinais franceses e não da LSB, por ser uma cópia do material de Pierre Pelissier.

Com o decorrer dos anos, a Educação de Pessoas Surdas passou por vários processos, inclusive diversas tendências filosóficas como o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilinguismo, sendo este último a tendência predominante deste período pós-moderno. Anterior a isso, as tecnologias utilizadas na Educação de Pessoas Surdas eram mais voltadas para a questão da audição e da oralização, enfatizando o aspecto clínico, não havendo, portanto, tecnologias que produzissem algo mais relativo ao aprendizado dos educandos Surdos.

Stumpf (2010) relata sobre o surgimento da primeira tecnologia utilizada pelos Surdos para se comunicar com pessoas distantes:

A primeira tecnologia utilizada pelos surdos para comunicar com pessoas distantes foi o telefone especial para surdos chamado TDD¹⁴⁰. Poucos chegaram a ter um no Brasil, pois os aparelhos eram importados e caros e possuir uma linha telefônica muitas vezes demandava anos de espera (STUMPF, 2010, p. 4).

Entre os anos 80 e 90 se popularizou no meio da Comunidade Surda o uso dos *paggers* também chamados de *bip* pelos Surdos que era um pequeno receptor de rádio portátil onde cada usuário tinha um código próprio. Além disso, diferente do TDD, ele era muito mais barato e acessível.

Ao mesmo tempo em que se utilizava os *paggers* os aparelhos de *fax* também caíram no gosto da Comunidade Surda deixando o TDD de lado pois este apesar de ser um aparelho bem antigo conhecido no meio da informática como o “avô do *smartphone*”, só se popularizou no Brasil em meados dos anos 80 e 90. Ele nada mais era do que uma simples copiadora, cujo significado de seu nome *fac-símile* significa “faz igual”. Bastava escrever e

¹³⁹ Publicação de Flausino José da Gama em 1875 (INES, 1997, p. 31).

¹⁴⁰ *Telephone Device of Deaf* sigla em inglês que significa Terminal Telefônico para Surdos, criado em 1965.

enviar. Mas para isso o Surdo precisa saber ler e escrever.

Durante este período, Stumpf (2010, p. 5) narra que os Surdos possuíam dificuldades para assistirem novelas e filmes televisivos por não poderem acompanhar devido à falta de acessibilidade, fato que ainda perdura até os dias de hoje apesar de já existir o dispositivo de decodificação de legendas¹⁴¹, nem todos os programas e canais, em pleno século XXI permitem o acesso a este serviço.

Depois vieram os computadores junto com as impressoras, seguidos dos aparelhos de telefones celulares que ajudaram na evolução dos sujeitos Surdos em todos os aspectos: sociais, políticos, econômicos, educacionais e culturais. Tudo isso proporcionado através da comunicação bilíngue (escrita e sinais).

Dessa forma Stumpf (2010) faz um comentário emocionante sobre estes avanços:

Mais do que nunca, chegar a todos os surdos e proporcionar-lhes uma educação que os capacite a interagir com a leitura e a escrita é importante para que a escola cumpra seu papel de proporcionar condições de inclusão a todos os brasileiros. Hoje a inclusão digital é inovação e a utilização das TICs¹⁴² na educação dos surdos é parte importante da construção de conhecimento nesta área (STUMPF, 2010, p. 5).

Percebemos ali as primeiras palavras associadas entre as tecnologias e a Educação de Surdos, numa narrativa Surda sendo então ali considerado um marco que proporcionou acentuar a necessidade do vínculo do ensino às novas tecnologias. Verificar como os professores de Libras que estão ensinando neste século a disciplina nos cursos superiores sejam eles de graduação ou de extensão acadêmica fazem uso das tecnologias em seus processos de ensinagem é o interesse desta pesquisa.

Em abril de 2002 a Comunidade Surda brasileira teve uma grande vitória que foi o reconhecimento da Libras como uma língua através da Lei Federal nº 10.436 de 24 de abril de 2002 (BRASIL, 2002), esta Lei, obriga as escolas

¹⁴¹ *Closed Captions*. – CC – Decodificador de legendas.

¹⁴² Termo referido às Tecnologias da Informação.

de formação de magistério em seus dois níveis Médio e Superior, Pedagogia, os cursos de Licenciaturas e apenas os bacharéis de Fonoaudiologia o ensino da Libras como disciplina obrigatória. Embora acreditemos que Libras devesse ser ensinada obrigatoriamente nas demais áreas, isso não ocorre, sendo ministrada apenas de forma optativa.

Ainda em 2002, a Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC criou a primeira turma de Pedagogia na modalidade de Ensino à Distância – EAD proporcionando assim mais um avanço com o uso das novas tecnologias na educação de Surdos. Segundo relato de Antônio Campos Abreu¹⁴³, a UDESC formou um número considerável de professores Surdos em Pedagogia que se espalharam pelo país.

Em 2005, com a publicação do primeiro dicionário digital em Libras pelo Ministério da Educação - MEC, deu-se início às pesquisas sobre os avatares no Brasil e em 2012 surgiu a primeira versão deles e em 2018 na dissertação de Dias¹⁴⁴(DIAS, 2018), que fala sobre a usabilidade dos avatares no livro didático, ficou mais evidente os avanços tecnológicos com a Libras.

Ainda em 2005, através do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005 (BRASIL, 2005), a Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002) foi regulamentada passando a esclarecer melhor todos os artigos dela. Hoje temos ainda o Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015) e o novo Plano Nacional de Educação - PNE (BRASIL, 2014), que em sua meta 4 na estratégia 4.7, propõe a necessidade da Educação Bilíngue para Surdos.

Como mencionado anteriormente, após anos de lutas pelas Comunidades Surdas brasileiras, em 2002 tivemos a Língua Brasileira de Sinais – Libras, reconhecida como língua através da Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002) e posteriormente regulamentada pelo Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), com isto a língua e o seu aprendizado passaram a ser obrigatória na formação de magistério, nas licenciaturas e nos cursos de fonoaudiologia e facultativa nos demais cursos superiores, proporcionando assim o surgimento de forma definitiva da disciplina de Libras.

¹⁴³ Ex-Presidente da Federação Nacional de Educação e Integração dos Surdos – Feneis.

¹⁴⁴ Avatar sinalizador de Libras aplicado em atividade de livro didático.

Apesar destes aspectos legais, ainda encontramos os professores com dúvidas que pensam utilizar a Libras como ferramenta de ensino e não como língua de instrução, propiciando um erro nesta conceituação. Por outro lado, há professores que utilizam a Libras como idioma pedagógico. Na verdade, a Libras é uma língua e não pode ser tratada como ferramenta na sua didática para o ensino e aprendizado dos alunos Surdos e ouvintes. Lelis (2001), enfatiza que devemos:

(...) trabalhar com a prática, social e profissional, como espaço de constituição dos saberes do professor, implica não perder de vista o universo cultural dos diferentes agentes sociais que fazem histórica e culturalmente a escola (LELIS, 2001, p. 54).

A partir do reconhecimento da Libras pudemos ver o uso das tecnologias crescerem na Educação de Pessoas Surdas, através dos diversos materiais produzidos, como os do Curso de Língua de Sinais Brasileira – LSB¹⁴⁵, os CDs e DVDs distribuídos pelo Instituto Nacional de Educação de Surdos¹⁴⁶, as provas do Exame Nacional de Proficiência em Libras – Prolibras¹⁴⁷, as aulas de Ensino à Distância – EAD, das primeiras turmas de Letras/Libras¹⁴⁸, o Atlas Geográfico Interativo Bilíngue¹⁴⁹, o surgimento dos avatares¹⁵⁰, tradutores nos celulares, entre tantos outros recursos.

Como citado anteriormente, em 2006 a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, amparada pelo Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), realizou o primeiro Exame Nacional de Proficiência em Libras – Prolibras, foi a primeira vez que em todo país foi aplicada uma prova utilizando o recurso audiovisual onde através de perguntas e alternativas em Libras os participantes tinham que responder as questões numa folha de respostas e posteriormente transferir para um cartão de respostas. Cada sala de aula continha um telão ou aparelho de televisão de tela plana, que antecederam as televisões *smartsonde* era projetado através de um aparelho de DVD os enunciados da prova. Os

¹⁴⁵Material produzido por Nelson Pimenta e Ronice Muller Quadros na LSB Vídeo em 2006.

¹⁴⁶ Materiais digitais do INES, citados em SALLES, 2004, p. 50.

¹⁴⁷ Edições 1 a 7 (2006 a 2015).

¹⁴⁸ Letras/Libras nos 9 polos da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC.

¹⁴⁹ Material digital do INES 2008.

¹⁵⁰ ProDeaf e Hand Talk, aplicativos para celulares que traduzem frases em português para a Libras.

participantes por sua vez tinham que responder aos enunciados ao mesmo tempo após a apresentação de cada questão feita em Libras.

As tecnologias foram avançando e ainda em 2006 a UFSC criou a primeira turma de Licenciatura em Letras/Libras que veio a se graduar em 2010 e em 2008 a mesma UFSC expandiu para o Bacharel em Letras/Libras cuja primeira turma se formou em 2012. Ambas as turmas tinham as aulas na modalidade de EAD seguindo o mesmo caminho traçado pela UDESC. Reis (2015) em sua Tese de Doutorado, verificou a quantidade de professores Surdos atuantes no país perfazendo um traçado histórico (CAMPELLO et al., 2020, p. 64).

Ao mesmo tempo que os estudos e as formações avançavam pelo país, Campello (2008) acentuou a questão da Visualidade do Surdo trazendo para o meio da Educação de Pessoas Surdas o debate sobre o trabalho através da percepção visual, tirar a percepção visual da gramática e colocar ela no meio da Didática foi um grande passo para a criação da Pedagogia Surda. Vilhalva (2009) acrescentou a Língua de Sinais como Língua Emergente onde colocou a escola como centro do papel social e cultural do Surdo e local para a aquisição da linguagem e o uso e difusão dela. Estas duas concepções feitas por duas pedagogas Surdas ajudaram a difundir a necessidade de se trabalhar a Pedagogia Surda.

Ao reproduzir o contexto histórico temos que mostrar como foi a construção da sua didática e das tecnologias utilizadas em cada época. Notadamente, percebemos que Stumpf (2010) foi quem mais se engajou nesse trabalho ao descrever o percalço das novas tecnologias no início do século passado, abordando a história do computador desde os anos 40 até as tecnologias existentes no primeiro decênio deste século e como disse anteriormente perpassados mais de dez anos desta publicação o surgimento de novas tecnologias continua avançando.

Esta pesquisa vem a ser um estudo detalhado a respeito das diversas metodologias de ensinagem que podem proporcionar aos professores formas diferenciadas de melhorar e ajudar a difundir a Libras e ao mesmo tempo utilizá-la como ferramenta de ensino. Considerando que em pleno século XXI

muito se fala de novas gerações, de inclusão educacional, de novas tecnologias, reduzindo as escolas especiais e colocando os profissionais na sala de aula despreparados e/ou sem nenhuma orientação.

Num período pós-moderno onde temos que repensar nossos conceitos, refazer, reconstruir, replicar as tarefas de forma a transformá-las construtivas para a criança Surda, não é nada fácil, para isso, requer conhecimento. O professor em sala de aula tem que acompanhar as mudanças que acontecem na educação e na sociedade e estas mudanças têm uma velocidade impressionante devido às novas tecnologias que surgem e que são acompanhadas pelas gerações.

Essas novas gerações de crianças, sejam elas não surdas ou Surdas, estão cada vez mais antenadas e conectadas com as novas tecnologias e ao mesmo tempo, há também uma parcela populacional que não possui acesso à *internet* em suas casas sendo na margem de dois terços das crianças e adolescentes do mundo entre três e 17 anos conforme relatório do União Internacional de Telecomunicações (ITU) e do Fundo das Nações Unidas para a infância – Unicef, divulgado em dezembro de 2020 (UNICEF, 2020), fazendo com que repensemos a forma de trabalhar com nossas crianças.

Sabendo das dificuldades de alguns estudantes para acompanhar as aulas através das novas tecnologias, o professor na sala de aula tem que saber estimular esta evolução das crianças transformando seu trabalho em sala de aula num ensino híbrido. Conforme Camargo e Daros (2021) pontuam em seu livro:

Com a democratização da internet, muito se tem falado sobre as transformações que ocorrerão no futuro. Diversas projeções foram feitas sobre a criação e a incorporação de novas tecnologias e recursos e, é claro, sobre a necessidade iminente da aplicação de novas práticas pedagógicas em salas de aula digitais (CAMARGO; DAROS, 2021. p. 7).

Com este pensamento surge entre nós aquelas dúvidas:

- O professor na sala de aula acompanha realmente esta evolução dos seus educandos?
- Será que ele está preparado para lidar com estas novas tecnologias?

- O que é preciso fazer para melhorar este trabalho do professor?

Estes questionamentos são as hipóteses que reforçam a ideia do produto da pesquisa que é um livro sobre o tema **“A utilização das Novas Tecnologias como ferramenta nos recursos didáticos envolvendo a Libras”**, para ajudar como os professores Surdos e ouvintes que ministram as aulas em nível superior, de Língua Brasileira de Sinais – Libras, a entender as mudanças das novas gerações de crianças Surdas e incorporar aos seus trabalhos na sala de aula.

A escolha desse tema de pesquisa, surgiu através de conversas informais com alguns professores de Língua Brasileira de Sinais – Libras e de críticas a respeito da falta de criatividade por parte de alguns professores de Libras, Surdos e ouvintes, atuando em algumas instituições, somando-se a isso a má qualidade de alguns profissionais no ensino da Libras nas disciplinas de Nível Superior.

Essa má qualidade a qual me refiro é a utilização de recursos visuais de papel, figuras ou imagens fixas sem movimento para a visualidade do Surdo (CAMPELLO, 2008). Se queremos ensinar a Libras temos que trabalhar a sua fluência, sua percepção e seu domínio da língua de forma a demonstrar o quanto ela é importante para o educando Surdo.

Então, rememorando as aulas de pedagogia:

PEDAGOGOS X PEDAGOGETES

Certa vez o professor de Sociologia da Educação perguntou à turma se queríamos ser Pedagogos ou Pedagogoetes, mas ele escreveu estas duas frases no quadro da UERJ. A citação desta alcunha nos levou a uma reflexão:

Pedagogo, ensina, busca aprender e está sempre se aperfeiçoando, se esforçando para dar o melhor de si em benefício da educação, numa sociedade que está constantemente em mudança.

Pedagogete por sua vez é uma alcunha que refere aquele educador que se forma, porém se acomoda, gosta de se exibir, vestir bem, ter tudo bonito, mas não se esforça no trabalho, tem muitas pessoas assim na educação. (informação verbal).

Figura 1 – Pedagogos x Pedagogoetes¹⁵¹ Fonte: Elaborado pelo autor. Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

Então o que notamos hoje é o seguinte: há muitos pedagogos e pedagogoetes espalhados no meio educacional desde o surgimento do INES podemos notar que em duas ocasiões a instituição foi definida como asilo de surdos (BRASIL, 2007). Em outros lugares percebemos que há profissionais que sequer sabem como ensinar às crianças Surdas, são situações como esta que percebemos a diferença entre pedagogo e pedagogoete.

Nessa perspectiva, saber preparar uma aula, estabelecer uma didática, um plano de aula, um planejamento e a metodologia de ensino é fundamental e quando não se consegue devemos buscar novas alternativas de ensinagem utilizando a Libras como idioma pedagógico e colocando em prática os diferentes processos de ensinagem através da Visualidade Surda, assim vamos construindo a Pedagogia Surda buscando cada vez mais fincar as raízes desta cultura. Portanto, muitos autores que iremos utilizar nesta pesquisa são educadores Surdos.

Essas concepções me levaram ainda a embasar no pensamento de Paulo Freire, em seu livro “Pedagogia da Autonomia” onde ele afirma o seguinte:

Não posso ser professor sem me pôr diante dos alunos, sem revelar com facilidade ou relutância minha maneira de ser, de pensar politicamente. Não posso escapar à apreciação dos alunos. E a maneira como eles me percebem tem importância capital para o meu desempenho. Daí, então, que uma das minhas preocupações centrais deva ser a de procurar a aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo. (FREIRE, 1999. p. 108).

Isso me levou a refletir sobre a Pedagogia, me remeteu à minha trajetória histórica, meus conhecimentos acumulados como educador, iniciando como professor do ensino fundamental do primeiro segmento, passando pela Educação Infantil, pela Educação de Jovens e Adultos - EJA, pelo Ensino Médio, até chegar ao Ensino Superior ministrando aulas de Libras, sempre fazendo uso da Libras como modalidade de ensino cujo reconhecimento na Lei

¹⁵¹ Fala do Professor Luiz Octávio Cardoso de Menezes na disciplina de Sociologia da Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ, em 1995.

de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN se deu apenas em 2021 através da Lei 14.191/2021 (BRASIL, 2021).

Durante estes anos que se passaram vimos surgir os estudos sobre as Gerações sendo que as últimas gerações Y, Z e Alfa¹⁵² são completamente conectadas, vimos o avanço e o desenvolvimento das novas tecnologias, vimos a descoberta da teoria das inteligências múltiplas e acima de tudo, vimos os trabalhos com a Libras se expandir pelo país. Logo, a questão da escolha deste tema busca mostrar a importância de se acompanhar o avanço, o crescimento, a evolução e a utilização das novas tecnologias no ensino da Libras principalmente no Ensino Superior voltado para a formação de professores.

Somando-se a isso o advento da Educação 4.0,¹⁵³ impulsionado pela necessidade do Ensino Híbrido consequência da pandemia do Covid-19, que assolou o país em 2020, fazendo com que a Educação migrasse para o ensino *on-line*. Ao abordarmos o tema Educação 4.0 que é advinda da Quarta Revolução Industrial e da era digital, Führt (2018) afirma que neste contexto, apresenta um novo paradigma onde a informação encontra-se nas redes, nas aldeias globais e encontra-se acessível a todos de forma horizontal e circular sem limite de tempo e espaço geográfico (FÜHR, 2018, p. 2).

2. PEDAGOGIA, EDUCAÇÃO E DIDÁTICA

2.1 Conhecendo a Pedagogia, a Educação e a Didática

Em suma, não buscamos demonstrar aqui neste capítulo como ser um bom professor e sim mostrar uma gama de referenciais de informações que proporcionem aos professores, concepções que possam oferecer a eles

¹⁵² Trata-se de uma classificação cronológica das gerações, que são determinadas a partir do comportamento das pessoas que nasceram no mesmo período, o assunto será abordado mais adiante.

¹⁵³O termo está ligado à revolução tecnológica que inclui linguagem computacional, inteligência artificial, Internet das coisas (IoT) e contempla o learning by doing que traduzindo para o português é aprender por meio da experimentação, projetos, vivências e mão na massa. (Ver o Link: Garofalo, 2018).

conhecimentos de Educação, Pedagogia e Didática para o preparo de suas aulas. Trazemos aqui uma seleção de autores como Libâneo (1992), Freire (1999), Antunes (2001), Saviani (2003), Delors (2003), Anastasiou e Alves (2003), Luckesi (2006), Farias (et. al., 2011), Guerra (2011), Camilo e Medeiros (2018) entre outros.

Foi-se o tempo de adaptações das aulas para a pessoa Surda, a partir do reconhecimento da Língua Brasileira de Sinais – Libras, como língua passando pelos experimentos anteriores onde destacamos diversos autores como personagens que ajudaram a delimitar um caminho para a Educação de Pessoas Surdas em nosso país.

Reforçando essa questão hoje se fala muito de inclusão de pessoas Surdas, mas quando vemos esse papel da inclusão, percebemos que o trabalho é feito pela concepção do ouvintismo¹⁵⁴ e não através do bilinguismo¹⁵⁵. Muitas instituições acreditam que basta a presença do Tradutor Intérprete de Língua de Sinais-Português – TILSP, que está tudo resolvido para a inclusão do Surdo. Este é um erro primordial para se trabalhar com a Educação de Pessoas Surdas e este capítulo vai mostrar a importância de se conhecer a Didática para o ensino da Libras. Mal sabem elas que existem diferentes tipos TILSP conforme Souza (2015) traçou o perfil dos diferentes tipos de intérpretes (ver figura 2).

¹⁵⁴ Conceito de que se entende o mundo a partir da percepção da pessoa ouvinte e do modo como ela encara as situações e os ambientes ao seu redor. Nessa lógica, o Surdo é o elemento que não se encaixa, estando fora do padrão socialmente aceito.

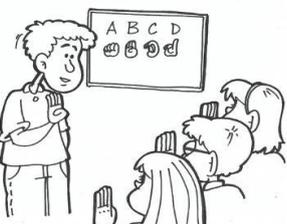
¹⁵⁵ Esse conceito determina que o Surdo se comunique primeiramente através da sua Língua natural (Língua de Sinais) e aprenda a sua Língua pátria através da comunicação escrita.

DIFERENTES TIPOS DE INTÉRPRETES

- 1** **O Intérprete Auxiliar** – A tradução é feita por familiares, amigos ou pessoas solidárias às condições de incomunicabilidade das pessoas surdas. Seu papel principal é o de “ajudar” os surdos.

An illustration showing a woman with glasses and a man standing together. The woman is pointing towards a screen that displays a video of a person. The man is looking at the screen.
- 2** **O Intérprete Redentor** – Através dos trabalhos religiosos, são pessoas que atuam nas Igrejas e Templos e segundo SOUZA (2015, p. 41) a visão sobre essa atuação deixa o plano auxiliar e passa a assumir um caráter redentor. Seu papel principal é o de salvar as almas dos surdos. Embora muitos TILSP tenham iniciado seus trabalhos nas Igrejas e Templos, poucos foram os que se especializaram.

An illustration showing a woman with a cross on her chest and a man. The woman is looking at the man, who is looking at a screen.
- 3** **O Intérprete Compensador** – Surgiu com a Lei da Acessibilidade (BRASIL, 2000), onde o Poder Público se responsabiliza por garantir a acessibilidade, buscando que eles sejam facilitadores do processo. Sendo conhecidos como “ferramentas de acessibilidade”, para isso não havia necessidade de formação e sim conhecimento da Libras.

An illustration showing a man standing next to a screen displaying the letters A, B, C, D and some symbols. He is pointing at the screen. A woman is sitting in front of him, looking at the screen.
- 4** **O Intérprete Garantidor de Acessibilidade** – Quase semelhante ao Compensador, mas surgiu em 2010 com a Lei dos Intérpretes (BRASIL, 2010), onde define como pré-requisito apenas a fluência na Libras e formação inicial em nível de Ensino Médio. Ao mesmo tempo, segundo SOUZA (2015, p. 43) ele passa a ser um instrumento de acessibilidade. Sendo esse profissional tendo apenas uma formação mínima.

An illustration showing a man pointing at a screen displaying a cow. A woman is sitting in front of him, looking at the screen.
- 5** **O Intérprete Especialista** – Esse segue os preceitos da Lei da Libras (BRASIL, 2002) e do Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005) sendo este profissional formado em nível de graduação ou pós-graduação em Letras/Libras – Tradução e Interpretação sendo então um profissional fluente e especialista. Apesar da sua formação é necessário que haja um processo seletivo onde seu domínio e conhecimento linguístico seja avaliado.

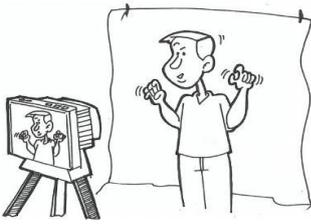
An illustration showing a man standing next to a screen displaying a person. He is pointing at the screen. A woman is sitting in front of him, looking at the screen.

Figura 2 – Diferentes tipos de intérpretes Fonte: Adaptado de SOUZA, 2015.
Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado e Vanessa Alves de Sousa Lesser

É preciso reconhecer a existênciadados diferentes tipos de TILSP e que devemos pensar em como dar a abertura para eles nas instituições de ensino, sendo necessário traçar o perfil do profissional que necessita e avaliar seus níveis de domínio e conhecimento linguístico, muitas vezes vemos processos

seletivos contratando apenas por análise curricular deixando de verificar a fluência e o domínio da Libras havendo então riscos a garantir o fracasso escolar dos educandos Surdos.

Agora com a inclusão da modalidade bilíngue na LDBEN (BRASIL, 2021), torna-se obrigatória a avaliação destes profissionais a fim de garantir que o processo educacional seja de qualidade rompendo o abismo que existe entre a formação e a atuação.

A pandemia do Covid-19 (LIMA e REZENDE, 2020), trouxe para nós a reflexão de que a partir de agora teremos um novo normal, esta mesma pandemia também deixou claro a necessidade do enfoque bilíngue como modalidade de ensino de pessoas surdas. Trabalhar sua visualidade é essencial neste contexto e o ensino híbrido não surgiu agora, ele está presente há muitos anos na educação de uma forma geral e, mais ainda como disse, nesse novo normal, o professor terá que passar por mudanças e transformações tudo isso se dá apoiado em teorias, experiências na sua relação com a sociedade. Estas experiências são levadas para dentro da sala de aula dando uma concepção que já existe entre: escola, sociedade e conhecimento. A isto denominamos ato educativo.

Para isso, precisamos repensar a educação nesta nova era digital, onde usamos diversos meios de comunicação multimídia para estabelecer uma relação professor-aluno que proporcione o aprendizado, no entanto não podemos ficar dependentes da tecnologia pois a importância da cultura escrita é necessária. Quando falamos de cultura escrita, nos referimos à importância de oferecer à pessoa Surda seu letramento e aprendizado da sua segunda língua (L2). Porém esse aprendizado só será possível através da sua visualidade utilizando-se da comunicação feita através do idioma pedagógico.



Figura 3 – Rafaela Hoebel. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Ao abordarmos a questão da visualidade na pandemia, coube a Hoebel (2022) falar o seguinte sobre o tema:

A minha maior preocupação ao ministrar aulas, se voltava ao acesso à internet, sobretudo a sua qualidade e velocidade para a comunicação visual não fosse prejudicada que o aluno não conseguisse captar as informações pela dificuldade de enxergar minhas mãos. (HOEBEL, 2022, p.79).

Isso pressupõe que o professor também se preocupa com seus alunos além da sua prática didática e para isso ele tem que planejar as aulas, pesquisar, elaborar e construir. Ainda mais se sabendo que há a necessidade de se trabalhar o Idioma Pedagógico e fazer com que ele seja bem visualizado. A Língua de Sinais não é um mero “abc” e sim uma conjuntura de sinais em que podem ser sinais icônicos, que são de fácil representação ou sinais arbitrários de difícil representação. Dentro deste contexto de sinais há ainda a descrição imagética muito utilizada pelas crianças Surdas de forma natural e cujos professores em parte não conseguem sequer compreender.

“O professor não nasce feito, ele está sempre se fazendo” (FARIAS et al., 2011, p. 10) isso supõe que o próprio docente tem que saber se adequar à metodologia de cada unidade escolar onde atua, administrando seu tempo e cumprindo com suas obrigações ou cronogramas estabelecidos, além de ter a capacidade de atuar coletivamente, isto é, em grupo, saber improvisar, fazer inovações e construir novos percursos através dos diferentes processos de ensinagem. Ser professor no século XX é muito diferente de ser professor em

¹⁵⁶Rafaela Hoebel – Graduada em Letras, Mestra em Educação e Novas Tecnologias do Centro Universitário Internacional – UNINTER.

pleno século XXI, sendo esse possuidor de um papel social e cultural essencial para os seres humanos. Ademais, de um século para outro, muita coisa mudou e o surgimento das novas tecnologias tornou o trabalho do professor um desafio constante.

É a chegada de um momento totalmente diferente, um momento novo onde precisamos mudar a forma de ensinar, de dar aulas através de conteúdos feitos acolhendo as novas tecnologias. Passamos do período em que as aulas eram produzidas num livro, num quadro e numa folha de papel ou caderno para um período transformado com a incrementação das novas tecnologias o papel do professor muda.

Há um tempo, o professor Celso Antunes relatou o seguinte argumento no texto intitulado “Educação e Mudança”:

EDUCAÇÃO E MUDANÇA

Celso Antunes

(...) Tempos atrás a postura do professor diante de seus alunos era invariavelmente a do “proprietário do saber” e “inquisidor de memórias”. Para professores desses tempos, o ponto de interrogação representava apenas a arma com que a feria e feria seus alunos e sua escola expunha temas que eram essências de se guardar. Não mais se concebe cobrar respostas prontas e mais provocá-las, fazendo do ponto de interrogação sua arma e a alma de sua aula. Da mesma forma, o professor de antontem era o mestre do texto e apenas nesta linguagem acreditava. Seus desafios eram textos, as provas cobravam textos o sucesso da aprendizagem era pelos textos (orais ou escritos) avaliados. Não mais se aceita restrições desse limite. O novo aluno possui estilo de aprendizagem múltiplo e, dessa forma, requer a palavra e o pensamento, a foto e mensagem, o texto e a ilustração e, assim, não prioriza esta e aquela inteligência, pois o uso de todas representa sua ferramenta de um novo aprender.

Essas mudanças não são difíceis de implantar e, menos ainda difícil de encontrá-las. Difícil é acreditar em coletiva vontade de se transformar e assim, verdadeiramente viver. É claro que se o professor se moderniza em sua aula, seu conteúdo, sua postura e suas linguagens fluirão como consequência inquestionável também mudança em sua avaliação.

Professor com esses requisitos e livres para aspirar esses pensamentos será sempre um professor admiravelmente moderno, mesmo em sala de aula aonde sequer a luz elétrica chegou.

Figura 4 – Educação e Mudança. Fonte: Extraído de Celso Antunes, 2010.

Esse texto foi o pontapé para a inspiração na produção deste trabalho científico buscando demonstrar a importância da Pedagogia Surda e seu papel frente ao ensino da Libras. Considerando que a Educação de Pessoas Surdas

é uma área que a pessoa precisa vivenciar, conhecer, pesquisar, acompanhar, adaptar, entender, criar, contextualizar entre outras palavras. O profissional que atua nesta área tem que estar preparado para entrar num trabalho onde se vivenciam dois mundos: o mundo dos Surdos e o mundo dos ouvintes.

Neste contexto, percebemos a necessidade de se repensar a educação, através da mudança impondo a Pedagogia Bilíngue para Surdos, que objetiva trabalhar o ensino de duas línguas em momentos distintos para os alunos Surdos sendo a Libras a primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa, geralmente na modalidade escrita como segunda língua (L2), proporcionando assim uma educação bilíngue. Fazemos aqui uma pontuação que devemos também nos preocupar com as crianças ouvintes, filhas de pais Surdos (CODAs¹⁵⁷), pois elas também necessitam desta Pedagogia Bilíngue já que apesar de serem ouvintes, elas convivem com esse idioma no seu cotidiano ao se relacionar com seus pais.

Ainda neste contexto a necessidade de compreender a Visualidade Surda, destacamos as concepções apontadas por Campello (2007) descritas por Digiampietri e Matos (2013):

Segundo Campello (2007), os termos “pedagogia visual” e “pedagogia surda” são antigos e equiparáveis. Remontam à criação do alfabeto manual e à percepção de que a pedagogia não poderia ser a mesma para todos os sujeitos, que ela deveria respeitar as especificidades das diversas comunidades atendidas pela escola. Quando se fala em “pedagogia visual”, portanto, segundo a autora, fala-se de uma **metodologia de ensino de surdos pautada nos recursos visuais, espaciais, e na língua de sinais**. Esta forma de colocar deve ter como centro **a língua sinalizada** (manifestação maior da comunidade surda); **é importante fazer do signo linguístico visual o seu grande aliado no processo ensino-aprendizagem** (CAMPELLO, 2007 apud DIGIAMPIETRI; MATOS, 2013, p. 46. grifo nosso)

Esta definição sobre a importância da Visualidade Surda, nos leva a embasar a ideia de que através do ensino utilizando-se das Línguas de Sinais, elas passam a ter o papel de Idioma Pedagógico neste processo, que de

¹⁵⁷ CODA – Sigla em inglês para *Child of Deaf Adults*, que em tradução para o português significa Filho de Pais Surdos. Essa denominação representa todas as pessoas ouvintes que possuem pai ou mãe Surdos ou até ambos os pais Surdos.

Analisando a nuvem de palavras, demos destaque ao que é muito utilizado pelos professores de Educação de Surdos tendo como base referencial o Currículo traçado por Pinheiro, Diniz e Oliveira, em 2001, para o ensino da Libras na grade curricular do INES. Esses processos de ensinagem nos remete então a necessidade de se analisar a Didática do ensino para com os educandos, essa didática é definida de diversas formas conforme vemos na descrição abaixo:

Etimologicamente refere-se à parte da Pedagogia que cuida das questões relativas ao ensino. O termo é mais utilizado como o conjunto de atividades escolares que tem em vista a transmissão de conteúdo. Parte da Pedagogia voltada para o ensino e seus métodos. Direção e arte da aprendizagem. Tudo que diz respeito ou tem por fim o ensino. (ANTUNES, 2001 p.104).

Para que possa haver um aprofundamento disso devemos fazer uma observação sobre a Pedagogia, a Didática até se chegar ao processo de ensinagem frente às novas tecnologias passando pelas novas gerações, pelas múltiplas inteligências, tudo isso para apresentar um embasamento com vistas a entender o papel da Didática frente a Pedagogia Surda associado ao uso das novas tecnologias.

2.2 Pedagogia e Didática: entendendo o papel do educador frente as mudanças

Sendo a didática um ramo da pedagogia, Libâneo (1992), define bem o papel dela ao pontuar o seguinte:

A didática é o principal ramo de estudo da pedagogia. Ela investiga os processos e os fundamentos do ensino e trata os princípios gerais da prática em sala de aula, tais como: processo de ensino e de aprendizagem, avaliação, métodos, práticas de ensino, formulação de objetivos etc. (LIBÂNEO, 1992, p. 26).

Isto supõe que o educador em questão tem que estudar melhor e repensar as condições as formas para a execução da prática de ensino em

sala de aula unindo as novas tecnologias que fazem parte da vida cotidiana trazendo assim a questão social fazendo um elo entre a sociologia da educação e a relação professor-aluno.

Entretanto, Reale (2015), um filósofo italiano publicou um livro onde ele demonstra a sua preocupação com o avanço das novas tecnologias frente a educação, ele comenta que os estudantes estão deixando de utilizar livros, cadernos e focados apenas no uso das tecnologias, tornado quase que de maneira uniforme dependentes da conectividade, e eles estão cada vez mais antenados. Ao mesmo tempo ele dá um alerta que estes estudantes poderão deixar de aprender uma gama de informações, principalmente as educacionais, sociais e culturais. Este alerta é importantíssimo pois o papel da Escola na era digital deve ser outro e nós educadores temos que repensar nossa forma de agir em nosso trabalho frente a estas mudanças.

Como ilustrado na Figura 6, Antunes (2013) vai mais longe ao indagar quem somos nós: Professores ou Professauros?

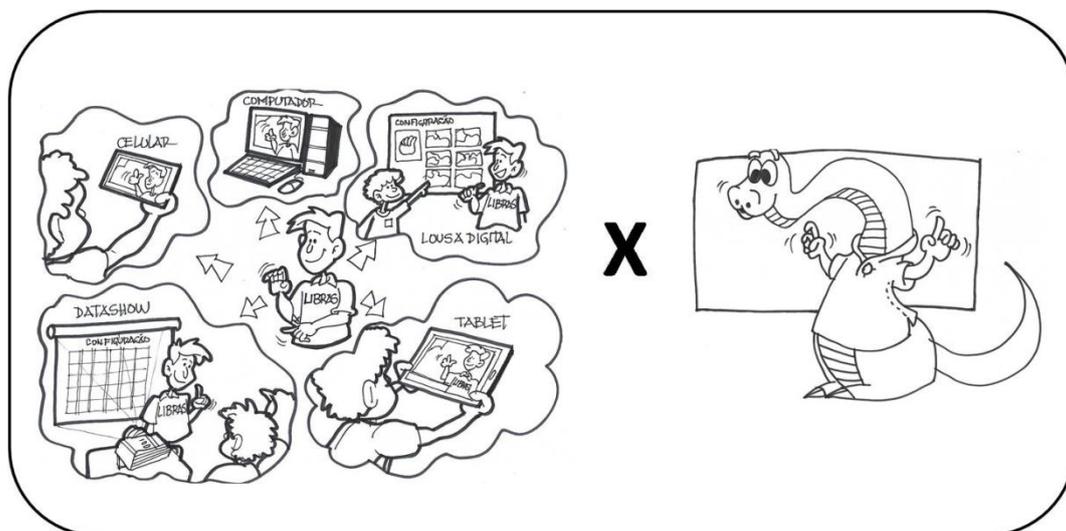


Figura 6 – Professores x Professauros. Fonte: Adaptado de Antunes (2013).
Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser

Vendo a ilustração acima, percebemos a diferença entre o Professor e o Professauro, enquanto a primeira busca se adequar, se aperfeiçoar, melhorando o seu trabalho de acordo com as necessidades e mudanças, fazendo a adequação de forma correta, o segundo se mantém acomodado como se fosse o dono de um saber que não evolui e ao mesmo tempo se torna

tradicional, transmitindo suas aulas de forma monótona para os alunos. Então caberá a cada professor decidir se quer ser um Professor ou um Professouro.

Em pleno século XXI, vemos as informações chegando numa velocidade impressionante com muitas transformações devido ao uso das novas tecnologias que permeiam a vida dos seres humanos. A escola, como um todo não fica fora deste processo ela tem o papel de se adequar às mudanças que as tecnologias digitais de informação e de comunicação trazem para a sociedade e estar preparada para este meio que é uma sociedade da informação e da comunicação, onde o papel do professor passa a ser o de transformador, onde de acordo com Guerra, (2011) “transformar o conteúdo programático de uma disciplina em algo relevante para o aprendiz é um grande desafio para o professor” (GUERRA, 2011, p.18).

Ainda, de acordo com Libâneo (2002):

Os profissionais da educação precisam ter pleno domínio das bases teóricas, científicas e tecnológicas, e sua articulação com as exigências concretas do ensino, pois através desse domínio que ele poderá estar revendo, analisando e aprimorando sua prática educativa (LIBÂNEO, 2002 p. 28).

Entretanto, não podemos esquecer algo que muitas vezes deixa o professor numa situação um tanto desconfortável que é a falta de recursos. Porém vale ressaltar que dentro da educação o mais importante não é a utilização de grandes recursos e sim a prática de atitudes comunicativas e afetivas que devem ser desenvolvidas de forma dinâmica e criativa com o objetivo de efetivar a transmissão do conhecimento para o educando.

Digiampietri e Matos, reforçam que:

De acordo com Lacerda et. al. (2011), a fim de promover a aprendizagem do aluno surdo, apresentar as disciplinas em Libras não é o suficiente, “é preciso explicar os conteúdos de sala de aula, utilizando toda a potencialidade visual que esta língua tem” (p. 104). Segundo as autoras, estamos falando daquilo que Campello (2007) classifica como semiótica imagética: “um novo campo que explora a visualidade a partir do qual podem ser investigados aspectos da cultura surda, da constituição da imagem visual presentes nos surdos, os chamados “olhares surdos”, que podem ser cultivados também como recursos didáticos (p. 104, grifo das autoras) DIGIAMPIETRI; MATOS, 2013, p. 46-47).

Antunes (2013) corrobora que ‘uma boa educação e, portanto, uma boa escola, um bom professor, uma boa aula ocorre sempre quando esse equilíbrio de manifesta’ (ANTUNES, 2013, p. 44). Tal equilíbrio de refere à garantia das oportunidades aos alunos, dando a eles incentivo à criatividade e não impondo limites promovendo assim uma integração do educando com o seu aprendizado dentro daquilo que ele necessita.

A utilização do espaço escolar passa a ser de forma diferenciada, o papel da escola cresceu, ela se inovou e o professor também, antigamente era na base do papel que aprendíamos os conteúdos e os ensinamentos, depois vieram os recursos audiovisuais hoje estamos mais com recursos visuais tecnológicos e o professor tem que saber ser professor. Antunes (2013) pontua que “um verdadeiro mestre usa a sala de aula, mas sabe que seus alunos aprendem dentro e fora da mesma (...)” (ANTUNES, 2013, p. 23). Esse professor deve provocar seus alunos a pesquisar, a ter pensamento crítico a despertar seu interesse e sua curiosidade e isso remete ao aprendizado. É aí que vemos a didática em ação.

A didática não pode e não deve ser pouco trabalhada e sim incentivada baseada na Teoria da Educação e nas diferentes Tendências Pedagógicas. Conhecer a didática utilizada pelos professores que ensinam a Libras é primordial e demasiadamente importante. Saber como eles planejam as aulas, verificar como eles elaboram pois de acordo com Luckesi (2006) “o ato de planejar é um ato decisório da maior importância e efetivado dentro de um projeto coletivo institucional” (LUCKESI, 2006, p. 147).

Planejar é antecipar certas ações para que se possa atingir os objetivos propostos no processo de ensino-aprendizagem, portanto o planejamento em si é um momento de reflexão sobre a ação pedagógica e da tomada de decisões sobre as estratégias que serão utilizadas e as formas de avaliação. Ele é fundamental para um bom funcionamento tanto da aula, quanto da escola e deve ser estruturado através do conjunto: planejamento da escola, plano de ensino e plano curricular. Quanto mais clareza houver no planejamento, maior será a liberdade e a autonomia no processo de ensino e aprendizagem.

Assim o trabalho do professor frente às novas tecnologias passa a ser um desafio a se superar conforme Souza (2011) apud Cambi (1999) e Camillo e Medeiros (2018):

Segundo Souza (2011) acredita que o papel do educador torna-se cada vez mais desafiador, no sentido de tentar inovar suas aulas, suas metodologias e mais além, buscando novas práticas, levando para o contexto escolar algo que provoque e desperte o educando para os estudos. (CAMBI, 1999, apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p.24)

A isso devemos repensar as novas teorias pedagógicas entre elas a Pedagogia Surda onde trabalhar a Visualidade Surda (CAMPELLO, 2008) é fundamental além do incentivo à aquisição da língua colocando a Libras como modalidade de ensino (BRASIL, 2021) a ser utilizada na escola. A isso denominamos idealismo o qual Cambi (1999) apud Camillo e Medeiros (2018) explicam “o idealismo se intera com suas novas teorias pedagógicas, capazes de repensar de modo novo e radical a identidade e o papel cultural e político da pedagogia”(CAMBI, 1999, apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p.24)

Esse idealismo faz com que haja uma reflexão na pedagogia na forma de ensinar, sabemos que desde a segunda guerra mundial o desenvolvimento tecnológico vem crescendo de forma acelerada e as gerações humanas foram acompanhando essa evolução e hoje estamos num patamar onde trabalhar as novas gerações é um papel um tanto complexo conforme Souza (2011) apud Camillo e Medeiros (2018) afirmam:

É necessário um trabalho árduo e contínuo para que a preparação das novas gerações seja feita de maneira satisfatória, tornando o homem mais conhecedor de si e preparado o suficiente para lidar com a realidade. Ratificando, portanto, o que é exposto mais acima, **a escola deve tornar-se um mundo real e prático.** (SOUZA, 2011 apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p.23)

Uma sociedade transformadora é o ideal, mas de acordo com Saviani (2003) “em lugar de adaptar a natureza, ele tem que adaptar a natureza a si, isto é, transformá-la” (SAVIANI, 2003, p. 11). Isso supõe que os seres humanos buscam o melhor para si compartilhando com os outros seres humanos os saberes por ele adquiridos. Na educação temos este papel e não devemos

guardar para nós, o saber, ele deve ser compartilhado para que todos tenham conhecimento. Essa forma de compartilhar leva a construção de uma nova sociedade garantindo assim a sua própria existência.

De acordo com Saviani (2003) “a escola tem o papel de possibilitar o acesso das novas gerações ao mundo do saber sistematizado, do saber metódico, científico. Ela necessita organizar processos, descobrir formas adequadas a essa finalidade” (SAVIANI, 2003, p. 75).

Para que isso ocorra é preciso que o professor aprenda a dominar o saber relacionado às tecnologias. Freire (1999) já afirmava que ele “não é apenas um objeto da história, da cultura, da política, constato não para me adaptar, mas para mudar” (FREIRE, 1999, p. 77). Então isso supõe que o professor tem que buscar alcançar as metas impostas pela sociedade, no que diz respeito às novas tecnologias aprimorando seus conhecimentos através de atualizações profissionais.

Embora uma parte dos professores ainda não possuem domínios tecnológicos eles precisam buscar aprender e ter conhecimento sobre eles a fim de tornar a aula mais dinâmica e não estática. “A tecnologia não é apenas uma ciência aplicada, ela é uma ciência reedificada e impulsionada por instrumentos técnicos conceituais propositadamente instituídos” (MARQUES, 2003, p. 104).

O professor precisa saber que ele é um ser inacabado, ele não possui todo saber, ele aprende todos os dias e que para a sua existência como educador ele terá que estar sempre aberto às mudanças.

2.3 Pedagogia: uma ciência da educação

A palavra Pedagogia é originária do Grego: *Paidós; Agein; Logos*, que significa de uma forma mais ampla: conduzir o aprendiz. Em outras palavras podemos definir a Pedagogia como sendo a ciência da educação.

Rego e Lima (2010) definem a Pedagogia da seguinte forma:

(...) constitui-se um **estudo sistemático** sobre a **educação**, com direcionamento para **agir**. Uma concepção pedagógica é

um **conjunto de princípios e diretrizes que orientam a ação educativa**. O seu **objeto de estudo é a prática educativa** como ponto central de referência de sua investigação e consequentes direções teórico-práticas (REGO; LIMA, 2010, p. 8, grifo nosso).

Ao longo dos anos de sua existência a Pedagogia foi perdendo valor sendo necessária uma transformação em âmbito mundial. E de acordo com Camillo e Medeiros (2018) foi necessário ao longo do século XX redefinir a identidade da pedagogia, renovando seus limites e deslocando o seu eixo epistemológico gerando a seguinte Figura 7.

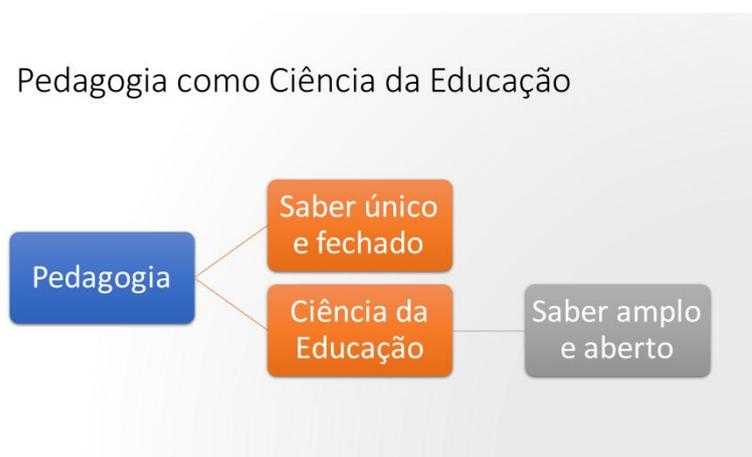


Figura 7 – Pedagogia como ciência da educação. Fonte: Camillo e Medeiros (2018).

Dessa forma, Camillo e Medeiros (2018) esclarecem que a pedagogia logo “passa a ser uma Ciência da Educação, de um saber único e fechado para um saber aberto e amplo” (CAMBI, 1999 apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p. 28).

Tal fato ocorre devido ao rápido desenvolvimento da sociedade que cada vez mais vai se aperfeiçoando ampliando sua rede de saberes, gerando assim a necessidade de mudanças e ao mesmo tempo de se definir a pedagogia em pleno século XXI. Camillo e Medeiros fazem uma definição da Pedagogia de forma sistemática conforme a Figura 8.

Definição de Pedagogia



Figura 8 – Definição de Pedagogia. Fonte: Camillo e Medeiros (2018).

Percebemos a Pedagogia como sendo uma Ciência da Educação a qual Camilo e Medeiros (2018) citam a definição de Cambi (1999) que em suas palavras, defende que a pedagogia está hoje transcrita em grande parte nas ciências da educação e só partindo dela que se pode enfrentar os problemas que a educação enfrenta (CAMBI, 1999 apud CAMILLO; MEDEIROS, 2018, p. 29).

Nesse contexto, repensar a Pedagogia para Surdos, é um tanto necessária, porém não é tão simples de ser executada, Skliar (2005) chega a mostrar o que é fundamental para a construção desta Pedagogia ao pontuar o que “a Pedagogia para Surdos se constrói, implícita ou explicitamente, a partir das oposições normalidade/anormalidade, saúde/patologia, ouvinte/surdo, maioria/minoria, oralidade/gestualidade etc” (SKLIAR, 2005, p. 9).

Por muitos anos a Educação de Pessoas Surdas foi pautada na questão clínica, prova disso fica estritamente marcante ao vermos que durante muitos anos após Huet, alguns Diretores do INES tinham relação com a atuação na área de clínica médica, prova disso é que no século passado, nos mais precisamente em 1934 foi implantada no instituto uma espécie de Pedagogia Emendativa, cuja finalidade era a de fazer os Surdos falarem, numa época que se cunhava a ideia de Escola Nova no Brasil, o INES focava apenas em fazer o Surdo falar.

A partir dos anos 60, mais precisamente entre 1969-2001 começaram a surgir novas Ideias Pedagógicas e com isso novas propostas de se trabalhar a Educação de Pessoas Surdas. Foi durante este período que predominou a Tendência Pedagógica da Comunicação Total e graças a ela foi possível que através de pesquisas feitas pelo linguista americano William Stokoe, na Universidade de Gallaudet¹⁵⁸ deu às Línguas de Sinais o *status* de Língua.

Com o surgimento da Comunicação Total, temos então que apresentar as diferentes correntes pedagógicas que existem na Educação de Pessoas Surdas, lembrando que cada uma delas contribuiu de forma positiva ou negativamente para o desenvolvimento de seus educandos em cada uma das épocas, na Figura 8, descrevemos cada uma delas descritas por Kalatai e Streiechen (2012) para que possamos compreender melhor.

Correntes Pedagógicas na Educação de Pessoas Surdas

- Oralismo – Seu principal objetivo é desenvolver a fala do surdo, pois para os defensores deste método, a língua falada é considerada essencial para a comunicação e desenvolvimento integral das crianças surdas (KALATAI; STREIECHEN, 2012, p. 5);
- Comunicação Total – Sua principal meta é o uso de qualquer estratégia que possa permitir o resgate da comunicação das pessoas surdas. Este modelo combinava a língua de sinais, gestos, mímicas, leitura labial, entre outros recursos que colaborasse com o desenvolvimento da língua oral (SCHELP, 2008 apud KALATAI; STREIECHEN, 2012, p. 7);
- Bilinguismo – Consiste em trabalhar com duas línguas no contexto escolar e, neste caso, as línguas em questão são a Língua Portuguesa (escrita) e a Língua Brasileira de Sinais Libras. Essa metodologia é utilizada atualmente com surdos em algumas instituições educacionais brasileiras (KALATAI; STREIECHEN, 2012, p. 8);
- Pedagogia Surda – Ela tem a finalidade de mostrar um novo caminho para a educação do surdo, pois ela é uma metodologia que atende de uma forma satisfatória as especificidades do surdo, de forma a considerar todos os aspectos culturais deste sujeito (KALATAI; STREIECHEN, 2012, p. 11).

Figura 9 – Correntes Pedagógicas na Educação de Pessoas Surdas. FONTE: Adaptado de Kalatai e Streiechen (2012).

Nos anos da década de 1980, Danielle Bouvet¹⁵⁹ deu início a uma nova Tendência Filosófica na Educação de Pessoas Surdas, incrementando o Bilinguismo. Neste contexto pontuamos que toda Educação de Pessoas Surdas é e sempre foi bilingue, supondo que numa classe de alunos Surdos, o professor escreva no quadro, utilize slides ou distribua textos na Língua Pátria,

¹⁵⁸ Universidade para Surdos situada em Washington D. C.

¹⁵⁹ Surda francesa que fez as primeiras pesquisas sobre o bilinguismo na Suécia.

porém ele irá transmitir o conhecimento utilizando a Língua de Sinais. Os alunos por sua vez irão aprender através da Língua de Sinais, porém, irão registrar em seus cadernos, *tablets* ou celulares na Língua Pátria. Logo podemos deduzir a existência do bilinguismo dentro deste contexto pedagógico.

O bilinguismo surgiu num período de mudanças na educação da ruptura política para a continuidade socioeconômica. Amparado nestas mudanças percebemos um novo jeito de Ser Surdo se afastando do ouvintismo¹⁶⁰, buscando uma Pedagogia Surda fortalecida através da visualidade, utilizando-se do Idioma Pedagógico como marca para a transmissão do conhecimento e do saber, seguindo a ponderação de Campello (2008) que diz o seguinte: “a educação bilingue consiste em dar habilidade aos sujeitos Surdos de se comunicar em duas línguas, sendo que uma língua pode predominar sobre a outra” (CAMPELLO, 2008, p. 68).

2.4 Educação: do seu ponto de vista aos seus quatro pilares

A palavra Educação é originária do Latim: *Educare*, que significa alimentar, criar, fazer, sair, conduzir para fora. Para Delors (2003), “a Educação surge como um trunfo indispensável à humanidade na sua construção dos ideais de PAZ, de LIBERDADE e de JUSTIÇA SOCIAL” (DELORS, 2003 apud REGO; LIMA 2010, p. 8). Ela possui dois pontos de vistas a saber (Figura 10).

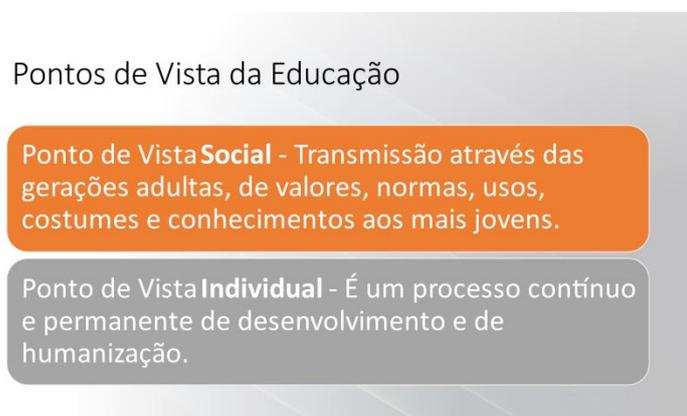


Figura 10 – Pontos de vista da educação. Fonte: Adaptado de Rego e Lima (2010).

¹⁶⁰ De acordo com Skliar, é uma referência aos sistemas de representação que os ouvintes fazem e impõem sobre a surdez e os Surdos.

Estes dois pontos de vista da Educação apresentam as duas formas distintas da palavra Educação, sendo a social, comumente conhecida como a educação transmitida do adulto para a criança enquanto a individual é comumente conhecida como a educação que se trabalha na interação social para o desenvolvimento em sociedade. Porém as duas fazem parte da Educação e devemos trabalhar os dois pontos de vista sendo este papel dividido entre família e escola.

Segundo Rego e Lima (2010), A educação deve, pois, constantemente, acompanhar as transformações da sociedade, sem deixar de reconhecer as aquisições e os saberes construídos pela humanidade, frutos da experiência humana, contribuindo para a construção da cidadania (REGO; LIMA, 2010, p. 8).

O panorama atual de nossa sociedade apresenta um mundo em constante mudança, isto é, em constante transformação e ao mesmo tempo que ele se transforma a humanidade passa a adquirir saberes através da sua experiência buscando construir uma sociedade mais igualitária em busca da cidadania. Aqui surge então o papel da escola, visando trabalhar o ponto de vista individual.

Quando se trata de Educação de Pessoas Surdas, esse papel passa a ser dobrado considerando que a maioria dos pais e responsáveis pelas crianças Surdas não sabem se comunicar através da Língua de Sinais, portanto a transmissão do ponto de vista social passa a ser feito geralmente com o Surdo adulto. E caberá a este Surdo adulto fazer emergir de dentro da criança a Língua de Sinais porque geralmente as crianças Surdas quando chegam numa escola voltada para eles possui sinais familiares ou nenhuma língua. Cabendo aos profissionais da educação transmitir os quatro pilares da educação que existem utilizando-se da Língua de Sinais como idioma pedagógico, isto é, como uma língua de instrução.

Em 2003, a UNESCO produziu um relatório definindo quatro pilares como base da Educação do Futuro, o qual Delors (2003), nos apresenta. Estes quatro pilares são os seguintes (Figura 11).

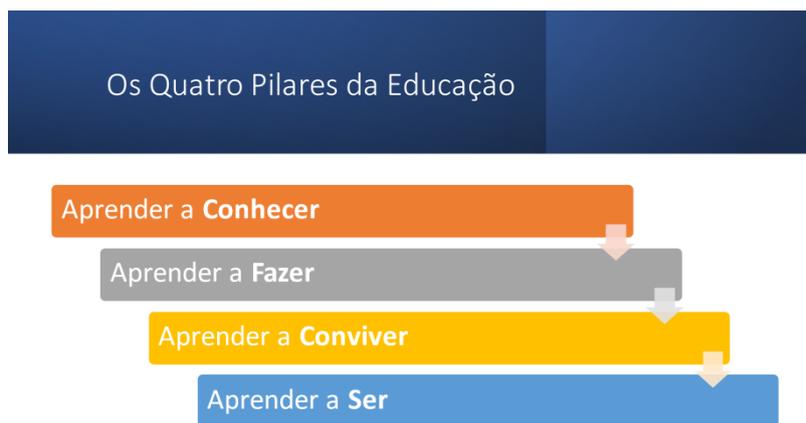


Figura 11 – Os quatro pilares da educação. Fonte: Adaptado de UNESCO (2003).

Segundo Delors (2003), estes quatro pilares da Educação apresentam as seguintes concepções:

4) Bases da Educação:

Esta concepção sobre os pilares e porventura, a mais importante considerando que os quatro pilares são vistos como sendo a base da educação.

5) Quatro Aprendizagens:

Essa concepção pode ser a mais óbvia, por se tratar de quatro diferentes formas de aprendizagens, permitindo assim à educação dar uma resposta à sua missão.

6) Pilares do Conhecimento:

Esta concepção, define de forma substancial que as quatro aprendizagens juntas, são os pilares do conhecimento.

Antunes (2001a) previamente falava sobre estes quatro pilares da educação ponderando que quem aprende a conhecer, aprende a aprender e essa aprendizagem é necessária para as relações entre os seres humanos. No caso de aprender a fazer ele nos chama a atenção para a formação e preparo para o mundo do trabalho. E quando falamos de formação devemos lembrar que nossa vida profissional é contínua e precisamos sempre nos atualizarmos. Quando ele aborda a questão de aprender a conviver ele nos chama a atenção

para aprendermos a estar juntos e conviver com os outros. Por fim na questão de aprender a ser, ele dá a ideia de preparar todos os seres humanos em vários sentidos tais como: corpo, inteligência, sensibilidade, sentido estético, responsabilidade pessoal, ética e espiritualidade.

Através dessas concepções temos o seguinte entendimento que a educação neste século deve ser conduzida através destes quatro pilares, conforme o relatório da UNESCO de 2003.

Uma vez tendo esse relatório que foi uma das bases, Rego e Lima (2010, p. 8) definem no quadro abaixo o contexto da Educação para este século (Figura 11).

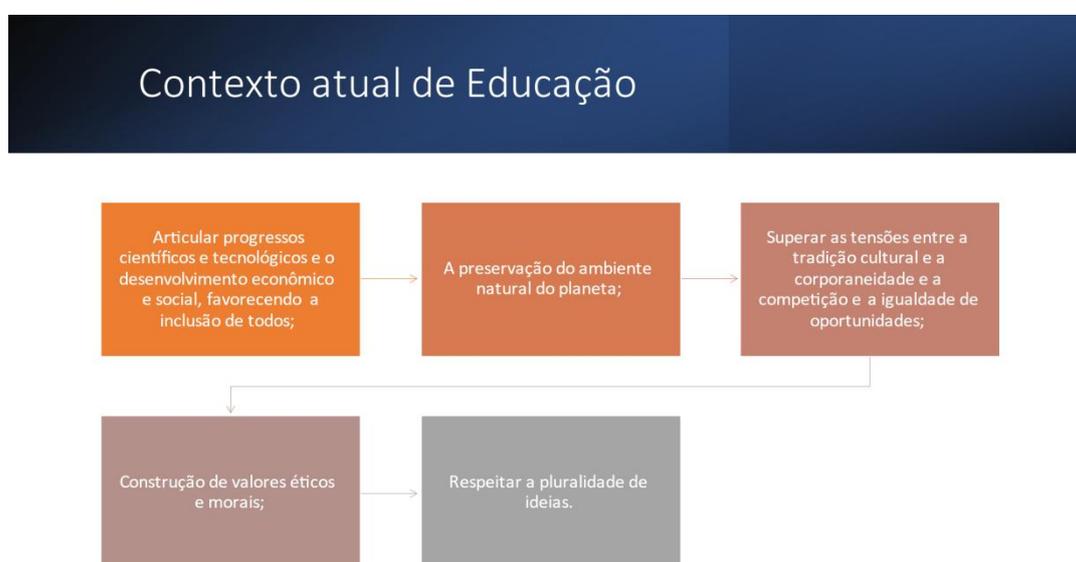


Figura 12 – Contexto atual de educação. Fonte: Rego e Lima (2010).

Assim vale ressaltar que baseado neste relatório é que surgem as normativas que definem a Educação em nosso país. Sendo primordial e necessário para os profissionais da educação terem conhecimento dos conteúdos deste relatório.

2.5 Didática: sua origem e importância

A palavra Didática é originária do grego *Techné, Didaktiké*, que significam: fazer aprender, instruir, ensinar.

Seu surgimento veio no século XVII se expandindo no século seguinte tendo como destaque três grandes precursores: Comenio¹⁶¹, Rousseau¹⁶² e Herbarth¹⁶³. Cada um deles deu a sua contribuição para o reconhecimento da Didática assim como contribuiu para a importância do fazer docente, da identidade docente e da organização do processo didático (Figura 13).

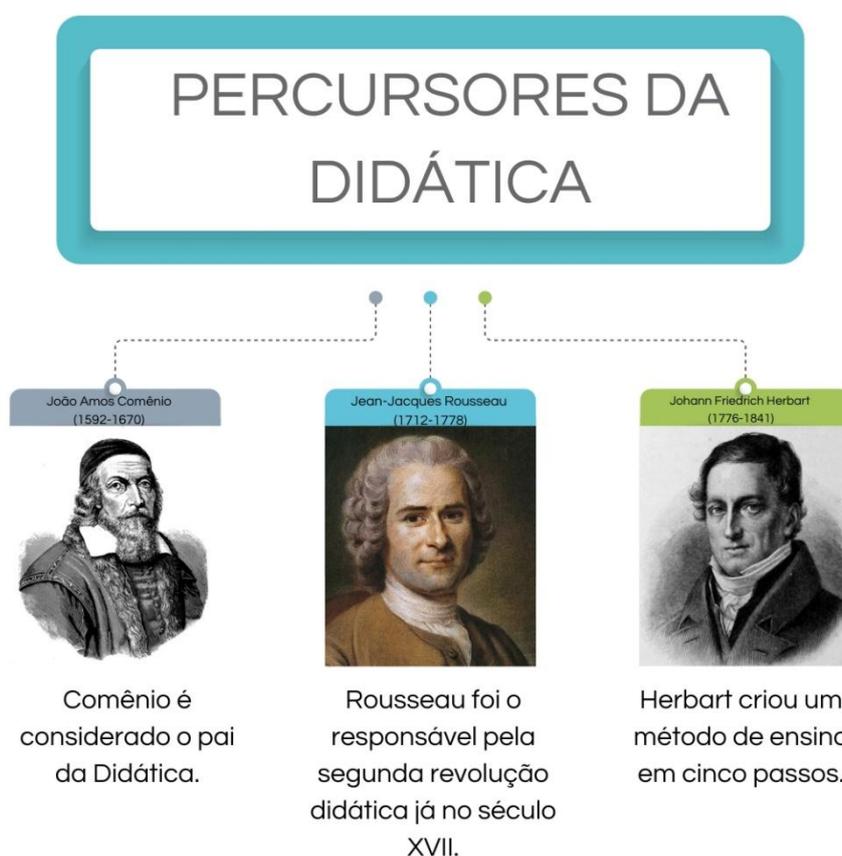


Figura 13 – Precursores da Didática. Fonte: Adaptado de Farias et. al. (2011). Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

¹⁶¹ Jan Amos Comenio/Iohannes Amos Comunius mais conhecido como Comenius, era educador tcheco.

¹⁶² Jean-Jacques Rousseau era filósofo suíço.

¹⁶³ Johann Friedrich Herbart, era filósofo, psicólogo e pedagogo alemão.

Falar de cada um destes precursores é muito relevante considerando o papel desenvolvido por cada um. Farias (2011, p. 13) destaca o papel de cada um deles conforme a representação na figura acima.

Comenio (Iohannes Amos Comenius, 1592-1670), o grande educador e pedagogo do século XVII, desejava ensinar tudo a todos buscando o atingir uma educação ideal, entre suas ideias ele possuía um projeto de ensino para todos onde sua meta consistia em ensinar tudo para todos. Por causa de suas ideias ele foi muito perseguido, perdendo inclusive sua pátria, sua família e seus bens, vindo a falecer no exílio em 1670, na Holanda. Rousseau, por sua vez já no século XVIII introduziu um novo conceito de infância. Enquanto Herbart, no mesmo século, defendia a ideia de educação pela instrução.

Estas foram as primeiras contribuições da Didática que agregadas a outras contribuições de acordo com Farias (2011):

Organizando os saberes da Pedagogia e da Didática como campos do conhecimento sobre a educação e o ensino, respectivamente, ora enfatizando o sujeito que ensina ou o sujeito que aprende, ora destacando o método, os procedimentos e os materiais de instrução como eixo central do processo de ensino e de aprendizagem (FARIAS et al., 2011, p. 14).

Entendemos aqui que a Didática enfatiza tanto o sujeito que ensina, no caso o professor, quanto o sujeito que aprende, nesse caso, o aluno, dando destaque ao método, ao procedimento, isto é, a prática e aos materiais de instrução, considerando estes três elementos como o eixo central do processo de ensino e aprendizagem.

De acordo com Rego e Lima (2010): “a Didática por muitos anos, foi compreendida como um conjunto de procedimentos técnicos cujo objetivo principal era o de garantir o bom ensino, técnicas pedagógicas eficientes e bem conduzidas produziam a eficácia educativa” (REGO; LIMA, 2010, p. 9).

Rego e Lima (2010) vão mais além ao afirmar que:

Atualmente, sabe-se que a **Didática** tem como **objetivo os processos de ensino e aprendizagem**, ultrapassando a técnica, **sendo um meio de compreensão crítica da educação e dos processos de ensino e de aprendizagem**. A Didática em termos técnicos e práticos, **possui um conteúdo**

implícito, uma concepção de sociedade de homem e de educação (REGO; LIMA, 2010, p. 9, grifo nosso).

É primordial afirmar que em pleno século XXI o uso das novas tecnologias faz parte deste processo de ensinagem como material de instrução. Os profissionais da educação também poderão se pautar nas didáticas produzidas por Froebel¹⁶⁴ que inovou com a ideia do Jardim de Infância, hoje conhecido como Educação Infantil. Dewey¹⁶⁵ que propunha uma educação baseada na experiência, assim como Paulo Freire¹⁶⁶ que propôs uma pedagogia libertadora, e por fim, temos Perrenoud¹⁶⁷ que focou nas competências básicas do professor. Juntando-os a outros teóricos, que são muitos, podemos repensar a didática dentro dos processos de ensino e aprendizagem, levando o aluno a compreender através dos diferentes processos de ensino e de aprendizagem.

2.6 A Prática da Didática na Docência

Nessa parte focamos na questão da prática didática na execução das aulas onde abordamos a necessidade e se pesquisar, elaborar, planejar as aulas e colocar ela em prática. Nem sempre a mesma aula servirá para todos os alunos e para nós, o melhor professor não é aquele que consegue fazer com que um ou outro aluno aprenda, o melhor professor é aquele que fará com que todos os alunos aprendam.

No Brasil, nossos alunos são avaliados através de suas habilidades e competências geralmente o foco é nas avaliações das disciplinas de Língua Portuguesa e Matemática, acontece que avaliar as habilidades e competências não é apenas isso. Antunes (2001) define a habilidade como sendo a capacidade ou destreza em executar uma ação que demande a construção de uma técnica particular ou de uma → **operação cognitiva** (ANTUNES, 2001b, p. 122). No contexto educacional ele define a habilidade de estudo como sendo:

¹⁶⁴Friedrich Wilhem August Froebel (1782-1852) – Pedagogo alemão.

¹⁶⁵John Dewey (1859-1952) – Filósofo e Pedagogo norte americano.

¹⁶⁶Paulo Reglus Neves Freire (1921-1997) – Educador e filósofo brasileiro.

¹⁶⁷Philippe Perrenoud (1944 -) – Sociólogo suíço.

Conjunto de técnicas, estratégias e padrões de comportamento que formam uma abordagem estruturada de aprendizagem, em geral baseada na teoria psicológica, mas também em experiências adquiridas e transmitidas de modo informal. Inclui características de estudo efetivo, como: → **habilidades operatórias**, habilidade de leitura, técnicas de revisão, administração do tempo de estudo, estratégias de investigação e outras (ANTUNES, 2001b, p. 122-123).

Ao falarmos de habilidades, não estamos abordando apenas esta parte existem ainda as habilidades mentais primárias¹⁶⁸ que antecedem ao trabalho de Howard Gardner (1993) um psicólogo cognitivo educacional, sobre as inteligências múltiplas e as habilidades operatórias que demonstram a compreensão e intervenção da capacidade do indivíduo de agir frente aos fenômenos sociais e culturais. Estas habilidades operatórias variam de acordo com o nível de escolaridade de cada aluno.

Além das habilidades, temos que ter noção da importância das competências, mas de que adianta falar de competências sem saber o que são. Deveras vezes os professores sequer sabem diferenciar as habilidades das competências e coube a Antunes (2001b) definir o que são as competências: “compreensão, uso de habilidades, atitudes e comportamentos que facilitam a aprendizagem e o crescimento intelectual, social, físico e emocional dos alunos” (ANTUNES, 2001b., p. 94-95).

Diante disso temos que entender o papel do professor, dentro da Didática, não podemos deixar de destacar que o professor, tem que ter uma visão bastante observadora de seus alunos, uma vez que cada criança possui suas diferentes formas de inteligência e temos que estimulá-las através das suas habilidades e competências. Howard Gardner, psicólogo da Universidade de Harvard, em 1993 começou a observar as inteligências múltiplas (ver figura 14) de suas crianças onde Antunes (2001b) destaca a sua observação a respeito:

Howard Gardner define inteligência como um potencial e habilidade que nos ajuda a resolver problemas e/ou criar produtos que sejam válidos e úteis para um ou mais contextos

¹⁶⁸ Antes de Howard Gardner, Thurstone, um epistemólogo já descrevia sete habilidades mentais: memória, capacidade verbal, fluência verbal, capacidade numérica, percepção espacial, discriminação percentual e raciocínio (ANTUNES, 2001b., P. 123).

culturais, em função de oito classes distintas de se conhecer o mundo e expressar sua linguagem (ANTUNES, 2001b., p.55).

Segundo Antunes (2001b), “o Brasil por muitos anos se baseou na linguística e lógico-matemática” (ANTUNES, 2001b, p. 57). Como podemos notar, até hoje ainda vemos instituições acreditando que a melhor forma de avaliar os alunos é através do ensino de Língua Portuguesa e Matemática, o que vai de contraponto contra a necessidade de se trabalhar com os alunos as diferentes inteligências. Podemos destacar então dois autores que fizeram uma enorme contribuição no panorama educacional Philippe Perrenoud e Howard Gardner, enquanto o primeiro aborda a questão de se verificar as habilidades e competências do educando, o segundo reforça a necessidade de se analisar as habilidades e competências através das inteligências múltiplas.

As diferentes formas de inteligências múltiplas são as seguintes (Figura 14):



Figura 14 – As diferentes formas de inteligências múltiplas. Fonte: Adaptado de GARDNER, 1993.

Dentro deste contexto, percebemos que cada criança é capaz de ter uma variedade de inteligências múltiplas e descobrir suas afinidades com cada uma delas passa a ser o papel do professor frente ao seu trabalho. Acontece que em sala de aula nem sempre nossos alunos são aquela turma maravilhosa que estamos habituados a ver nos filmes e novelas exibidos. Ao adentrar em sala de aula podemos ter uma classe com crianças com uma infinidade de comportamentos conforme a Figura 15.



Figura 15 – Diferentes tipos de alunos. Fonte: Elaborado pelo próprio autor. Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Existe o aluno distante que não costuma se enturmar com os colegas geralmente senta-se afastado de todos, é calado e pouco interage seja com os professores ou com os próprios colegas de classe. Há o aluno líder que costuma se sobrepôr em relação aos outros. Também temos a aluna tímida que não gosta de se expor para os outros, por vezes se sente envergonhada, tendo ainda um travamento na hora de se apresentar. Destes alunos toda classe geralmente tem um aluno contestador, que duvida das explicações, quer respostas mais concisas que o convença. Ainda, há aquele tipo de aluno ansioso que cria expectativas e não vê a hora das coisas acontecerem, essa ansiedade precisa ser controlada. Contudo, podemos ter também o aluno distraído que qualquer coisa pode tirar sua atenção e concentração e por fim a aluna estudiosa que busca aprender cada vez mais aprofundando seus conhecimentos.

A ilustração acima poderia representar uma classe contendo crianças Surdas com sete diferentes tipos de comportamento cabendo ao professor preparar uma estratégia para saber lidar com cada um destes alunos. E para isso ele terá que preparar uma aula para poder atender a essa demanda buscando fazer com que todos aprendam desde o aluno distante passando por todos eles até chegar à aluna estudiosa. Nestas horas é que vem em mente a preocupação do professor sobre o que fazer, a partir daí é que surge a Didática.

Em comum todos eles tem apenas um objetivo que é o de aprender mas, para que eles aprendam é necessário que o professor tenha uma Didática. E para se ter uma didática é necessário saber o que fazer e como fazer conforme Farias (2011) conclama: “saber o que fazer e como fazer tem seu sentido vinculado ao para que fazer. Este conhecimento que caracteriza a Didática, é fundamental para o exercício da docência” (FARIAS et al., 2011, p.10).

Se o professor não souber o que fazer, nem como fazer, ele não saberá como trabalhar o processo de ensino-aprendizagem e ao mesmo tempo ele não terá domínio do conteúdo, domínio da turma, e para que isso possa ocorrer é necessário que haja planejamento. De acordo com Rêgo e Lima (2010) “o planejamento educacional constitui-se em um processo de organização do trabalho pedagógico, tendo como elemento mediador a prática social” (REGO; LIMA, 2010, p. 18).

Este planejamento tem que estar em conformidade com a proposta curricular que “deve mostrar o caminho a ser percorrido pelo aluno na construção de seu conhecimento” (REGO; LIMA, 2010, p. 22). Atualmente no Brasil temos a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, que mostra o caminho a ser percorrido pelo aluno. Entretanto apesar da Libras ter sido reconhecida em 2002 e perpassadas mais de duas décadas ainda não temos a Libras alinhada à BNCC nem temos seus descritores definidos. A única condição que temos em termo de currículo é a interdisciplinaridade curricular.

Apesar do currículo também é necessário que haja a elaboração dos objetivos e conteúdo dentro do planejamento educacional. Felipe e Monteiro

(2001)¹⁶⁹, Pimenta e Quadros (2006)¹⁷⁰ inclusive chegaram a criar um material para o ensino da Libras onde havia em cada unidade essa proposta de objetivos, conteúdos, estratégias e recursos.

PLANO DA 7ª AULA

A - OBJETIVOS ESPECÍFICOS

No final dessa aula os alunos serão capazes de:

- Entender as estratégias para localização em LIBRAS;
- Construir e entender diálogos com situações para Localização e Direção;

B - RECURSOS MATERIAIS

- Livro de aluno;
- Papéis xerocados com diálogos;
- Papéis xerocados com mapas.

C - CONTEÚDOS E ESTRATÉGIAS

Orientações do Professor

- O professor trabalhará com os pronomes pessoais, com os verbos: TER/ TER-NÃO e QUERER/ QUERER-NÃO;
- O professor também trabalhará com os pronomes demonstrativos e advérbios de tempo e situações para as localizações e direções.

1 Jogo de adivinhações

1.1- O professor descreve pessoas, animais e coisas para que os alunos possam adivinhar.

Fazer 4 adivinhações para não ficar cansativo.

2 Exercícios - “Figuras geométricas com números e letras”

2.1. O Professor distribuirá para os alunos vários desenhos e pedirá para cada aluno desenhar no ar, em frente a seu colega do lado, outras figuras geométricas com letras e números. Esse colega terá de localizá-los no papel.

¹⁶⁹ Ver figura 16.

¹⁷⁰ Ver figura 17.

Figura 16 – Modelo de Plano de aula de Felipe e Monteiro, 2001.

SUMÁRIO	
Unidade 7, páginas 55-61	
Tema	Descrever as pessoas de acordo com sua aparência e localização no espaço.
Objetivo	Identificar os nomes dos colegas através dos sinais e da localização espacial.
Informações interessantes	Brincadeiras e piadas visuais.
Gramática da LSB	Uso do espaço. Comparação.
Compreensão e produção de sinais	Descrição das pessoas e de sua localização espacial.
Conversação	Conversação sobre pessoas em diferentes figuras e sobre as próprias pessoas do grupo, observando suas características.
Jogos	Amigo secreto. Desenhe no espaço. Diferente ou igual.
Unidade 8, páginas 62-69	
Tema	Línguas, diferenças e similaridades.
Objetivo	Discutir sobre o estatuto linguístico da língua de sinais brasileira. Explorar o espaço de sinalização.
Informações interessantes	Língua de sinais brasileira é língua.
Gramática da LSB	Classificadores para formas.
Compreensão e produção de sinais	Comparação dos aspectos da LSB estudados com a forma análoga no português e outras línguas de sinais. Apontação e localização espacial.
Conversação	Conversação sobre as diferentes línguas existentes no mundo, suas diferenças e similaridades.
Jogos	Brincando com exemplos do português, da LSB e de mímica. Desenho no espaço.
Unidade 9, páginas 70-76	
Tema	Descrevendo coisas.
Objetivo	Usar classificadores e os sinais das cores para realizar descrições.
Informações interessantes	Festas surdas: as cores em destaque.
Gramática da LSB	Classificadores descritivos para objetos.
Compreensão e produção de sinais	Descobrimos as formas e as cores.
Conversação	Conversação sobre as cores no cotidiano dos alunos. Descrição de objetos utilizando classificadores e cores.
Jogos	Jogo de varetas.
Revisão das unidades 7-9, página 77	

Figura 17 - Modelo de Plano de Aula de Pimenta e Quadros, 2006.

Tais propostas seguem o que tange a respeito das Teorias de Currículo, onde podemos destacar três tipos de teorias: tradicionais, críticas e pós-críticas.

- **Teorias Tradicionais** – A elaboração do currículo é uma atividade burocrática desprovida de sentido e fundamentada na concepção de que o ensino está centrado na figura do professor (SILVA; ROSS, 2016).
- **Teorias Críticas** – O currículo tem a função de ser um conjunto coordenador e ordenado de materiais que contém uma estrutura crítica que permita uma perspectiva libertadora (MEC, 1997).
- **Teorias Pós-críticas** – O currículo tem a função de se adaptar ao contexto específico dos estudantes, onde o aluno compreende seus costumes e práticas do outro construindo uma relação de diversidade e respeito (SILVA; ROSS, 2016).

Assim entendemos que dentro de cada Teoria de Currículo há o enfoque envolvendo uma variedade de temas e os professores têm que ter desenvoltura para saber como elaborar uma boa proposta curricular e ao mesmo tempo estabelecer a estratégia didática a ser utilizada. Abaixo apresentamos através de palavras os assuntos que fazem parte de cada Teoria de Currículo (Figura 18).



Figura 18 – Teorias de Currículo. Fonte: Elaborado pelo autor. Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

Rego e Lima (2010) conclamam que o professor para exercer a docência precisa ter o domínio dos conhecimentos específicos de sua área de atuação, além do conhecimento dos aspectos mais importantes da intervenção pedagógica na educação infantil e no ensino fundamental (REGO; LIMA, 2010, p. 24). A isso denominamos intervenção pedagógica.

Por fim os desafios e as atitudes do docente são os seguintes apresentados nos mapas conceituais abaixo (Figuras 19 e 20).



Figura 19 – Mapa conceitual sobre os desafios para docentes. Fonte: Adaptado de Rego e Lima (2010). Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

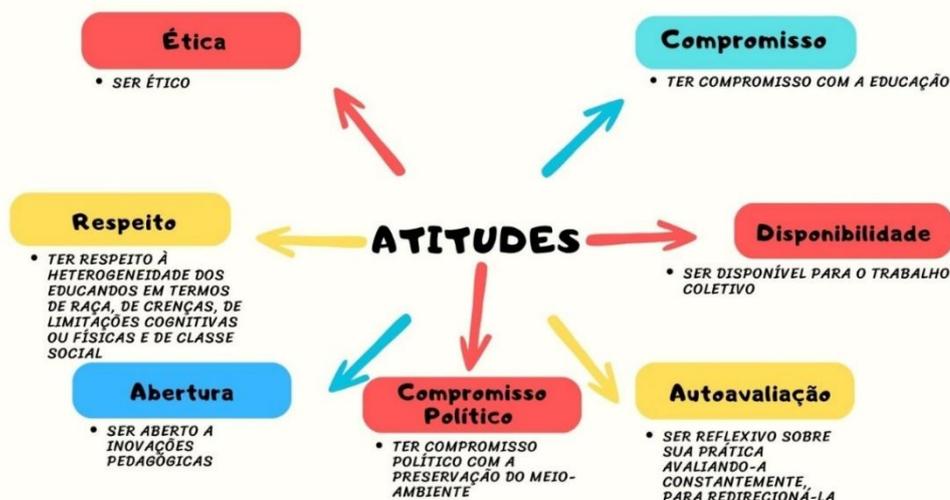


Figura 20 - Mapa conceitual sobre atitudes de docentes. Fonte: Adaptado de Rego e Lima (2010). Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado.

Frente a estes desafios e atitudes o professor que trabalhar com Educação de Pessoas Surdas, deve ter fluência, domínio e compreensão da Libras além de saber utilizar ela como Idioma Pedagógico dentro da Pedagogia Surda. Juntando a isso a formação continuada de forma a se adequar às mudanças constantes e se reciclar no aprendizado e conhecimento frente às novas tecnologias. Como mencionados anteriormente, o professor tem que ser dinâmico e não estático, tem que buscar trabalhar o ensino através da visualidade surda impondo aos educandos os conhecimentos e a prática da Didática.

3. AS NOVAS TECNOLOGIAS

3.1 O que nos leva a usar as Novas Tecnologias?

Ao destacar o uso das novas tecnologias, surge a questão de se construir projetos educacionais inovadores para o atendimento aos educandos que são formados em grande parte pelas gerações¹⁷¹ Y, Z e *Alfa*, enquanto que os professores atualmente são de várias gerações desde a *Baby Boomer* até a Y porém em parte envolvendo alguns da geração Z. Para isso surge a ideia de se trabalhar um modelo diferenciado de atividade profissional e nada melhor que o *Slash*, que é um sinônimo de múltiplas habilidades adquiridas ao longo da vida (TAVARES, et al, 2021) O conceito de *Slash* pode ser entendido da seguinte forma:

(...), o termo representa a expressão do conceito de aprendizado ao longo da vida e traduz o sentimento de uma quantidade cada vez maior de aprendizes convictos em busca de novas habilidades durante suas trajetórias pessoais e profissionais, chamados por alguns autores de *slashgeneration* (TAVARES, et al, 2021, p. 73).

¹⁷¹ Santana apud Tajra (2021) classificam as gerações da seguinte forma: **Baby Boomers** são os nascidos no período entre 1946-1964; **Geração X**, são os nascidos no período entre 1965-1979; **Geração Y**, são os nascidos no período entre 1980- 1990; **Geração Z**, são os nascidos no período entre 1991-2010 e a geração **Alfa**, que é constituída pelos nascidos a partir de 2010.

Esse entendimento nos mostra por que os profissionais da educação estão sempre buscando novos cursos de formação e atualização docente. Muitas vezes eles saem em busca de competências digitais docentes para poder atender às necessidades de seus alunos cada vez mais conectados. Porém não são apenas os profissionais da educação que estão buscando se qualificar em formação, tanto o mercado, quanto seus educandos também saem em busca de mais aprendizados objetivando melhorar as suas habilidades.

Aprendizado ao longo da vida não significa que a pessoa tenha que ficar estudando apenas os componentes obrigatórios de uma grade curricular. A proposta apresentada no ano de 2015 em Incheon¹⁷² (UNESCO, 2015), na Coréia do Sul sugere que todos tenham oportunidade de aprender ao longo da vida, o que pressupõe que devemos preparar os estudantes para novos aprendizados. Tais aprendizados podem ser entendidos também como o preparo para uma determinada qualificação.

A educação hoje vive uma nova realidade, tendo as crianças nascidas numa era onde as novas tecnologias avançam numa velocidade surpreendente e são denominados nativos digitais estas crianças devido ao fácil acesso à internet vivem num mundo onde não mais existem fronteiras, basta um clique e estão do outro lado do mundo.

Recentemente com a pandemia do Covid-19 (LIMA; REZENDE, 2020), a educação no mundo inteiro teve que exercer uma nova dinâmica na forma de ensinar, e os professores sendo obrigados a se adequar ao uso das novas tecnologias, trazendo de vez estes recursos para a sala de aula e realizando um novo processo de adequação ao uso das novas tecnologias.

Assim buscamos pesquisar trabalhos mais recentes e encontramos em Camargo e Daros (2021); Lemov (2021); Palfrey e Gasser (2011); Rocha, Ota e Hoffmann (2021) e Tajra (2021) pesquisas mais atualizadas sobre o tema. Somando a estes pesquisadores a pesquisa de Hoebel (2022), que fala sobre o ensino com as pessoas Surdas as principais bases referenciais sobre o tema.

¹⁷²Ver UNESCO, 2015.

3.2 Um Pequeno Panorama Histórico

Para início de assunto é preciso entender quando falamos das novas tecnologias dentro da educação, o panorama histórico envolve as quatro revoluções industriais e em consequência disso no aspecto educacional, denominamos o termo Educação 4.0. A figura abaixo identifica cada uma das quatro revoluções industriais que ocorreram (Figura 21).



Figura 21 – As quatro revoluções industriais. Fonte: Adaptado de Tajra (2021).

Apesar de estarmos falando da Educação 4.0, em pleno século XXI já estamos caminhando para a Educação 5.0¹⁷³, que aborda a inserção da Inteligência Artificial – IA e o ensino através das competências, portanto, isso supõe que os avanços tecnológicos atuam de uma forma surpreendente e ao mesmo tempo causam reflexos no aspecto educacional.

Nas definições de Führ (2018) a respeito da Educação 4.0, entende-se o seguinte:

O educador nessa chuva de sinapses de informações acessíveis pelas TICs, torna-se o orquestrador, o curador das múltiplas informações junto ao educando, onde procura organizar e sintetizar a informação, transformando a informação em conhecimento e o conhecimento em sabedoria. O educando nesse ambiente ciberarquitetônico torna-se o ator,

¹⁷³ Trata-se de uma evolução da Educação 4.0 caracterizada fortemente pelo ensino por competências (MELLO, ALMEIDA NETO; PETRILLO, 2021, p. 22).

o autor do conhecimento através de pesquisas propostas nos projetos interdisciplinares que possibilitam o desenvolvimento de competências e habilidades para corresponder a sociedade 4.0 (FÜHR, 2018, p. 2-3).

Acompanhar estas mudanças e saber como proceder é primordial no trabalho educativo considerando que as crianças hoje consideradas nativos digitais não mais vivem sem a conectividade.

Schwab (2018) apud Tajra, (2021, p. 19) aponta quatro princípios que podem ajudar a modelagem da 4ª Revolução Industrial, para que os benefícios favoreçam mais pessoas:

Quatro princípios que ajudam a modelar a 4ª Revolução Industrial

- As tecnologias em si não proporcionam o bem-estar. Quem proporciona o bem-estar são os sistemas que contam com vontade política e investimentos e cooperação entre as partes interessadas.
- As mudanças tecnológicas devem favorecer o empoderamento de forma que valorize a tomada de decisão, para que as pessoas possuam mais escolhas, oportunidades, liberdade e controle sobre suas vidas, ou seja, que assumam a posição de protagonistas.
- O *design*, seja *odesign thinking* ou o pensamento sistêmico (*systems thinking*), pode ajudar a melhor entender as estruturas que orientam o mundo e como as novas tecnologias podem favorecer as novas configurações.
- Todas as tecnologias “carregam” em si valores. Elas não são neutras. Desde o momento em que são concebidas, já trazem consigo os valores dos envolvidos em seu desenvolvimento. Portanto devemos participar dessa composição de valores ao longo de todas as fases da inovação e do desenvolvimento das tecnologias, e não apenas quando ela gera danos às pessoas. “As tecnologias e a sociedade se moldam uma à outra” (SCHWAB, 2018, p. 68). As tecnologias geram mudanças na sociedade e a sociedade gera mudanças nas tecnologias, de forma contínua e crescente em suas transformações.

Figura 22 – Os quatro princípios que ajudam a modelar a 4ª Revolução Industrial
Fonte: Adaptado de Tajra (2021).

Em consonância destes quatro princípios vale ressaltar que apesar dos avanços tecnológicos ainda temos alguns pontos a destacar como reforça Tajra: afirmando que “em 2014, 263 milhões de crianças e jovens em todo o mundo não frequentavam a escola; o autor ainda vai mais longe ao pontuar que em 2018, mais da metade da população mundial (cerca de 3,9 bilhões de pessoas) ainda não têm acesso à *internet*; Nos países em desenvolvimento, a proporção *offline* é de 85% contra 22% no mundo desenvolvido” (TAJRA, 2021, p. 19).

Tajra (2021) apresenta o panorama do que muda na Educação 4.0 ao afirmar o seguinte:

O que muda na educação a partir da 4ª Revolução Industrial é a necessidade eminente e urgente de incluir como objetivo educacional o desenvolvimento de pessoas/indivíduos com capacidade de empreender e de assumir posições de autonomia, não só porque empregos e trabalhos diminuirão, mas também porque esse novo modelo de sociedade exige indivíduos que consigam aproveitar melhor as oportunidades do mundo digital, sendo atores e protagonistas de suas próprias histórias. Caso contrário a distância entre quem faz e quem não faz ficará cada vez maior. Se o processo educacional deve ser inclusivo em todas as dimensões, não é oportuno desconsiderar o contexto digital (TAJRA, 2021, p. 26).

As novas gerações de nativos digitais mesmo antes de atingirem a idade adulta já exercem o papel empreendedor criando canais seja através do *YouTube* ou das redes sociais sendo conhecidos como *influencers* digitais. Dessa forma cabe o processo educacional ser inclusivo e trabalhar mais o contexto digital de tal forma que prenda a atenção dos alunos. Vemos que em alguns casos os professores gravam músicas, paródias, apresentações, criam canais de dicas e dúvidas e implementam novas estratégias nas mídias e nas redes sociais buscando envolver os alunos.

Santana (2021) aborda a questão do comportamento dos sujeitos na sociedade 4.0 e diante disso ela lembra o panorama histórico das quatro Revoluções Industriais pontuando na Figura 19.



Figura 23 – Panorama Histórico das Revoluções Industriais. Fonte: SANTANA, adaptado de Tajra (2021).

Percebemos aqui o caminho histórico das quatro revoluções industriais, sendo a primeira com o surgimento da produção mecânica e o uso das máquinas à vapor trazendo para o mundo a primeira luta entre o homem e a máquina, considerando que essa revolução fez a sociedade pensar que seria deixada de lado com a chegada das máquinas. Por um lado, o surgimento delas conduziu a educação para um novo panorama a necessidade de formar pessoas para manusear as máquinas.

Na Segunda Revolução Industrial, a descoberta da eletricidade deu início à produção em massa, e ao mesmo tempo proporcionou um novo desenvolvimento na educação trouxe a necessidade de formar profissionais técnicos em mecânica e eletricidade e o crescimento da contabilidade. Percebe-se aí ao analisarmos os livros históricos do INES, que a formação dos Surdos era voltada para o mercado de produção: artífice de artes gráficas, sapataria, corte e costura e para aqueles que tinham mais aptidão, o aprendizado da contabilidade.

A terceira revolução já dá início a novas mudanças com o desenvolvimento dos semicondutores, surgiram outras tecnologias como a televisão, os computadores pessoais entre outros. Os Surdos por sua vez se diversificaram nas profissões e a sua educação no Brasil passa a acompanhar o modelo da educação das escolas comuns, de forma seriada seguindo os

modelos da legislação. Nesta época no Brasil as empresas de tecnologia tanto pública e privadas passaram a contratar os Surdos para seus serviços dando destaque para a Dataprev entre outras.

Na quarta Revolução Industrial, a educação já passa por novas mudanças é necessário conhecer as diferentes gerações e saber como trabalhar com elas pois esta geração é composta por estudantes que não vivem sem a conectividade e a fusão das tecnologias, fundindo os domínios físicos, biológicos e digitais, levaram à necessidade de se criar conceitos. Essas mudanças proporcionaram o crescimento e o desenvolvimento das diferentes formas de ensinar, denominadas processos de ensinagem e a partir delas começamos a repensar a Educação de Pessoas Surdas e o Brasil pôde finalmente estabelecer uma linha pois com estas tecnologias é possível digitalizar as imagens reforçando o aprendizado através da experiência visual.

Analisando este panorama Tajra (2021), nos leva a conhecer as diferentes gerações e suas principais características sem, no entanto, falar da geração Alfa (Quadro 1).

Quadro 1 - Principais Características das Gerações.

Período	Baby Boomer 1946-1964	Geração X 1965-1979	Geração Y 1980-1990	Geração Z 1991-2010
Características Principais	Otimismo; Idealismo; busca pela segurança	Não tem medo de inovar, sendo adaptáveis, resilientes e independentes.	Familiaridade com a tecnologia, com as diferentes mídias de comunicação, com a globalização.	Nativos digitais, conectados a todo tempo, podem ter dificuldade de aprofundar as informações.
Relação com a educação	Valorizam a oportunidade de aprender novas habilidades no trabalho para afirmar sua identidade profissional.	Valorizam a oportunidade de aprender novas habilidades no trabalho como uma necessidade de sobrevivência.	Preferem ambientes de aprendizagem em grupo e de forma colaborativa.	Autonomia, buscando as informações que lhes interessam nas diferentes opções tecnológicas.
Relação com o trabalho	Motivação, otimismo e apreço pelo trabalho realizado.	Buscam independência em suas atividades e anseiam por desafio no trabalho.	Busca da flexibilidade e ambientes de trabalho éticos, honestos e com preocupação por questões sociais e ambientais.	Para os que já estão no mercado de trabalho, valorizam a flexibilidade e a possibilidade de desenvolvimento rápido.

Equilíbrio entre vida pessoal e trabalho	<i>Workaholics</i> ¹⁷⁴ , dedicam-se mais ao trabalho realizado nas organizações do que à sua vida pessoal.	Busca maior flexibilidade no trabalho a fim de dispor de tempo para se dedicarem a seus objetivos pessoais.	Valorizam o equilíbrio entre vida social e profissional, sendo a primeira mais valorizada.	A valorização da vida pessoal sobrepõe a profissional.
-------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------

Fonte: SANTANA, adaptado de TAJRA, 2021, p. 50.

Geração *Alfa* é a designação dada aos nascidos a partir de 2010. Esta geração vivencia outra era digital e assim como a geração Z, também são totalmente conectados. As gerações Z e *Alfa* não conseguem viver sem conectividade. Se comunicam com a linguagem do “internetês” ou simplesmente através de *emoji* sabendo tudo que estão transcrevendo sem depender apenas do uso da língua pátria.

Suas características e sua relação com a educação, não diferem muito da geração Z, por ainda serem crianças e adolescentes não temos como falar das suas relações no trabalho (Figura 24).

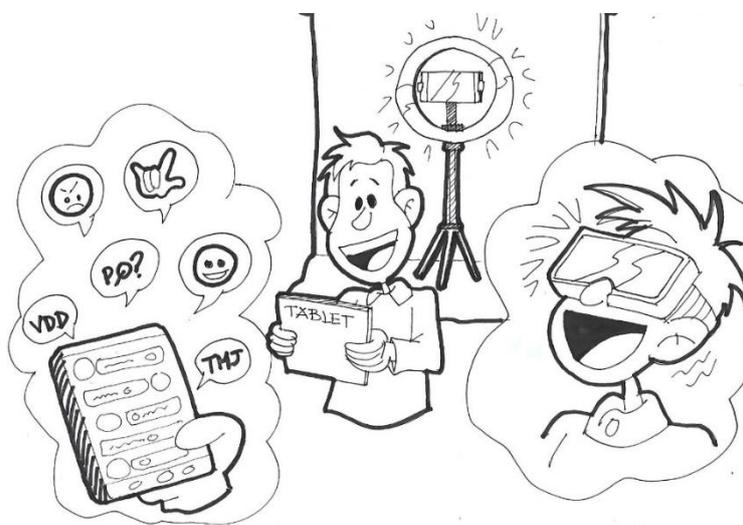


Figura 24 – Geração Alfa. Fonte: Elaborada pelo autor. Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Este estudo sobre os comportamentos das gerações nos leva a refletir sobre as diferentes gerações Surdas, levando a tentar entender como cada uma delas vivencia o mundo. Buscando tentar nos ajudar a compreender

¹⁷⁴*Whorkaholic* – Termo em inglês significa pessoa viciada em trabalho.

melhor essa visão, Tajra (2021, p. 15-16) apresenta uma série de categorias agrupadas didaticamente em quatro agrupamentos conhecidos como *clusters*. Abaixo demonstramos a tabela destas categorias (Quadro 2).

Quadro 2 - Clusters e categorias das Tecnologias da 4ª Revolução Industrial

Clusters Tecnológicos	Categorias Tecnológicas
Tecnologias digitais extensíveis	13. Novas tecnologias da computação 14. <i>Blockchain</i> e tecnologias de registros distribuídos 15. Internet das coisas
Reconstituição do mundo físico	16. Inteligência artificial e robótica 17. Materiais modernos 18. Fabricação de aditivos e impressão
Modificação do ser humano	19. Biotecnologias 20. Neurotecnologias 21. Realidades virtual e aumentada
Integração do ambiente	22. Captura, armazenamento e transmissão de energia 23. Geoengenharia 24. Tecnologias espaciais

Fonte: Adaptado de Tajra (2021).

Estes *clusters* demonstram as categorias tecnológicas e hoje em dia os profissionais da educação devem buscar se amparar neles para poder saber em que se baseia cada um deles. Estes agrupamentos são necessários para que haja o entendimento e recentemente temos notado um crescimento na produção de aulas e materiais para a Educação de Pessoas Surdas baseados na reconstituição do mundo físico. Embora isso não impeça que haja desenvolvimento dentro dos outros agrupamentos.

De acordo com esta tabela, podemos perceber que o advento da Educação 4.0 está proporcionando o crescimento e o enfoque maior do uso das novas tecnologias dentro do aspecto educacional, reforçando assim a necessidade de se criar novas formas de ensinar. Portanto, dentro na Educação de Pessoas Surdas, o ensino da Libras deve ser pautado nisso, percebemos que alguns educadores principalmente os de Letras/Libras e de Pedagogia seja ela bilíngue ou não, mas com enfoque na Educação de Pessoas Surdas, travam um embate através das redes sociais e no seu cotidiano de trabalho sobre o ensino e o uso da Libras.

É oportuno dizer realmente que o ensino da Libras vem sendo desconfigurado, considerando que as pessoas não focam nos detalhes que regem a regra gramatical dos sinais, não respeitam as suas variações e muitas vezes vemos pessoas sem a devida formação se autopromovendo nas redes sociais e se colocando para ensinar os sinais de forma errônea. Através disso podemos afirmar que o uso das redes sociais contribui em muito com a desintegração dos sinais, sendo que uma pessoa influente¹⁷⁵ é capaz de fazer um sinal errado e em pouco tempo o vídeo é compartilhado nas diferentes redes sociais e/ou canais, atingindo um número considerável de visualizações.

É de praxe entender que as Línguas de Sinais e não apenas a Libras, possuem uma regra gramatical própria e respeitar o uso de seus parâmetros e da sua sinalização seja de forma social ou de forma acadêmica faz-se necessário. Com o surgimento da internet e das novas tecnologias não temos como negar a incorporação de sinais estrangeiros em nossa língua principalmente com as novas gerações Z e Alfa que como já foi dito, elas não vivem sem a conectividade e dessa forma podemos dizer que não existem fronteiras para elas.

Entretanto, ao pronunciarmos palavras estrangeiras, como as da Língua de Sinais Americana – ASL¹⁷⁶, por exemplo, devemos sinalizar o alfabeto relativo aquele idioma, buscando especificar que não se trata de um sinal da nossa língua. Através das redes sociais vemos pessoas e em alguns casos, profissionais fazendo sinais internacionais em outros idiomas e os transcrevendo no alfabeto manual brasileiro, como se fossem da Libras. Isso acaba contribuindo, em muito para o vício do uso e conseqüentemente a incorporação de sinais de outros idiomas como se fossem nossos.

Utilizar a Libras como língua de instrução pedagógica é primordial, porém temos que nos precaver com o advento destas novas tecnologias que a Educação 4.0 proporciona. Outro cuidado que temos que ter é em relação ao uso da percentualidade, muito comum usada entre os Surdos, mas estes muitas vezes sequer possuem fontes ou dados concretos para a sinalização destes valores percentuais. Acontece que a mídia digital é capaz de expandir

¹⁷⁵ Aqui me refiro aos *Influencers Digitais*.

¹⁷⁶ Sigla de *American Sign Language*.

esse vídeo como se ele tivesse já os dados coletados, transformando-se assim, muitas vezes em informações *fakes*¹⁷⁷.

Através das categorias da tabela 2, podemos ver que o incentivo aos profissionais deve se pautar no ensino e pesquisa através delas para que o desenvolvimento das crianças Surdas continue a crescer na sua capacidade de absorção de informações e aprendizado utilizando-se sempre da Libras como Idioma Pedagógico na sua forma de instrução. Atualmente em nosso país carecemos de pesquisadores que produzam. Produzir é também contribuir para o desenvolvimento e crescimento das informações no ponto de vista educacional. Atualmente a maior parte dos trabalhos são focados na L2 e quase nada se produz em L1.

Entende-se que quando falamos de Educação de Pessoas Surdas, estamos abordamos a necessidade de se ensinar na primeira língua (L1) e quando abordamos a questão da Educação de não surdos, estamos pautando na necessidade de se ensinar na segunda língua (L2). E como estamos focando a respeito do ensino em nível superior, estamos falando do aprendizado da segunda língua (L2) por parte dos profissionais tanto de Licenciaturas e Fonoaudiologia por ser obrigatório, quanto para os Bacharéis. Isso ocorre porque é necessário aprender o conhecimento da Libras para o Ensino de Pessoas Surdas.

A Educação 4.0 está aí para promover essa mudança fazer com que a L1 possa ser protagonista desse processo, por isso devemos reforçar ela como língua de instrução para o ensino e aprendizado das crianças buscando criar através dos diferentes processos de ensinagem, formas didáticas de transformação. A Libras como Idioma Pedagógico passa a ter um papel relevante na produção deste trabalho frente as novas tecnologias.

Quando se fala da primeira língua (L1), estamos pautados no que diz o Decreto nº 5.626/2005 (BRASIL, 2005), que enfoca a preferência por profissionais Surdos logo percebe-se que este material é voltado principalmente para os professores Surdos que ensinam a Libras em nível superior, no entanto não deixamos de lado os professores não surdos e sim

¹⁷⁷ Termo usado para informações que não são verdadeiras.

reforçando a prioridade do ensino dos professores Surdos. Para os estudantes ouvintes, o ensino da Libras é o aprendizado de uma segunda língua (L2) para que aprendam durante a sua formação como se deve trabalhar no Ensino de Pessoas Surdas utilizando a primeira língua (L1) dos Surdos no processo ensino-aprendizagem.

3.3 As Novas Tecnologias no Aspecto Educacional

Quando falamos de novas tecnologias, temos que pensar também nas diferentes formas de comunicação e aprendizagem, onde destacamos o ensino síncrono e o assíncrono, Barros (2021), define bem essa pedagogia conectada narrando o seguinte conceito:

A comunicação síncrona e assíncrona é realizada por meio da interação entre docente-estudante; estudante-estudante; estudante-conteúdos e recursos. Essa comunicação também acontece em três formatos de mensagem: as mensagens coletivas, nas quais as informações são para todos os membros de um grupo restrito; as mensagens interpessoais, que são personalizadas e atendem às especificidades dos estudantes; e as mensagens em rede, que incluem coletivos abertos com especificidades (HRASTINSKI, 2008; OZTOK et al., 2013 apud BARROS, 2021, p. 50).

Através desta definição podemos perceber as diferentes formas de comunicação e aprendizagem e, no caso de Educação de Pessoas Surdas, temos que usar sempre a Libras como Idioma Pedagógico através da percepção visual do educando. Tanto o professor, o professor mediador, o auxiliar de classe, quanto o TILSP trabalham a comunicação através deste processo proporcionando assim o que denominamos de acordo com Barros (2021), de mensagens direcionadas. Assim, essas mensagens direcionadas trazem objetivos e intencionalidades pedagógicas definidas e concretas para cada situação. “Dependendo dos conteúdos, as situações podem ser de orientação, dúvidas, explicações e esclarecimentos de procedimentos teóricos ou práticos” (BARROS, 2021, p. 50).

Nessa concepção do uso das mensagens direcionadas, a Libras como Idioma Pedagógico se torna essencial, porém, o professor em questão tem que ter um objetivo estabelecido, para as diferentes situações que a aula através do uso das novas tecnologias poderá proporcionar. O professor tem que estar preparado tanto para orientar o aluno ou esclarecer suas dúvidas, explicar os procedimentos de forma que o aluno consiga assimilar a aprendizagem e o conhecimento dentro desse processo comunicativo jamais esquecendo que o aluno necessita tanto da Pedagogia Visual.

Hoebel, relata algumas dificuldades pertinentes neste processo frente ao ensino *online*:

O ensino a distância da maneira que está posto gera algumas dificuldades. Todo o suporte tecnológico depende da estrutura que eu já tenho previamente, por exemplo. Há momentos em que a conexão com a *internet* não é estável ou de qualidade, o que dificulta as aulas ao vivo pois meu vídeo trava ou fica de baixa qualidade. O mesmo muitas vezes acontece com os estudantes, e é difícil compreender o que está sendo sinalizado (HOEBEL, 2022, p. 75).

Conforme este relato muitas vezes as plataformas, são construídas para atender aos ouvintes e são preparadas para garantir a preservação dos áudios e continuam gerando funcionamento, e neste contexto podemos afirmar que as Línguas de Sinais, de uma forma geral, são as únicas línguas que se vê e não são geradas em áudio e sim em vídeos e imagens de percepção visual e a Visualidade Surda passa a ser essencial neste contexto.

Então já entendendo o que é a comunicação síncrona e a assíncrona, temos que entender como é a sua didática. Barros (2021), define a didática da seguinte forma “a didática mediante a comunicação síncrona e assíncrona, deve ser entendida a partir do planejamento e do formato da comunicação, dos tipos de interface, da dinâmica da aula e da estratégia utilizada para o momento de ensino e aprendizagem” (BARROS, 2021, p. 52).

Há aqui um entendimento sobre o formato de comunicação, uma vez que o professor dará aula para alunos do primeiro ou segundo segmento do ensino fundamental, outras vezes para a Educação de Jovens e Adultos, e outras vezes para o Ensino Médio e/ou Ensino Superior e de acordo com a dinâmica

da aula ele poderá se utilizar tanto de sinais sociais quanto de sinais acadêmicos e para isso requer o uso de determinados tipos de estratégias para trabalhar com os educandos no processo de ensino e aprendizagem. Esse dinamismo se torna essencial para a prática.

Compreende-se ainda que a elaboração de uma aula presencial seu planejamento não é igual ao de uma aula remota, necessitando tanto de adequações para que se utilize os recursos. Numa aula síncrona o professor interage diretamente com os alunos, mas se a mesma aula tiver uma quantidade enorme de *slides* de apresentação, ela se torna cansativa para os alunos que a assistem. Por outro lado, quando a aula é assíncrona o professor tem que deixar bem claro como quer que sejam feitas as atividades propostas a fim de que não restem dúvidas para seus alunos.

Numa aula presencial, porém usando as novas tecnologias o professor deve demonstrar possuir domínio para a execução da aula buscando evitar assim quaisquer problemas. Portanto, conhecer as diferentes formas de ensinagem ajuda a preparação de uma aula que bem dinâmica.

E se por acaso o professor tiver o acompanhamento de TILSP, eles também têm que entender esse processo de comunicação para conseqüentemente colocar em prática de acordo com a dinâmica da aula. Tanto o professor, quanto o TILSP tem que ser dinâmico e não estático ressaltando aqui que o TILSP não é quem ensina, apenas transmite a comunicação, sendo que isso vale tanto para o professor mediador, quanto para o auxiliar de classe.

Ao falarmos do processo de ensino, estamos falando de pedagogia, e quando abordamos a temática das novas tecnologias estamos falando de uma pedagogia conectada¹⁷⁸, essa pedagogia conectada envolve a comunicação digital através de uma variedade de meios de acesso, tais como computadores, celulares, *tablets*, *notebooks*, *tv smart*, lousa digital, entre outros. E segundo Barros (2021): “a comunicação digital ocorre em dois formatos: síncrono e assíncrono. Essa divisão é muito significativa quando se trata de planejamento

¹⁷⁸ Proposta de Wheeler (2019). (descrita por BARROS, 2021, p. 50).

e organização pedagógica” (BARROS, 2021, p. 53). A Figura 25 mostra como se utiliza estas formas de comunicação e aprendizagem.



Figura 25 – Formas de comunicação e aprendizagem síncrona e assíncrona. Fonte: *Synchronous and Asynchronous Learning by Centre for Teaching and Learning, Concordia University CC BY-AS 4*. Fonte: Barros (2021).

Vale ressaltar que não basta apenas as habilidades de comunicação e aprendizagem para se trabalhar o ensino através do uso das novas tecnologias, é preciso, acima de tudo verificar as competências digitais docentes Ota e Dias-Trindade (2021) dão um alerta sobre isso:

Para tratar sobre competências digitais docentes, é importante superar a ideia de que os espaços escolares são restritos apenas aos ambientes físicos. Assim, as aprendizagens necessárias e possíveis perpassam os muros da escola e podem se desenvolver nos mais variados espaços, inclusive nos virtuais (OTA; DIAS-TRINDADE, 2021, p. 82).

O professor tem que saber como utilizar um ambiente virtual de aprendizagem – AVA, pensando num processo de ensino que viabilize aos educandos a assimilação dos conhecimentos e sem estas competências as aulas não fluem. A escola por sua vez tem que buscar oferecer essa garantia

tendo em vista que os trabalhos escolares hoje já envolvem uma gama de ferramentas e os professores e alunos devem estar preparados para esta mudança de aceitar o uso das novas tecnologias. A BNCC de acordo com Ota e Dias-Trindade (2021, p. 83) é um documento que advoga a favor da inclusão das tecnologias digitais no ensino.

Em se tratando de competências temos ainda a questão da aprendizagem baseada em competências que tem como uma de suas características as trilhas de aprendizagem. Ota e Rocha (2021, p. 97) apresentam duas premissas básicas de navegação (Quadro 3).

Quadro 3 – Premissas básicas de navegação

Sequência de Conteúdo (materiais didáticos, recurso educacional, atividade, fórum, chat, etc.)	Definida pelo professor ao planejar a disciplina e disponibilizada no ambiente virtual.
Progressão do estudante	Durante sua interação com recursos disponibilizados no ambiente virtual.

Fonte: Adaptado de Ota e Rocha, 2021.

Estas premissas básicas de navegação seguem o procedimento didático de qualquer aula e sem um planejamento adequado o professor não conseguirá dar uma sequência de conteúdo. Ademais ele deve buscar saber adequar qual será o melhor processo de ensinagem para determinado conteúdo assim ele irá garantir aos educandos a progressão proporcionada pelos recursos disponibilizados naquele ambiente.

3.4 Ferramentas de Aprendizagem Digital

Abordando a questão das novas tecnologias, apresentamos aqui alguns exemplos de ferramentas de aprendizagem digital que poderão auxiliar aos educandos e para os professores na execução das aulas proporcionando uma série de processos de ensinagem.

Algumas delas estão acompanhadas de leitores de Qrcode que levam diretamente ao chat apresentando um determinado exemplo de uso da estratégia.

ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS COM AS NOVAS TECNOLOGIAS

01

APRENDIZAGEM BASEADA EM JOGOS

Ela utiliza a aplicação de jogos na educação, são jogos sérios, sem o objetivo de entreter e sim de simular situações do dia a dia.

MINECRAFT



02

APRENDIZAGEM GAMIFICADA

Aqui o professor cria jogos com certas estratégias forçando o aluno a adquirir conhecimentos ao seu redor.

ROBLOX



03

APRENDIZAGEM ATIVA COM INFOGRÁFICO

Promove a reflexão e a análise de determinado tema.

VER

FIGURAS:

2, 51 E 57.

04

BLOG

Sua função é a divulgação de alguma coisa de interesse dos estudantes.

CULTURA

SURDA



05

EXPEDIÇÕES A MUSEUS VIRTUAIS

Não podemos deixar de lado a cultura e as visitas aos museus virtuais ajudam a compor o aprendizado dos alunos sem a necessidade de eles saírem de suas casas ou da escola.

MUSEU EM

LIBRAS



06

FÓRUM

O Fórum é muito utilizado no EAD, é uma estratégia ele lança uma questão (problema) e os alunos devem responder. Existem inúmeros fóruns na internet e os professores devem criar alguns apenas em classe.

FÓRUM



Figura 26 – Estratégias Pedagógicas com as Novas Tecnologias. Fonte: Modificado de Camargo e Daros (2021). Ilustração: Bruna Moreira de Paiva Machado

Cont. – Figura 26.

07

GLOSSÁRIO VIRTUAL

Ajuda o aluno a adquirir conhecimento de novos termos, e se tratando das Línguas de Sinais a aula passa a ser bem divertida.

GLOSSÁRIO

VIRTUAL



08

INTERAGINDO COM QR CODE

A aula pode ser ministrada por meio de geração de códigos com textos, vídeos, entre outras informações para a realização da atividade.

QR CODE



09

MAPA MENTAL VIRTUAL

Criado nos anos 1970 por Tony Buzan, os mapas mentais permitem o registro de ideias, organizando de modo que o cérebro possa armazenar as informações.

CANVA



10

QUIZ GAME

Trata-se de um jogo de perguntas e respostas, que ajuda na construção de conhecimentos.

QUIZ

GAME



11

LOUSA DIGITAL

A lousa digital permite que os professores interajam diretamente com os alunos através de diversas mídias, facilitando o processo de ensinagem.

LOUSA

DIGITAL



12

YOUTUBE

É uma estratégia que é utilizada através do audiovisual para gravação, edição, disponibilização da mídia. Facilita muito o desenvolvimento das aulas.

YOUTUBE



Cont. – Figura 26.

13

ROBÓTICA

Através da robótica o aluno entra em contato com uma série de problemas relacionados a diversas áreas, como mecânica, eletrônica, física, matemática, biologia e Língua Portuguesa, no futuro, quem sabe podemos usar a Libras.

ROBÓTICA



14

STEM/STEAM

Ele através das suas diferentes atividades, incentiva o desenvolvimento de uma série de habilidades consideradas fundamentais para a vida moderna, pode ser através da comunicação, da criatividade e até mesmo da liderança.

STEM/STEAM



4. EDUCAÇÃO DE PESSOAS SURDAS

4.1 Do homem primitivo até a Idade Moderna

A trajetória histórica dos Surdos não foi fácil, cada pesquisa histórica se baseou em diferentes olhares, tais como afirma Strobel (2009, p. 32): Historicismo, História Crítica e História Cultural.

Sá (2004) faz um relato de como a história dos Surdos é narrada:

Em síntese, a história dos surdos, contada pelos não-surdos, é mais ou menos assim: primeiramente os surdos foram “descobertos” pelos ouvintes, depois eles foram isolados da sociedade para serem “educados” e afinal conseguem ser como os ouvintes; quando não mais se pôde isolá-los, porque eles começaram a formar grupos que se fortaleciam, tentou-se dispersá-los, para que não criassem guetos (Sá, 2004, p. 3).

Para se falar da Educação de Surdos é necessário um aprofundamento a respeito da sua língua, da sua cultura, sua identidade. Existem muitas discussões a respeito de quando surgiu a Língua de Sinais e baseado na Tese de dois linguistas e um antropólogo americanos que fizeram um estudo sobre a atividade cerebral envolvida na comunicação estes três pontuaram que os ancestrais do homem, devem ter usado “gestos” para falar, só não colocaram se estes ancestrais eram Surdos ou ouvintes.

Wilcox¹⁷⁹ (1995), já afirmava que os últimos estudos demonstram que a linguagem de sinais pode comunicar ideias tão complexas quanto a falada. Aqui o termo linguagem está associado a comunicação e levantou a suposição de que o *homo erectus*, tenha se comunicado através de sinais com uma estrutura sintática perfeita semelhante a uma fala. Isso acontece porque o homem primitivo emitia sons indecifráveis e, portanto, necessitava de uma forma de se comunicar conforme podemos ver na Figura 27. Onde um homem sinaliza para o outro a seguinte frase: “- **O dinossauro atacou a presa**”.

¹⁷⁹ Sherman Wilcox, linguista da Universidade do Novo México (EUA) em entrevista à Revista Superinteressante de julho de 1995 sobre o livro de sua autoria junto com William Stokoe: “O gesto e a natureza da linguagem”, 1995.



Figura 27 – Homens primitivos se comunicando. Fonte: Adaptado da pesquisa de Wilcox (1995). Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Através desta teoria, podemos afirmar que a possibilidade do homem primitivo se comunicar através de uma Língua de Sinais, é real e talvez ela tenha surgida após os ouvintes observarem dois homens primitivos Surdos se comunicando. Como sabemos que os homens primitivos emitiam sons indecifráveis, e as pictografias¹⁸⁰ não retratam movimentos, fica muito difícil termos registros deste fato.



Figura 28 – Moisés falando com o povo Hebreu. Fonte: Adaptação de PERLIN, 2002. Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Na história temos muitos registros da existência dos Surdos, “como a fala de Moisés direcionada ao povo hebreu, no Livro Levíticos da Bíblia onde

¹⁸⁰ Escrita nas pedras.

ele diz o seguinte: Não amaldiçoarás ao surdo, nem porás tropeço diante de um cego” (LEVITICO, 19:44 apud PERLIN, 2002 p. 24). Decerto neste texto vemos que Moisés impunha uma proteção tanto para os Surdos, quanto para os cegos, (Figura 28) comprovando a existência dos Surdos e dos cegos já naquela época.



Figura 29 – Surdo endeusado no Egito. Fonte: Adaptado de PERLIN, 2002; CARVALHO, 2014). Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

No Antigo Egito (Figura 29), conforme Perlin (2002) os Surdos eram endeusados, este povo acreditava que por não falarem e serem diferentes dos demais eles eram enviados dos deuses. Carvalho (2014, p. 71) complementa, que eles eram adorados, como se fossem deuses, serviam como mediadores entre os deuses e os faraós, sendo temidos e respeitados pela população.

No povo grego também encontramos relatos da existência dos Surdos e eles eram considerados incapazes. Edwards (1997) apud Perlin (2002) especificam bem a visão do povo grego a respeito dos sujeitos Surdos ao afirmar que “os gregos não tinham uma definição sobre o valor ou a capacidade do sujeito de se superar” (EDWARDS, 1997 apud PERLIN, 2002, p. 27).

4.2 Educação de Pessoas Surdas: A Idade Moderna

Depois desta época começaram a surgir diversos educadores de pessoas surdas. É de praxe que a maioria das publicações retratem sobre eles devido ao fato de que eles fizeram registros sobre seus trabalhos sendo assim reconhecidos pelos seus feitos. Analisando as narrativas históricas destes profissionais feitas por Soares (1999), Moura (2000), Perlin (2002), INES (2007), Strobel (2009) observa-se que muitos destes educadores primavam pela tendência do oralismo, em detrimento ao bilinguismo.

Poucos foram os autores que se aventuraram no uso das Línguas de Sinais, onde destacamos Juan Pablo Bonet, Pedro Ponce de Leon e Abade L'Épée. Sendo este último que criou a primeira escola de Surdos na Europa ao mostrar para a nobreza francesa perante o rei Luís XVI que os surdos poderiam ser educados (Figura 30).



Figura 30 – Abade L'Épée ensinando os surdos. Fonte: [Cultura Surda, 2011](#).

Embora muitos creditem a L'Épée a invenção da Língua de Sinais, isso não é verdade, naquela época era comum nos mosteiros existir o voto do silêncio, portanto os monges se comunicavam através de uma língua de sinais, o mesmo que equivale a língua de sinais dos índios Urubu-Kaapor, que assim como os monges também não são surdos e não podemos atribuir a esta tribo a invenção da Língua de Sinais Brasileira.

Ainda nesta época percebia-se que os Surdos e as pessoas perseguidas pela sociedade eram sempre acolhidos e protegidas nos mosteiros, talvez ali, observando os Surdos L'Épée tenha desenvolvido suas técnicas de ensino.

Esta teoria ganha mais força ao vermos o relato feito por Desloges em 1779 conforme Perlin (2002) reproduz:

[...] certa vez L'Épée concebeu o nobre projeto de dedicar-se à educação do surdo; ele sabiamente observou que eles possuíam uma linguagem natural para se comunicarem entre si. Como essa linguagem não era outro senão a linguagem de sinais, ele supôs que, se ele se empenhasse em compreendê-la, o triunfo de seu empreendimento seria assegurado. Esse discernimento foi compensado pelo sucesso. Então o abade L'Épée não foi o inventor ou criador dessa linguagem; pelo contrário, ele aprendeu com o surdo; ele somente reparou o que ele encontrou incompleto nela; ele ampliou e lhe deu regras metódicas (DESLOGES, 1779/1984 apud PERLIN, 2002, p. 33-34).

Como se vê o abade apenas desenvolveu técnicas e métodos e não criou a Língua de Sinais Francesa – LSF. Aqui vemos o início do crescimento de um trabalho pedagógico, porém, não vamos tirar os méritos de L'Épée pois graças ao seu empenho ele formou e influenciou diversos professores Surdos que se espalharam pelo mundo, como Laurent Clerc, Ferdinand Berthier, Jean Massieu e o próprio Edouard Huet. Embora Desloges não tenha sido um professor seu papel como escritor foi essencial para a Educação das Pessoas Surdas (Ver figura 31).

SURDOS PIONEIROS DA EDUCAÇÃO

Pierre Desloges

(1747-1799)



Era um escritor Surdo francês, ficou surdo aos 7 anos devido ao Sarampo. Aprendeu a Língua de Sinais Francesa aos 27 anos em contato com os surdos locais. Apesar de não ser um educador é o autor do primeiro livro publicado por um Surdo, onde defendia que a Educação de Surdos deveria se opor à oralização, criticando o método alemão.

(Lane e Philip, 1984, p. 28)

Jean Massieu

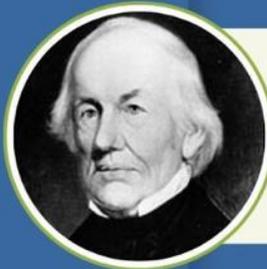
(1772-1846)



Primeiro Surdo a tornar-se Educador de Surdos, ensinou junto com o Abade Sicard no Instituto de Jovens Surdos de Paris.

Louis Laurent Marie Clerc

(1785-1869)



Ensinado pelo Abade Sicard que sucedeu L'Epée, e pelo educador Massieu, Laurent Clerc é considerado o maior "Apóstolo de Surdos da América".

Ferdinando Berthier

(1803-1886)



Surdo francês que escreveu a biografia de L'Epée a pedido dos membros da Sociedade para as Ciências Morais, Letras e Artes de Seine- et - Oise. Defendia a tese de que a Língua de Sinais deveria ser composta pelos sinais criados pelos próprios Surdos.

Edouard Huet

(?-1882)



Foi um educador que buscava integrar os Surdos na sociedade, executou trabalhos no Brasil e no México que culminaram no pioneirismo do desenvolvimento da Educação de Pessoas Surdas em ambos países.

Figura 31 – Surdos pioneiros da educação. Fonte: elaborada pelo autor.
Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado

Este período de ouro marcado pelo iluminismo que na Europa foi muito positivo para o desenvolvimento da Educação de Pessoas Surdas, mas estava longe de ser perfeito. Samuel Heinick, na Alemanha, criador do método alemão, fundou a primeira escola oralista e teve apoio de muitos profissionais na época que acreditavam que o Surdo para ser alguém deveria saber falar oralmente. E em 1880 no Congresso de Milão veio a derrocada do uso das Línguas de Sinais. Pelo que muitos afirmam, não houve proibição ao uso das Línguas de Sinais e sim a afirmação de que a melhor forma de educar os Surdos deveria ser através da oralização. Teoria defendida sob influência de Alexander Graham Bell, um dos maiores cientistas e influenciadores daquela época e que foi aclamada pela maioria.

Conforme atesta Skliar (apud SALLES, 2004, p. 55):

Existiram dois grandes períodos na história da educação dos surdos: um período prévio, que vai desde meados do século XVIII até a primeira metade do século XIX, quando eram comuns as experiências educativas por intermédio da Língua de Sinais, e outro posterior que vai de 1880 até os nossos dias. (SALLES, 2004, p. 55).

Após o Congresso de Milão os EUA sob liderança de Laurent Clerc e de Eduard Gallaudet a Língua de Sinais Americana – ASL, continuou enfrentando os ideais de Graham Bell. O Brasil também passou por momentos que proporcionaram mudanças e como o foco da pesquisa é sobre a didática, não pretendemos nos aprofundar muito no quesito da História dos Surdos.

4.3A Educação de Surdos no Brasil: de Huet até a Pedagogia Emendativa

A construção desta parte tem como base registros de diversos autores como INES (1997), Soares (1999), Moura (2000), Perlin (2002), INES (2007), Perlin e Strobel (2008), Strobel (2009), Rocha (2019), Campello (2019) e Campello, Abreu e Prates (2020) entre outros.

Nesta unidade buscamos desmistificar e mostrar a trajetória da Educação de Pessoas Surdas através do tempo até o surgimento dela no Brasil. A partir da chegada de Edouard Adolpho Huet Merlo, começamos a apresentar as diferenças curriculares e a trajetória em busca do protagonismo Surdo na Educação e sua Didática.

Desde Huet até os dias de hoje a grade curricular do INES passou por inúmeras mudanças, aqui apresentamos algumas delas até seguir o currículo das escolas regulares.

Programa de disciplinas de Huet (Figura 32):



Figura 32 – Programa de Ensino de Huet – 1856. Fonte: Adaptado de INES (1997).

Huet, ao elaborar este programa de Ensino, colocou o que era essencial para o ensino dos Surdos, sendo que Linguagem Articulada era uma disciplina para verificar se os Surdos tinham capacidade de se comunicar através da oralização. Na disciplina de Leitura sobre os lábios, que se tratava da comunicação oral, onde em seu programa ele pontuou que só ensinaria àqueles que possuíssem aptidão (INES, 1997, p. 5). A única dúvida que impera entre nós é como Huet ensinava a Leitura sobre os lábios e a linguagem articulada, sendo Surdo e ainda por cima francês, considerando que ele sempre se comunicou com o Imperador D. Pedro II através de cartas (Figura 33).



Figura 33 – Edouard Huet escrevendo carta. Fonte: Adaptado de INES, 2007. Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser

Huet se valia já nesta época de dois tipos de trabalhos a Pedagogia Visual (Campello, 2008) e a Língua Emergente¹⁸¹ (Vilhalva, 2009). Através das Descrições Imagéticas – DI ou do uso de figuras ele deveria se utilizar do ensino da Língua de Sinais Brasileira, misturada com alguns sinais franceses. Ao mesmo tempo ele sabia que cada criança Surda, se valia de sinais familiares para se comunicar e através de seu trabalho ele fazia emergir de dentro delas a Língua de Sinais Brasileira em cada uma delas utilizando-se da prática do ensino desta língua como Idioma Pedagógico e isso contribuiu para o desenvolvimento e aprendizagem de seus alunos.

¹⁸¹ Vilhalva ao abordar a questão da língua emergente, não se refere apenas aos índios, geralmente os educandos Surdos chegam na escola com sinais familiares sendo necessário adquirir sua língua própria, e a escola sendo o centro formador tem o papel de fazer emergir de dentro da criança esta língua.

Grade de Ensino de Huet no México



Figura 34 – Grade de ensino de Huet no México. Fonte: Adaptado de CRUZ-ALDRETE, 2008.

Aprofundando sobre o trabalho de Huet, Cruz-Aldrete (2008), apresenta a grade dele no México (Figura 34), bem diferente da grade curricular utilizada no Brasil. E o mais surpreendente é que nos revela que Catalina Brodeke, esposa de Huet, também dava aulas para os Surdos sendo possivelmente ela a encarregada de ensinar a leitura sobre os lábios tanto no Brasil, quanto no México. Podemos deduzir então que no ensino da disciplina de Língua Espanhola escrita, Huet ensinava através da Língua de Sinais e aquelas crianças que tivessem mais aptidão para a comunicação oral tinham aulas de oralização com Catalina Brodeke, esposa de Huet para o aprendizado.

Como podemos notar, Huet aqui apresentava um quadro mais amplo do que o realizado no Brasil, talvez isso se justifique pela falta de espaço ou de incentivos, porém, não temos como saber. A inserção do catecismo e dos princípios religiosos, horticultura e trabalhos manuais também existiram no Brasil, mas em outros períodos.

Em nenhum momento aparece o ensino da Língua de Sinais Mexicana, tal como no Brasil também não aparece em seu quadro o ensino da Língua de Sinais Brasileira e tal situação ocorre devido ao entendimento, sem ser enfático, de que a Língua de Sinais para Huet poderia ser o Idioma

Pedagógico, isto é, a língua de instrução a ser utilizado em todos os processos de ensino de forma interdisciplinar.

Com a saída de Huet, assumiram o instituto dois Diretores interinos que ao que tudo indica, não mexeram no Programa de Ensino do instituto. “Com a vinda do Dr. Manoel de Magalhães, este resolveu apresentar um novo Programa de Ensino sancionado através do Decreto nº 4.046 de 1867” (INES, 1997, p. 7).

O Dr. Manoel de Magalhães, nada sabia sobre Educação de Pessoas Surdas, porém ao banir a Linguagem Articulada e a Leitura sobre os lábios tudo indica que ele daria ênfase ao aprendizado conforme Huet havia feito mantendo a Língua de Sinais Brasileira sendo o Idioma Pedagógico. Ao contrário de tudo isso, ele transformou o instituto numa espécie de asilo de crianças Surdas. De positivo ele trocou a Escrituração Mercantil pela Contabilidade. Aqui questionamos como era o ensino destas crianças e há a suposição de que as crianças se utilizavam dos sinais, mas devem ter perdido durante este período a referência da sua língua emergente. O que levou o Dr. Tobias Leite, então Médico chefe da Secretaria de Estado a fazer um relatório sobre o instituto afirmando que não era uma escola e sim um asilo.

Quando Tobias Leite assumiu, em 1868, “ele observou a estrutura do instituto e reformulou o Programa de Ensino” (INES, 1997, p. 7). Como se pode observar o programa inicial estabelecido por Huet, voltou e com ele também a Linguagem Articulada e Leitura sobre os Lábios. Tobias Leite lutou para que a Língua de Sinais Brasileira tivesse continuidade e inclusive apoiou a publicação da Iconografia Brasileira de Sinais feita por Flausino José da Gama, em 1875.

Soares (1999) descreve os trabalhos produzidos por Tobias Leite durante sua estadia frente à Direção do instituto:

Em 1871, o Dr. Tobias Leite fez adaptação para o português do ***MethodepourEnseignerauxSourds-Muets***, do professor J. J. Vallade Gabel, do Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, adepto da linguagem oral. Foi o primeiro livro para professores de surdos escrito em português e recebeu o título de **Lições de Linguagem Escripta**. Foram distribuídos 500 exemplares entre as províncias de Minas, São Paulo, Paraná e Goiás. Em 1874 publicou o **Guia para Professores Primários**, contendo

orientações para o ensino de arithimética e metrologia. Em 1881, reuniu essas duas obras e publicou o **Compêndio para o Ensino dos Surdos-Mudos**, com 400 páginas. O livro apresenta uma parte que é chamada de theorica, que consta de perguntas e respostas que vão desde as causas da surdez até possibilidades do surdo aprender os conceitos de Deus e da alma. A parte que diz respeito à orientação para os professores consta de exemplos detalhados para o ensino dos elementos gramaticais como verbos, adjetivos, pronomes, advérbios, etc. e orientação para o ensino de arithimética e metrologia. (SOARES, 1999, p. 51, grifo nosso).

Tobias Leite foi o Diretor que mais se empenhou pelos Surdos neste período. Conforme vemos acima ele sempre procurou ter conhecimentos sobre os trabalhos desenvolvidos com os educandos Surdos e ainda notamos que seu “Programma do Ensino do Instituto dos Surdos-Mudos, no ano de 1876 traz todo conteúdo que era dado do 1º ao 6º ano” (SOARES, 1999, p. 54).

Soares (1999) pontua bem os trabalhos desenvolvidos por Leite, com destaque para esta fala que ele descreve sobre o desempenho de seus alunos durante sua gestão:

A educação do surdo-mudo não é impossível, como ainda entre nós, e só entre nós, alguns crêm; nem tão difícil como muitos acreditão. Não é tão perfeita, nem tão rápida, é verdade como dos falantes, mas póde ser, e é effectivamente, levada ao ponto de fazer do surdo mudo um cidadão tão útil como o falante, e até alguns se tem conseguido um bom homem de letras. (...) A leitura dos livros que tiver levado do Instituto, e de outros que tratem de assumptospraticos da vida, sob a forma de dialogos, ou de conto singelo e attractivos, lhe é de sumautilidade. (LEITE, 1877, p. 13 apud SOARES, 1999, p. 112)

Além deste programa de ensino de acordo com Soares (1999), (...), em 1877, Tobias Leite publicou o programa de ensino do Instituto, que compreendia seis anos de estudos, período este denominado **instrucçãolitteraria** (SOARES, 1999, P. 55). Ele foi Diretor do instituto até a sua morte. Já na gestão de João Paulo de Carvalho, foi sancionado o segundo Decreto que modificava o Programa de Ensino do instituto:

O “Decreto nº 3.964 de 23 de março de 1901” (INES, 1997, p. 13), não alterou o que Tobias Leite já fazia, apenas inseriu na grade a criação da Oficina de Tipografia, que fez com que os estudantes do instituto começassem a se profissionalizar. “Em 1908 sob a Direção de Custódio Ferreira Martins, foi sancionado o Decreto nº 6.892 de 19 de março de 1908” (INES, 1997, p. 13), trazendo outra inclusão conforme podemos observar no quadro abaixo.

Este Decreto inseriu a Linguagem Escrita no Programa de Ensino, o que nos leva a indagar como as crianças Surdas estudavam? Era tudo escrito num quadro? Elas utilizavam cadernos? A estes questionamentos temos respostas pois como tinham oficina de tipografia, isso demonstra que os Surdos naquela época já escreviam e a disciplina foi criada com o intuito de reforçar seu aprendizado na linguagem escrita, seria ali marcando o início do que viria a ser futuramente o bilinguismo na Educação de Pessoas Surdas.

Custódio Martins, em 1911 publicou um novo Programa de Ensino, mas não mexeu na grade curricular. A alteração que veio na publicação deste Programa de Ensino refere-se à criação de novos cargos profissionais. E com esta mudança há “em seu Artigo 9º a informação de que o método oral puro deveria ser adotado no ensino de todas as disciplinas” (INES, 1997, p. 13). Seria ali influência do Congresso de Milão que ainda predominava a Europa na época.

Em “1913 a disciplina de Linguagem Articulada (Figura 35) ganhou um programa” (INES, 1997, p. 14):

Programa de Linguagem Articulada - 1913



Gramática imitativa e progressiva
Leitura sintética nos lábios
Educação da vista
Educação do tato
Preparo dos órgãos respiratórios
Preparo dos órgãos de articulação da palavra
Desmutização

Figura 35 – Programa de Linguagem Articulada. Fonte: Adaptado de INES(1997).

Depois desta mudança levou-se anos para encontrarmos mais registros de alterações nos Programas de Ensino dos estudantes que só viriam a acontecer com a gestão do Dr. Armando Lacerda, que trouxe um método intitulado Pedagogia Emendativa do Surdo-Mudo, publicado em 1934, conforme relato de Soares (1999) cuja finalidade descreve abaixo.

(...) era de suprir falhas decorrentes da anormalidade, buscando adaptar o educando ao nível social dos normais. No que concerne ao surdo-mudo esse *desideratum* é alcançado por intermédio do ensino de linguagem e do correspondente desenvolvimento (LACERDA, 1934, p. 6. apud SOARES, 1999, p. 57)

Apesar de ter criado a Pedagogia Emendativa, Soares afirma que “o Dr. Armando Lacerda parece que não entrou em polêmica entre linguagem escrita ou oral, gestos ou fala, pois conduziu o trabalho do Instituto adotando procedimentos bastante diversificados (...)” (SOARES, 1999, p. 57). Lacerda (1934) descreveu como era a didática especial neste período de sua gestão pontuando o seguinte:

Sobre a didática especial adotada no Instituto, afirma que era:

(...) professada em dois cursos independentes que ministram ao aluno o conhecimento da linguagem articulada ou escrita mediante os métodos oral e escrito respectivamente e suas variantes de mais justa aplicação às aptidões dos educandos e ao nosso ambiente escolar. (LACERDA, 1934, p. 8. apud SOARES, 1999, p. 57)

Foi nesta época que começaram a ser notados o papel do repetidor¹⁸² (Figura 36), que era uma espécie de auxiliar de classe que nada mais fazia de ensinar os Surdos através de repetições. Papel este executado por alguns alunos e ex-alunos Surdos do instituto.

¹⁸² Apesar de ser citado nesta época, a função do repetidor já existia no século XIX, inclusive Flausino José da Gama era um destes profissionais.



Figura 36 – O repetidor. Fonte: Adaptado de Lacerda (1934) apud SOARES (1999). Ilustração: Vanessa Alves de Sousa Lesser.

Apresentamos nos Quadro 4 e 5, os quadros sinópticos do plano de ensino do instituto e da classificação dos alunos criado por Lacerda (1934) e descrito por Soares (1999, p. 59).

Quadro4 – Quadro sinóptico do plano de ensino de 1934.

QUADRO SINÓPTICO DO ATUAL PLANO DE ENSINO DO INSTITUTO				
Tipos	Resíduos Auditivos	Fragmantos de Linguagem	Classificação	Ensino emendativo Conhecimento da linguagem
1º	-	-	Surdos-mudos completos	Método escrito (Sinaes gráficos e digitais)
2º	+	-	Surdos incompletos	Método acústico oral (Associação dos exercícios acústicos aos oraes)
3º	+	+	Semi-surdos propriamente ditos	Método acústico oral
4º	-	+	Semi-mudos	Método oral (Exercícios de articulação e leitura labial)

Fonte: LACERDA, 1934, p. 9 adaptado de SOARES, 1999.

Analisando o Quadro 4 através do olhar Surdo, isso causa intriga devido ao fato de que naquela época mostrar haver rótulos para definir os diferentes tipos de Surdos e ainda, ao que tudo indica, nos tratavam como se fossemos pacientes clínicos deixando bem claro que a melhor forma de educação era a oral.

Quadro5 – Quadro sinóptico da classificação dos alunos de 1934

QUADRO SINÓPTICO DA CLASSIFICAÇÃO DOS ALUNOS DE INTELIGÊNCIA NORMAL QUANTO À CAPACIDADE AUDITIVA E LINGÜÍSTICA E SUA RELAÇÃO COM O ENSINO EMENDATIVO			
Ensino primário emendativo	Curso de linguagem escrita	classes	Elementares (1º e 2º anos) Médias (3º e 4º anos) Adiantadas (5º e 6º anos)
	Curso de linguagem oral		Preparatória (1º e 2º anos) Elementar (3º e 4º anos) Superior (5º e 6º anos)
Ensino profissional	Seção masculina Rodízio (1º ano)	classes	Curso de encadernação e douração (5 anos) Curso de marcenaria e entalhação (5 anos) Curso de sapateiro e seleiro (5 anos)
	Seção feminina		Curso de costura e bordado
Ensino Aplicado	Curso de desenho geral, desenho aplicado e trabalhos manuais	classes	Elementares (1º, 2º e 3º anos) Adiantadas (4º, 5º e 6º anos)

Fonte: LACERDA, 1934, p. 17 adaptado de SOARES, 1999.

Pelo que foi descrito acima (Quadro 5), a inteligência dos Surdos era medida através de sua capacidade auditiva e não pela sua capacidade intelectual. As crianças estudavam na instituição até completar seus 15 anos de idade e após isso deveriam sair do instituto. Suas divisões não eram por ciclos nem por séries e sim por classes que variavam do elementar até a superior. As meninas só tinham direito a aprender bordado e costura enquanto os meninos aprendiam outros afazeres, cujas profissões na época eram destaques.

Para facilitar a compreensão, apresentamos na Figura 37, os principais Programas de Ensino do INES deste período.

Programas de Ensino
INES

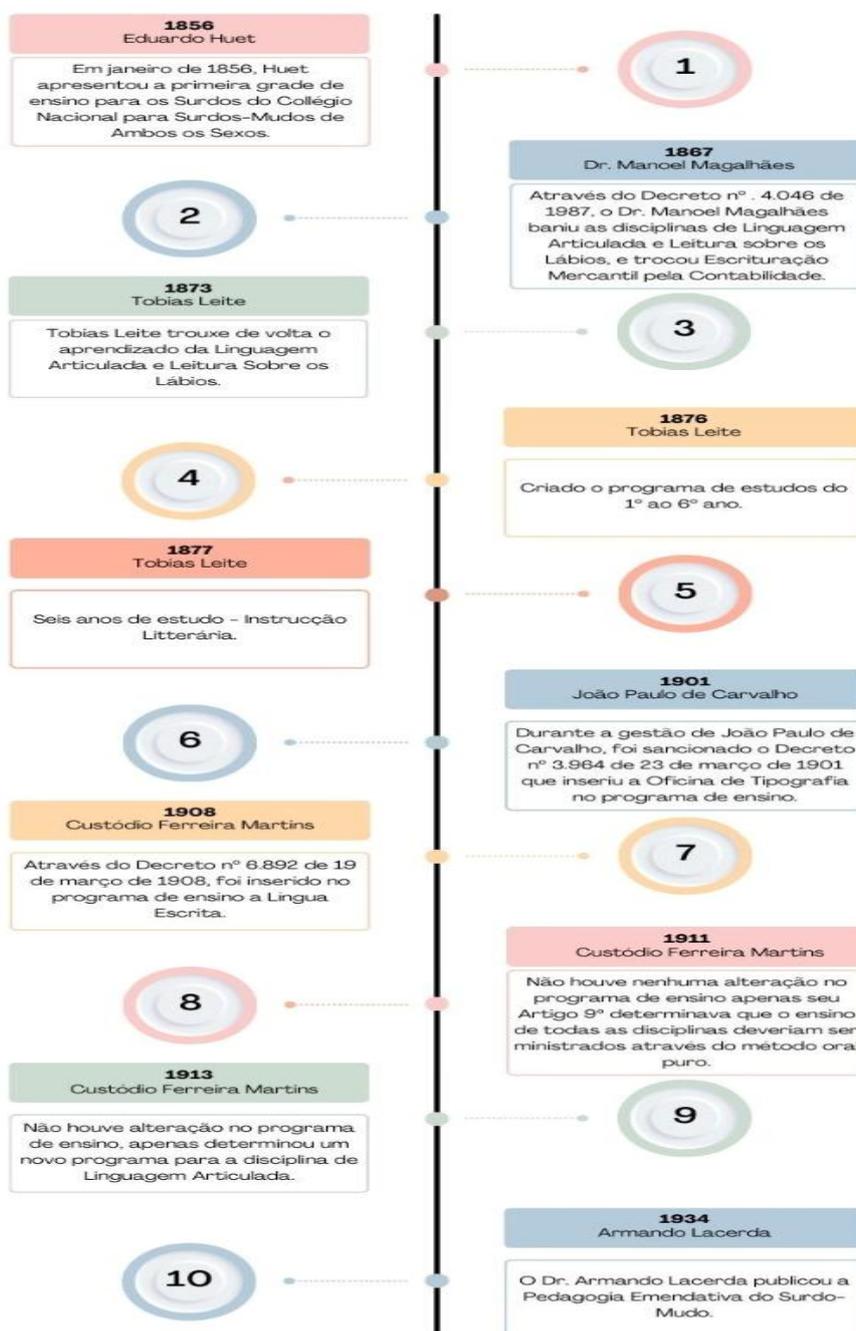


Figura 37 – Programas de ensino do INES. Fonte: Adaptado de INES, 1997 e LACERDA apud SOARES, 1999. Ilustração: Bruna Moreira de Pádua Machado

4.4 A Educação de Surdos no Brasil: do Curso Normal aos movimentos sociais

Em 1949 já se previa no Regimento do instituto, a criação do Curso Normal para se formar professores para atuar na educação de Surdos de acordo com o relato abaixo.

Em junho do mesmo ano (1951), foi publicada, no Diário oficial, a Portaria que regulamentava o ensino do Curso Normal de Formação de Professores para Surdos-Mudos, que já estava previsto no Regimento do instituto, aprovado em 28 de julho de 1949, pelo Decreto nº 26.974, promulgada pelo então Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra e assinado pelo Ministro da Educação e Saúde, Clemente Mariani. (SOARES, 1999, p. 70)

O INES passou a ser gerido em 1951 pela primeira mulher, Ana Rimoli, que começou a implantar uma série de trabalhos a serem desenvolvidos no aspecto educacional e que culminou a criação do Curso Normal para formação de professores para Surdos, conforme atesta Soares (1999).

Na gestão de Ana Rimoli, iniciada em 27 de fevereiro de 1951 e se estendendo até 7 de abril de 1961, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos assumiu a implantação do primeiro Curso Normal de Formação de Professores para Surdos, no Brasil. Esse curso tinha duração de três anos e era equivalente a cursos de grau médio. Funcionava em regime de externato para os alunos residentes do Rio de Janeiro, então Distrito Federal, e em regime de internato para alunos de outros estados. (SOARES, 1999, p. 70)

Apenas em 1955, após a formação da primeira turma de professores do Curso Normal com formação para atuar com surdos, foi feita a primeira estruturação curricular seguindo os moldes das escolas regulares criando enfim a educação primária.

Em 1955, devido a um acordo firmado entre a Secretaria Geral de Educação e Cultura do Distrito Federal e o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em 2 de dezembro de 1955, que definia um plano de colaboração entre esses dois órgãos, foi publicada a Resolução nº 94, que criava, em caráter experimental,

condições para a educação primária de deficientes da audição e da palavra (D. O. 3/12/55). (SOARES, 1999, p. 83)

Esta estruturação culminou na elaboração da grade do Quadro 6:

Quadro6: Estruturação do programa de ensino primário

Estruturação dos programas do ensino pré-fundamental e fundamental do Instituto Nacional de Educação de Surdos			
		Idade	Atual
I	Iniciação		Creche
A	Maternal	até 4 anos de idade	Maternal
B	Pré-fundamental	até 6 anos de idade	Pré-escola
II - Fundamental – Duração 8 anos			
1º Grau	Duração: 3 anos	7 a 9 anos de idade	
1º ano	Fundamental	7 anos	1º ano
2º ano	Fundamental	8 anos	
3º ano	Fundamental	9 anos	
Linguagem e técnica especializadas, com o objetivo de dotar a criança da consciência e uso da linguagem própria da criança ouvinte em idade pré-escolar.			
2º Grau	Duração 5 anos	10 a 14 anos de idade	
4º ano	Fundamental	10 anos	2º ano
5º ano	Fundamental	11 anos	3º ano
6º ano	Fundamental	12 anos	4º ano
7º ano	Fundamental	13 anos	5º ano
8º ano	Fundamental (admissão)	14 anos	6º ano

Fonte: BRASIL, Instituto Nacional de Educação de Surdos, 1962, adaptado de SOARES, 1999, p. 98-99.

Pela primeira vez a instituição passou a ter uma estrutura semelhante ao das escolas regulares (Quadro 6), porém ainda existia a limitação de idade, poderia estudar lá até completar 15 anos e seus estudos iam apenas até o atual 6º ano de escolaridade do ensino fundamental. O mais interessante é que não havia abordagem sobre a didática desenvolvida chegando a tal ponto que muitos professores se baseiam nos trabalhos desenvolvidos pelo professor Geraldo. As visitas à diversas instituições estrangeiras foi fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos feitos pelos professores do INES frente às crianças e adolescentes surdas.

Inclusive esta época marcou o início da tendência da Comunicação Total, que consiste em ensinar utilizando uma série de recursos simultaneamente, tais como a fala, a escrita, os sinais, os objetos e as figuras. A Comunicação Total não se baseava a execução de sinais da Língua de Sinais Brasileira pois

era uma mistura bimodal usando sinais e a fala de forma simultânea, diferentemente da forma de se comunicar baseando-se apenas no uso de sinais.

Já com a Tendência Filosófica da Comunicação Total estabelecida no Instituto e com a mudança de nome para INES, em 1962 o Instituto passa a fazer sua primeira adaptação ao programa das escolas públicas do Estado da Guanabara¹⁸³. Foi preciso demorar mais de um século até a Educação de Pessoas Surdas incorporar um sistema educacional igual ao das escolas regulares.

Ainda nessa época, as pesquisas de William Stokoe davam à Língua de Sinais o *status* de língua, mas o Brasil ainda estava longe de aceitar esta questão. Embasado pelos movimentos sociais do período, nesta época nasceram muitos Surdos da Geração X, sendo estes os grandes percussores da Luta dos Movimentos Sociais Surdos.

Graças às informações compartilhadas pelos tanto pelos Surdos adultos, quanto pelos professores de Surdos da época, os Movimentos Sociais foram ganhando forças, como a criação de Associações de Surdos, os grêmios estudantis, os trabalhos evangelizadores. A Língua de Sinais passou a ganhar força e dentro desta corrente o INES tomou a iniciativa e criou o primeiro curso de Língua de Sinais Brasileira, cuja didática se baseava apenas no ensino de palavras soltas seguindo os moldes dos materiais trazidos da Universidade de *Gallaudet*, nos Estados Unidos.

¹⁸³ Antigo nome do Estado do Rio de Janeiro.



Figura 38 – Primeiros Instrutores de Língua de Sinais Brasileira do INES. Fonte: Adaptado de INES(2007). Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Os primeiros instrutores de Língua de Sinais Brasileira no INES foram o Sr. Fernando Miranda Valverde, que anos depois seria Presidente da Feneis e a Sr.^a Lúcia Severo da Costa (Figura 38), cujas famílias davam apoio aos Surdos chegando inclusive a ajudar na fundação da Associação Alvorada Congregadora de Surdos. Mais tarde Lúcia também teve participação em defesa dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Conforme relato feito por Campello, o ensino dos instrutores não se limitava apenas ao INES também havia o ensino fora do instituto, na Clínica Santa Cecília feito por Ana Regina e Souza Campello e Fernando Miranda Valverde.

A fundação da Feneis, em 1987, com uma Liderança Surda foi o pontapé das Lutas Sociais. A criação de Grupos de Estudos da Língua de Sinais também foi outro marco importante destes movimentos, já neste período a Educação de Pessoas Surdas já não se limitava ao INES, já se expandia pelo país.

A Geração Y veio a fortalecer estes movimentos e como consequência disso os estudos sobre a Língua de Sinais foram se aprofundando, a Geração X conseguiu romper a barreira e pela primeira vez um Surdo ingressou numa Universidade Pública através do Vestibular, prova considerada muito difícil de ser superada. E assim como a criação do Instituto, os dois primeiros alunos

¹⁸⁴ Fernando Miranda Valverde –Foi uma importante liderança dos movimentos políticos dos Surdos. Foi aluno de Ivete Vasconcelos, Léa Carneiro e Geraldo Cavalcanti. Assumiu a presidência da FENEIS no período de 1991/1993.

¹⁸⁵ Lúcia Severo da Costa – Ex-representante do Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência. Exerceu forte liderança junto aos movimentos políticos dos Surdos, tendo se destacado pelo trabalho de orientação com familiares de Surdos.

matriculados eram mulheres, na UERJ também ingressou uma mulher: Ana Regina e Souza Campello, na faculdade de Pedagogia.

No Brasil a Feneis incentivava e lutava pelos direitos dos Surdos e com ela o papel dos adultos Surdos se destacavam frente aos jovens das novas gerações, impulsionados principalmente pela Geração X Surda e tendo aporte dos Baby Boomers Surdos os trabalhos passaram a crescer.

Destacamos ainda que no Rio de Janeiro, principalmente na sua capital, através dos Movimentos Surdos, começou a despertar nos próprios Surdos e em alguns instrutores o interesse em ingressar numa faculdade para que pudessem se tornar professores e a partir dali, compartilharem seus conhecimentos com os alunos Surdos e então coube a Ana Regina e Souza Campello ser a primeira Surda a romper a barreira do vestibular e ingressar numa Universidade Pública, se graduando em 1996, precedida de diversos Surdos e Surdas.

Todos os citados na Figura 39, foram os pioneiros na Pedagogia no Ensino das Pessoas Surdas e através de seus trabalhos percebemos uma mudança na forma de se olhar os sujeitos Surdos, dando início ao que mais tarde seria a Pedagogia Surda no Rio de Janeiro e que iria se expandir pelo país. Cada um destes Pedagogos Surdos, desempenhou um papel na Educação de Surdos servindo ainda de modelos como adultos Surdos para inspirar as crianças e os jovens Surdos a se aventurarem em seus estudos, proporcionando assim o crescimento e desenvolvimento da Educação de Surdos em todo estado do Rio de Janeiro.



VOILÀ 186
AI ARTIST.com



VOILÀ 187
AI ARTIST.com



VOILÀ 188
AI ARTIST.com

¹⁸⁶Ana Regina e Souza Campello – UERJ (1996).

¹⁸⁷Marcus Vinicius Freitas Pinheiro – UERJ (1998).

¹⁸⁸Mônica Astuto Lopes Martins – UERJ (1999).



Figura 39 – Pedagogos Surdos do Rio de Janeiro. Fonte: Elaborada pelo autor. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Lucinda Ferreira Brito professora e linguista, foi a pioneira no trabalho que inspirou estes Pedagogos Surdos, sendo ela grande defensora das Línguas de Sinais ela começou a escrever sobre a Língua de Sinais Brasileira juntamente com os Surdos e seus trabalhos sempre serão reconhecidos pelos Surdos. Devido aos trabalhos de Lucinda, logo despertou o interesse de outros Linguistas onde damos destaque a três delas que tiveram um trabalho brilhante no Rio de Janeiro¹⁹² e estas linguistas se uniram a outros Surdos adultos das Gerações Baby Boomers e Geração X onde começaram ao aprofundamento das pesquisas sobre as Línguas de Sinais Brasileiras.

No Brasil, tivemos alguns pioneiros neste trabalho didático da Educação de Pessoas Surdas onde podemos destacar três linguistas (Figura 40), fundamentais para o desenvolvimento da Educação de Surdos que aos poucos foram se atrelando às novas tecnologias.

¹⁸⁹ **Luciane Rangel Rodrigues** – Universidade Veiga de Almeida – UVA (1999).

¹⁹⁰ **Heloise Gripp Diniz** – Universidade Estácio de Sá – UNESA (2004).

¹⁹¹ **Alex Curione de Barros** – Universidade Estácio de Sá – UNESA (2004).

¹⁹² Esse trabalho no Rio de Janeiro se baseia que a Feneis em seu início situava-se na capital do Estado e de lá muitas decisões das Comunidades Surdas eram tomadas assim como no INES como Centro de Referência.



Figura 40 – Primeiros Linguistas sobre estudos das Línguas de Sinais Brasileiras. Fonte: Adaptado de SOUZA, 2019. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Lucinda Brito desde 1991, atuava sempre ao lado de Myrna Salerno Monteiro (Figura 41), uma Surda Linguista, que juntamente com Felipe produziram o livro intitulado Libras em Contexto (2001), sendo o primeiro livro de ensino da Libras antes mesmo dela ser reconhecida como língua e que continha uma série de aulas com seus planos de aula orientando os Instrutores Surdos no preparo de suas aulas.



Figura 41 – Myrna Salerno Monteiro. Fonte: Adaptado de SANTOS; MONTEIRO, 2019. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

¹⁹³**Ronice Muller Quadros** – Graduada em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul – UCS (1992); Mestre em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (1995); Doutora em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS (1999); Possui Pós-Doutorado em Connecticut/EUA (2010), Harvard/EUA (2016) e Humboldt/ALE (2021) todos em Linguística e Letras.

¹⁹⁴**Eulália Fernandes** – Graduada em Letras pela Universidade Santa Úrsula (1973); Mestre em Letras pela UFF (1977); Doutora em Linguística pela UFRJ (1984) e Pós-Doutorado em Educação pela UFRJ (1995).

¹⁹⁵**Tanya Amara Felipe de Souza** – Graduada em Letras pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP (1977); Especialista em Língua Portuguesa pela UNICAP (1982); Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (1988); Doutora em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (1998).

¹⁹⁶**Myrna Salerno Monteiro** – Graduada em Comunicação Visual pela Fundação Armando Álvaro Pentecostado – FAAP (1984); Especialista em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ (1992 e 1995); Graduada em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2010); Mestre em Linguística pela UFSC (2015).

A estes profissionais se juntaram os Surdos que fortaleceram a Libras e sua importância para a Educação de Pessoas Surdas, estes representantes Surdos são símbolos do pioneirismo de nosso trabalho no Brasil, destacando além da Libras, a Língua, a Cultura Surda, a Identidade Surda, o papel da Educação, a Visualidade Surda e a Língua Emergente.

Tais paradigmas defendidos por estas pesquisadoras Surdas (Figura 42), hoje norteiam o trabalho da Educação de Surdos em nosso país, dando continuidade para o surgimento de novos educadores de Surdos, conforme idealizou o pensamento de L'Épée ao criar o Instituto de Jovens Surdos de Paris, por isso as imagens destes profissionais está em formato feito através de Inteligência Artificial, produzida por um aplicativo digital.

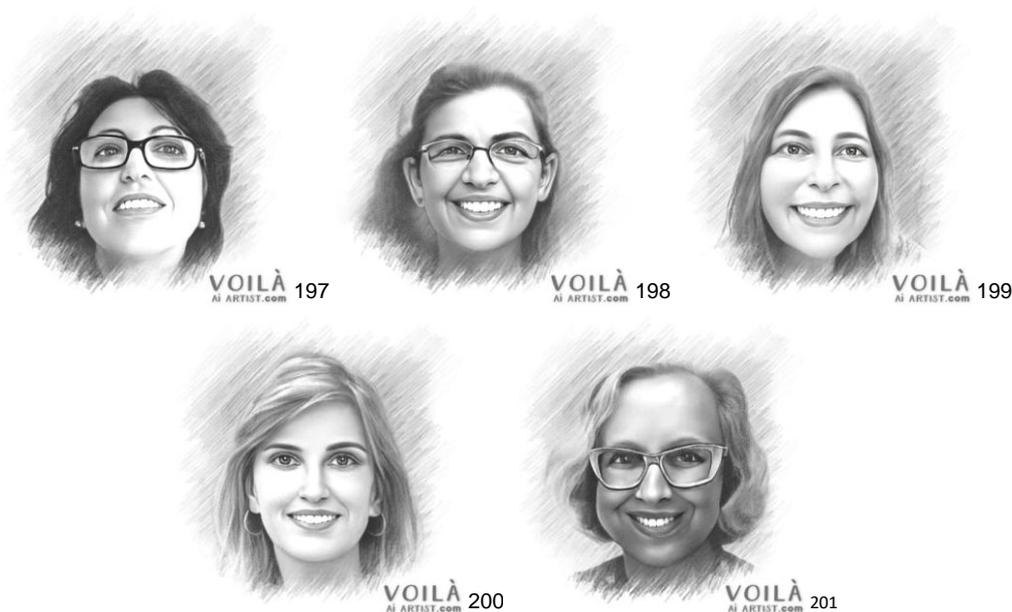


Figura 42 – Primeiras Pesquisadoras Surdas do Brasil. Fonte: Elaborada pelo autor. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

¹⁹⁷**Gladis Teresinha Taschetto Perlin** – Graduada em Teologia pela PUC/RS (1987); Mestre em Educação pela UFRS (1998); Doutora em Educação pela UFRS (2003) e Pós-Doutorado em Educação pela UFRS (2014).

¹⁹⁸**Ana Regina e Souza Campello** – Bacharel em Biblioteconomia e Documentação pela Universidade Santa Úrsula – USU (1996); Graduada em Pedagogia pela UERJ (1996) e Doutora em Educação pela UFSC (2008).

¹⁹⁹**Karin Lilian Strobel** – Graduada em Pedagogia pela Universidade Tuiuti do Paraná – UTP e Doutora em Educação pela UFSC (2008).

²⁰⁰**Marianne Rossi Stumpf** – Graduada em Tecnologia da Informática pela Universidade Luterana do Brasil – Ulbra (2000); Graduada em Educação dos Surdos pela Universidade de Santa Cruz do Sul (2004); Doutora em Informática da Educação pela UFRS (2005) e Pós-Doutorado pela Universidade Católica Portuguesa (2013/2014).

²⁰¹**Shirley Vilhalva** – Graduada em Pedagogia pela Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMAT atual Universidade Católica Dom Bosco – UCDB (1990); Mestre em Língua pela UFSC (2009).

Vendo a expansão de escolas, amparadas pela Declaração de Salamanca e a necessidade de se manter como centro de referência, “em 13 de setembro de 1996, o governo publicou a Portaria nº 943 que designa o INES como principal Centro de Referência Nacional na área da Surdez” (INES, 1997, p. 30). Para se manter como Centro de Referência é importante que a instituição dê embasamento e incentivo às pesquisas, verificando nas plataformas, vemos poucas publicações relacionadas aos atuais profissionais atuantes na grade de Libras na instituição à respeito da publicação de pesquisas. Ao não dar esse embasamento a instituição não consegue se manter e por isso a necessidade de se dar continuidade às pesquisas na área, sendo essencial que principalmente os pesquisadores Surdos publiquem seus trabalhos desenvolvidos.

Em 2001, com o crescimento dos Movimentos Sociais, agora atrelados também aos Culturais, surge o *boom* de Instrutores de Libras incentivados pela Feneis e pelo Programa Nacional de Apoio à Educação de Surdos, promovido pelo governo federal. O Curso de Agentes Multiplicadores em Libras promovido pelas instituições citadas, trazia no Livro do Professor além das aulas, um modelo de planejamento para cada aula²⁰², com o objetivo de facilitar o trabalho dos Instrutores de Libras.

Neste mesmo ano, diante da dificuldade notada por parte dos professores atuantes do INES em relação aos alunos Surdos que eram matriculados em outros níveis de escolaridade que não era o inicial. Os professores em consonância com os Assistentes Educacionais Surdos, pontuavam que os alunos transferidos de fora do instituto não tinham domínio da Língua de Sinais possuíam sinais familiares e precisavam assimilar a língua emergente. Com esta questão o Instituto através da idealização das professoras Vilma Favorito e Solange Rocha, com o apoio da professora Jurema Santos, criou a disciplina de Língua Brasileira de Sinais, ministrada por três professores Surdos, fluentes na Língua de Sinais Brasileira, com formação em Magistério, Pedagogia e Instrução para Surdos, respectivamente: Heloise Gripp Diniz, Marcus Vinicius Freitas Pinheiro e Ronise Conceição de Oliveira. Em 2002, com o

²⁰² Disponível na Figura 16.

reconhecimento da Libras como língua através da Lei nº 10.436/2002 (BRASIL, 2002), a disciplina passou a ter o nome de Libras.

O que é ter contato com um Surdo adulto? Essa pergunta que fazemos a muitos pais e responsáveis de crianças Surdas. E há uma resposta para isso: Ele irá contar para os Surdos a história, irá mostrar para a criança Surda a sua cultura, irá demonstrar a ela a importância da sua língua. Conclusão: ter contato com um adulto Surdo é começar a ser inserido na cultura e Comunidade Surda.

Muitas crianças Surdas são filhas de pais e responsáveis ouvintes que desconhecem a história dos Surdos, poucos são os pais e responsáveis que se engajam numa Comunidade Surda. Aqui apresentaremos um pouco da história da Educação dos Surdos, sua trajetória. Muito do que escrevemos aqui vem de uma história que nos foi contada por um Surdo adulto. Mesmo assim temos autores Surdos brilhantes que nos deixam relatos desta história, assim como temos alguns autores ouvintes que nos ajudaram a registrar tudo que era relatado.

4.5 A Educação de Surdos no Brasil: Libras como disciplina curricular

Conhecer a história da Educação dos Surdos é fazer parte da inserção na Comunidade Surda. Neste capítulo mostraremos esta história.

O INES, dando prosseguimento a esta necessidade de se aprofundar a Língua de Sinais Brasileira criou a disciplina de Libras em sua grade curricular colocando três professores Surdos (Figura 43) para ministrar suas aulas, atendendo a todos alunos desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

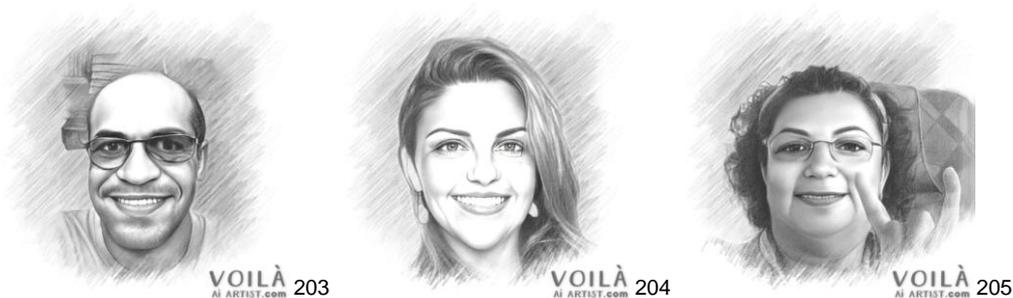


Figura 43 – Primeiros Professores da disciplina de Língua de Sinais Brasileira do INES. Fonte: Adaptado de ROCHA, 2018, p. 178. Imagens geradas por aplicativo de Inteligência Artificial Voilá.

Assim com o trabalho desenvolvido por estes três professores o INES começou a abrir as portas para o desenvolvimento da Libras e ao mesmo tempo a didática de ensino praticada por estes professores passou a ser incorporada no ensino dos surdos tanto no INES, quanto fora dele. Desse modo, “Em 2001, Pinheiro Diniz e Oliveira mostraram que o ensino da Libras deveria passar por três caminhos distintos: Linguístico, Histórico e Sociológico” (PINHEIRO; DINIZ; OLIVEIRA, 2001, p. 20). Os três professores pioneiros, por sua vez criaram o primeiro esboço de um currículo da disciplina (Quadros 7 e 8).

Quadro 7 – Currículo de Libras do INES, Ensino Fundamental 1º Segmento.

SECAF e CAAF – Ensino Fundamental – 1ª a 4ª Série		
Programa	Objetivos	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Identidades Surdas; • Língua de Sinais – definição; • História do INES; • Apresentação do Livro do Flausino; • Vivências em Libras; • Apresentação de fitas e vídeos em Libras; • Depoimento de Surdos adultos. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a si como pessoa Surda (auto-estima); • Consciência de Língua; • Por meio da História do INES, reconhecer-se como sujeito dessa história; • Compreensão de texto; • Interpretação de texto; • Produção de texto individual e coletivo. 	<ul style="list-style-type: none"> • Revistas; • Fotos; • Histórico do INES – 140 anos; • Livro do Flausino; • Cartilha em Libras; • Vídeos em Libras; • Entrevistas.

Fonte: PINHEIRO; DINIZ; OLIVEIRA, 2001, p. 76.

Quadro 8 – Currículo de Libras do INES – Ensino Fundamental 2º Segmento e Ensino Médio

SEJAD – Ensino Fundamental – 5ª a 8ª Séries e Ensino Médio

²⁰³ **Marcus Vinicius Freitas Pinheiro** – Graduado em Pedagogia pela UERJ (1998) e Pós-Graduado em Administração e Planejamento da Educação pela UERJ (2000).

²⁰⁴ **Heloise Gripp Diniz** – Graduada em Pedagogia pela Universidade Estácio de Sá – Unesa (2004); Graduada em Letras/Libras pela UFSC (2010) e Mestre em Linguística pela UFSC (2010).

²⁰⁵ **Ronise Conceição de Oliveira** – Intrutora de Libras e Graduada em Letras/Libras pela UFSC (2011).

Conteúdo	Objetivos	Estratégias	Recursos
<ul style="list-style-type: none"> • Identidade dos Surdos; • História da Educação dos Surdos e da Língua de Sinais; • Contexto da Fundação do INES; • Ernest Huet – o fundador; • Flausino José da Gama – Iconografia dos Sinais – 1875; • A Língua de Sinais no INES; • Língua de Sinais e os Surdos no contexto mundial; • Organização Política dos Surdos no Brasil e no mundo; • Associações de Surdos; • Resgate histórico da Feneis; • Libras – a luta pela legalização. 	<ul style="list-style-type: none"> • Conhecer a si como pessoa Surda (auto-estima); • Conhecer a história da Educação de Surdos e das Línguas de Sinais no contexto mundial; • Situar historicamente o INES e identificar sua importância no cenário nacional; • Conhecer Ernest Huet e seu trabalho no instituto; • Reconhecer a importância do trabalho de Flausino para a pesquisa de Libras; • Conhecer as Línguas de Sinais de outros países e estabelecer comparações com a Libras; • Reconhecer-se como cidadão historicamente situado e identificado com a luta da Comunidade Surda mundial e brasileira; • Conscientizar a Comunidade Surda a lutar por seu espaço. 	<ul style="list-style-type: none"> • Diálogo; • Pesquisa na família; • Visita ao acervo da instituição; • Pesquisa nos documentos da instituição (individual e coletiva); • Dramatização da história do INES; • Entrevistas com ex-alunos do INES; • Pesquisa na internet; • Debates a respeito da situação dos Surdos no Brasil e no mundo; • Depoimentos de Lideranças Surdas. 	<ul style="list-style-type: none"> • Revistas; • Fotos; • Documentos impressos e iconográficos do acervo do INES; • Histórico do INES – Espaço – Edição 140 anos; • Livro: iconografia de Sinais; • Fitas de vídeos em Libras; • Informática; • Visita à Feneis; • Documentos sobre a legalização da Libras; • Projeto nacional; • Entrevistas.

Fonte: PINHEIRO; DINIZ; OLIVEIRA, 2001, p. 77.

A partir de 2002 com a sanção da Lei da Libras os professores de disciplina de Libras começaram a crescer atendendo principalmente às crianças das Gerações Y e Z, sendo a última Geração a primeira a nascer totalmente conectada. Desde a década de 80 a tendência do bilinguismo se expandia, as lideranças Surdas começaram a aprofundar seus conhecimentos, os Surdos já não tinham idade limite para estudar, as barreiras estavam

rompidas surgiram Mestres e Doutores Surdos e com isso a necessidade de lutar por uma Pedagogia Surda.

Analisando os registros, a última alteração na grade de curricular do ensino da Libras, é uma continuidade da grade inicial acrescida de novos componentes feita pelos Professores: Alex Curione de Barros, Heloise Gripp Diniz e Vanessa Alves de Souza Lesser, com apoio pedagógico dos Professores Rita de Cássia H. Nakajima Pinto, Marcus Vinicius Freitas Pinheiro e Valéria dos Santos Vasconcellos, publicada através da Portaria nº 203 de 25 de agosto de 2008, que dá a redação final do currículo da disciplina Libras, divulgada através do Boletim de Serviço do INES, nº 8 de 29 de agosto de 2008. Até hoje não houve nenhuma outra publicação registrada sobre a alteração deste currículo.

Nesse contexto, considera-se que a Educação de Pessoas Surdas, envolve a perspectiva do enfoque bilíngue, trata-se de uma metodologia diferenciada, tendo como seu público principal as pessoas Surdas, mas também temos que lembrar que ela é importante para as pessoas com os Surdossinalizantes, para os Surdocegos, Surdos com altas habilidades/superdotação e Surdos com deficiências associadas, que optam e/ou necessitam da Libras como língua. Este enfoque bilíngue que citamos garante o ensino da Língua Brasileira de Sinais como primeira língua (L1) e a Língua Portuguesa na forma escrita como segunda língua (L2), somando a esta proposta que recentemente foi inserido na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDBEN (BRASIL, 1994), a inclusão da Modalidade Bilíngue na Educação de Pessoas Surdas através da Lei 14.191/2021 (BRASIL, 2021) reforçando assim a proposta de se aprofundar na Educação de Pessoas Surdas.

A Língua de Sinais, por ser o meio através do qual um grupo de pessoas pode se comunicar, geralmente as pessoas Surdas se comunicam e interagem através dela, sendo esta, uma língua natural, com estrutura lexical e gramatical próprias garantindo ao Surdo a aquisição da sua primeira língua (L1) e conduzindo ele para a sua interação com o mundo através da sua língua e sua cultura. Isso nos remete à necessidade de mostrar os trabalhos desenvolvidos

desde o passado no ensino através da Língua de Sinais até chegar ao surgimento do INES, quando então nessa segunda parte partimos a abordar a definição de Libras.

As tecnologias surgem como enfoque principal abordando tudo que vem desde o século XIX até as atualidades deste século. Antunes em seu glossário definiu a Tecnologia da Educação como:

Meio de comunicação que pode ser usado para fins instrucionais como por exemplo, o livro didático, o microcomputador, o quadro-negro etc. Forma sistemática de implementar, planejar e avaliar o processo total de aprendizagem e de instrução em termos objetivos e específicos, baseados em estudos sobre comunicação e aprendizagem humana, reunindo recursos humanos e materiais, de modo a tornar a instrução mais efetiva (ANTUNES, 2001b, p. 182).

Partindo desta definição surge a necessidade de se buscar saber quais são os recursos humanos e materiais utilizados atualmente pelos professores de modo a tornar o processo de ensino-aprendizagem mais efetivo. Com isso, apontaremos quais são as tecnologias mais utilizadas pelos professores Surdos e ouvintes, fazendo ainda uma comparação buscando observar as diferenças.

Também buscaremos explicar o que é ensino híbrido, aulas síncronas e assíncronas, as diferentes plataformas e como é feito o uso de cada tecnologia por ambos os grupos no ensino da disciplina de Libras, justificando o motivo da utilização de cada tecnologia. Mostrando exemplos de aulas que podem ser visualizadas através de leitores de *QR code*²⁰⁶. As aulas utilizam algumas tecnologias diferentes como o STEM²⁰⁷, a Robótica, entre outras formas de ensinagem sempre com a Libras como idioma pedagógico.

Ao citarmos estas diferentes formas de tecnologias, o leitor de *QR codes* será demonstrado como ser utilizado, buscando trabalhar a informação através da Pedagogia Visual, reforçando a questão do uso da Libras como

²⁰⁶ Em inglês *Quick Response Code*, que traduzido significa código de respostas rápidas, é um código de barras bidimensional que armazena uma série de informações.

²⁰⁷ Iniciativa mundial que visa cultivar o interesse pela Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática em um esforço para promover estas disciplinas. Desta metodologia há também uma variante STEAM, cuja letra A se refere às artes.

idioma pedagógico. Por fim verificaremos o que pode melhorar no uso das novas tecnologias e produziremos no decorrer da pesquisa, orientações pedagógicas sobre como trabalhar a didática no ensino da Libras com as novas tecnologias.

5. DISCUSSÃO

Num período em que os estudantes são em grande maioria considerados nativos digitais, a cultura cibernética predomina e ao mesmo tempo surgem as tendências em tecnologias educacionais. Algumas instituições de ensino já possuem Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA que facilitam o acesso dos estudantes e acompanhamento das aulas. O ensino passou a ser híbrido e ganhou força com a pandemia do Covid-19 (LIMA; REZENDE, 2020), onde as aulas passaram a ser ministradas de forma remota através das mais diversas plataformas.

Tudo isso demonstra que a Educação do Futuro nos leva a uma aprendizagem num mundo em constante transformação e com isso há a necessidade de acompanhar a evolução do ensino, com professores e alunos antenados se fazendo uso de tecnologias dominantes inclusive utilizando-se das redes sociais como ferramenta de ensino.

Hoje os professores já fazem uso de Mapas Mentais e Mapas Conceituais além do uso de tutoriais para orientar os alunos os livros por vezes são substituídos por *e-books*. Ao relatar tudo isso percebemos que se insistirmos num processo tradicional estaremos fadados ao fracasso escolar.

Desta pesquisa buscamos analisar as seguintes informações: as mudanças pós-pandemia; a evolução do ensino, os professores e alunos antenados, quais são as tecnologias dominantes (aplicativos, plataformas, etc.).

A respeito das hipóteses levantadas nesta pesquisa, constatou-se que os professores Surdos e ouvintes ainda não acompanham em sala de aula a evolução de seus educandos em nível superior no ensino da L2 e assim podemos entender que os professores que se formam em nível superior

também não estão preparados adequadamente para atuar frente às crianças Surdas no ensino da L1.

Frente a pouquíssimas informações sobre as tecnologias presentes podemos ter duas hipóteses: ou os professores não sabem usar as novas tecnologias ou as próprias instituições de ensino não estão equipadas com estes recursos. Devemos procurar entender o que fazer para melhorar este trabalho do professor no ensino da L2 a fim de capacitar novos profissionais para o ensino da L1. Eventualmente será necessária a formação docente de capacitação promovida pelas instituições de ensino como atualmente ocorre em diversos lugares, uma espécie de formação para aprender a manusear o *Canva*.

Dentre as novas tecnologias utilizadas, destacamos o Ambiente Virtual de Aprendizagem, o *Moodle*, o *Chat*, as Videoconferências e as gravações em vídeos. Entretanto, nem todos os profissionais explicaram como é feito o uso das ferramentas e nesse caso podemos entender que talvez as instituições já divulguem através de um tutorial as diferentes formas de acesso e uso destas plataformas. Considerando que as novas gerações não vivem sem conectividade, isso não quer dizer que o livro didático tenha que ficar para o lado e sim que temos que pensar em novos processos de ensinagem que possam atrair os alunos para a aula.

A falta de conhecimento dos professores sobre como prepara uma aula e como usar as novas tecnologias no ensino da L2 pode levar ao erro no aprendizado, como sabemos que o papel não tem movimento, se por acaso o professor for ensinar o sinal de sábado no papel, aquele aluno que faltou não saberá sinalizar o sinal da forma correta, sendo então induzido ao erro, e numa conversa com o professor João Henrique Martins Bulhões sobre este tema, percebemos a importância do uso do leitor de *Qrcode* para o aprendizado.

Prontamente nos Quadros 9 e 10 colocamos um documento que ajuda a orientar os professores no preparo de suas aulas através dos planos de curso e nos planos de aula, para que eles possam saber conduzir melhor suas aulas e tentar unir elas ao uso das novas tecnologias.

Quadro 9 – MODELO DE PLANO DE CURSO OU PLANO DE DISCIPLINA

Cabeçalho	
Aqui você deve identificar a instituição	
7. Identificação	7.1 Nome do curso ou disciplina; 7.2 Período/Ano; 7.3 Instituição (Ex: Faculdade de ...); 7.4 Nome do Professor; 7.5 Duração do curso e/ou carga horária; 7.6 Modalidade de Ensino: Presencial, Híbrida ou Remota; 7.7 Dias da semana de aula; 7.8 Horário (manhã, tarde ou noite); 7.9 Número de participantes (por grupo, se houver); 7.10 Número de grupos (se houver); 7.11 Início e término (a hora).
8. Objetivos da disciplina ou do curso	8.1 Se divide em duas partes: gerais e específicos; Objetivo Geral 8.2 Explicar o que pretende o curso; Objetivos Específicos 8.3 Explicar quais aprendizagens quer alcançar; 8.4 Explicar qual a contribuição será oferecida ao participante para atingir os objetivos propostos.
9. Conteúdo programático/Ementa	Os conteúdos devem vir em forma de temas, cada aula um tema. Dependendo do tema, a aula pode durar mais dias. Exemplo de tema: Aula 10 – Gramática da Libras – Parâmetros.
10. Estratégias/Metodologia	As estratégias no planejamento indicam os tipos de atividades que serão utilizadas pelo professor, para ajudar os participantes a atingir os objetivos propostos na aula. Aulas presenciais possuem estratégias diferentes das aulas remotas. Lembrando que cada aula pede uma estratégia diferente. Exemplos de Estratégias: 10.1 Aulas expositivas dialogadas; 10.2 Dinâmicas de grupos; 10.3 Exercícios práticos. Por ser aula de uma Língua, tem que explicar que elas serão ministradas através da Língua de Sínias, utilizando como Idioma Pedagógico. Completando com a utilização de retroprojeto; projetor de slides; quadro branco; data show; chat; YouTube; cartaz; computador, textos em pdf, plataformas para aulas e dúvidas, etc. Não esquecer que a arrumação do cenário também é importante. Exemplos: arrumação da sala em forma de U, arrumação da sala em círculos, etc.
11.	
12. Bibliografia	Aqui se divide em duas partes: Bibliografia Básica e Bibliografia Complementar. Lembrando que a preferência da Bibliografia Básica são para publicações mais recentes (últimos 5 anos), que mostra que o professor se atualiza. Bibliografia Básica: Citar as bibliografias mais utilizadas (no mínimo 3). Bibliografia Complementar:

	Citar as bibliografias que vão ajudar os participantes a achar assuntos sobre os conteúdos (não há limite de referências, mas não citar as que não vai usar). Todas as referências devem ser colocadas conforme as normas da ABNT ou da própria instituição, quando houver.
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Adaptada de IBAIXE; IBAIXE JUNIOR; SOLANOWSKI, 2006.

Quadro 10 – MODELO DE PLANO DE AULA OU PLANO DE UNIDADE

Cabeçalho Aqui você deve identificar a instituição	
7. Identificação	7.1 Nome do curso ou disciplina; 7.2 Instituição (Ex.: Faculdade de ...); 7.3 Período/Ano; 7.4 Nome do Professor; 7.5 Unidade (Ex.: Unidade I, 1ª aula, 2ª aula...); 7.6 Duração do curso e/ou carga horária (x: 2h/a); 7.7 Modalidade de Ensino: Presencial, Híbrida ou Remota; 7.8 Data; 7.9 Horário (manhã, tarde ou noite); 7.10 Início e término (a hora).
8. Objetivos da aula	Os objetivos devem explicar sobre esta aula de forma clara, explicando o que acontecerá ao final da aula para o aluno. Estes objetivos devem direcionar a ação do professor e a aprendizagem do aluno.
9. Conteúdo/Ementa	Aqui o professor deve colocar os conceitos básicos da aula, explicando o que vai ser trabalhado. Ex.: Aula 10 – Gramática da Libras/Parâmetros: 10.1 História dos parâmetros – texto (tempo); 10.2 Conhecendo os Cinco Parâmetros (tempo); <ul style="list-style-type: none"> • Configuração de Mãos; • Ponto de Articulação; • Movimento; • Orientação; • Expressões não manuais. 10.3 Prática com os parâmetros (tempo); 10.4 Atividades (tempo). Se houver trabalho para casa deve colocar, e sempre que puder cite novas fontes de referências para o aluno pesquisar (sites, livros, textos, artigos, etc).
10. Bibliografia	Citar aqui apenas as referências que são para esta aula, podem ser da Básica e da Complementar, sem separação seguindo as normas da ABNT ou da instituição se houver.
11. Estratégias/Metodologia	Nesta parte deve colocar como a sala será arrumada se precisar. Quais recursos materiais irá utilizar, lembrando que para aulas presenciais os recursos são diferentes das aulas remotas. Organizar como será distribuído o tempo de aula conforme o conteúdo citado. O professor tem que saber organizar o tempo para poder distribuir bem durante a duração da aula, não deixando tempo ocioso, lembrando, ainda, que se for aula remota o aluno não gosta de ficar muito tempo parado olhando para a tela.
12. Avaliação	O que será avaliado nesta aula, a participação do aluno, a interação, a frequência, o desempenho, etc. O

professor deve estabelecer os critérios que vai usar para avaliar os alunos durante a aula.

Fonte: Adaptada de IBAIXE; IBAIXE JUNIOR; SOLANOWSKI, 2006.

A pesquisa, buscou verificar quais são as novas tecnologias utilizadas pelos professores que ministram a disciplina de Língua Brasileira de Sinais – Libras, como segunda língua (L2) nos cursos de nível superior visando preparar os futuros professores de Licenciatura e orientar os profissionais de Bacharel sobre a temática que envolve os sujeitos Surdos na sociedade. Embora saibamos que muitos professores de Licenciaturas não almejam trabalhar diretamente com os Surdos, entretanto com a inclusão é possível que estes profissionais acabem deparando com um educando Surdo na sala de aula, o mesmo ocorre com os Bacharéis que também poderão encontrar os Surdos nos mais diferentes serviços ofertados na sociedade de uma forma geral.

O Idioma Pedagógico descrito por Lelis (2001), os Processos de Ensino proporcionados por Anastasiou e Alves (2003), a Visibilidade Surda abordada por Campello (2008), a Língua Emergente destacada por Vilhalva (2009) são as principais bases que nortearão a questão pedagógica da Educação de Pessoas Surdas. Sobre a Didática e a Pedagogia, temos Libâneo (1992), Freire (1999), Antunes (2001), Saviani (2003), Delors (2003), Luckesi (2006), Farias et. al. (2011), Guerra (2011), Camilo e Medeiros (2018). Agregados a Camargo e Daros (2021); Lemov (2021); Palfrey e Gasser (2011); Rocha, Ota e Hoffmann (2021) e Tajra (2021) que falam das novas tecnologias, todos eles compõem a principal base teórica desta pesquisa.

O problema em questão demonstra que em pleno século XXI com o avanço das novas tecnologias percebemos que os professores continuam ensinando através do método tradicional e esquecem que atualmente o ensino pode ser ministrado de forma remota, utilizando-se de várias plataformas e que uma aula virtual é totalmente diferente de uma aula presencial. Assim resolvemos fazer uma análise do que é utilizado por estes professores no ensino da Libras no nível superior para saber como eles estão sendo preparados para atender e ensinar as pessoas Surdas após sua formação, não importando se seja de bacharel ou de licenciatura delimitando assim a

problemática da questão. Não serão aceitas pesquisas de formação em fundamental ou médio.

Na introdução desta pesquisa pontuamos que Reis (2015), destacou que uma grande quantidade de professores Surdos se formou em Letras/Libras e estão espalhados pelo país ministrando aulas de Libras seja na graduação, na extensão acadêmica e na pós-graduação, dividindo o espaço com professores ouvintes. Gostaríamos muito de que fosse possível a divisão de dois grupos de constituídos por professores Surdos e outro por professores ouvintes, a fim de se fazer uma avaliação comparativa, porém para a realização dessa pesquisa levaríamos mais tempo que o necessário.

Cabe ressaltar que num período em que os estudantes são em grande maioria considerados nativos digitais, a cultura cibernética predomina e ao mesmo tempo surgem as tendências em tecnologias educacionais. Algumas instituições de ensino já possuem Ambientes Virtuais de Aprendizagem – AVA que facilitam o acesso dos estudantes e acompanhamento das aulas. O ensino passou a ser híbrido e ganhou força com a pandemia do Covid-19 (LIMA; REZENDE, 2020), onde as aulas passaram a ser ministradas de forma remota através das mais diversas plataformas.

A pandemia reforçou ainda mais o uso de dispositivos móveis como uma tecnologia educacional e aquelas instituições que criaram um AVA, permitiram ainda que os professores utilizassem os *chatbots* com o intuito de esclarecer as dúvidas dos alunos e ao mesmo tempo foi grande o crescimento do armazenamento em nuvem para os materiais didáticos e paradidáticos além do compartilhamento através do drive.

Tudo isso demonstra que a Educação do Futuro nos leva a uma aprendizagem num mundo em constante transformação e com isso há a necessidade de acompanhar a evolução do ensino, com professores e alunos bem-informados se fazendo uso de tecnologias dominantes inclusive utilizando-se das redes sociais como ferramenta de ensino.

Hoje os professores já fazem uso de Mapas Mentais e Mapas Conceituais além do uso de tutoriais para orientar os alunos os livros por vezes são

substituídos por *e-books*. Ao relatar tudo isso percebemos que se insistirmos num processo tradicional estaremos fadados ao fracasso escolar.

Desta pesquisa buscamos analisar as seguintes informações: as mudanças pós-pandemia; a evolução do ensino, os professores e alunos antenados, quais são as tecnologias dominantes (aplicativos, plataformas, etc.).

6. CONSIDERAÇÕES GERAIS

6.1 Conclusões

A busca pelos resultados que fossem essenciais para a responder à hipótese desta pesquisa, que buscou verificar se o professor em sala de aula realmente acompanha a evolução das novas tecnologias ficou aquém de uma resposta mais abrangente. Sendo que é preciso que os atuais professores se enfoquem no estudo das novas gerações, principalmente as gerações Z e Alfa por estas duas serem gerações que não vivem sem conectividade portanto, uma aula para elas deverá ser dinâmica e envolvendo as questões de seus níveis de aprendizado e conhecimento.

Outra hipótese que foi levantada buscava saber se o professor está preparado para lidar com as novas tecnologias. Pelo que foi verificado durante a análise a maioria deles foca na teoria de currículo Tradicional quando o ideal seria engajar numa teoria pós-crítica para atender a demanda e as propostas dos documentos internacionais cujos compromissos de nosso país são firmados e fazem parte do Plano Nacional de Educação – PNE (BRASIL, 2014). Entretanto para resolvermos esta questão é necessário que se invista também em formações continuadas para os professores além de garantir acessibilidade digital tanto para os professores, quanto para os educandos.

Além destas duas hipóteses levantadas uma terceira é sobre o que é preciso fazer para melhorar o trabalho do professor. Muito do que foi visto na análise da pesquisa é que os professores não estão focando no que é mais importante o preparo do futuro professor para o atendimento aos seus educandos no ensino da L1. A maior parte dos planos de ensino são focados apenas no ensino da Libras e muitas vezes pautado como se fosse um “cursinho” de Libras seguindo as propostas de Felipe e Monteiro (2001) e de

Pimenta e Quadros (2006). Na verdade, é necessário que os professores foquem no ensino da didática, na elaboração de um planejamento e de uma proposta curricular que objetive o ensino da L2 como fundamental para o ensino da L1 por parte destes futuros estudantes de Licenciaturas.

O trabalho do professor só será melhorado quando tivermos preparados os descritores de ensino da Libras pautados na BNCC (BRASIL, 2018), além de um currículo abrangente desde a Educação Infantil até o Nível Superior sendo que o ensino da Libras e seu aprofundamento passe a ser parte obrigatória da formação de Libras, de Pedagogia Bilíngue para Surdos e nos cursos de Extensão Acadêmica.

Baseado na proposta de Lelis (2001) temos que reforçar que o Ensino de Pessoas Surdas tem que ser reforçado através do Idioma Pedagógico, isso supõe que a Libras ou as demais Línguas de Sinais identificadas no Brasil, principalmente as dos povos indígenas, passem a ser utilizadas como língua de instrução, em nenhuma aula de outro idioma os professores passam o tempo inteiro falando através da língua pátria e sim através daquele idioma a ser aprendido. Considerando que a Libras seja a língua natural dos Surdos brasileiros os professores sejam eles ouvintes ou Surdos, devem ensinar sempre focado na L1.

Ao avaliarmos se os professores utilizavam as novas tecnologias, pouco se viu nos planos de ensino algo sobre isso. Em geral citaram o *chat* e as plataformas institucionais (*Moodle*²⁰⁸), também conhecidas como Ambiente Virtual de Aprendizagem - AVA. Sequer citaram a utilização de lousas digitais, QR codes, ou outros mecanismos.

Dando continuidade a isso foram apontadas na Figura 46 os principais processos de ensinagem utilizados, como citado anteriormente o AVA, a Videoconferência e o Chat são os recursos mais utilizados, esperava-se que o *YouTube* tivesse uma representação maior, o que pode ser uma hipótese pois alguns planos de ensino citavam a criação de vídeos como recurso. Percebe-se que por muitos ainda se pautarem no currículo tradicional parece haver uma barreira entre aceitar ou não o uso das novas tecnologias.

²⁰⁸ Trata-se de uma plataforma de sustentação de atividades à distância de diversos cursos.

Durante a pandemia do Covid-19 foram utilizados diversos processos de ensinagem, sendo grande parte através de plataformas digitais, os professores tendem a se reciclar e deixarem de ser *professauros*, buscando serem professores aceitando as mudanças e frente às novas gerações temos muito que mudar esse processo. Não foi possível apontar as novas tecnologias menos utilizadas por conta de que muitos se pautaram na teoria de currículo tradicional.

Na Figura 26 apresentamos 12 ferramentas de aprendizagem através das novas tecnologias, podendo elas serem visualizadas através de leitores de QR code que ajudam focando a Visualidade Surda (CAMPELLO, 2008), como elas podem ajudar de forma didática no processo ensino/aprendizagem para os futuros professores repensarem suas formas de trabalhar os diferentes processos de ensinagem.

O uso das novas tecnologias se justifica pela necessidade de se atender a demanda de nossa clientela da educação que são os nossos alunos e como já afirmamos são cada vez mais bem-informados e aprendem com uma velocidade impressionante são adeptos de jogos virtuais e adoram estarem em constante conectividade. A presença do STEM, do STEAM, da Gamificação e da Robótica também fazem parte desta cultura cibernética e o professor de Libras tem que estar preparado para transformar a sua aula de forma didática, trazendo mais dinamismo de uma forma que possa prender a atenção de seus alunos.

Incentivar eles a utilizarem as novas tecnologias os fará se sentirem importantes para a realização daquela atividade curricular e para isso investir em novas tecnologias, criar um currículo de Libras decente que englobe todas as três teorias de currículo, fará com que os professores tenham um enfoque maior no seu trabalho. Seu alinhamento com a BNCC (BRASIL, 2018) incrementando a criação dos descritores poderá futuramente proporcionar uma nova forma de avaliação separada por cada nível de ensino e ao mesmo tempo poderemos reforçar a importância do uso do chat, do leitor de QR code e até mesmo dos links gerados para os estudos. O uso das lousas digitais tem que ser reforçado porque como Campello (2008) já dizia a Visualidade Surda é importante e aqui reforçamos a necessidade de fortalecer a Libras como Idioma Pedagógico no seu aprendizado.

6.2 Perspectivas

Assim, vislumbramos que não basta apenas ministrar uma aula bonita e maquiada ou se limitar a ensinar sinais bonitos, o ensino da Libras objetiva transmitir o aprendizado e conhecimento dela através de sua prática fazendo com que o outro compreenda essa língua e sua importância.

Edouard Huet quando veio para o Brasil jamais pensou em usar a Língua de Sinais Brasileira de forma a ser ensinada como disciplina, ele a fez emergir de dentro de cada aluno e ao mesmo tempo os conduziu ao aprendizado e aos estudos utilizando esta língua como Idioma Pedagógico. Hoje encontramos profissionais que pensam que a Libras tenha que ser disciplina desde a Educação Infantil, passando pelo Ensino Fundamental em seus dois segmentos e no Ensino Médio até chegar ao Ensino Superior. Entretanto o aprendizado da Libras como disciplina deve iniciar apenas a partir do Segundo Segmento do Ensino Fundamental até o Nível Superior.

Na Educação Precoce, na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental o aprendizado da Libras deve ser pautado sempre através do uso dela como Idioma Pedagógico, dando um reforço para aqueles que precisam fazer emergir de dentro deles essa língua. A partir dos anos finais a Libras passa a ser ministrada como Idioma onde o ensino dela como outros idiomas se torna obrigatório.

Ao pontuarmos sobre idiomas, reforçamos aqui uma indiferença que é notável na Educação de Pessoas Surdas, o porquê de não ensinar aos Surdos nas escolas bilíngues o aprendizado da Língua de Sinais Americana – ASL, ao invés do Inglês; da Língua de Sinais Francesa – LSF ou até mesmo umas das inúmeras Línguas de Sinais Latinas. Ao que tudo indica ainda estamos sofrendo a influência do ouvintismo neste aspecto por não termos ainda professores especialistas no ensino destes idiomas.

Uma personalização do ensino da Libras deve ser a tendência futura, adaptando-a frente o surgimento de novas tecnologias, e produzindo e criando materiais, métodos e recursos para o ensino. Esta personalização que nos referimos fala de inovar, em plena pós-modernidade, não devemos pensar apenas num único modelo de ensino e sim na diversidade, olhando as

diferentes características de cada educando, sua geração, suas habilidades e competências, seu meio em que vive. Para isso necessitamos de um sistema de ensino capaz de desenvolver e apoiar essa mudança com a Educação 4.0, isso se torna essencial.

Aos profissionais de ensino devemos lembrar que uma formação continuada não é fazer um cursinho ou outro aqui e agora, participar de um evento, uma palestra aqui ou acolá. As tecnologias avançam numa velocidade surpreendente então para isso eles devem acompanhar estes avanços e o surgimento de novas tecnologias para poder pensar em como elaborar um trabalho didático capaz de despertar o interesse dos educandos e ao mesmo tempo proporcionar a eles a assimilação do conhecimento.

Segundo Rego e Lima (2010), A educação deve, pois, constantemente, acompanhar as transformações da sociedade, sem deixar de reconhecer as aquisições e os saberes construídos pela humanidade, frutos da experiência humana, contribuindo para a construção da cidadania (REGO e LIMA, 2010, p. 8).

Andar pelos corredores do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES, parar em cada canto observar fixamente, sua estrutura física, observar os professores e alunos interagindo, usando uma língua de sinais que há duas décadas ainda não tinha um nome reconhecido. Ver as crianças se comunicando através da visualidade é encantador.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras proporciona aos Surdos brasileiros tudo o que eles precisam, suas mãos fazem histórias, constroem personalidades, produzem poesias, narram estórias, e acima de tudo, representam a voz dos Surdos. É tão lindo ver esta língua sendo praticada que a partir daí temos que pensar em conhecer a fundo sua história.

Vincular o currículo da disciplina de Libras nos cursos de licenciaturas à Pedagogia Surda é essencial. Também devemos corroborar para que haja uma carga horária maior do ensino da disciplina de Libras nas instituições de ensino superior conforme pede a Lei 10.436/2002 (BRASIL, 2002). Lembro muito bem

que no grupo formado por profissionais do INES para construir o documento que veio a ser o Decreto 5.626/2005 (BRASIL, 2005), fui o único a pedir a inclusão e definição de uma carga horária da disciplina, fato rejeitado pela maioria dos envolvidos. Naquele momento entendi que a maioria dos Surdos envolvidos ainda não frequentavam instituições de ensino superior e provavelmente não possuíam ideia da importância da carga horária.

Se ao abordar a questão do currículo vinculado às disciplinas, também podemos pensar no ensino de novos idiomas em Língua de Sinais, como ao invés de aprender o Inglês e o Espanhol para ouvintes, porque não aprender a Língua de Sinais de outros países nestes idiomas seria bacana ver as crianças Surdas aprendendo a Língua de Sinais Americana, a Língua de Sinais da Argentina, a Língua de Sinais Francesa entre outras línguas.

Hoje com a aprovação da Lei 14.191/2021 (BRASIL, 2021) a modalidade bilíngue terá que ter uma atenção maior, voltada principalmente para a Pedagogia Surda onde mudanças nos currículos nas instituições de ensino superior serão necessárias principalmente para a ampliação da carga horária de aulas de Libras. Os professores de Libras nas instituições de ensino superior devem entender que o ensino da Libras não é uma aula de “cursinho” para se aprender o “ABC”²⁰⁹ e sim uma aula de como se trabalhar os mais variados componentes curriculares de cada disciplina dentro da Pedagogia Surda em sala de aula proporcionando aos futuros professores visão e ideias de como se deve trabalhar com pessoas Surdas na escola.

A respeito da utilização das Novas Tecnologias como ferramenta nos recursos didáticos envolvendo a Libras, tem que ter a ideia de que como os alunos Surdos são filhos de pais ouvintes e chegam sempre na escola sem uma língua, cabe ao professor fazer emergir (VILHALVA, 2009) de dentro deste sujeito a sua língua. E para isso, conforme Huet trabalhava, e Campello resgatou, surge a necessidade de se trabalhar a Pedagogia Visual (Campello, 2008).

Na construção desta Pedagogia Surda, o professor na sala de aula deve acompanhar as evoluções de seu educando, considerando que as novas

²⁰⁹ Referência ao Alfabeto Datilológico conhecido como Alfabeto Manual.

gerações Z e Alfa que estão nas escolas, são gerações 100% conectadas, ele tem que estar preparado para lidar com os avanços tecnológicos e para isso tem a necessidade de participar de várias formações continuadas com o intuito de aprender com as mudanças.

Nesta pesquisa foi possível notar que os professores não diferenciam o preparo de uma aula presencial de uma aula remota, e, portanto, nos chama a atenção para a necessidade de mudanças e adequações sobre o ponto de vista de se preparar uma aula didática para o ensino da L2 que possa proporcionar ao aluno que se forma o entendimento de se preparar uma aula do ensino da L1 para os Surdos. Logo, isso demonstra o despreparo deles.

Ao trabalharmos a Pedagogia Visual (CAMPELLO, 2008), percebemos que sempre será necessário o uso das novas tecnologias para o entendimento dos movimentos, e quando trabalhamos esta Pedagogia, temos que lembrar que o Idioma Pedagógico (LELIS, 2001), isto é, a língua de instrução tem que ser trabalhada de forma Didática e no caso do ensino dos Surdos, seu Idioma Pedagógico é a Libras que junto com as Novas Tecnologias vai proporcionar um melhor aprendizado para todos.

Ainda em relação ao aprofundamento do aprendizado da Libras, como conhecimento de novos sinais, o professor de Libras deve produzir e criar cursos de extensão universitária para ministrar estas aulas sem misturar o que é fundamental na Pedagogia Surda do que é fundamental no ensino da Libras nos seus diferentes níveis: básico, intermediário e avançado. A respeito do aspecto clínico deve haver uma unidade onde o professor de Libras possa trabalhar as principais causas da surdez, sem um amplo aprofundamento pois não é *priori* este tipo de trabalho e sim o uso da Didática em sala de aula. Com relação aos aspectos Históricos e Sociológicos o professor de Libras deve sim produzir e/ou compartilhar textos onde se enfatizem as ideias de Identidade e Cultura Surda para que os futuros professores possam saber como trabalhar. Uma excelente sugestão seria a produção de *QR Codes* que levem a um texto ou à tradução de um determinado texto terá que ser necessária.

A maioria dos educadores pensam que usar a tecnologia é saber utilizar as seguintes ferramentas: criação de documentos, envio de *e-mails*, criação de

apresentações de aulas, eles se equivocam considerando que a Educação Digital não se limita apenas ao manuseio de *tablets*, computadores, *smartphones* para o ensino e aprendizagem. Um professor sem didática, não conseguirá engajar nenhum aluno. O aluno não entende nada e a aula por vezes parecerá que o professor está ensinando sozinho.

Sair de um modelo educacional falido, onde entendemos a necessidade de mudanças que é a transformação digital, onde o professor deixa de ser um professor (ANTUNES, 2013) e assume o papel de ser professor, utilizando a tecnologia para a aplicação das tecnologias ativas, seja através do ensino híbrido, presencial, síncrono ou assíncrono. Está na hora de mudarmos para a implementação de uma Pedagogia Visual bilíngue e que proporcione um excelente aprendizado para os nossos alunos.

REFERÊNCIAS

ANASTASIOU, Léa das Graças Camargos, e ALVES, Leonir Pessate (Orgs.). **Processos de ensinagem na universidade: pressupostos para as estratégias de trabalho em aula.** Joinville, SC: UNIVILLE, 2003. Disponível em:

https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3203177/mod_resource/content/2/Anastasiou%20e%20Alves.pdf. Acesso em 14 de outubro de 2021.

ANTUNES, Celso. **Como desenvolver as competências em sala de aula.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2001a. Fascículo 8.

_____. **Glossário para Educadores(as).** Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2001b.

_____. **Professores e Professauros: reflexões sobre a aula e práticas pedagógicas diversas.** 7ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BARROS, Daniela Melaré Vieira. **Ensinar no Síncrono e no Assíncrono.** in ROCHA, Daiana Garibaldi; OTA, Marcos; HOFFMANN, Gustavo (org.). **Aprendizagem digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional.** Porto Alegre: Penso, 2021.

BRASIL. **Lei 3.198, de 6 de julho de 1957.** Denomina Instituto Nacional de Educação de Surdos o atual Instituto Nacional de Surdos-Mudos. Diário oficial da União, Rio de Janeiro, DF, 8 de julho de 1957. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/1950-1969/L3198.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%203.198%2C%20DE%206,Art.&text=Rio%20de%20Janeiro%2C%20em%206,Independ%C3%Aancia%20e%2069%C2%BA%20da%20Rep%C3%ABlica. Acesso em 13 de abril de 2021.

_____. **Lei 9.394 de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em 14 de outubro de 2021.

_____. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Edição Comemorativa 140 anos.** Colaboração de Solange Rocha. Belo Horizonte: Revista Espaço, 1997.

_____. Ministério da Educação/Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais.** Brasília: MEC/SEF, 1997.

_____. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002.** Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 de abril de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/l10436.htm. Acesso em 13 de abril de 2021.

_____. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005.** Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro de 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acesso em 13 de abril de 2021.

_____, Instituto Nacional de Educação de Surdos. **O INES e a Educação de Surdos no Brasil.** Rio de Janeiro: INES, 2007. Vol. 1.

_____. **Lei nº 12.319, de 1º de setembro de 2010.** Regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete de Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 2 de setembro de 2010. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12319.htm Acesso em 14 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014.** Aprova o Plano Nacional de Educação – PNE e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 de junho de 2014. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm Acesso em: 13 de abril de 2021.

_____. **Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, DF, 7 de julho de 2015. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm. Acesso em 14 de outubro de 2021.

_____, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018.

_____. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 4 de agosto de 2021. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2019-2022/2021/Lei/L14191.htm Acesso em 13 de outubro de 2021.

_____. **Lei nº 14.533, de 11 de janeiro de 2023.** Institui a Política Nacional de Educação Digital e altera as Leis nºs 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), 9.448, de 14 de março de 1997, 10.260, de 12 de julho de 2001, e 10.753, de 30 de outubro de 2003. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 de janeiro de 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2023-2026/2023/Lei/L14533.htm Acesso em 3 de fevereiro de 2023.

CAMARGO, Fausto; DAROS, Thuinie. **A Sala de Aula Digital: estratégias pedagógicas para fomentar o aprendizado ativo, on-line e híbrido.** Porto Alegre: Penso, 2021.

CAMILLO, Cíntia Moralles; MEDEIROS, Liziani Müller. **Teorias da Educação [Recurso Eletrônico].** Santa Maria, RS: UFSM, NTE, 2018.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza. **Aspectos da Visualidade na Educação de Surdos**. UFSC, 2008. Tese de Doutorado
<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/91182/258871.pdf?sequence=1> Acesso em 13 de outubro de 2021.

_____. **A Resistência da Feneis da Denominação da Libras sobre LSCB**. In SOUZA, Regina Maria de (Org.). História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da Anpoll. Curitiba: CRV, 2019.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza; ABREU, Antônio Campos de; PRATES, Magno Prado Gama. **Professores de Libras: quem ensina?** In GARCIA, Maria Izabel dos Santos (Comp.). Fazeres epistêmicos e a educação de Surdos. Santiago, Chile: Centro de Estudios Latinoamericanos de Educación Inclusiva – CELEI, 2020. Disponível pelo link: https://celei.ci/wp-content/uploads/2020/09/LIBRO_FRAZERES-SORDOS_CELEI_11_09_20. Acesso em janeiro de 2022.

CANIVEZ, Patrice. **Educar o Cidadão?**. Campinas, SP: Papirus, 1991.

CARVALHO, Paulo Vaz de. **Breve História dos Surdos no Mundo e em Portugal**. Lisboa: Surd'Universo, 2007. In Espaço nº 42, Rio de Janeiro, 2014.

CRUZ-ALDRETE, Miroslava. **Gramática de la Lengua de Señas Mexicana**. Tesis de doctorado em lingüística. México, Centro de Estudios Lingüísticos y Literarios – El Colegio de México, 2008.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir**. Relatório da UNESCO. São Paulo: Cortez, 2003.

DIAS, Débora Gonçalves Ribeiro. **Avatar sinalizador de Libras aplicado em atividade de livro didático**. Dissertação de Mestrado. Campinas, UNICAMP, 2018.

DIGIAMPIETRI, Maria Carolina Casati; MATOS, Adriana Horta de. **Pedagogia Visual, Pedagogia Bilíngue e Pedagogia Surda: faces de uma mesma perspectiva didática**. In ALBRES, Neiva de Aquino; NEVES, Sylvia Lia Grespan (Orgs.). São Paulo: FENEIS, 2013.

FARIAS, Isabel Maria Sabino de. [et. al.]. **Didática e Docência: aprendendo a profissão**. 3ª Ed. Brasília, DF: Liber Livro, 2011.

FELIPE, Tanya Amara; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Libras em Contexto: curso básico**. Livro do professor instrutor. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC: SEESP, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 13 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FÜHR, Regina Cândida. **Educação 4.0 e seus impactos no século XXI**. V Congresso Nacional de Educação, 2018. Disponível em:

<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/47017>. Acesso em 13 de outubro de 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <http://www.uece.br/nucleodelinguasitaperi/dmdocuments/gil_como_elaborar_p_rojeto_de_pesquisa.pdf> Acesso em 14 de outubro de 2021.

GUERRA, Leonor Bezerra. **O diálogo entre a neurociência e a educação: da euforia aos desafios e possibilidades**. Revista Interlocução. V.4, n.4, p. 3-12, publicação semestral junho 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOEBEL, Rafaela. **O Contexto da Docência da Educação Superior e a Comunicação Online: considerações de uma professora Surda sobre o uso das tecnologias pós-março de 2020**. São Paulo: Editora Dialética, 2022.

HONORA, Márcia; FRIZANCO, Mary Lopes Esteves. **Livro Ilustrado de Língua Brasileira de Sinais: desvendando a comunicação usada pelas pessoas com surdez**. São Paulo: Ciranda Cultural, 2009.

IBAIXE, Carmensita; IBAIXE JUNIOR, João; SOLANOWSKI, Marly. **Preparando Aulas: manual prático para professores: passos para a formação do educador**. São Paulo: Madras, 2006.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Boletim de Serviço do INES**. nº 8 de 29 de agosto de 2008.

KALATAI, Patrícia; STREIECHEN, ElizianeManosso. **As Principais Metodologias Utilizadas na Educação dos Surdos no Brasil**. In III Seminário de Pedagogia. v. 3, n. 1. Universidade Estadual do Centro-Oeste, Campus de Irati, 2012. Disponível em: <https://anais.unicentro.br/seped/pdf/iiiv3n1/120.pdf>. Acesso em 17 de julho de 2022.

LELIS, Isabel Alice. **Do Ensino de Conteúdos aos Saberes do Professor: mudança de idioma pedagógico**. Educação & Sociedade, Campinas, Ano XXII, n. 74, p. 43-58, abr/2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/es/a/KMQMXFvx6JDY6wBbRS9fpwd/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 10 de dezembro de 2021.

LEMOV, Doug; EQUIPE TEACH LIKE A CHAMPION. **Ensinando na sala de aula on-line: sobrevivendo e sendo eficaz no novo normal**. Porto Alegre: Penso, 2021. 142 p.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo, SP: Cortez, 1992.

_____, **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 6ª Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2002.

LIMA, Neuza Rejane Wille, REZENDE, Carlos Edouard de. SARS-CoV-2. **Revista Ciência Elementar**, v. 8, n. 4, p. 65-77, 2020.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 18 Ed. São Paulo, SP: Cortez, 2006.

MARQUES, Mario Osório. **A Escola no Computador: linguagem rearticulada, educação outra**. Ijuí, RS: Unijuí, 2003.

MELLO, Cleyson de Moraes; ALMEIDA NETO, Rogério Moura de; PETRILLO, Regina Pentagna. **Educação 5.0: educação para o futuro**. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 2021.

MOURA, Maria. Aparecida. **O Surdo: caminhos para uma nova identidade**. Revinter: Rio de Janeiro, 2000.

OTA, Marcos Andrei; DIAS-TRINDADE, Sara. **Competências digitais docentes para curadoria de conteúdo**. In ROCHA, Diana Garibaldi da; OTA, Marcos Andrei; HOFFMANN, Gustavo (Orgs.). *Aprendizagem Digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional*. Porto Alegre: Penso, 2021.

OTA, Marcos Andrei; ROCHA, Diana Garibaldi da. **Personalização, Gamificação e as Trilhas de Aprendizagem**. In ROCHA, Diana Garibaldi da; OTA, Marcos Andrei; HOFFMANN, Gustavo (Orgs.). *Aprendizagem Digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional*. Porto Alegre: Penso, 2021.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na Era Digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Grupo A, 2011.

PERLIN, Gladis T. T. **História dos Surdos**. Florianópolis, Sc: UDESC/CEAD, 2002. Disponível pelo link: <https://livrozilla.com/doc/764677/hist%C3%B3ria-dos-surdos>. Acesso em 01 de março de 2022.

PERLIN, Gladis; STROBEL, Karin. **Fundamentos da Educação de Surdos**. CCE. Letras Libras: Florianópolis, 2008. Disponível pelo link: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificafundamentosDaEducaoDeSurdos/assets/279/TEXT0_BASE-Fundamentos_Educ_Surdos.pdf. Acesso em 18 de outubro de 2021.

PIMENTA, Nelson; QUADROS, Ronice M. de. **Curso de Libras 1**. Rio de Janeiro, RJ: LSB Vídeo, 2006.

PINHEIRO, Marcus Vinicius Freitas; DINIZ, Heloise Gripp e OLIVEIRA, Ronise Conceição de. **Aspectos históricos dos movimentos sociais e políticos dos cidadãos surdos: uma experiência curricular no INES** – In Surdez: Diversidade Social – INES (org.), Divisão de Estudos e Pesquisas – Rio de Janeiro, 2001.

PINHEIRO, Marcus Vinicius Freitas. **Atividade Lúdica na 1ª Série do Ensino fundamental**. In Arqueiro, vol. 3. Rio de Janeiro, RJ: INES, 2001.

_____, Marcus Vinicius Freitas. **Entrevista**. In Arqueiro, vol. 7. Rio de Janeiro, RJ: INES, 2003.

REALE, Giovanni. **Salvar a escola na era digital**. São Paulo: Ideias & Letras, 2015.

REGO, Luciana Borges do; LIMA, Maria Vitória Ribas e Oliveira. **Didática**. Recife: UPE, 2010.

REIS, Flaviane. **A Docência Superior: narrativas das diferenças políticas de sujeitos surdos**. (Tese de Doutorado) Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia – UFU, 2015. Disponível pelo link: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17759/1/DocenciaEducacaoSuperior.pdf> Acesso em 4 de janeiro de 2022.

ROCHA, Daiana Garibaldi; OTA, Marcos; HOFFMANN, Gustavo (org.). **Aprendizagem digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional**. Porto Alegre: Penso, 2021.

ROCHA, Solange Maria da. **O processo de produção de memória coletiva para a construção de uma historiografia contemporânea no campo da educação de surdos no Brasil**. In SOUZA, Regina Maria de (Org.). História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da Anpoll. Curitiba: CRV, 2019.

SÁ, Nidia Regina Limeira de. **Cultura, poder e Educação de Surdos**. Manaus, AM: INEP, 2004.

SALLES, Heloisa Maria Moreira Lima (et. al.). **Ensino de Língua Portuguesa para Surdos: caminhos para a prática pedagógica**. Brasília: MEC, SEESP, 2004. (Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos).

SANTANA, Leonor. **Comportamento dos Sujeitos na Sociedade 4.0**. in TAJRA, Sanmya (org.). Metodologias Ativas e as tecnologias educacionais. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

SANTOS, Deize Vieira; MONTEIRO, Myrna Salerno. **Breve Histórico dos Estudos Sobre a Língua de Sinais no Brasil, do Final dos Anos 70, até o Início da Segunda Década dos anos 2000: resgatando os surdos da marginalização**. In SOUZA, Regina Maria de (Org.). História da emergência do campo das pesquisas em educação bilíngue de/para surdos e dos estudos linguísticos da Libras no Brasil: contribuições do Grupo de Trabalho Língua(gem) e Surdez da Anpoll. Curitiba: CRV, 2019.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórica-crítica: primeiras aproximações**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SILVA, Gislaine Cristina Alves; ROSS, Paulo Ricardo. **Currículo, Práticas Pedagógicas e Novas Tecnologias na Educação Inclusiva**. In Cadernos PDE. Curitiba/PR, 2016. Disponível pelo link: [CURRÍCULO, PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA \(diaadiaeducacao.pr.gov.br\)](http://curriculo.praticaspedagogicas.e.novas.tecnologias.na.educacao.inclusiva(diaadiaeducacao.pr.gov.br)). Acesso em 17 de junho de 2022.

SKLIAR, Carlos. **Surdez: um olhar sobre as diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2005.

SOARES, Maria Aparecida Leite. **A Educação do Surdo no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados; Bragança Paulista, SP: EDUSF, 1999.

SOUZA, Isaac Gomes Moraes de. Tradutor e intérprete de língua de sinais e língua portuguesa: um abismo entre a formação e atuação. Fórum. INES: Rio de Janeiro/RJ, nº 31, p. 37-46, 2015.

STROBELL, Karin. **História da Educação de Surdos**. Florianópolis, 2009.

STUMPF, Marianne Rossi. **Educação de Surdos e Novas Tecnologias**. CCE. Letras Libras: Florianópolis, 2010. Disponível pelo link: https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoPedagogico/educacaoDeSurdosENovasTecnologias/assets/719/TextoEduTecnologia1_Texto_bas_e_Atualizado_1_.pdf Acesso em 18 de outubro de 2021.

TAJRA, Sanmya (org.). **Metodologias Ativas e as tecnologias educacionais**. Rio de Janeiro: Alta Books, 2021.

TAVARES, Aline et. al. **Curadoria: elemento importante na construção de projetos educacionais inovadores**. in ROCHA, Daiana Garibaldi; OTA, Marcos; HOFFMANN, Gustavo (org.). Aprendizagem digital: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional. Porto Alegre: Penso, 2021.

VILHALVA, Shirley. **Mapeamento das línguas de sinais emergentes: um estudo sobre as comunidades linguísticas indígenas de Mato Grosso do Sul**. Florianópolis, SC: UFSC, 2009. Disponível pelo link: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/92972/271269.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em 26 de fevereiro de 2022.

LISTA DE SITES

ANTUNES, Celso. **Educação e Mudança**.2010, Disponível em: www.celsoantunes.com.br/1346-2/. Acesso em 10 de dezembro de 2021.

BRASIL, Ministério da Educação. **Dicionário de Libras**. INES, 2005. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/dicionario-de-libras/>. Acesso em 25 de janeiro de 2022.

COLACIQUE, Raquel Capucho. **Visualidades Surdas na Cibercultura: aprendizagens em rede**. UERJ, Tese de Doutorado, 2021. Disponível em: http://www.proped.pro.br/teses/teses_pdf/1739142009_1-560-DO.pdf. Acesso em 17 de junho de 2022.

EIJI, Hugo. **Surdez na Idade Média/Moderna**. Cultura Surda, 2011. Disponível em: <https://culturasurda.net/idade-media-moderna/>. Acesso em 10

de dezembro de 2021.

GARDNER, Howard. **Howard Gardner e a Teoria das Inteligências Múltiplas**. Porto da Linguagem, xxxx<https://portodalinguagem.com.br/howard-gardner-e-a-teoria-das-inteligencias-multiplas/> Acesso em 25 de janeiro de 2022.

GAROFALO, Débora. **Educação 4.0: o que devemos esperar**. Revista Nova Escola, 2018. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/9717/educacao-40-o-que-devemos-esperar>. Acesso em 10 de dezembro de 2021.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Histórias Infantis em Libras**. INES, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCLrYnAdQHXY2YZavgWjaYyw>. Acesso em 25 de janeiro de 2022.

INES. Instituto Nacional de Educação de Surdos. **Histórias Infantis em Libras**. INES, 2005. Disponível em: <https://www.youtube.com/channel/UCLrYnAdQHXY2YZavgWjaYyw>. Acesso em 25 de janeiro de 2022.

MAIA, Maria Cristina Queiroz. **Deficiência Auditiva, uma história de vida**. Monografia, Uni-Rio, 1996. Disponível em: <http://www2.unirio.br/unirio/cchs/educacao/graduacao/pedagogia-presencial/MariaCristinaQueirozMaia.PDF>. Acesso em 17 de junho de 2022.

PEREIRA, EdouardKlimick. **A Construção de personagem & aquisição de linguagem: o desafio do RPG no INES**. Dissertação de Mestrado, PUC/RJ, 2003. Disponível em: <http://seer.ines.gov.br/index.php/revista-forum/article/view/161/145>. Acesso em 17 de junho de 2022.

UNESCO. **Declaração de Incheon: Educação 2030: rumo a uma educação de qualidade inclusiva e equitativa e à educação ao longo da vida para todos**. World EducationForum, Incheon, Coréia do Sul, 2015. Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233137_por. Acesso em 13 de março de 2023.

UNICEF, 2020. **Dois terços das crianças em idade escolar no mundo não têm acesso à internet em casa, diz novo relatório do UNICEF-ITU**. Disponível pelo link: <https://www.unicef.org/brazil/comunicados-de-imprensa/dois-tercos-das-criancas-em-idade-escolar-no-mundo-nao-tem-acesso-a-internet> Acesso em 10 de dezembro de 2021.